



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: História e Teologia das Religiões

MADALENA DE CANOSSA FÁTIMA MESQUITA DE
ANDRADE

A Missão de Remexio

Um caso de transição das religiões tradicionais para o
cristianismo no contexto das missões católicas de
Timor

Dissertação
sob orientação de:
Prof. Doutor Peter Stilwell

Lisboa
2012

INTRODUÇÃO	4
PRIMEIRO CAPÍTULO.....	9
A ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL DE TIMOR.....	9
1. <i>A organização política e social.....</i>	9
2. <i>A organização religiosa</i>	15
2.1. O monoteísmo	15
2.2. O animismo.....	17
2.2.1. Lulik.....	18
2.2.2. Uma lulik.....	20
2.2.3. Agentes religiosos.....	20
2.2.4. Ritos.....	22
2.2.4.1. Ritos propiciatórios.....	22
2.2.4.2. Ritos de fundação – consagração de uma casa timorense.....	24
2.2.4.3. O culto dos antepassados/ritos funerários.....	24
SEGUNDO CAPÍTULO.....	30
ESBOÇO HISTÓRICO DAS MISSÕES EM TIMOR.....	30
1. <i>Primeiro período (1500-1834).....</i>	31
2. <i>Segundo período (1834-1877)</i>	34
3. <i>Terceiro período (1877-1910) – reorganização das Missões.....</i>	34
3.1. Acção pastoral.....	34
3.2. Promoção do desenvolvimento pela educação	35
3.3. Ensinando a trabalhar.....	36
4. <i>Quarto período (1910 – 1931).....</i>	38
4.1. Restauração de colégios e escolas.....	38
4.2. Escola de Professores-Catequistas.....	39
5. <i>Uma nova página na história das Missões de Timor (1945-1975).....</i>	40
5.1. Criação da diocese de Díli.....	41
5.4. Ressurgimento da diocese	44
TERCEIRO CAPÍTULO	47
REMEXIO – TRANSIÇÃO DAS RELIGIÕES TRADICIONAIS PARA O CRISTIANISMO	47
I. <i>Pressupostos.....</i>	47
1. <i>Posto Administrativo de Remexio</i>	47
2. <i>Reinos de Caimauc e Manumera</i>	49
3. <i>Os liurais Mesquita e o reino de Caimauc.....</i>	50
4. <i>O liurai Mesquita.....</i>	64
4.1. <i>Ocupação japonesa – embrião da transição para o cristianismo</i>	65
4.2. <i>O grande estilo – a transição propriamente dita.....</i>	68
II. <i>Cristianização de Remexio.....</i>	74
1. <i>Pedido de um catequista para Remexio.....</i>	74
2. <i>Início da evangelização e primeiros batismos</i>	75
3. <i>Um segundo professor-catequista para Remexio.....</i>	77
4. <i>Visitas Missionárias.....</i>	80
5. <i>Párocos/Assistentes Missionários.....</i>	81
6. <i>Nova sede do posto de Remexio e nova capela.....</i>	84

8. <i>Consequências da cristianização na vida do liurai e do povo</i>	89
9. <i>A actual igreja de Remexio</i>	95
10. <i>A via dolorosa</i>	96
11. <i>Erecção da missão de Remexio a paróquia</i>	102
12. <i>Situação actual</i>	103
Conclusão	106
<i>ANEXOS</i>	116
<i>Anexo I – Rito de consagração de uma casa timorense – dadolin</i>	116
<i>Anexo II – Manuscrito de Marçal de Andrade sobre a ocupação japonesa</i>	117
<i>Anexo III - Lista de Coronéis Régulos que foram educados no internato da missão de Lahane</i>	125
<i>Anexo IV – A linhagem Mesquita – liurais de Caimauc (Remexio)</i>	125
1. Questionário para confirmação de dados	125
1.1. Tradução para português	126
2. Respostas ao questionário em tétum, pelo senhor Pedro, um dos <i>catuas lia-nain</i> de Ria-Tu:....	127
2. 1. Tradução para português	128
<i>Anexo V - História de D. Tomás, o Brigadeiro, Montador do Crocodilo</i>	130
1. <i>Reprodução do texto manuscrito em tétum</i>	130
2. <i>Tradução para português</i>	131
<i>Anexo VI – Processo individual de Luís Ana Mesquita (aluno da Casa Pia nº. 4941)</i>	133
1. Despacho do Governo da Província de Timor.....	134
2. Processo de Admissão na Casa Pia.....	135
3. Declaração de falecimento	136
4. Carta de D. António Mesquita, Coronel Régulo de Caimauc (17.07.1937)	137
5. Carta do Liurai Manuel Mesquita de Caimauc (12.01.1938)	138
<i>Anexo VII – A missão de Remexio - Questionário para confirmação de dados</i>	140
1. Questionário	140
1.1. Resposta ao questionário em tétum.....	141
1.2. Tradução para português	141
2. Novo questionário para apuramento de dados.....	142
2.1. Resposta ao questionário.....	143
<i>Anexo VIII – Boletim eclesiástico da diocese de Díli, Seara, Julho/Agosto de 1950 – Notícias do Pe. Ezequiel Enes Pascoal</i>	145
<i>Anexo IX – Certidões de baptismos e casamentos/família Mesquita</i>	146
1. Batismo da <i>liurai-feto</i>	146
2. Casamento do <i>liurai</i> Mesquita.....	147
3. Casamento do mestre Marçal	148
4. Batismo de Madalena Canossa.....	149
<i>Anexo X – A prisão do liurai Mesquita e família em Agosto de 1975. Testemunho de Maria Correia Mesquita</i>	150
<i>Anexo XI – Discurso proclamado na festa da erecção da missão de Remexio a paróquia</i>	153
1. <i>Reprodução da 1ª página do discurso em tétum</i>	153
1.1. Transcrição do discurso	154
1.2. Tradução do discurso para português.....	156

Índice de figuras

<i>Figura 1: Exemplo de uma casa sobre pilares – Lospalos (Timor)</i>	17
<i>Figura 2: Poste onde são colocados chifres de animais abatidos no rito do ahe-sae</i>	28
<i>Figura 3: Tronco de um hali (2001)</i>	52

<i>Figura 4: Representação ocidental de guerreiros timorenses no século XIX</i>	53
<i>Figura 5: Vista Panorâmica (parcial) do Reino de Caimauc, com Lacló e Samoro para lá das montanhas</i>	60
<i>Figura 6: D. António Mesquita (Caimauc) e D. Moisés Benevides (Manumera)</i>	61
<i>Figura 7: Fotografia do liurai D. Aleixo Corte-Real em 1938</i>	71
<i>Figura 8: Escola Municipal de Remexio</i>	85
<i>Figura 9: Nova capela-escola da Missão em Nice (1963)</i>	86
<i>Figura 10: O liurai Mesquita e sua família na vila de Nice (1971)</i>	94
<i>Figura 11: O liurai e a família em Atambua e o Pe. Apolinário (1976)</i>	99
<i>Figura 12: O liurai e o príncipe herdeiro com a sua família, a filha Joana e a família do seu filho</i> <i>adoptivo, Odivelas Lisboa (1980)</i>	100
<i>Figura 13: Vale do Jamor: a filha Joana, o liurai, e os netos Madalena e António</i>	101
<i>Figura 14: À cabeceira do meu avô defunto na Igreja de S. Domingos de Benfca – Novembro de 1988</i>	102
<i>Figura 15 : Actual Igreja de Remexio – festa da sua elevação a Paróquia (2001)</i>	102
<i>Figura 16: Uma lulik de Ri-Aik-Manumera (reconstruída) e o Hali (2007)</i>	105
<i>Figura 17: O chefe local rodeado dos catuas guardiães das casas, lulik e liçan de Ri-Aik-Manumera</i> <i>(2007)</i>	105

Índice de mapas

<i>Mapa 1: Sueste Asiático: itinerário dos Hutun Rai Hat e do crocodilo com o primeiro habitante de Timor</i>	11
<i>Mapa 2: Ilha de Timor antes da chegada dos portugueses e holandeses</i>	12
<i>Mapa 3: Divisão Administrativa</i>	48
<i>Mapa 4: Caimauc e Manumera: divisão em sucos</i>	49
<i>Mapa 5: Itinerário dos liurais Mesquita – Wé-Hali; Suai Camenassa (Cova Lima); Hatudo (Ainaro); Ria-Tu - Same, Ri-Aik-Manumera –Turiscain (Manufahi); Caimauc – Remexio (Aileu).</i>	55

Índice de quadros

<i>Quadro 2: Dados Estatísticos (1941-1946)</i>	46
<i>Quadro 3: Registo de Baptismos</i>	96

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo suscita, de muitos modos, na Igreja de Deus, o espírito missionário, e não poucas vezes se antecede à acção dos que governam a Igreja [...]

Concílio Vaticano II, Decreto sobre a actividade missionária da Igreja *Ad Gentes*, 29.

Esta dissertação intitula-se: *A Missão de Remexio – Um Caso de Transição das Religiões Tradicionais para o Cristianismo no Contexto das Missões Católicas em Timor*. Pretendo com ela salientar como um reino pagão do interior de Timor (Caimauc) e mais tarde todo um posto administrativo (Remexio) se tornou cristão, por iniciativa do seu chefe (*liurai*), filho e descendente de *liurais* cristãos, dentro do contexto da acção missionária em Timor.

Baseada neste facto pretendo mostrar que, o projecto da evangelização de um povo pode não partir tão-só da iniciativa das autoridades eclesíásticas. Embora sejam estas, institucionalmente, os arautos do Evangelho, a iniciativa pode partir de um indivíduo leigo que, por motivos pessoais muito profundos (por acção do Espírito Santo), queira aderir totalmente à Boa Nova de Jesus Cristo e se disponibilizar a proporcionar meios que permitam a adesão de toda uma comunidade local, solicitando, como é óbvio, o apoio e a confirmação da hierarquia da Igreja.

Tendo esta iniciativa concreta partido de uma autoridade tradicional local (*liurai*), facto que contribuiu para a grande repercussão que a causa teve no Remexio, acho conveniente prestar uma informação sobre a organização tradicional política, social e religiosa de Timor, seguida de um esboço histórico das Missões Católicas naquela região, antes de abordar o tema do trabalho propriamente dito.

O *liurai* em causa, Manuel da Gama Barata da Conceição Mesquita, é meu avô materno. Como tal ouvi circular no seio da minha família, desde a minha mais tenra idade, que durante a ocupação japonesa de Timor (1942-1945) o *liurai* tinha feito uma promessa a Nossa Senhora de que se ele e a sua família escapassem vivos da guerra, a primeira coisa que faria, mal ela terminasse, seria construir uma capela no seu reino e pedir ao bispo um catequista para evangelizar e preparar o seu povo para o baptismo. Nossa Senhora protegeu-o e ele cumpriu a promessa. Surgiu a Missão de Remexio. Até então só os *liurais* eram baptizados, o povo era gentio.

A par desta história encantava-me de certa forma a personalidade e a forma de estar e agir do *liurai*: homem inteligente e muito influente, sempre atento às necessidades do povo, contribuindo em tudo para o seu desenvolvimento, muito exigente também, mas apresentava-se no seu quotidiano com uma tal simplicidade que quem não o conhecesse, não lhe atribuía o estatuto social de que gozava: de lipa, descalço e tronco nu (às vezes com uma manta a envolver o tronco), com o seu inseparável parão à cintura e o *cohe*, percorria com muita frequência *sucos* e povoações a cavalo e sozinho, sem o habitual aparato que a viagem de um *liurai* exigia. Partia de casa de manhã cedo e regressava ao fim do dia, alimentando-se durante o percurso daquilo que o povo simples lhe oferecia (um pedaço de mandioca ou batata doce, milho cozido); executava pessoalmente trabalhos agrícolas em várzeas e plantações de café, tarefas cuja execução cabia ao povo e aos escravos, de acordo com as leis tradicionais de Timor; aos seus netos, dedicava uma especial atenção e carinho, constituindo estes para ele, o depositário principal de toda a herança cultural e histórica da família.

Ao longo dos anos fui constatando que a história da origem da missão de Remexio, um acontecimento tão importante para as missões de Timor, não era conhecida pelas autoridades eclesiásticas actuais, estando apenas limitado ao conhecimento da família do *liurai* e dos primeiros cristãos de Remexio. Assim, logo que me inscrevi no curso de Mestrado em Estudos da Religião – História e Teologia das Religiões, decidi fazer uma investigação sobre o caso e apresentá-lo como tema da minha dissertação. Apresentei a ideia ao então Director da Faculdade de Teologia, que concordou e me estimulou ao empreendimento da tarefa.

Encontrei algumas limitações quanto ao acesso às fontes, devido ao desaparecimento do arquivo histórico sobre a missionação de Timor motivado pelo incêndio da Câmara Eclesiástica e da residência episcopal da diocese de Díli, levado a cabo pelos indonésios em 1999. Contudo, baseada nas memórias da minha vivência pessoal e familiar; no que foi possível observar durante o reinado do *liurai* Mesquita; nos testemunhos orais dos seus descendentes directos, depositário principal de toda a herança cultural e histórica da família; consultando outros *catuas lia-nain* e descendentes de *liurais* de diferentes reinos e algumas obras escritas de autores portugueses e estrangeiros, inclusivamente de missionários e os manuscritos de meu pai, tornou-se possível recolher a informação necessária para a elaboração do meu trabalho. Quanto a este facto, observou o Professor Luís Filipe Thomaz (2002)¹, que a escrita foi

¹*Babel Loro Sae – O Problema Linguístico de Timor*, p.22.

introduzida em Timor pelos portugueses no século XVI, pelo que a reconstituição da sua história é, antes do século XVIII, uma tarefa particularmente difícil. No entanto, Timor possui outras fontes não escritas, como os dados fornecidos pela arqueologia, pela antropologia, a linguística e a rica tradição oral permitem que o passado fale. Não descurarei, por isso, neste trabalho, a vasta tradição oral transmitida pelos nossos *catuas lia-nain*.

Os *catuas lia-nain*, expressão que significa, *ancião - detentor da palavra*, são transmissores da voz do passado. Segundo o Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1967)², sabem contar mitos e desfiar genealogias fantasiosas que, para eles e para os timorenses em geral, constituem a sua história. São uma espécie de livros vivos, tidos em muita consideração pelo povo, cabendo-lhes um lugar à parte na hierarquia social. No entanto, o reconto destas histórias, ainda hoje se mantém resguardado, pois existe uma forte convicção que a revelação dos tesouros pelos *catuas-lia-nain* lhes abrevia a vida, aproximando-os da morte.

Embora o tema principal do trabalho abranja o período compreendido entre 1937 e 1975, correspondente ao princípio e fim do reinado do *liurai* Mesquita, a necessidade da sua contextualização histórica, político-social e religiosa, levou-me a recuar à época pré-lusitana e a avançar até à data da erecção da Missão de Remexio como paróquia, em 2001.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos:

- No primeiro capítulo procuro abordar, em primeiro lugar, a organização política e social tradicional de Timor: a sua divisão político-administrativa de tipo piramidal, em cujo vértice se encontra o reino chefiado por um *liurai*, seguindo-se os *sucos* sob o governo dos *chefes de suco* e por último as povoações com os seus respectivos chefes; a sua organização social, composta por classes sociais e por uma hierarquia de tipo feudal: os nobres ou principais (*dato*); o povo (*ema*) e os escravos (*atan*) ou (*lutu-hun*); e por último, a sua organização religiosa encabeçada por um *dato-lulik* que normalmente preside aos ritos gentílicos. Segue-se o estudo da sua crença num único Deus, embora tenha dele uma ideia vaga e imprecisa (monoteísmo), e em outras manifestações do sobrenatural, como génios ou espíritos da natureza, objectos considerados *lulik* e os espíritos dos antepassados a quem prestam culto especial (animismo).

²A *Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, p. 15.

- No segundo capítulo tento fazer um esboço histórico das missões católicas em Timor, realçando as diferentes vias, métodos e expressões que os missionários tentaram adaptar ao longo de quatro séculos de evangelização, 1500 a 1975.

- No terceiro capítulo, começo por fazer uma breve referência à origem do reino de Caimauc e do posto administrativo de Remexio, para me debruçar, depois, sobre a origem da missão de Remexio, por iniciativa do *liurai* Mesquita, em 1946 e o acompanhamento que o mesmo proporcionou durante o seu crescimento até Agosto de 1975.

Das obras escolhidas, quer de natureza teórica quer investigativa, sobre Timor, destaco:

- Autoridades administrativas: Documento Sarzedas, compilação de elementos históricos de Timor, pelo Conde de Sarzedas e Vice-rei da Índia, D. Bernardo José Maria de Lorena, em Abril de 1811, para servir de instrução a Vitorino Freire da Cunha Gusmão, governador e capitão geral das ilhas de Solor e Timor³; Afonso de Castro (1867), governador de Timor de 1859-1863, que na falta de escritos sobre Timor, recorreu a algumas crónicas e à tradição, para elaborar um *trabalho consciencioso sobre aquela possessão portuguesa*; António Carmo (1965), secretário do Governo de Timor, investigou e escreveu sobre a cultura do povo mambáe; o administrador Pinto Corrêa (1934) que fez investigações, do ponto de vista antropológico e social do povo de Baucau, em particular e de todo o Timor, em geral; o engenheiro Ruy Cinatti (1987) que, por amar tanto Timor, além das suas investigações e poemas, celebrou o pacto de sangue com um *liurai* de Ai-Assa (Bobonaro); Francisco Menezes (2006), antropólogo, Administrador de Concelho, Presidente da Câmara Municipal de Díli e Director do Centro de Informação e Turismo entre 1955-1971, e colaborou ao longo dos anos com vários ensaios sobre a cultura timorense, na revista Garcia da Orta da Sociedade de Geografia de Lisboa e Actas do congresso sobre a Insulíndia e o Sudeste Asiático;

- Missionários: Pe. Abílio José Fernandes (1931), Vigário Geral das Missões de Timor de 1929 a 1938, sobretudo no que diz respeito à história das missões católicas; Pe. Artur Basílio de Sá (1949; 1952; 1961), missionário, professor em Timor e sacerdote dedicado à história do Oriente, o primeiro a publicar em tétum os primeiros textos da literatura oral e primitiva de Timor com a colaboração de dois mestres de tétum, naturais de Timor; Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1967) que desde o seu desembarque em Timor em 1932, resolveu adquirir um conhecimento, tanto quanto

³Cf. Faria de Morais, A.(1944), *Sólor e Timor*, pp.134, 138.

possível, perfeito dos costumes pagãos e do dialecto da missão que lhe fosse destinado. Este sacerdote tem ainda a particularidade de ser um dos párocos que acompanhou a Missão de Remexio, na sua origem; Mons. Jorge Barros Duarte, sacerdote timorense, governador do bispado, investigou e escreveu vários ensaios sobre a cultura timorense; D. Jaime Garcia Goulart, primeiro bispo da diocese de Díli, de 1945 a 1967.

- Historiadores: Prof. Luís Thomaz (2008), que não tem cessado de divulgar Timor nos meios lusófonos ao longo dos anos, tocando nos mais variados e interessantes temas da vida timorense, com grande densidade afectiva e amor à terra timorense. Cito o que ele próprio escreveu: *Timor em que amadureci para a vida, merecia, pelo que me deu, que em retribuição lhe desse o melhor que fazer soubesse*⁴;

- Boletim Oficial do Governo de Macau e da Província de Timor;

- Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, *Seara*;

- Manuscritos de meu pai, Marçal de Andrade (1975-1985), *catuas-lia-nain* e mestre de tétum e professor-catequista.

A Bíblia (Novo Testamento) e os documentos do Magistério: Decreto sobre a actividade missionária da Igreja *Ad Gentes* e a Encíclica do Papa João Paulo II *Redemptoris Missio* foram os documentos-chave para minha reflexão teológica.

O método de investigação utilizado neste trabalho é o do *estudo de caso*, que segundo Yin (1988)⁵, é uma abordagem empírica que investiga um fenómeno actual no seu contexto real, quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes, e no qual são utilizadas muitas fontes de dados.

Precisamente, o meu trabalho investiga um fenómeno actual (evangelização de um povo, por iniciativa de um leigo) no seu contexto real (Remexio) e baseada na minha observação e experiência pessoal. São também utilizadas várias fontes e diferentes técnicas de recolha de dados para além das já referidas acima tais como questionários e guiões de entrevistas elaborados por mim, enviados a pessoas de confiança e familiares, que por sua vez entrevistaram os *catuas lia-nain* e os primeiros catecúmenos sobreviventes de Remexio, em Timor e os arquivos da família e paroquiais. Os guiões foram normalmente enviadas e recolhidas por correio electrónico, e muitas vezes confirmadas por telefone.

⁴*Babel Loro Sae ...*, p. 15.

⁵Cit. por Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998), *Metodologia de Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*, p.216.

PRIMEIRO CAPÍTULO

A ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL DE TIMOR

A aldeia em Timor tinha-se constituído muito antes que os europeus conhecessem a ilha, e a aldeia havia atado relações com outras aldeias formando *sucos*, os quais reunindo-se formaram reinos.⁶

Afonso de Castro, 1867

1. A organização política e social

A origem dos reinos de Timor parece remontar à época em que as correntes migratórias tiveram o Pacífico como teatro, introduzindo na vida dos seus primitivos habitantes, alterações fundamentais, do ponto vista étnico e político. Os povos invasores, possivelmente em grupos, vinham acompanhados dos seus chefes que quiseram manter-se na liderança do seu grupo⁷. Terá havido, na realidade, quatro grandes vagas de migração que deram origem ao povoamento da Oceânia, e, conseqüentemente, de Timor, onde a primeira vaga terá tido lugar 7 000 anos a.C. (durante a glaciação de Wurm) e a última na segunda metade do último milénio a.C., como refere Luís Filipe Thomaz (2008)⁸, baseado na teoria de Heine-Geldern.

Duas lendas veiculadas pela tradição oral timorense poderiam mostrar bem a consciência que o próprio iletrado timorense tinha sobre a sua origem (embora expressa de forma ingénua e confusa), e da origem dos reinos que constituem a sua ilha. A primeira lenda, cuja versão inicial é intitulada, em tétum, *Rai Timur Foin Nalo Malus Tahan, Bua Baluk* (Timor Despontou como as Folhas do Bétel, como a Caule da Arequeira)⁹, refere-se à proveniência do primeiro habitante de Timor para os lados de Macassar (Celebes) transportado por um crocodilo que, ao morrer, se transformou na ilha de Timor, dando-lhe a sua própria configuração. A segunda lenda intitulada, em

⁶Castro, Afonso, *As Possessões Portuguesas na Oceânia*, p. 313.

⁷Cf. Martinho, Capitão José S. (1943), *Problemas Administrativos e de Colonização da Província de Timor*, pp. 17, 21.

⁸Cf. *País dos Belos - Achegas para a Compreensão de Timor-Leste*, p. 374-383. Hoje sabe-se que a chegada do *Homo Sapiens* a Timor é muito mais antiga. Segundo Frédéric Durand (2009), p. 24, os arqueólogos admitem que o povoamento de Timor pode remontar a entre 50 000 e 60 000 anos, época em que o *Homo Sapiens* atravessou o arquipélago da Insulíndia para passar da Ásia à Austrália.

⁹Cf. Sá, Artur Basílio de (1961), *Literatura Oral Timorense em Teto*, com a colaboração de dois professores – catequistas timorenses, falantes de tétum, Paulo Quintão e Marçal de Andrade (pai da mestrandia) na recolha de lendas junto dos *catuas lia-nain*. O reconto da lenda do crocodilo (p. 12) é atribuído a Marçal de Andrade. Existe uma outra versão cujo reconto é atribuído ao mesmo, na obra do Pe. Ezequiel E. Pascoal, 1967, *A Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, p. 267. Com o tempo, multiplicaram-se várias versões desta lenda.

tétum, *Hutum Rai Hat*¹⁰, atribui a origem dos principais reinos de Timor a uma expedição de quatro tribos, cujos chefes eram irmãos, oriundos da Província Malaia, em jangadas de bambu, atirados por uma forte tempestade às costas de Macassar (Celebes). Bem acolhidos pelos habitantes da terra lá permaneceram durante uma temporada. Sempre com o intuito de chegar a Timor fizeram-se ao largo rumando a sudeste e, depois de passarem por muitas ilhas desembarcaram em Larantuca-Bau-Boen (Flores), onde deixaram muitos imigrantes, dos quais descendem o régulo e a população da zona oriental. Seguindo viagem para Timor, estabeleceram-se na costa sul da ilha. Das quatro tribos três eram chefiados por três *ulun* (cabeça ou chefes), todos irmãos, e que traziam de Malaca três plantas (*ai-hali*, *ai-bico* e *ai-timo*), cada uma das quais foi plantada no local onde a respectiva tribo acampou. Conquistando terras aos naturais, formaram os reinos de *Uai-Hali* (*Wé-Hali*), *Uai-Hico* (*Wé-Bico*) e *Uai-Timo*. Com o decorrer do tempo as três tribos formaram um império (ou reino) que, sob a hegemonia de *Wé-Hali*, governado pelo irmão mais velho, depressa dominaram as restantes etnias timorenses, não só por conquista e aliança, como pelas instituições que implantaram. Estas instituições estabeleceram um regime de dupla soberania em que o poder político executivo se consignava aos *liurais*¹¹ e o poder ritual de carácter religioso, ao *Maromak Oan* (Filho de Deus), liturgicamente prestigiado. Como o poder político estava distribuído por três *liurais*, a quarta tribo, sem chefe político, era detentora de poderes sacerdotais. Exercia ao mesmo tempo a função de *loro* (sol), uma das entidades políticas a quem o simples cidadão recorria, quando se considerava injustamente tratado pelos *liurais*¹².

Com o tempo, os chefes políticos absorveram progressivamente os direitos do chefe religioso e acabaram por delegar o poder ritual nos sacerdotes (*dato-lulik*) adstritos aos seus reinos.

Com elementos da casa real de *Wé-Hali*, criaram-se os reinos de Suai e Camenassa, os quais exerciam hegemonia em quase todo leste da ilha, mantendo-se, no entanto, sob a alçada de *Wé-Hali*. No decorrer dos anos alguns reinos tornaram-se independentes e juntando-se entre si, formaram uma nova confederação.

¹⁰*Hutum* (raça); *rai* (terra); *hat* (quatro). Cf. Pinto Corrêa, Armando (1934), *O Gêntio Timor*, p. 324. Cf. também Cinatti, Ruy (1987b), *Motivos Artísticos Timorenses e a Sua Integração*, p.181.

¹¹*Liurai* – termo composto em tétum que significa: *liu* (mais) e *rai* (terra). Poderia traduzir-se por *maioral da terra*.

¹²Nessa época os reinos eram governados por três entidades políticas: os *rainai* (senhores da terra) ou *liurai bot*; os *loros* e os *catuas* (venerandos representantes do povo). Cf. Cinatti (1987) *Motivos Artísticos...*, p. 181.

Mapa 1: Sueste Asiático: itinerário dos *Hutun Rai Hat* e do crocodilo com o primeiro habitante de Timor



Fonte: www.asia-turismo.com/mapa/sudeste.htm

Comenta o Pe. Artur Basílio de Sá (1949) sobre a primeira lenda:

Na estrutura desta lenda ingénua e confusa...transparecem apenas as teias muito frágeis de uma etnologia enredada e obscura; mas distingue-se bem e apesar de tudo, uma ideia persistente, dominante: a nostalgia vaga e adormecida do Timorense por não se sabe que remotos tempos e estranhas terras. Ecos ancestrais, muito sumidos já, repetem-lhe constantemente, no íntimo do seu ser, que ele é um arribado àquela ilha (p. 11).

Sobre a segunda lenda, conclui Pinto Corrêa (1934):

É uma tradição curiosíssima e duma notável importância, não só porque através dela se explica um largo ciclo da história da ilha e se reconstitui os elementos étnicos que os Portugueses encontraram em Timor, mas porque nos dá a chave provável duma engulhenta designação com que os indígenas nos classificam, a nós outros, os europeus de Portugal. Para eles, nós somos os *malai mutin*, os *malai* brancos, ou, mais geral e simplesmente, *malai*. Esta palavra tornou-se sinónimo de imigrante, de homem que veio de fora, que surgiu do ocidente, da banda da Malásia (p. 324).

Assim, quando os portugueses chegaram, a ilha de Timor estava dividida numa numerosa série de reinos mais ou menos independentes entre si que prestavam obediência ao *Behale (Wé-Hali)* ou ao *Senobay*, dois reis que impunham a sua suserania sobre alguns reinos vizinhos. A parte oeste, chefiada por Senobay, de língua baiquena, era constituída por 16 reinos e formava a confederação de Servião¹³, grosso modo correspondente ao actual Timor Indonésio; a parte leste, muito fragmentada linguística e politicamente, encabeçada por Wé-Hali (de língua tétum), era constituída por 46 reinos e formava a confederação dos Belos¹⁴ (Luís Thomaz, 2008)¹⁵.

Mapa 2: Ilha de Timor antes da chegada dos portugueses e holandeses



Fonte: Atlas de Timor-Leste, LIDEL, 2002.

Tais reinos eram, segundo Afonso de Castro (1867, p. 17), pequenos e miseráveis estados, mas com todos os elementos que constituem uma nação.

A autoridade suprema era constituída pelo *Liurai*¹⁶ que, nos respectivos distritos (*sucus*) tinham os seus representantes (*Datos*), a quem directamente transmitia as suas instruções; estes por sua vez transmitiam as ordens aos chefes de povoação (*Catuas* ou

¹³Cf. Sá, Artur B. (1949), *A Planta do Cailaco*, p.11.

¹⁴Do termo tétum *Belun* que significa amigo (pois não ofereciam resistência ao domínio português), formaram os portugueses o plural *Belos* para designar aqueles povos e as suas terras. *Província dos Belos*, *País dos Belos*, *Região dos Belos* são os vários nomes pelos quais era conhecida, naqueles tempos, a zona oriental da ilha que veio a tornar-se a província portuguesa de Timor. Cf. Sá, Artur B. (1949), *op. cit.*, p. 11.

¹⁵*País dos Belos*, p. 392 e *Doc. Sarzedas* n.º. 44º citado por Morais, A. Faria de (1944), *Solor e Timor*, p.151.

¹⁶Dá-se, em tétum, o nome de *liurai* ao *dato* que, por direito de sucessão ou de eleição, em certos casos, governa com suprema autoridade, um agregado populacional muito vasto. [...] Talvez tenha começado com a designação, *dato bóot liu iha rai* – o *dato maior* (bóot liu) *na* (iha) *terra* (rai). Com o andar do tempo, teriam desaparecido os elementos secundários *dato*, *bóot* e *iha* ficando apenas os dois principais, *liu rai*. Cf. anotações do Pe. Ezequiel Enes Pascoal in *A Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, p. 98.

Tumungões) que eram os agentes directos da autoridade junto do povo. Por sua avançada idade, escola da experiência e do saber, outorga-se-lhes o privilégio de presidirem nos lugares onde vivem: as *cnuas*. Com o tempo, o termo *Dato* foi caindo em desuso substituído pela designação portuguesa *Chefe de Suco* e o termo *Catuas*, por *Chefe de Povoação*¹⁷.

Os *liurais* que pertenciam a certas linhagens de nobres (*datos*) formavam autênticas dinastias e a sua sucessão obedecia a normas rígidas. Tratava-se de um sistema que podia ser designado de *sucessão selectiva*. Há uma lista de precedências encabeçadas pelos filhos varões dos *liurais* por ordem de senioridade, seguindo-se-lhes os irmãos. Dentro da lista de precedências, os nobres reunidos em conselhos escolhiam o sucessor. Geralmente, a escolha recaía no filho mais velho do *liurai*. Em último caso, quando se esgotasse a linhagem masculina podia recair até numa filha. Neste caso para assegurar a manutenção da rainha na linhagem dos antepassados e garantir a sua descendência, ia buscar-se um marido a outras casas poderosas como acontecia com a de Wé-Hali, através do acto, conhecido em tétum por *hafolin-liurai* (contratar o régulo) que era bastante oneroso e assegurava a integração deste último na linhagem da mulher, bem como da sua prole. Podia acontecer que o príncipe consorte, se demonstrasse reconhecida habilidade governativa, passasse a exercer *de jure* e *de facto* o mando¹⁸. Em caso de poligamia, só tinham direito à sucessão os filhos da primeira mulher¹⁹. Na falta destes não eram os bastardos, ou seja, filhos de outras mulheres, mas os parentes mais próximos do *liurai*, irmãos ou primos que lhe sucediam²⁰.

Em 1701, o Capitão General António Coelho Guerreiro, nomeado primeiro governador de Timor, pretendendo igualar em poder todos os reis da ilha, acabou com a supremacia de uns sobre os outros e tornou-os imediatamente dependentes da autoridade portuguesa. Arregimentou-os, atribuindo-lhes patentes de oficial. Os *liurais* eram, em geral, coronéis, mas os que eram mais fiéis eram promovidos a brigadeiros. A patente de tenentes-coronéis e a de sargentos-mores e capitães, a outros *Datos* e *Tumungões* menos poderosos²¹. Daí, segundo informa Pinto Corrêa (1935, p. 278) a eleição do *liurai* ou do regente, celebrada pelos *datos*, *tumungões* e *oficiais* passou a

¹⁷Cf. Sá, Artur B. (1952), *op. cit.*, p. 26.

¹⁸Menezes (2006), p. 71.

¹⁹*Ibidem*.

²⁰Sá, Artur B. (1952), *Timor*, p. 25.

²¹Cf. *Documento Sarzedas* n.ºs. 45 e 46 citado por Morais, A.. Faria (1944), p.152 e Felgas (1956), 1956, p. 233.

carecer da sanção do governo de Díli, o qual conferia ao eleito a patente de coronel de 2ª linha²².

Pode concluir-se, pelo nosso conhecimento pessoal e pelo testemunho da tradição oral, conjugados com os escritos recolhidos, que a divisão político-administrativa tradicional em Timor, desde a época pré-lusitana, é a seguinte: cada divisão político-administrativa, com a sua organização de tipo piramidal, correspondia a um regulado, conhecido pelos portugueses desde os seus primeiros contactos como reino, tendo à sua frente o régulo (*liurai*) com poderes amplos; no segundo escalão, estavam os sucos (*suku*), sob a égide de chefes de suco (*datos*); seguindo-se-lhes, por último, as povoações (*cnua*) sob o mando dos chefes de povoação (*katuas, tumungões*).

Tal organização política, que se manteve ao longo dos tempos, corrigidos os excessos indígenas, constituía um auxiliar precioso da administração pública até a invasão e a ocupação de Timor pela Indonésia em 1975²³.

A sociedade tradicional timorense apresentava-se outrora fortemente dividida e organizada em classes sociais separadas segundo uma hierarquia de tipo feudal²⁴.

Havia os nobres ou principais (*dato ou daci*) entre os quais se contam os *liurais*, os chefes de suco *ulun bot*, (cabeça grande, chefe grande), vulgarmente conhecidos por *dato* e os chefes das povoações *ulun kik* (cabeça pequena, chefe pequeno) designados por *katuas*. Da mesma classe dos *datos*, saíam outrora as linhagens religiosas dos *datos lulik*.

A classe do povo era designado por *ema* entre os quais, as milícias tradicionais (*taka-rai*) para policiamento das respectivas áreas e arraiais para as suas guerras constantes. Esta classe tinha várias obrigações para com os *datos*.

Por último havia os escravos que eram provenientes da compra em tempo de paz ou prisioneiros de guerra. Podiam ser propriedade individual (*atan*) ou propriedade comunitária (*lutuhum*), sendo estes geralmente utilizados como trabalhadores de terra nas hortas e várzeas comunitárias e guardadores dos rebanhos dos *datos*. Os *lutuhum*

²²Instituição formada pelos missionários dominicanos desde o seu primeiro contacto com os timorenses, as tropas de 2ª linha tinham o nome inicial de *moradores* (por passarem a morar junto da estações missionária para a defesa do bem comum). Durante as campanhas de pacificação as autoridades portuguesas organizaram-nos em tropas de 2ª linha, uma espécie de tropas irregulares, combatendo ao lado das tropas regulares da 1ª linha. Com o fim da campanha de pacificação de Timor prestaram voluntaria e gratuitamente a sua colaboração na manutenção da ordem e funções de policiamento. Em 1961 reorganizou-se a 2ª linha para o serviço de guarda ao palácio do Governador e para a vigilância das fronteiras marítimas e terrestres de Timor, perdurando até a invasão indonésia em 1975. Cf.: Fontoura (1942) *O trabalho dos Indígenas de Timor*, p. 105; Themudo Barata (1998) *Timor Contemporâneo*, p.136 e Menezes (2006), *op. cit.*, p.183.

²³Sá, Artur. B., *Timor*, p. 25.

²⁴Cf. Menezes (2006), p. 69.

não eram passíveis de venda, podendo ser facilmente libertados, quando escravos antigos, mediante o pagamento dum tributo ao *liurai*. Saliente-se, no entanto que, embora os escravos pudessem ser oferecidos, trocados ou herdados, eram tratados com generosidade e quase equiparados a membros das famílias a quem serviam. Quando o escravo era liberto, passava à classe do seu senhor. Se fosse escravo de povo, passava a classe do povo, e se o seu senhor fosse nobre passava à respectiva classe. Os escravos do *liurai* quando libertos passavam à classe nobiliárquica, mas não eram integrados na linhagem real²⁵.

2. A organização religiosa

No estudo comparado das religiões, a partir de meados do século XX, a tendência científica prefere partir de um substrato monoteísta, embora vago, no qual se encontram enxertados, mercê de circunstâncias várias, novas crenças, ritos e superstições²⁶.

De acordo com tais orientações, e após uma leitura atenta de obras publicadas por missionários, historiadores, antropólogos que se debruçaram sobre a matéria²⁷, poder-se-ia enquadrar em dois planos a concepção religiosa dos timorenses: o plano vivencial do dia a dia, caracterizado pelo animismo e que domina todos os aspectos ergológico, social e animológico; e o plano distante, perdido no limite do horizonte espiritual, caracterizado por um monoteísmo sem culto.

2.1. O monoteísmo

Os timorenses são antes de mais monoteístas. Crêem num único Deus, embora a ideia que fazem dele seja vaga e imprecisa. A esse Ente supremo em que crêem chamam, de um modo geral, *Maromac*, palavra que etimologicamente significa, o que brilha²⁸.

²⁵Humberto Leitão em Menezes (2006), p. 69.

²⁶Rego, A. Silva (1961 *Lições da Missionologia*, p. 415.

²⁷Pinto Corrêa (1934), António Carmo (1965), Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1967), Mons. Jorge Barros Duarte (1984), Francisco Menezes (2006), Luís Filipe Thomaz (2008).

²⁸Mons. Barros Duarte procurou dar a seguinte explicação: A palavra inicial seria *roma* ou *roman* (clarão, luz); para designar o ser que pratica a acção ou que encarna uma qualidade, usa-se o prefixo *Mac* [ex.: (Salvar), em tétum é *soi*; (aquele que salva)], *mac soin*; por analogia: (luz, brilho), *roma*; (aquele que brilha) (o que personifica a luz), *Mac-roma*; por metátese: *Maromac*. Citado por Carmo, António D. A., *O Povo Mambai*, (1964) p. 132.

Nos principais dialectos locais de Timor, o mesmo Ente Supremo é designado por: *Laraula* (Uai-ma'a, Midik e Galole), *Uru Uattu* (makassai), *Uruvátchu* (fataluco) e *Ussi Nênu* (Baikeno). São expressões que, segundo Menezes (2006, p. 106), significam Sol-Lua, fazendo ver a sobrevivência de um culto solar e lunar. Parece provável que os povos dos grupos etnolinguísticos a que pertencem as designações acima, confundem a ideia dos dois astros, que dominam em conjunto, com a do próprio Deus.

Merece ainda especial atenção, por nele se ver uma maior sublimação e, conseqüentemente, aproximação da ideia de Deus, o culto sideral que outrora se prestava às constelações: Setestrelo (*maun alin hitu*, os sete irmãos), Orion (*fitun liurai tolu*, os três reis), Aldebaran (o noivo e a noiva), a estrela de Alva (*fitun rai naroman*, *fitun dadel*), e ao sol e lua²⁹.

É ainda prova desse monoteísmo a forma como é designado o Ente Supremo em alguns dos dialectos já designados. Em *makassai* a designação *Fi-da'e-coro* significa *o nosso Deus*; em *naueti* a designação *Hira-Hebana* também significa *o nosso Deus*³⁰.

No entanto, Maromak é um Deus vago a quem não é prestado culto. Acredita-se num Deus bom, onisciente, omnipresente e todo-poderoso, mas que se mantém longe dos mortais, só devendo ser importunado ou invocado em caso de extrema necessidade (em apoio da sua inocência, como nos juramentos³¹, fraqueza ou em qualquer aflição). O culto dirige-se mais aos antepassados (*matebian*) e aos *lulik*. Trata-se portanto de um monoteísmo primitivo que, para um observador apressado, poderá passar despercebido, eclipsado por cultos prestados a outras manifestações do sobrenatural, como veremos no estudo sobre o animismo³².

Portanto, a concepção religiosa timorense, não foge à regra das religiões primitivas das Áfricas Ocidental e Equatorial, por exemplo, em que o ser supremo celeste parece ter perdido a actualidade religiosa; está ausente do culto e, no mito, afasta-se cada vez mais da humanidade. As pessoas lembram-se dele e imploram-lhe em última instância quando fracassam todos os esforços com os outros deuses, antepassados e demónios. Assim, o homem sente-se solicitado por experiências religiosas mais concretas, mais intimamente misturadas à vida³³.

²⁹Cf. Menezes (2006), p. 96.

³⁰Informada pessoalmente por um falante destas línguas, Francisco Aparício Guterres,

³¹(*Maromak ne'e!*) em *tétum*, ou (*Maromak ia!*) em *Mambae*, são expressões de juramento utilizadas pelos falantes destas línguas que podem significar, literalmente (*Deus aqui, Deus é ou Deus está*), o jurado deve querer afirmar: *Deus está aqui para atestar a veracidade da minha afirmação* (o presente comentário é de nossa autoria pessoal).

³²Cf. Menezes (2006), p. 106.

³³Cf. Elíade (1992), *O Sagrado e o Profano*, p. 63.

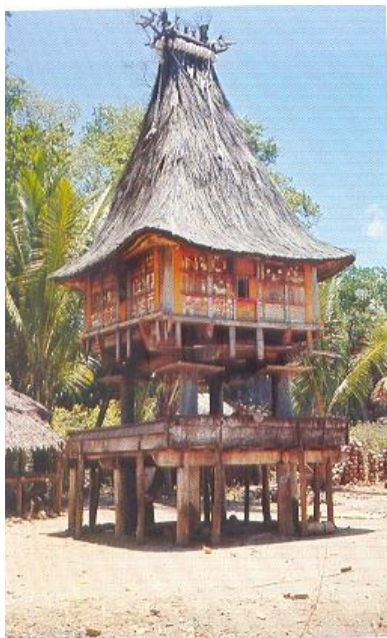
2.2. O animismo

Se tentarmos esquematizar a religião timorense numa pirâmide teremos no vértice *Maromak*, na base os *matebian* (espíritos dos antepassados) e, entre o vértice e a base, os *lulik* (espíritos da natureza). Os vivos situam-se entre os *matebian* e os *lulik* ³⁴. Situando *Maromak* no topo da pirâmide, importunando-O só em caso de extrema necessidade, a atenção dos vivos volta-se para os espíritos dos antepassados (*matebian*) e da natureza (*lulik*), por quem estão completamente envolvidos.

Esta concepção e vivência tripartida do Universo, quer sob o ponto de vista cosmológico quer religioso, figuram nas suas manifestações animológicas do dia a dia, como a construção da sua habitação - seu *microcosmos residencial*, na expressão de Ruy Cinatti (1987) ³⁵. Assente em pilares, a habitação está dividida em três pisos sobrepostos (ilustrada na figura 1). O corpo do telhado envolve o mundo do espírito dos antepassados, a residência propriamente dita, o mundo dos vivos, e a parte debaixo do sobrado, o mundo dos espíritos da natureza, geralmente atribuído aos animais ³⁶.

A par desta tricotomia e convergentemente com ela, os timorenses acreditam numa força vital existente em todos os espíritos mencionados, quer dos vivos, dos mortos, ou da da natureza ³⁷.

Figura 1: Exemplar de uma casa sobre pilares – Lospalos (Timor)



Fonte: Povos de Timor, Povo de Timor: Vida, Aliança, Morte, p. 60.

³⁴Cf. Mons. Barros Duarte (1984), *Timor, Ritos e Mitos Ataúros*, p. 279.

³⁵*Arquitetura Timorense*, p. 211.

³⁶Cf. Cinatti, *op. cit.*, p. 2011.

³⁷Cf. Menezes (2006), p. 106.

A força vital nos vivos manifesta-se na coragem e destemor de que alguém dá provas; no prestígio que atinge na sociedade; na constituição ou força física excepcionais. A força vital considera-se reduzida quando o indivíduo é desprestigiado, derrotado, humilhado ou diminuído física ou moralmente. Daí o timorense ter a ânsia da glorificação e o medo da humilhação. Daí também a necessidade de vingança ou de desforço que levavam a transformar qualquer pequeno incidente em causa de guerra, sempre que fosse atingido o nome e o brio de indivíduos e, através deles, do grupo. Por isso as guerras, além do saque e da riqueza que proporcionavam, contribuíam para aumentar a glória e o prestígio do grupo ou dos indivíduos. E uma das formas de mobilidade social e da subida do *status* consistia em os guerreiros colecionarem cabeças de adversários decapitados em combate. Por se considerar a cabeça como a sede do espírito dos vivos, os guerreiros, para terem a certeza da morte dos adversários, cortavam-lhes a cabeça, impendendo assim que o espírito se juntasse ao corpo e os voltasse a importunar. Este acto demonstra também a força que o espírito dos vivos podia exercer sobre o espírito dos mortos.

2.2.1. Lulik

Como foi dito, o timorense acredita na existência de uma força ou princípio vital que impregna ou até se confunde com a alma dos vivos ou dos espíritos, quer dos antepassados, quer da natureza, transformando-se num poder oculto e misterioso que é preciso dominar ou cativar, uma vez que preside sobre o seu destino corpóreo.

O timorense faz, no entanto, uma distinção óbvia e nítida entre os dois aspectos que esse poder parece assumir: o benéfico, protector ou pelo menos disciplinador, e o maléfico ou destruidor. O primeiro aspecto leva a considerar a força oculta como venerável, quase sagrada, e é então que aparece a palavra *lulik*. *Lulik* são os espíritos da natureza, designados geralmente por *Rai-Nain* (donos da terra) ou *Bé-Nain* (donos da água), cuja boas graças é preciso captar com ritos apropriados. São considerados habitáculos dos *Bé-Nain* as cobras verdes, outrora em toda a região dos Belos, as jibóias nas regiões do Leste, os camarões das valas vizinhas das várzeas de arroz e as enguias nas regiões montanhosas, visto estarem a viver na água com cuja origem, escassez ou

abundância estavam intimamente ligadas³⁸. O crocodilo, também é considerado *lulik* pela sua configuração com a ilha de Timor e, porque no seu dorso, segundo o mito de origem da ilha, teria vindo o primeiro habitante de Timor³⁹ - acreditando-se assim no seu parentesco mítico com os timorenses⁴⁰. Certas árvores também são consideradas *lulik*, em cuja sombra os timorenses se reúnem ou prestam culto, visto crerem que, por elas se destacarem das demais pelo seu porte e configuração especial, são escolhidas pelos espíritos para nelas poisarem. Entre estas árvores veneradas e respeitadas, destacam-se o gondão, conhecido em tétum por *Ai-Hali* em volta do qual ou na base do tronco se armam pedras ou lajes para sobre elas se fazerem sacrifícios e oferendas (*estilos*). O tamarindeiro é árvore *lulik* dos habitantes de Ataúro⁴¹. Todos os animais conhecidos como *Bé-Nain* ou *Rai-Nain*, por serem *lulik*, não podem ser molestados ou comidos, sob pena de tremendas sanções, como feridas no corpo, loucuras⁴², desgraças na família dos transgressores e cataclismos (Menezes, 2006). São também *lulik* certas pedras e montanhas e mesmo objectos vulgares como espadas, catanas, espingardas, panos, louças, cartas patentes passadas pelos reis de Portugal a régulos de outro tempo, que pelas suas dimensões ou formato, ou por terem pertencido a certas pessoas pareçam dotados de forças sobre-humanas ou ocultas⁴³. Existiam agentes propiciadores (*dato lulik*), a quem era reconhecida a capacidade de dominar o *lulik* mediante cerimónias, oferendas e ritos apropriados, mobilizando-o para fins relacionados com a protecção e o bem dos indivíduos ou do grupo.

Quanto ao segundo aspecto, maléfico e destruidor (*buank ou suank*) acreditava-se que os espíritos maus da força oculta podiam ser utilizados por bruxos de ambos os sexos a quem se atribuía uma espécie de culto demófono, destinado apenas a causar doenças e males, e sequestrar ou *comer* as almas dos outros componentes do grupo. Motivo porque os bruxos deviam ser expurgados e assassinados e só a morte violenta é

³⁸Cf. Menezes (2006), pp. 94, 95.

³⁹Quanto à lenda do crocodilo ou do primeiro habitante de Timor, verifique-se as anotações feitas na p. 9 deste trabalho (nota nº.6).

⁴⁰Menezes, *ibidem*.

⁴¹*Ibidem*.

⁴²Um familiar, após ter recuperado de uma fase de perturbação psíquica (loucura) em 1962, contou-nos que a sua loucura se deveu ao facto de ter atingido com uma pedrada uma grande enguia que se encontrava à superfície da nascente *lulic*, localizada na vila de Nice (Remexio). Conhecemos pessoalmente a nascente. Rodeada de um bambual, as suas águas são muito profundas e os mais velhos não deixavam aproximar-nos dela porque era considerada *lulik*.

⁴³Cf. Thomaz, Luís (2008), p. 386.

que podia evitar que as suas almas penadas continuassem posteriormente a incomodar os vivos⁴⁴.

2.2.2. Uma lulik

A *uma lulik*, que corresponde a uma família ou linhagem, distingue-se da de outras casas essencialmente porque reúne dentro de si, num canto reservado, objectos sagrados (*lulik*) diversos que simbolizam e tornam presente o espírito dos mortos⁴⁵. Ela ocupa, em regra, o centro da aldeia, havendo casos em que se situa fora desta, num local *lulik* ou que ofereça condições especiais, despertando atenção pela sua configuração, enquadramento na panorâmica, terreiro ou espaço para, nos dias de estilo, a multidão poder dedicar-se sem limitações às suas actividades terpsicóricas⁴⁶, dançando o *tebedai*⁴⁷ e certas modalidades de *liku*⁴⁸ (Menezes 2006, p. 100).

2.2.3. Agentes religiosos

De acordo com as designações pelas quais são conhecidas como pelas funções que desempenham pode-se distinguir os agentes religiosos em três categorias: os *Datos-Lulik*; os *Matan Dook* e os *Buan, Buank* ou *Suank*.

Os *datos-lulik* descendiam outrora (recorde-se a antiguidade da sua instituição descrita no mito da origem de *Wé-Hali*⁴⁹), em regra, de linhagens consideradas nobres, e dentro destas, das linhagens tidas por mais antigas e consagradas pela tradição como religiosas. O seu papel na sociedade tradicional assumia uma relevância notável, sendo os principais *datos-lulik* colaboradores directos dos liurais e de outros chefes. Além

⁴⁴Cf. Menezes (2006), p. 108.

⁴⁵Carmo, António de A. e (1961), *O Povo Mambai*, p. 135.

⁴⁶Terpsicórico: relativo a Terpsícore, musa da dança da Grécia antiga – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2003.

⁴⁷Tebe é o nome de todas as danças timorenses. São os instrumentos, o cântico ou ainda a forma como as pernas se movimentam é que dão o nome característico a cada das respectivas modalidades. Martinho, José (1943, *Quatro Séculos de Colonização Portuguesa*, 245.

⁴⁸Danças executadas, sem acompanhamento de instrumentos, onde homens e mulheres juntos ou alternados enlaçam-se lado a lado e formam roda. Esta alarga-se e concentra-se sucessivamente, enquanto todos pulam a compasso dum canto que entoam, em coro, distinto, de vozes masculinas e femininas. Se numas regiões em que se fala tétum as designam de *dáhur*, noutras do mesmo dialecto dão o nome de *tebe* ou de *lícu*. Cf. anotações de Pascoal, Ezequiel Enes, (1966), *A Alma de Timor Vista na Sua Fantasia*, p. 112.

⁴⁹Cf. Cinatti (1987b), *Motivos Artísticos Timorenses*, p. 181.

disso, faziam parte, não só do colégio eleitoral nas eleições dos liurais, como também dos areópagos locais nos casos considerados graves.

Em regra cada reino ou *cnua* tem o seu *dato-lulik* ou *lulik nain*, espécie de rei-sacerdote, e a respectiva *uma lulik* ou templo sagrado, junto da qual existe um altar de pedra para os *estilos* ou sacrifícios.

Estes agentes têm como função principal a guarda da casa e objectos *lulik*; assumir papel primacial em todos os ritos que não sejam considerados de carácter puramente familiar ou doméstico, caso em que o próprio chefe da família poderá dirigir as cerimónias rituais; orientar, presidir aos *estilos*⁵⁰ que constituem o principal acto do culto animista timorense e que consistem no sacrifício de animais, principalmente búfalos, acompanhado de certas orações, danças e cânticos, seguido do consumo das carnes num banquete ritual, uma espécie de comunhão. São eles também quem preside aos *estilos* de *hacói-mate* ou funeral, que se destina a alimentar o morto e garantir à sua alma o descanso para que não venha importunar os vivos⁵¹. Cabe ainda a estes agentes, em caso de guerra, prever através das vísceras de animais abatidos para o efeito (cão ou frango), na disposição das nervuras de uma folha, ou na forma como cai ao chão a caule de uma bananeira cortada em estruturas de vários extractos concêntricos, ou através das manchas da masca cuspidas no chão⁵², se os sinais eram ou não favoráveis aos guerreiros, determinando o adiamento ou a realização imediata das operações⁵³.

A forma mais vulgar de sucessão nos cargos era e continua a ser por hereditariedade, passando, normalmente as funções de pais para filhos, ensinados e orientados no mister desde muito novos; só quando não existissem herdeiros masculinos dentro da linhagem é que o *dato-lulik*, ainda em vida, podia escolher um sucessor dentro duma linhagem com prestígio, preparando-o para a missão⁵⁴.

Enquanto que as funções divinatórias dos *dato-lulik* visam o futuro, procurando saber, antecipadamente, do êxito dos empreendimentos, as do *matan dook*, embora utilizando os mesmos processos, revertem ao passado: saber quais as causas dos males,

⁵⁰Antigamente, assim se designavam os costumes e tradições ancestrais dos timorenses, tendo passado presentemente a significar as cerimónias que os naturais celebram segundo o culto animista, principalmente os ritos funerários (Menezes 2006, p.220).

⁵¹Cf. *País dos Belos*, p. 387.

⁵²Cf. Menezes (2006), p. 102. A forma de prever o futuro através da masca ainda é praticado hoje em dia, entre os catuas de Caimauc – Remexio.

⁵³Cf. Menezes (2006), p. 101. Segundo os relatórios e depoimentos do capitão Francisco Joé Alvim e do Alferes Francisco Duarte, citado por Pinto Correia em, *Timor de Lés a Lés*, p. 35 e seguintes, os oficiais portugueses permitiram a prática deste ritual durante as campanhas de pacificação entre 1896-1898 e durante a grande e última rebelião timorense de 1912.

⁵⁴Cf. Menezes (2006), p. 101.

bem como os causadores das desgraças e do infortúnio. A sua profissão não era hereditária, dependia da habilidade pessoal e pertencia, outrora, predominantemente à classe dos escravos (*atan*)⁵⁵.

O *buan*, *buank* ou *suank* é uma espécie de feiticeiro a quem atribuem todos os males. Estes bruxos, temidos por todos os timorenses, praticam geralmente o envoltamento, mediante um simulacro da vítima ou qualquer objecto que lhe pertença sobre o qual produzem os efeitos que pretendem se transmitam à pessoa visada. Este tipo de magia pode ser também praticado pelo *buan* à vista da vítima, sem esta pressentir, dando para isso uns estalos com o dedo ou fingindo disparar uma espécie de tiros de feitiço (*fêkit*). O seu poder é essencialmente maléfico, tomado como antítese do *lulik*. Estes agentes do mal são banidos pela sociedade tradicional, bastando outrora alguém ser acusado de *buan* para ser morto, ou vendido como escravo, juntamente com todos os membros da família⁵⁶.

2.2.4. Ritos

2. 2.4.1. Ritos propiciatórios

- Quando havia falta de chuva nas regiões montanhosas, era nos lagos ou junto às nascentes onde existiam enguias que a população ia celebrar os seus ritos, sacrificando animais e dava de comer às enguias arroz e pedaços de carne para obter dos espíritos a abundância da água, por seu intermédio⁵⁷.

- Os timorenses das regiões costeiras, de modo particular os que habitavam junto à foz das ribeiras prestavam culto ao crocodilo, levando oferendas e fazendo sacrifícios (*estilos*), como acontecia em Seiçal, concelho de Baucau e Bé-Malai, concelho de Maliana. Fenómeno semelhante ao que se passa com o crocodilo dá-se com o tubarão em Tutuala (Lospalos) e Ataúro.

⁵⁵*Ibidem*.

⁵⁶Cf. Menezes (2006) p. 102. O *liurai* Mesquita acolheu em sua casa como empregadas domésticas, duas senhoras acusadas de *buan*, para evitar que fossem mortas nas suas respectivas *cnuas*. Noutro caso, um grupo de crianças de Soibada, acusadas de *buan*, estavam destinadas à morte. O mestre Marçal solicitou a sua adopção ao *liurai* local e levou-as para Alas. Alguns ainda sobrevivem com os respectivos filhos e netos.

⁵⁷Cf. Menezes (2006), *op. cit.*, p. 94 e Almeida, António (1994), *O Oriente de Expressão Portuguesa*, p. 524 e ss. Contou-nos um descendente do *liurai* da Lariguto, Ossú, do concelho de Viqueque, incumbido pelo *dato-lulik* de alimentar a enguia da sua nascente *lulik* durante os *estilos*, que esta não aceitava qualquer tipo de bebida. Se lhe desse *tuaca* (bebida alcoólica, seiva de palmeira), a enguia rejeitava, vomitando-a; se, pelo contrário, lhe desse *tua-sabu* (aguardente timorense) a enguia mostrava a sua satisfação, nadando de um lado para outro, deitava-se de barriga para o ar, batendo as barbatanas.

- *Saún batar* é uma cerimónia que se realiza antes da colheita do milho, em propiciação dos espíritos da natureza, e que é realizada da seguinte forma.

O dono da casa *liçan* que é a maior e principal da aldeia vai, de manhã, à sua horta e traz de lá sete hastes de milho com as respectivas maçarocas e bandeiras. Coloca-as no bógus (altar circular feito de pedras soltas). Já se encontram presentes todos os membros da família. Os homens que se casaram com mulheres originárias desta casa – os *mane foun*⁵⁸ – levam cabras, galinha e arroz. É a participação obrigatória por parte do parentesco a que se chama *feto sá*⁵⁹ (recebedor de mulher). É dever do lado *imane* (dador de mulher) contribuir com um, dois ou mais porcos. Entretanto foram debulhadas e colocadas num cesto sete maçarocas de milho do ano anterior e, noutra, igual número que o dono colheu essa manhã. Ao anoitecer, o dono surge à porta da casa e diz: “*Milho velho, fora!*” Atira alguns grãos de milho para longe. A seguir ordena: “*Entra o milho novo!*” Um dos irmãos ou outro membro da família, deita do cesto do milho novo alguns grãos para dentro de casa, onde entram todos os presentes, levando as sete hastes trazidas da horta. Encostam-nas ao tabique que divide a casa ao meio. No centro do tabique, metidos num bambu fenestrado, estão os chifres das cabras mortas na mesma cerimónia, nos anos anteriores. Penduram neles algumas maçarocas. Na base do tabique foram colocados previamente alguns *lulik*, tais como uma espada, uma zagaia, uma pedra ou outro objecto. É-lhes oferecido milho novo juntamente com areca e o bétel. Depois de o *dato-lulik* ter besuntado a testa dos circunstantes com a areca e bétel que mascou, para os preservar de malefícios, já podem todos comer daquilo que trouxeram e que foi cozinhado enquanto decorria a cerimónia. Todavia, é proibido aos *umane* tocar em carne de porco no festim. Agora saboreiam todos pela primeira vez o milho novo, coisa que por nada fariam antes da cerimónia, e podem também proceder, sem receio à sua colheita⁶⁰.

⁵⁸*Mane foun*: de *mane* (homem) e *foun* (novo), propriamente traduzido por *genro*.

⁵⁹O *barlâque* (casamento gentílico timorense), mesmo só acordado, inicia entre as famílias contratantes (incluindo os simples afins de um lado e de outro) um parentesco designado pela expressão *feto-sá/umane*. A realização do casamento consumirá este parentesco, pelo qual os consanguíneos e os afins da mulher passam a ser *umane* do marido e de todos os seus consanguíneos e afins; por outro lado, este passam a ser *feto-sá* da mulher e de todos os seus. A partir daí os *parentes* passam a envolver-se num grande sentimento e obrigação de solidadriedade.

⁶⁰O ritual do *Saun Batar* foi descrito, verbalmente, por um sobrinho do *liurai* Mesquita (*tio Marito*) à mestranda no ano de 2001 em Díli, Timor. Esta encontrou, mais tarde, descrição muito idêntica no livro do Pe. Ezequel Enes Pascoal, *A Alma de Timor Vista na Sua Fantasia*, p. 91.

2.2.4.2. Ritos de fundação – consagração de uma casa timorense

Segundo estudos feitos por Ruy Cinatti (1987)⁶¹ na região tétum de Fohorém, concelho de Maliana, o momento canónico das cerimónias que precedem e finalizam a construção de uma casa, é o da declamação de um *dadolik* pelo *dato-lulik*. Trata-se de uma espécie de ode propiciatória em que se evocam os antepassados, se roga a protecção da Divindade Suprema (*Maromak*) e se vão expondo as dúvidas que surgem no processo de construção da casa, como se se interrogasse o modo de a realizar. Estas perguntas têm uma resposta que, no poema, se transforma em acção imediata. Assim se vão reconstituindo as fases fundamentais, desde o início, em que se colheram os materiais necessários, até ao remate da cobertura, tendo o trabalho um sentido de resposta eficiente de Deus (*Maromak*) à dúvida do Homem que quer realizar⁶².

Consagra-se a casa perante a assistência numerosa dos habitantes de um grupo de aldeias, quase todos ligados por laços de diversos graus de parentesco. Finda a declamação, sacrificam-se animais, lêem-se-lhes as entranhas, as oferendas sobem com o fumo das fogueiras, seguidas do pasmo silencioso da multidão. Perde-se a noção do tempo, vive-se na eternidade, assiste-se à criação do mundo naquela casa que se acaba de consagrar. Por fim o sacerdote termina: “*A boca emudece, a voz apaga-se*”. Dá-se, então, origem à festa profana.

2.2.4.3. O culto dos antepassados/ritos funerários

Os antepassados são venerados como fontes da vida. Foram eles quem comunicou aos actuais viventes não só a vida física, como a vida social que organizaram e legaram aos seus descendentes, as instituições, os costumes, as técnicas de agricultura, e que do outro mundo continuam a presidir aos destinos da família e a proteger os seus membros⁶³. Por isso estes lhes dirigem um culto muito especial.

O outro mundo, para onde o antepassado vai gozar o repouso definitivo, após a morte, localiza-se, segundo se crê, no cimo das duas montanhas mais elevadas de Timor⁶⁴: o *Mate Bian*⁶⁵, para os habitantes da zona leste, e o *Tata-Mai-Lau*⁶⁶ para os da

⁶¹Cf. *Arquitectura Timorense*, p. 211.

⁶²Ver a transcrição do referido *dadolik*, mantendo o ritmo original, no *Anexo I*.

⁶³Cf. Luís Thomaz (2008), *País dos Belos*, p. 386.

⁶⁴A orografia timorense é de grande importância na vida daquela terra, não só pela influência que exerce na meteorologia local, mas também pelas características que imprime na psicologia das populações, que fazem das montanhas o seu habitat preferido durante a vida e, após a morte, o lugar santo do repouso eterno. Cf. Pe. Artur Basílio de Sá, *Timor*, p. 6.

parte ocidental⁶⁷. Contudo a entrada nesse local de repouso só se dá com o estilo de *hacoi-mate* (segundo uns autores) ou *ahe-sae* (segundo Carmo), como descreveremos mais adiante, cuja realização só se efectua um ano ou mais após a morte, e de acordo com as posses dos seus descendentes e *feto-sá*. Antigamente o corpo só ia para o cemitério, depois da celebração deste *estilo*; até lá, permanecia enterrado junto de casa, numa sepultura provisória⁶⁸, ou ficava insepulto, de acordo com Menezes (2006)⁶⁹.

Durante o intervalo entre a morte e o estilo *hacoi-mate*, a alma pode habitar provisoriamente no cimo de outras montanhas – alguns acreditam que as almas devem passar, em regra, por sete montes ou colinas locais, vaguear no espaço, poisar nas árvores, manifestar-se no canto das corujas ou outras aves, ou aparecer mesmo sob a forma de animais⁷⁰. Assim, mesmo depois de enterrado, o morto reclamará aos seus herdeiros sacrifícios e bens, dos quais dependerá o seu *status* na vida extra-terrena, cabendo aos seus descendentes e *feto-sás* a satisfação de tal exigência. A falta de tal satisfação poderá causar doenças e contratempos nos faltosos, que só poderão ser superados mediante a realização de estilos e sacrifícios necessários para o contentar e aplacar a ira do defunto.

Assim, para que as almas não hesitassem e pudessem continuar sem vacilar na sua jornada além-túmulo, era preciso que nas cerimónias funerárias (*estilos*) fossem sacrificados animais, especialmente búfalos⁷¹, a fim de que se apresentassem, perante os parentes e amigos que os precederam, de cabeça levantada. Funerais de régulos e principais que não implicassem o abate de dezenas de búfalos, além de cabritos e frangos, eram considerados indignos e vexatórios para toda a população, o mesmo acontecendo com outros elementos da população em proporção com o seu *status* social⁷².

⁶⁵ Situado a oeste de Báguia, concelho de Baucau, sobe entre as nuvens até 2 316 metros de altitude. Cf. Felgas (1956), *Timor Português*, p. 46.

⁶⁶ O pico mais alto da cordilheira de Ramelau, situado quase a meio da ilha, com 2980 metros de altitude com o cume quase sempre envolto em nuvens. Cf. Felgas (1956), *ibidem*. Em dialecto mambáe *Tata Mai* significa avô e *Lau* significa pico, cume. Como este monte é o mais alto de Timor, os nativos resolveram considerá-lo o avô dos montes. Cf. Martinho, José Simões (1943), *Timor Quatro Séculos de Colonização Portuguesa*.

⁶⁷ Cf. Menezes, *op. cit.* p. 93.

⁶⁸ Cf. Carmo (1965), p. 65.

⁶⁹ Cf. Menezes (2006), p. 104.

⁷⁰ Cf. Menezes (2006), p. 93.

⁷¹ A relevância do búfalo na vida económica, social e religiosa era tal que o valor e o preço que lhe atribuem não podem ser avaliados apenas em motivações de carácter económico. É pelo número e tamanho dos chifres de búfalos abatidos nos ritos funerários e colocados nos postes rituais, junto dos cemitérios, *uma lulik*, ou das próprias habitações que se avalia o prestígio e o status dos mortos e dos vivos. Cf. Menezes, (2006), p. 105.

⁷² Cf. Menezes (2006), p. 104.

Crê-se, por exemplo, na zona de Lautém, segundo descreve o Pe. José B. Rodrigues (1962)⁷³, que quando as almas vêm chegar outra, vão ao seu encontro e a primeira coisa que observam é o acompanhamento com que a recém-chegada se apresenta. Se leva muitas vítimas imoladas, as almas dos ricos dizem: “*Deve ser alguém da nossa família*”.

A valorização de certos bens na sociedade tradicional timorense não se fazia, portanto, apenas em função das utilidades e interesses materiais imediatos. Esses bens podiam ter mesmo importância após a morte, porque o *status* que um indivíduo teve em vida reflectir-se-ia na sua jornada extra-terrena. Daí a necessidade do abate de búfalos como já foi referido, também de cavalos e, em certas regiões, dos escravos preferidos dos nobres e abastados, para que as suas forças vitais seguissem com a força vital do morto nas suas viagens para o Além,⁷⁴ bem como espadas, certas jóias, panos e outras peças de vestuário consideradas valiosas⁷⁵.

O culto prestado aos antepassados assumia, em regra, carácter personalizado até três gerações. Ultrapassado este limite, os antepassados (*mate bian*) passavam a ser considerados míticos. À medida que aumentava a sublimação com o passar do tempo, podiam ser confundidos com os espíritos míticos e outros espíritos da natureza. Para se evitar esta confusão, guardava-se os artigos de uso pessoal que lhes tinham pertencido - catanas, espadas de guerra, zagaias, e outros - para ritos familiares em casa, e quando os seus donos tinham sido importantes, na própria *uma lulik*. Com o tempo, à medida que se dava a sublimação, os referidos artigos serão considerados *lulik*⁷⁶.

Para melhor ilustração do que foi dito, faremos menção da sequência de *estilos* que se realizam após a morte de um indivíduo. Cita-se aqui o exemplo da zona *mambáe*, baseado nos estudos realizados por Carmo (1965)⁷⁷: primeiro, porque os ritos variam de região para região; segundo porque o tema principal desta dissertação – a transição da religião tradicional para o cristianismo – diz respeito a uma região *mambáe*.

Morte e enterro – Para a realização de um enterro, por via de regra devem comparecer todos os membros da família que puderem, numa notável solidariedade e espírito comunitário. Os *umanes* trazem, em geral dinheiro, enquanto aos *fetosá* cabe trazer porcos, leitões, cabritos, segundo o que lhes for destinado pelo chefe da família; o tio ou o avô do morto deve fornecer os panos que servirão de mortalha. A ocasião é

⁷³Cf. *O Rei de Nári – Histórias, Tradições e Lendas de Timor*, p. 107-178.

⁷⁴O sacrifício dos escravos só era praticado em certas regiões de Timor.

⁷⁵Cf. Menezes (2006), p. 94.

⁷⁶*Ibidem*.

⁷⁷Cf. *O Povo Mambai*, p. 63.

aproveitada para fechar negócios, fazer transacções e comer. Passados as vinte e quatro horas sobre a morte (actualmente, por imposição da lei), o corpo é introduzido no caixão que é feito na ocasião, transportado aos ombros de quatro membros da família e acompanhado por todos para o cemitério familiar.

Antigamente, o compasso de espera entre a morte e o enterro podia ser de um ano ou mais, pois só se enterrava o cadáver quando toda a família estivesse reunida. Entretanto, era colocado numa cabana improvisada e ali ficava a decompor-se e a cheirar mal, até que toda a parentela tivesse aparecido.

Rito do Taca-Rate /Hacoi Mate - Uma semana depois do enterro, procede-se ao *estilo* chamado *taca-rate* (fechar o túmulo) ou *hacoi-mate* (enterrar o morto), que consiste fundamentalmente no abate de um animal, cujos chifres são colocados sobre a campa. Destina-se isto a que a alma do animal acompanhe a do falecido, para prover à sua subsistência noutra vida⁷⁸.

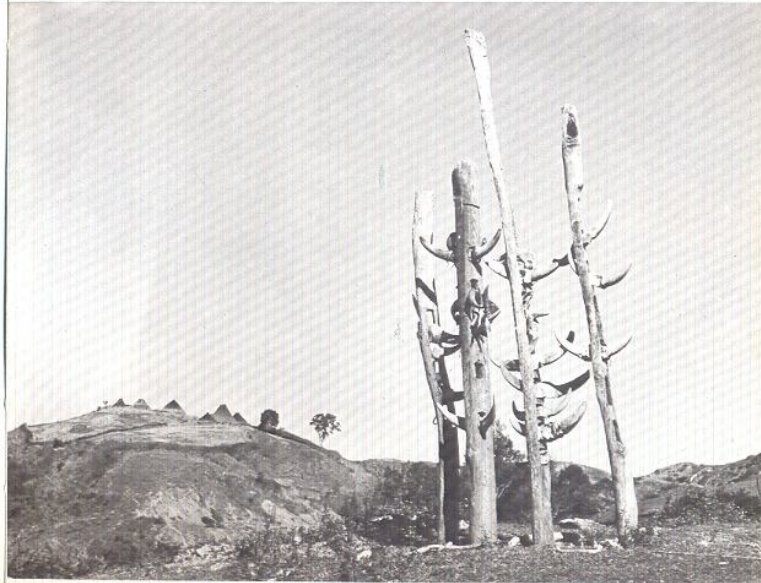
*Rito do Ahe-Sae*⁷⁹ - Um ano ou mais depois, conforme as posses da família, realiza-se o grande estilo do *ahe-sae*, cuja finalidade é permitir ao morto uma digna ascensão aos cumes do Tata-Mai-Lau, onde vivem as almas dos mortos (*ahe* - rosto, *cara*; *sae* - para cima)⁸⁰. A primeira cerimónia consiste na colocação na casa *lulik* da família do morto de alguns objectos que o representem (o nativo crê que o espírito do morto está de facto ali, como que preso aos objectos que lhe pertenceram). Neste estilo, que leva meses a preparar, reúnem-se todos os membros da família e convidados, e por vezes mesmo de outras famílias, pois não é raro aproveitarem o mesmo *estilo* por intenção de vários mortos. A festa propriamente dita dura semanas, durante as quais se canta, dança, e sobretudo se come. É por isso que este estilo se executa muitas vezes só uns poucos de anos depois da morte do indivíduo, pois fica muito dispendioso, chegando até a família a arruinar-se para o fazer. Terminadas as comemorações, vão à casa *lulik* buscar os objectos que lá haviam colocado e enterram-nos solenemente no cemitério, junto da respectiva sepultura. Sobre esta e na mesma ocasião é erguido um poste onde são colocados os chifres dos animais abatidos no *ahe-sae*, com a mesma intenção que já acima apontamos no *hacoi mate*. Quanto maior for o número de animais abatidos, melhor acompanhado irá o morto (fig. 2).

⁷⁸Cf. *O Povo Mambáe*, p. 64.

⁷⁹Note-se que todos os outros autores consultados designam este rito por *hacói-mate* ou *taca-rate* – o principal rito funerário praticado outrora.

⁸⁰ Na descrição destes quatro últimos ritos funerários baseámo-nos na obra citada de António Carmo, que empreendeu para isso uma pesquisa na região mambáe, Ermera.

Figura 2: Poste onde são colocados chifres de animais abatidos no rito do *ahe-sae*



Fonte: *Motivos Artísticos Timorenses e sua Integração* – Ruy Cinatti (p. 51).

Rito do Ahe-Du - O terceiro e último estilo a que o morto tem direito é o *ahe-du* (*ahe*, cara + *du*, para baixo), depois do qual o morto desce da montanha e vai para junto do mar, transformando-se numa ave chamada *tirlol* ou *casset*. Não se trata propriamente de transmigração, surgindo antes como uma prova da hesitação da alma na sua caminhada e das solicitações dos vivos. É que quando os mambáes vêem a avezinha aproximar-se da casa, poisando nela ou em árvores vizinhas, dizem que é a alma de um dos seus antepassados que veio lembrar que são precisos mais ritos e sacrifícios para o seu descanso⁸¹.

Em conclusão deste sub-capítulo, pode-se afirmar que, em linhas gerais, o mundo sobrenatural do timorense configura-se numa pirâmide, no vértice do qual está *Maromak* e na base os *matebian* (avós, espíritos dos antepassados), situando-se entre estes e *Maromak* os génios ou espíritos tutelares, que se consideram neste sistema divindades menores, os *lulik*.

Um dos factores muito importantes que facilitou a acção dos missionários em Timor foi o monoteísmo local, a crença num Deus único (*Maromak*, *Fi-da'e-coro* ou *Hira-Hebana*), embora vago e distante e a quem não se prestava, directamente, culto. Os Missionários adoptaram a palavra *Maromak* para designar o Deus Cristão⁸² e cuidaram de levar os timorenses ao culto directo a *Maromak*, sem passar pelo culto dos

⁸¹Cf. Menezes (2006), p. 93.

⁸²Cf. *Dicionário de Português-Tétum* do Pe. Sebastião Silva, citado por Pinto Corrêa em *Gentio Timor*, p. 315.

antepassados (*matebian*) e dos espíritos da natureza (*lulik*). Os timorenses, por sua vez, atribuíram aos sacerdotes católicos o título atribuído ao mais alto representante do seu culto animista, *nai-lulik* (senhor sagrado)⁸³.

Outro factor a considerar, tirando o carácter mágico ou supersticioso de certas práticas rituais, era que a religião tradicional não oferecia nada de radicalmente incompatível com o cristianismo. O animismo timorense não ofereceu, por isso, uma resistência organizada à cristianização; correlativamente, os missionários raramente o hostilizaram em bloco, de uma forma frontal, preferindo tolerar certas práticas e cristianizar as demais⁸⁴. Assim, por exemplo, o rito funerário de *taka/rate* ou *hacóimate* foi substituído pela missa de 7º dia, mais conhecido tradicionalmente, por *ai-funan moruk* (*ai-funan* significa flor ou flores, *móruk* significa amargo). Assim no 7º dia de falecimento, os familiares e amigos ou todos aqueles que participaram no funeral, dirigem-se ao cemitério para colocar coroas de flores na campa, substituindo as do funeral, ao que se segue uma missa nas zonas onde há sacerdotes. Tudo termina com uma confraternização e um almoço ou jantar (partilhados) oferecido pela família como sinal de gratidão por todos os que se dignaram solidarizar-se com a família no funeral e em homenagem ao falecido, e o diálogo prolonga-se pela noite dentro⁸⁵. O rito de *ahe-sae* foi substituído pelo *core-metan* (desluto), *core* (desatar) e *metan* (preto, luto). Neste cerimonial a família manda, normalmente, rezar missa pela alma do defunto (um ano após o falecimento), e leva flores para a sua campa. No fim, faz-se uma grande festa em casa à qual acorrem os parentes da praxe, incluindo os que não são cristãos. É hábito, na ocasião, organizar-se à noite um baile no qual não faltam tocadores com instrumentos localmente fabricados⁸⁶.

Numa entrevista dada em Janeiro de 1992, após a sua resignação de primeiro bispo da Diocese de Díli, D. Jaime Goulart afirma que: “A parcela de cristianismo na religião de Timor é muito grande. Todas as religiões têm uma parcela de verdade e a de Timor – o animismo – é quase um cristianismo. O timorense era cristão por natureza”⁸⁷.

⁸³Cf. Cinatti, Ruy, *Motivos Artísticos Timorenses...*, p.184.

⁸⁴Cf. Thomaz, *Luís Filipe*, O País dos Belos, p. 387.

⁸⁵Este cerimonial continua a fazer parte da praxe dos timorenses da diáspora portuguesa e australiana. Por ocasião do falecimento do meu avô materno, em 1988, compareceram cerca de 300 pessoas no Vale de Amor; quando faleceu o meu tio materno em Melbourne (Austrália), em 2008, juntaram-se cerca de 500 pessoas.

⁸⁶Cf. Menezes (2006), p. 204.

⁸⁷*Textos de D. Jaime Garcia Goulart* (1999), p. 215.

SEGUNDO CAPÍTULO

ESBOÇO HISTÓRICO DAS MISSÕES EM TIMOR

Pelos annos de 1641, em huma noite, em Ceo claro, e sereno, appareceo, e se vio huma Cruz grande, e resplandecente, que tendo o pé sobre a ilha de Timor, inclinava o mais corpo para o Norte. Virão-na claramente, assim os Christãos, [...] como todos os Gentios da terra, com admiração commua. Seguirão-se os effeitos milagrosos, que promettia a causa; porque em breve tempo se virão alistados debaixo d'aquella sagrada bandeira muitos Reis, e Potentados da mesma ilha.

Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, IV, Cap. V, p.121

O descobrimento de Timor realizou-se pouco tempo depois da conquista de Malaca por Afonso de Albuquerque, em 1511. Sendo o sândalo odorífero de Timor tão disputado pela Índia e pela China, os mercadores portugueses estabelecidos em Goa, Malaca e Macau estavam em boas condições para serem os seus distribuidores. Apesar de tudo, não se estabeleceram logo em Timor, pois outras ilhas maiores concentravam mais a atenção dos portugueses, tanto do ponto de vista comercial como missionário. A documentação existente diz-nos que as primeiras conversões ao cristianismo, em Timor, ficaram a dever-se a portugueses leigos, nomeadamente um João Soarez, estabelecidos em Solor, onde se ancoravam os barcos que carregavam sândalo das praias de Timor⁸⁸. Entre os novos cristãos contou-se o rei da ilha, e os seus *principais*. Segundo António da Silva Rego, (1956) tal rei teria pedido, em 1561, missionários aos Jesuítas de Malaca, mas não pôde ser atendido⁸⁹.

Tal como nas Molucas, também nos mares de Timor, o missionário seguiu o mercador. Foi assim que, segundo a tradição, um Pe. António Taveira, um dos primeiros, senão primeiro missionário, teria passado para Timor⁹⁰ em 1516, na nau de um mercador, tendo baptizado cerca de cinco mil almas⁹¹. Discute-se ainda hoje sobre a família religiosa a que pertenceriam os primeiros missionários de Timor: franciscanos, dominicanos?⁹² Deixando de parte a família religiosa a que pertenceram os primeiros missionários, não há dúvida de que o mérito da evangelização sistemática pertenceu aos dominicanos, que intensificaram a partir de 1630 os seus esforços, tendo enviado para

⁸⁸Carta do Pe. Jesuíta Baltasar Diaz, de 3 de Dezembro de de 1559, citado por Artur Sá, *op. cit.* p. 260.

⁸⁹Cf. *Curso de Missionologia*, p. 565.

⁹⁰Cf. *Ibidem*.

⁹¹Cf. Menezes (2006), p. 122.

⁹²Cf. Silva Rego (1956), p. 565.

Timor quatro missionários, entre os quais Frei António de S. Jacinto, superior e Frei Cristóvão Rangel⁹³.

Como os timorenses afirmam com muito orgulho, Timor foi conquistado pela cruz e pela água e o sal (alusão ao rito baptismal) e não pela força das armas, e a chegada do primeiro missionário à ilha ficou para sempre registada na literatura oral dos nativos⁹⁴. Os seus reis (*liurais*), os primeiros a fazerem-se vassallos de Portugal, fizeram-no voluntariamente, atraídos pelas boas palavras dos padres de S. Domingos e pelos importantes benefícios que deles receberam. A estes, outros se foram juntando, e todos viram os seus povos tratados com humanidade e sem preconceitos de raça⁹⁵. Assim, a primeira fase da expansão portuguesa foi exclusivamente missionária, de modo que historiar a evolução dos contactos dos primeiros três séculos, é quase relatar a história missionária da ilha⁹⁶.

Baseados na obra do Pe. Abílio José Fernandes (1931)⁹⁷, poder-se-ia dividir a missiões de Timor, no período de 1500 a 1931, em quatro fases, a que acrescentaremos neste trabalho uma quinta de 1931 a 1975, ano do fim do reinado do Liurai Mesquita, personagem principal da transição de Remexio para o cristianismo.

1. Primeiro período (1500-1834)

Na sua acção missionária, os frades dominicanos, começavam sempre pela evangelização/catequese e conseqüente baptismo do rei (*liurai*), sabendo que os principais do reino seguir-lhe-iam o exemplo e logo todo o povo. Construía-se então igrejas e assinava-se um contrato em que se tornavam vassallos do rei de Portugal, obrigando-se a certos encargos, em troca da protecção dos portugueses contra os ataques dos reinos vizinhos⁹⁸. Não havendo em Timor nem capitães nem soldados, mas apenas mercadores e marinheiros, talvez por esse motivo os dominicanos resolveram adoptar métodos místicos de apostolado e de fixação política. Armaram os cristãos, treinaram-nos na luta defensiva, capitanearam-nos eles próprios quando atacados, e

⁹³Cf. Menezes (2006), *ibidem*.

⁹⁴Ver, por exemplo: Sá, *Artur Basílio, Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, lenda 6ª, p. 90, cujo reconto foi feito pelos mestres timorenses Marçal de Andrade e Paulo Quintão.

⁹⁵Cf. Humberto Leitão (1952), *Vinte e oito anos de História de Timor (1698-1725)*, p. VIII (prefácio).

⁹⁶Cf. Menezes (2006), p. 122.

⁹⁷*Missões de Timor*, p. 77.

⁹⁸Cf. Castro, Afonso (1867), p. 46. Cf. também, *História de S. Domingos*, por Frei Lucas de Santa Catarina, liv. 4, cp. 5º., p. 672.

foram criando a pouco e pouco um sentimento de unidade baseado no cristianismo, capaz de resistir quer aos ocasionais ataques dos muçulmanos quer dos holandeses. Assim o fizeram em Solor e Larantuca e em Timor⁹⁹, nos reinos de Silaban, Mena, Manubão, Servião e Lifau, todos pertencentes hoje ao Timor Indonésio, com a excepção de Lifau. Só com Wé-Hali aconteceu, de acordo com Geoffrey C. Gunn (1999)¹⁰⁰, aquilo que pode ser considerada a primeira conquista armada de Timor. Conta-se que, devido à oposição movida por certo número de reinos, influenciados pela corrente do Islão, os portugueses foram obrigados a destacar forças de Larantuca para Mena. Comandado por Francisco Fernandes, sob as determinações do Visitador e comissário Geral das cristandades da Malásia, Frei Lucas da Cruz, a força portuguesa travou combate com um exército do *liurai* de Wé-Hali, junto de um rio situado no perímetro do reino de Mena. A derrota dos Wé-Hali em 1642 trouxe também a conversão de um certo número de *liurais* e seus seguidores¹⁰¹. Depois de atendidas as necessidades materiais, o vigário visitador tratou logo das espirituais, mandando os religiosos que o acompanhavam para diferentes reinos, com o fim de continuarem a catequese, ministrarem sacramentos aos convertidos e levantarem igrejas¹⁰².

Nos dois primeiros séculos, os dominicanos exerciam, simultaneamente, uma acção religiosa e política. Segundo Afonso de Castro (1867)¹⁰³, o vigário visitador era o capitão, o juiz, o administrador, era tudo. A eles Portugal deve a sua influência nestas longínquas paragens¹⁰⁴.

A pedido dos próprios dominicanos, o rei de Portugal, D. Pedro II enviou a Timor o seu primeiro representante, Governador António Coelho Guerreiro, em 1701¹⁰⁵. Assim, evangelizada a região de Sorvião e entregues os poderes temporais ao primeiro governador de Timor, os missionários começaram a evangelizar a região dos Belos. Dividiram-se em dois grupos. Seguindo uns para a Costa Norte, evangelizaram Batugadé, Maubara, Díli, Lacló, Manatuto, Laleia e Baucau, enquanto o outro grupo fundava na Costa Sul as cristandades de Suai, Bibisuso, Barique, Viqueque e Luca¹⁰⁶.

⁹⁹Cf. Castro, *op. cit.*, p. XVII.

¹⁰⁰*Timor Loro Sae: 500 anos*, p.82.

¹⁰¹Cf. Gunn, p. 82, e Castro, *op.cit.*, p.32 e ss. A derrota de Wé-Hali deve-se à superioridade do armamento dos portugueses. Enquanto que estes manuseavam armas de fogo, os nativos utilizavam lanças e azagaias.

¹⁰²Cf. Castro, *op. cit.* p. 34.

¹⁰³Cf. Castro, *op.cit.* p.XVI.

¹⁰⁴Cf. Silva Rego, *op. cit.* p. 566.

¹⁰⁵Cf. Castro, *op. cit.*, p. XVI.

¹⁰⁶ Cf. Fernandes, A. J., *Missões de Timor*, p. 32 e Menezes, F.X. *Encontro de Culturas...*, p.123.

Cada cristandade era um centro de irradiação cultural. A instrução seguia em pé de igualdade a fé. O catecumenato transformava-se em escola e vice-versa. A instrução, porém, era reservada para filhos dos reis e chefes principais.

Os seminários de Lifau e Manatuto devem ter contribuído para elevar o nível cultural da classe dirigente de Timor. Tanto é que, segundo constata Luís Filipe Thomaz (2008)¹⁰⁷, quando em 1772 o comandante de um navio francês, François-Etienne de Rosily, visitou Timor, notou que: a ilha, dividida em 30 pequenos reinos, obedecendo cada um ao seu rei, tinha um missionário por reino e dois, nos grandes; todos os chefes eram cristãos e católicos, e uma boa parte dos habitantes também; havia igrejas em todas as aldeias da costa; conheceu ainda uns chefes muito sensatos, espirituais, engenhosos, sinceros e de boa fé, entre os quais um que lhe pareceu muito versado em história da Europa.

Contudo, os frades, habituados ao exercício da autoridade, não a largaram facilmente, mesmo depois de passar o poder temporal às autoridades civis. Conhecendo os seus cristãos, defendiam-nos contra as incompreensões dos capitães e dos mercadores, envolvendo-se em questões nada apostólicas e eclesiásticas. Por seu lado estes (capitães e mercadores) tomavam ares de onnipotente arrogância. O choque entre uns e outros era inevitável¹⁰⁸. Assim, embora a Igreja fosse uma instituição que deixaria futuramente uma marca indelével na identidade timorense¹⁰⁹, as autoridades eclesiásticas da época promoveram a desordem entre os portugueses¹¹⁰, enfraquecendo o governo e facilitava aos naturais planos de revolta, como o pacto de Camenace, por exemplo, em 1719¹¹¹. Não obstante, as rebeliões que ali estalaram contra o governo português não foram nunca sufocadas senão pelos indígenas¹¹².

Com a expulsão das Ordens Religiosas de Portugal e das províncias ultramarinas, em 1834, os dominicanos viram-se obrigados a abandonar Timor.

¹⁰⁷ *País do Belos*, p. 405.

¹⁰⁸ Cf. Silva Rego (1956), p. 567.

¹⁰⁹ Cf. Gunn, *op. cit.* p. 145.

¹¹⁰ Veja-se alguns exemplos desses atritos entre bispos e governadores em Luís Thomaz (2008), *País dos Belos*, p. 403; Sá, Artur Basílio (1949), *A Planta do Cailaco*, p. 20 e Mau-Bere-Kohe (2011), *Adeus Timor*, p. 140.

¹¹¹ Cf. Castro (1867), p. 56.

¹¹² Thomaz, Luís Filipe, *op. cit.*, p. 402.

2. Segundo período (1834-1877)

Após um tempo de abandono, as Missões de Timor passaram a ser confiadas a sacerdotes seculares enviados pela Arquidiocese de Goa. Com a exceção do padre goês, Luís Xavier de Mesquita, que muito se distinguiu como superior da Missão e mereceu ser agraciado pelo Rei de Portugal “*pelos louváveis serviços prestados à Igreja e ao Estado*”¹¹³, os padres goeses criaram em Timor um estado deplorável nas missões católicas. Com o escasso número de sacerdotes, com o isolamento num meio inteiramente adverso e sobretudo com a privação de uma direcção e vigilância religiosa, bem cedo perderam o fervor que a princípio os animava. Assim, do desânimo ao desinteresse, do desinteresse à tolerância de práticas pouco cristãs, ao esquecimento da própria dignidade, foram passos a que facilmente se viram arrastados padres nas circunstâncias em que se encontravam os de Timor¹¹⁴. Os costumes que eles introduziram, a facilidade com que baptizaram os adultos, sem que ao menos lhes ensinassem o sinal da cruz, transformaram-se em verdadeiros obstáculos à acção do Pe. Medeiros e dos seus companheiros, vendo-se aquele zeloso visitador na necessidade de enviar os padres goeses de volta para a Índia¹¹⁵.

3. Terceiro período (1877-1910) – reorganização das Missões

3.1. Acção pastoral

A bula *Universis Ecclesiis*, de Pio IX, de 15 de Junho de 1874, determinou a passagem da parte portuguesa da ilha de Timor da arquidiocese de Goa à diocese de Macau. No ano seguinte, o bispo de Macau enviou a Timor, como visitador, o Pe. António Joaquim Medeiros que depois de percorrer o território e verificar o estado lastimoso em que se encontravam as missões (Fernandes, 1931), apresentou ao bispado de Macau o seguinte relatório: havia apenas sete lugares com igreja – Díli, Motael, Manatuto, Laleia, Viqueque, Batugadé e Oecussi; só as igrejas de Motael, Batugadé, Oecussi e Laleia podiam estar abertos ao público, pois as outras estavam arruinadas; quanto à habitação, havia apenas a de Manatuto, sendo os missionários obrigados a viver em choupanas; os cristãos contentavam-se com o baptismo e não iam à missa;

¹¹³*Diário de Governo*, 8 de Junho de 1874, citado pelo Pe. Abílio Fernandes em *Missões de Timor*, p.36.

¹¹⁴Cf. *Textos de D. Jaime Garcia Goulart*, p. 140.

¹¹⁵Cf. Fernandes, Abílio (1931), p. 77.

subsistiam as devoções da Semana Santa, Natal e Dias dos Fiéis Defuntos; as mulheres reuniam-se em casa umas das outras para a recitação do rosário, mas terminavam muitas vezes por se embriagar; não havia termos de batismos, matrimónios e falecimentos antes de 1866¹¹⁶.

Encontrando como verdadeiras causas deste estado lamentável da missão, as razões apontadas no período anterior, o Pe. Medeiros entendeu substituir os padres goeses por outros, em melhores condições¹¹⁷ e em maior número, e difundir a instrução não só catequética, mas também literária, por meio de escolas e colégios¹¹⁸.

Em 1877, foi nomeado ele mesmo vigário geral da Missão. Levou consigo, sete missionários do Colégio das Missões de Cernache do Bom Jardim. Criou seis missões centrais (Díli, Batugadé, Ocussi, Manatuto e Costa Sul) e cobriu por meio de visitas e missões sucursais, todo o território timorense. Coadjuvado por estes sacerdotes e depois também por três Jesuítas, o Pe. Medeiros empreendeu uma obra notabilíssima de evangelização e promoção cultural dos timorenses¹¹⁹. Abriu-se, assim, um novo capítulo da história das missões de Timor.

Traçou ainda aos sacerdotes normas de acção e impôs-lhes deveres como: o cumprimento das disposições contidas nos estatutos regulamentares do seminário de Cernache do Bom Jardim e o envio anual de relatórios de suas actividades missionárias; o estudo das línguas nativas; e a educação da mocidade, influenciando os régulos a enviar os meninos às escolas das Missões¹²⁰.

3.2. Promoção do desenvolvimento pela educação

Durante toda a missionação dominicana em Timor, não havia naquela província ultramarina outro ensino além do que se ministrava nos seminários de Ocussi e Manatuto. É possível que houvesse também escolas paroquiais, mas não se sabe muito sobre elas.

¹¹⁶Cf. Siva Rego, *op. cit.* p.567.

¹¹⁷Quis o Pe. Medeiros, não só evitar escândalos públicos, mas, mais ainda, estabelecer a unidade do clero.

¹¹⁸Cf. *Textos de D. Jaime Goulart*, p. 150.

¹¹⁹Cf. Duarte, J.B., *Em Terras de Timor*, Lisboa, 1987, p. 9.

¹²⁰Cf. Goulart, D. Jaime Garcia, *op. cit.* p.158. Como exemplo: o mestre Marçal foi um dos meninos apresentados pelo liurai D. Carlos Borromeu à Escola da Missão de Alas; o Dr. Francisco Xavier do Amaral, natural de Ciamauc-Kik, foi enviado pelo liurai Mesquita ao colégio de Soibada, e cursou mais tarde Teologia no Seminário de S. José de Macau.

Consciente da importância da instrução, o Pe. Medeiros propôs-se abrir “*escolas e tantas quantas os missionários pudessem dirigir*”, partindo do princípio de que a instrução facilita a evangelização e eleva o nível social do indígena, fazendo deles homens conscientes dos deveres e direitos, e não simples vassalos da coroa portuguesa pelo pagamento de fintas¹²¹. Por isso, além da que funcionava em Díli, abriu escolas em Manatuto, Lacluta, Oecussi e Batugadé¹²².

Consciente da influência positiva que os filhos dos régulos teriam sobre os seus povos se fossem bem-educados, abriu em Lahane (Díli) um colégio interno de alunos, onde acorreram e começaram logo a ser educados gratuitamente os filhos de régulos e chefes principais¹²³.

Criou também, em Díli, um colégio interno para a educação da mulher timorense, que ficou a cargo de Irmãs Canossianas vindas de Macau, para o qual teve o apoio do Governador, Hugo de Lacerda. Vinham meninas de todas as partes da ilha, sobretudo filhas dos régulos e chefes principais¹²⁴. Ensinava-se-lhes português, costura, música e piano¹²⁵. Sem se desligarem totalmente da sua cultura tradicional e vencida a relutância inicial, as jovens da alta sociedade timorense passaram a ter uma preparação geral que lhes permitia constituir o alicerce duma sociedade de tipo simbiótico¹²⁶. Era tão grande o número de candidatas que foi necessário abrir mais uma escola no bairro de Bidau, só para externas, dirigida pelas mesmas Irmãs.

A insistência do Pe. Medeiros na criação de colégios para ambos os sexos foi de capital importância, pois foi dos colégios que saíram os futuros chefes da família, com os quais se iriam constituir lares verdadeiramente cristãos, pois a família timorense, na época, não se encontrava em estado de poder ser um agente de educação¹²⁷.

3.3. Ensinando a trabalhar

Já bispo de Macau, mas sempre atento às suas queridas missões de Timor, D. António Medeiros implanta em Dare, a 7 km de Díli, e a 400 metros de altitude, um posto experimental agrícola, denominado *Quinta de Vila Dare*, especialmente de

¹²¹ Cf. *Textos de D. Jaime Garcia Goular.*, p. 152-153.

¹²² Cf. Fernandes, *op. cit.*, p. 39 e Teixeira, M., *Macau e a sua Diocese*, p. 416-417.

¹²³ Cf. a lista de liurais (*Anexo I*) e também, Teixeira, M., *op. cit.*, p. 410.

¹²⁴ Cf. Fernandes, *op. cit.* P. 40.

¹²⁵ Duarte, Jorge Barros, *Em Terras de Timor*, Lisboa, 1987, p. 9.

¹²⁶ Menezes, Francisco, 2006, *Encontro de Culturas em Timor-Leste*, p. 194.

¹²⁷ Cf. *Textos de D. Jaime Garcia Goulart*, p. 152.

arboricultura, onde se cultivava café, cacau, canela, árvores de fruta e plantas de ornamentação importadas principalmente de Portugal, Japão, China, Austrália e Malásia, e uma secção de plantas medicinais nativas¹²⁸.

O Regulamento do Posto, redigido pelo próprio bispo, estabelecia que os alunos, principalmente os mais adiantados da Missão de *Lahane*, trabalhassem quatro horas diárias. Proporcionavam-se-lhes pequenos tratados de agricultura geral e da agricultura especial do seu país, desde a sementeira à colheita, e só se distribuía as plantas aos alunos quando estes tivessem dado provas de as saberem tratar¹²⁹.

A Missão planeou ainda a construção de um edifício em Suro, para escola experimental agrícola como a de *Dare*, e outras em *Viqueque*, *Lautém* e na circunscrição civil de Baucau, com o objectivo de inculcar o hábito do trabalho¹³⁰.

O Pe. Sebastião Aparício da Silva, entusiasmado pelo zelo de D. António Medeiros, criou na missão de Soibada, da qual era superior, um centro florescente de cristandade, com igreja e colégio interno para rapazes. Este, para além da instrução literária, iniciava nos ofícios de pedreiro e carpinteiro. Outro para meninas, confiado a religiosas Canossianas, para além da instrução literária, ensinava tecelagem, labores e música. Abriu também uma olaria e uma fábrica de sabão, que funcionou até 1910¹³¹.

Os dois colégios, construídos em 1898, com a ajuda do *liurai* de Samoro D. André Doutel Sarmiento, foram durante longos anos, segundo Luís Thomaz (2008), "o único ponto branco de civilização e cultura no vasto oceano da barbárie geral, e formaram desde os tempos remotos da sua fundação a elite cultural de Timor"¹³².

Depois de uma vida infatigavelmente dedicada às missões de Timor e de ter merecido uma grande gratidão do Governo de Portugal, que tanto honrou, D. António Joaquim de Medeiros faleceu em Lahane no dia 7 de Janeiro de 1897 e os seus restos mortais ficaram sepultados debaixo da arcada da igreja de Díli¹³³.

É de destacar ainda neste período: a publicação de um *Dicionário Português-Tétum* e um *Catecismo Tétum*, pelo Pe. Sebastião Maria Aparício da Silva, S.J.; a edição do *Dicionário Português-Galóli*, a tradução dos *Evangelho das Domingas do Ano* para galóli e um catecismo na mesma língua, pelo Pe. Manuel Maria Alves da Silva, pároco de Díli, missionário de Manatuto; a redacção e tradução de trabalhos, uns

¹²⁸Cf. Fernandes (1931) p. 49-52.

¹²⁹*Ibidem*.

¹³⁰Cf. Fernandes, *op. cit.*, p. 54.

¹³¹Cf. Mons. Barros Duarte, *op. cit.*, p. 10.

¹³²Cf. *País dos Belos*, pp. 44, 45.

¹³³Cf. Fernandes, *op. cit.* p. 55.

impressos (um catecismo e uma história sagrada em tétum) e uns manuscritos (homilias dos domingos e festas do ano, Mês de Maria e Mês do Coração de Jesus e outros), pelo Pe. Manuel Fernandes Ferreira S.J.; um observatório aberto dirigido pelo Pe. Serafim Nazareth S.J., em Soibada¹³⁴.

Pode-se concluir daqui que os Missionários cumpriram, em Timor, o seu papel de promotores do desenvolvimento humano, com as suas escolas, explorações agrícolas experimentais¹³⁵, e introduziram com a mensagem evangélica, uma força espiritual libertadora na cultura local¹³⁶.

D. António Joaquim de Medeiros foi substituído por D. José Manuel de Carvalho, que dividiu Timor em dois Vicariatos Gerais: o do Norte, com residência em Lahane, abrangendo Oecussi, Batugadé, Maubara, Liquiçá, Lacló, Manatuto, Laleia, Vemasse e Baucau; e o do sul, com residência em Soibada, no reino de Samoro, abrangendo Bobonaro, Suro, Manufahi, Ermera, Alas, Dótic, Barique, Luca, Viqueque e Laclúbar.

A ordem da expulsão de Religiosos, pelo Decreto do Governo Provisório da República, em 1910, pôs fim a esta 3ª fase de missionação¹³⁷.

4. Quarto período (1910 – 1931)

A D. João Paulino de Azevedo e Castro, falecido em 1917, sucedeu D. José da Costa Nunes, ordenado bispo de Macau em 20 de Novembro de 1921. Em 1924, empreendeu uma visita apostólica a Timor. Percorreu-a a cavalo, por montes e vales, viu e auscultou com zelo e carinho, cativou o ânimo de todos os missionários com a sua forma de ser e de estar e de regresso à Missão de Lahane, aí traçou o seu plano pastoral para o território¹³⁸.

4.1. Restauração de colégios e escolas

D. José restaurou dois colégios: o de S. José em Díli e o da Imaculada Conceição em Soibada, novamente entregues à direcção das Religiosas Canossianas, que haviam

¹³⁴Cf. Fernandes, *op. cit.*, pp. 56, 57.

¹³⁵Cf. João Paulo II (1989), *Redemptoris Missio*, 58.

¹³⁶Cf. *ibidem*, 59.

¹³⁷Cf. Fernandes, *op. cit.*, p.56.

¹³⁸Cf. Mons. Barros Duarte, *Em Terras de Timor*, p. 13.

regressado a Timor em 1923. Abriu o colégio de Santo António, internato destinado a filhos de europeus que, residindo no interior, lutavam com dificuldades para a educação dos filhos. A Escola de Artes e Ofícios, fechada havia mais de 38 anos, começou a funcionar com as oficinas de carpintaria, alfaiataria e sapataria e, pouco depois, ressurgia o colégio de meninas em Manatuto, dirigido também por Religiosas Canossianas.

4.2. Escola de Professores-Catequistas

O ensino estava confiado às Missões Católicas, mas verificou-se que os sacerdotes eram poucos para exercerem, ao mesmo tempo, o seu múnus sacerdotal e o ensino. D. José pensou então em formar mestres timorenses, que, tanto quanto possível, substituíssem o missionário na escola e na catequese. Assim, na escola destinada outrora à formação de filhos de régulos, na Missão Central de Lahane, D. José criou, em 1924, a Escola de S. Francisco Xavier de professores-catequistas para ambos os sexos¹³⁹. Nessa escola só eram admitidos alunos, que tivessem o 2º grau da instrução primária, previamente escolhidos e que tivessem boas informações dos missionários da área ou dos directores daquelas escolas¹⁴⁰.

O programa da escola incluía: o curso de Português, Geografia e História, Física e Ciências Naturais, correspondentes às primeiras classes do liceus, desenvolvimento da língua tétum (para a catequese aos naturais analfabetos), noções de Pedagogia e Liturgia, assistência aos Sacramentos, Bíblia Sagrada, Catequese Prática, Canto Religioso e Harmónio¹⁴¹. O curso era de três anos, com exames finais presididos, a partir dos anos 30, por um delegado do Governo. No final do curso os neo-professores eram enviados a fundar escolas ou a leccionar em várias escolas já existentes em Timor¹⁴².

Segundo o testemunho de um antigo professor catequista, mestre Alberto Soares, falecido em Lisboa a 31/03/2003, nenhum professor-catequista podia ir solteiro tomar conta de ou abrir uma escola de posto. O sr. Vigário-Geral escolhia ou orientava a formação dos casais e presidia os casamentos. O novo casal de professores, munido de

¹³⁹Cf. Fernandes, *op.cit.*, p. 64 e Pe. Teixeira: *Macau e a Sua Diocese*, vol. 19, *Missões de Timor*, p. 412.

¹⁴⁰Cf. Mons. Barros Duate (1987), *op. cit.* p. 13.

¹⁴¹Cf. Mons. Barros Duarte (1987), *op. cit.* pp. 13, 14; Pe. Fernandes, *op. cit.*, pp. 66, 67.

¹⁴²Cf. Mons. Barros Duarte (1967), *op. cit.* p. 13.

uma *guia*, era acompanhado por um padre, ou na maior parte das vezes apenas por três carregadores durante a viagem. Com a *guia* conseguiam cavalos e carregadores que trocavam de posto em posto. Depois, a missão pagava as despesas da viagem¹⁴³.

O professor-catequista, enquanto figura social, tinha uma importância especial que lhe vinha: da natureza da sua função de educador; da natureza da sua função de auxiliar na cristianização; do facto de ser alfabetizado, numa terra onde os letrados eram poucos. Isto explica que os padres olhassem com particular cuidado pela preparação dos professores-catequistas e pela sua reputação no meio¹⁴⁴.

Muitos foram os alunos e alunas formados por esta escola que, após a Segunda Grande Guerra passou a só receber rapazes¹⁴⁵. Tendo em consideração que a educação e a instrução ministrada pelas missões abrangeu sectores cada vez mais amplos da população, muito se ficou a dever a estes professores na formação literária, cristã e cultural do povo timorense¹⁴⁶,

5. Uma nova página na história das Missões de Timor (1945-1975)

“Se algum dia, a bandeira das quinas tiver de ser arreada do céu deste território, nisto não sou profeta, mas estou certo de que por estes montes e colinas, hão-de erguer-se cruces para perpetuar a presença missionária, única força e orgulho da Nação Portuguesa no meio deste povo”.

D. Jaime Garcia Goulart, bispo de Díli – Timor¹⁴⁷

De tal maneira se cumpriu esta *profecia* durante a ocupação indonésia (1975-1999), que o Pe. José António, ao enviar o recorte de tal relatório a D. Jaime, em 1994, juntou a seguinte mensagem:

¹⁴³Cf. Marcos, Artur (1995), *Timor Timorense*, pp. 78, 79.

¹⁴⁴Cf. Marcos, Artur, *op. cit.*, p. 78.

¹⁴⁵Mons. Barros Duarte, *op. cit.* p. 14.

¹⁴⁶O professor Luís Thomaz na Revista da Faculdade de letras, 14 série, nº 1, 1976/77, p. 516, dizia: “O principal agente de passagem de indivíduos do meio tradicional ao aculturado é a educação ao nível do ensino secundário. [...] Na primeira metade do século processou-se sobretudo através do colégio de Soibada que funcionava como escola de professores-catequistas; as mais antigas gerações de timorenses letrados são constituídos por antigos alunos desse colégio, de que parte continua a exercer as funções de mestre-escola ou catequista e parte ingressou na burocracia.” Citado por Marcos, *op. cit.* p.76. Note-se que a escola de professores-catequistas foi transferido para Soibada em 1927.

¹⁴⁷Cf. *Textos de Jaime Garcia Goulart*, p. 18. Citação feita pelo padre timorense, José António Costa, Vigário Geral da Diocese de Díli, no prefácio do livro anteriormente mencionado, extraído do relatório anual de D. Jaime sobre a situação de Timor, depois da ocupação nipónica.

Sr. D. Jaime, V. Excia. Revma. não quis ser profeta, quando escreveu essas linhas, mas a história provou que foi. Hoje, em todo o Timor, se vêem nos montes e colinas não só cruzeiros, mas também ermidas em honra da Virgem de Fátima, a quem o Povo de Timor dedica maternal devoção¹⁴⁸.

Numa visita pastoral que efectuou com D. José da Costa Nunes, no Verão de 1933, às missões de Singapura, Malaca e Timor, D. Jaime, ainda sacerdote, pediu a D. José que o deixasse ficar nesta última missão, e ficou¹⁴⁹. Começou por trabalhar primeiro como coadjutor, depois como superior da Missão de Soibada, onde se ocupou quase exclusivamente da Escola de Professores-Catequistas, transferida da Missão Central de Lahane para aquela localidade, em 1927¹⁵⁰. Pois, no seu parecer, as missões só tinham a lucrar sendo servidas por pessoal competente e escrupulosamente formado¹⁵¹. Fundou, na mesma localidade, em 13 de Outubro de 1936, o Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima, para a formação de sacerdotes timorenses¹⁵².

Regressou a Macau em 1937, onde trabalhou como secretário particular de D. José da Costa Nunes. Novamente transferido para as missões de Timor, foi nomeado Vigário-Geral a 22 de Janeiro de 1940.

5.1. Criação da diocese de Díli

O Papa Pio XII criou a Diocese de Díli pela constituição *Solemnibus Conventionibus*, de 4 de Janeiro de 1940. Em 13 de Janeiro de 1941, nomeou D. Jaime Administrador Apostólico da nova Diocese com faculdades de Bispo residencial e com o título de Monsenhor *ex officio*. Começou a exercer, oficialmente, as suas funções a 28 do mesmo mês¹⁵³.

Ajudavam-no no seu ministério 22 padres diocesanos, 23 padres, 49 catequistas e 41 professores timorenses. Outros 50 estavam a preparar-se para catequistas e trinta seminaristas timorenses estavam no seminário¹⁵⁴.

No mês de Dezembro do mesmo ano (1941) os australianos e os holandeses entraram em Timor, e em Fevereiro de 1942 entraram, os japoneses que obrigaram os

¹⁴⁸*Ibidem*.

¹⁴⁹Cf. *Textos de D. Jaime Goulart*, p. 215.

¹⁵⁰Cf. *idem*, p. 117.

¹⁵¹Cf. *idem*, p. 120.

¹⁵²Cf. Mons. Barros Duarte, *op. cit.*, p.14.

¹⁵³Cf. *Textos de D. Jaime Goulart*, p. 313.

¹⁵⁴Cf. *idem*, p.296.

holandeses a retirarem-se para a fronteira e os australianos para as montanhas, envolvendo-se estes em guerras de guerrilha, com o apoio de alguns régulos e naturais de Timor. Deu-se início à *ocupação japonesa*, que durou três anos.

Cerca de um mês após o primeiro desembarque, as tropas japonesas chegaram à Missão principal de Lahane, cercaram os edifícios da missão e saquearam tudo. Noutros lugares, portugueses foram trucidados. Em Ainaro, no dia 2 de Outubro de 1942, foram executados pelos nipónicos dois sacerdotes, Pe. Norberto Barros e Pe. António Pires¹⁵⁵. Dois régulos católicos avisaram D. Jaime que os japoneses os tinham convocado e oferecido armas para matarem todos os brancos¹⁵⁶.

Perante tal barbaridade, o Administrador Apostólico que, inicialmente, achou dever fazer permanecer os padres em Timor, começou a pensar que, se os missionários ficassem, seriam presos e mortos, se fugissem sozinhos para as montanhas, morreriam de fome. Seria mais sensato retirar os missionários de Timor, evitando-se assim, condenar as Missões de Timor a uma drástica falta de missionários para o período pós-guerra. Decidiu, pois, procurar com os seus padres os comandos australianos nos seus esconderijos. Ao fim de 15 horas, encontraram-se com o comandante das forças australianas, o coronel Callinan e os seus soldados, que os receberam com entusiasmo e lhes prestaram auxílio. Começaram então a sua caminhada dia e noite, através das montanhas, em direcção a uma pequena praia, situada na costa sul. Aí embarcaram, à meia-noite do dia 15 de Dezembro de 1942, onze sacerdotes e dez religiosas, com um grupo de portugueses, a bordo de um *destroyer* holandês e, às 8h do dia seguinte chegaram a Darwin sãos e salvos¹⁵⁷.

Todavia, como os missionários se encontravam dispersos, nem todos conseguiram embarcar para a Austrália. Cinco sacerdotes ficaram em Timor: os padres Alberto da Ressurreição Gonçalves, António Manuel Serra e Carlos da Rocha Pereira entregaram-se aos japoneses e foram metidos no campo de concentração de Liquiçá; o Pe. Francisco Madeira embrenhou-se na floresta e lá morreu de privações em 22 de Abril de 1943; o Pe. Abílio José Caldas, timorense, foi assassinado no dia 8 de Março de 1943¹⁵⁸.

¹⁵⁵Cf. *Textos de D. Jaime*, p.313, citação do semanário australiano *The Catholic Weekly* (15/12/1945).

¹⁵⁶Cf. *ibidem*.

¹⁵⁷Cf. *ibidem*.

¹⁵⁸Cf. *idem*, p. 327.

Sobre a retirada para a Austrália fica também registado o testemunho pessoal de Marçal de Andrade (Mestre Marçal), aluno de D. Jaime e professor-catequista das Missões de Timor¹⁵⁹.

Em Julho de 1942 saímos, D. Jaime, os seus sacerdotes e eu próprio, da cidade de Díli. D. Jaime e alguns sacerdotes seguiram para Missão de Ossú¹⁶⁰; eu, um chinês e alguns sacerdotes mais a bagagem da Missão seguimos para a missão de Soibada.

No mês de Agosto o Sr. Adm. Apostólico passou por Soibada com o objectivo de efectuar uma visita aos senhores padres Norberto Barros e António Manuel Pires, em Ainaro. Chegados à missão de Alas, os japoneses começaram a bombardear o Posto daquela localidade. D. Jaime voltou a Soibada, seguindo, depois para Ossú. Eu por me ter desenganado com o Administrador Apostólico na confusão dos bombardeamentos, só regressi no mês de Setembro. Novamente em Soibada, foi-me confiada a missão de coordenar a escavação de esconderijos para as Religiosas Canossianas, para a eventualidade do colégio feminino ser bombardeado.

No mês de Dezembro, o Administrador Apostólico ordenou que se reunissem todos os sacerdotes e religiosas de Soibada, Manatuto e Díli a fim de se encontrarem com ele e os outros sacerdotes em Fatuberlihu rumo a Alas. Acompanhei as religiosas e os padres de Soibada para a localidade indicada. Já na companhia de D. Jaime, pernoitámos na Missão de Alas. Passámos fome, pois não havia comida na Missão e o cozinheiro tinha ido para junto dos seus. Só nessa noite D. Jaime me confidenciou a sua intenção de embarcar para a Austrália com os seus missionários. Na manhã seguinte, depois de alimentar a comitiva missionária com umas sementes de jaca apanhadas no chão, encaminhei-os para o local do embarque – uma localidade chamada Cai-Molik-Hasan. Pedi a D. Jaime permissão para ir ter com os meus parentes. Não os encontrando na *cnua* (povoação), parti ao seu encalço nos esconderijos. Contei o que se passava com os missionários. Toda a população se ergueu para confeccionar comida para o Adm. Apostólico e os missionários. Pelas 15h apareci com um grupo de jovens, carregando arroz cozido e frango assado em cestos e canas de bambu, prevenidos de pratos e talheres. Ao avistar-nos, D. Jaime exclamou para a sua comitiva: “*acordem, acordem. Vem ali o Marçal e a sua gente. Já não morreremos à fome*”.

Servimos o senhor D. Jaime e todos os seus acompanhantes e permanecemos na sua companhia, até que a altas horas da noite, entraram num submarino que os levou ao barco no alto mar. Após o embarque, regressi com o meu pessoal, na companhia do padre Abílio Caldas, que não quis deixar Timor. Pernoitámos no sítio onde estava D. Jaime e a sua comitiva e seguimos na manhã seguinte para uma povoação chamada Wé-Cdotic. O Pe. Caldas atendeu, em confissão, muitos cristãos. Na manhã seguinte, dirigimo-nos à Missão de Alas para a celebração da Eucaristia. Contudo, não havendo o material necessário para a celebração, rumámos a Soibada, onde o sacerdote era superior da Missão. Pelo caminho, autorizou-me a ficar um mês com a minha família. Terminado o tempo estabelecido, dirigi-me com uns jovens a Soibada. Verificando a falta de segurança naquela localidade, pedi novamente ao Superior da Missão a permissão do meu regresso para Alas. O Superior consentiu, pedindo, na despedida, que não me esquecesse de rezar por ele e pela sua gente. Passado pouco tempo, chegou a notícia de que o Pe. Abílio Caldas tinha sido morto.

Fui mais tarde preso e violentamente torturado pelos japoneses, “por ter protegido os brancos”. Fui, depois, libertado e, após uma grave doença que quase me

¹⁵⁹O que a seguir se reproduz é uma síntese em português de um manuscrito em tétum da autoria de Mestre Marçal. As folhas mais significativas reproduzem-se no Anexo II. Mestre Marçal, natural de Alas, foi aos 10 anos de idade, seleccionado pelo *liurai* da localidade, D. Carlos Borromeu, e apresentado ao superior da Missão, Pe. Fernandes, a fim de receber formação das Missões Católicas. Prosseguiu os estudos em Soibada onde se formou no curso de professores-catequistas. Casou mais tarde, com uma filha do *liurai* Mesquita de Caimauc. Deste casamento nasceram a mestrande e os irmãos.

¹⁶⁰ Cf. *Textos de D. Jaime*, p. 298.

levou à morte, vendo que era escolarizado, encarregaram-me para a chefia dos serviços administrativos em Betano, até à saída dos japoneses de Timor, em Agosto de 1945.

Durante a sua permanência na Austrália, os padres e as mães cuidaram zelosamente dos seus compatriotas e ensinaram em escolas especiais estabelecidos para crianças¹⁶¹.

Entretanto o delegado apostólico, o Arcebispo D. João Panico, comunicou a D. Jaime que o Santo Padre o havia eleito, a 12 de Outubro de 1945, Bispo de Díli. A notícia causou enorme júbilo a todos os portugueses refugiados na Austrália e a todos quantos conheciam os trabalhos e as altas qualidades do novo prelado.

A sagração celebrou-se a 28 de Outubro, na capela do Colégio Eclesiástico de S. Patrício, em Manly, um dos mais belos subúrbios de Sydney. Foi prelado sagrante D. João Panico e consagrantes D. Norman Gilroy, Arcebispo de Sydney, e D. João Coleman, irlandês, Bispo de Armidale. Assistiu o cônsul de Portugal em Sydney, Dr. Álvaro Brilhante Laborinho e quase toda a comunidade portuguesa. O novo prelado, de 37 anos de idade, foi alvo das mais calorosas e expressivas honras¹⁶².

5.4. Ressurgimento da diocese

A 9 de Dezembro de 1945, entrou D. Jaime Garcia Goulart na nova e destruída Diocese de Díli.

Durante a ocupação japonesa, tinham sido mortos 40 000 habitantes, 10% da população, de entre os quais se contavam 4 000 católicos e 4 missionários. Por essa altura, o número total de católicos andava em Timor-Leste à volta de 30 000. A Diocese perdeu 74 edifícios, entre os quais a catedral, muitas capelas, igrejas, escolas, residências missionárias.

Em Janeiro de 1946, segundo os manuscritos do Mestre Marçal, todos os professores-catequistas (homens e mulheres) reuniram-se na missão de Soibada para um retiro orientado por D. Jaime. Findo o evento, procedeu-se ao envio dos mestres para as suas respectivas missões. Urgia retomar imediatamente as suas funções.

D. Jaime chamou para a diocese novos missionários e novas congregações religiosas: para lá foram os Salesianos e as Dominicanas. Goa forneceu alguns

¹⁶¹Cf. *Textos de D. Jaime*, p. 299.

¹⁶²Cf. *Textos de D. Jaime*, pp. 313, 314.

padres¹⁶³. Mandou reconstruir templos destruídos, erguer novas igrejas, reabrir os colégios masculino e feminino de Soibada, a Escola de Professores-Catequistas e o Seminário de Nossa Senhora de Fátima que, em 1954, foi canonicamente erecto em Seminário Menor, em Dare; fundou novos colégios para rapazes e meninas em Maliana e Ossu. Foram recuperadas as antigas missões enquanto se fundavam outras¹⁶⁴. Dotou as Missões de uma tipografia e fundou a revista *Seara*. Mandou construir nos arredores de Díli uma fábrica de tijolos, que entrou em funcionamento em 1954¹⁶⁵.

Com a expansão do ensino primário em Timor, o Governador José Alberty Correia acordou com D. Jaime transformar a velha Escola de Professores-Catequistas na Escola Canto Resende para a formação de regentes escolares (homens e mulheres), ficando entregue às Missões, mas subsidiadas pelo Governo¹⁶⁶.

Nas escolas adstritas aos Municípios, começaram a ensinar as primeiras classes da Instrução Primária muitos ex-alunos da Escola Canto Resende e da antiga Escola de Professores Catequistas¹⁶⁷.

Nos colégios para rapazes em Soibada, Ossu, Maliana, Ainaro, Alas e Fuiloro, os alunos dedicavam diariamente umas horas ao trabalho agrícola, que garantia, em certa medida, a auto-suficiência daqueles estabelecimentos escolares¹⁶⁸.

A actividade das Missões no domínio do ensino agrícola moveu o Governador Alberty Correia a mandar construir, em 1965, uma escola agrícola, em Fatumaca, confiada às Missões, onde veio a instalar-se, posteriormente, uma secção de Artes e Ofícios, com oficinas de carpintaria e serralharia, sob a orientação dos padres salesianos¹⁶⁹.

Segundo o Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, *Seara*, desse esforço no campo de ensino resultaram exuberantes frutos, pois Timor tem, em 1967, já mais de um quarto da sua população cristã, quando antes da guerra mal chegava a um vigésimo¹⁷⁰. Ainda segundo a mesma revista: “E se mais depressa não tem ido o movimento das conversões é por falta de missionários, não obstante o senhor D. Jaime os ter visto quadruplicar em número, após a guerra”¹⁷¹. O próprio D. Jaime dizia:”O

¹⁶³Cf. *Textos de D. Jaime*, p. 331.

¹⁶⁴Cf. Mons. Barros Duarte, *op. cit.*, p. 16-17.

¹⁶⁵Cf. *ibidem*.

¹⁶⁶Cf. *idem*, p. 16.

¹⁶⁷Cf. *ibidem*.

¹⁶⁸Cf. *ibidem*, p. 17.

¹⁶⁹Cf. *ibidem*, p. 17-18.

¹⁷⁰Cf. *Seara*, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, 11/02/1967, citado em *Textos de D. Jaime Garcia Goulart*, p. 314.

¹⁷¹*Ibidem*.

povo de Timor queria todo ser cristão [...] Eu não os baptizo porque a religião precisa de instrução. Era preciso instruí-los e a dificuldade era essa”¹⁷².

Registamos aqui alguns dados estatísticos que comprovam o progresso na Diocese de Díli, desde a sua fundação em 1941 a 1966:

Quadro 1: Dados Estatísticos (1941-1946)

	Em 1941	Em 1966
Católicos	29 899	152 151
Sacerdotes	21	52
Irmãos Religiosos	-	8
Irmãs Religiosas	20	41
Professores Catequistas	-	58
Monitores catequistas	-	54
Catequistas	42	56
Paróquias	1	3
Missões	9	12
Internatos Masculinos	1	4
Internatos Femininos	3	4
Externatos Masculinos	-	30
Externatos Femininos	-	14
Periódicos Diocesanos	-	2

Fonte: Textos de Jaime Garcia Goulart (1999), p. 315.

Em 31 de Janeiro de 1967, D. Jaime Garcia Goulart resigna e regressa aos Açores. Sucede-lhe no Governo da Diocese D. José Joaquim Ribeiro.

“Embora longe..., continuo, na oração e no sacrifício, a ser missionário de Timor. Sê-lo-ei durante o resto da minha vida terrena e no céu, quando a Deus aprouver chamar-me a Si”¹⁷³.

Foi assim que D. Jaime expressou o seu grande amor por Timor, numa carta de 23/02/1987.

¹⁷²Cf. *Textos de D. Jaime Goulart*, op. cit. p. 217.

¹⁷³Cf. *Textos de D. Jaime*, p.223.

TERCEIRO CAPÍTULO

REMEXIO – TRANSIÇÃO DAS RELIGIÕES TRADICIONAIS PARA O CRISTIANISMO

“Se escapar vivo desta guerra, construirei, logo que ela termine, uma capela no meu reino e pedirei ao bispo da diocese um catequista para instruir o meu povo na doutrina cristã e prepará-lo para o baptismo”.¹⁷⁴ Esta foi a promessa que o *liurai* Mesquita ou *liurai* de Caimauc, como era conhecido, Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita¹⁷⁵, formulou a Nossa Senhora, durante os anos obscuros da ocupação japonesa de Timor, ocorrida entre 1942 e 1945, e cujo cumprimento deu origem à cristianização de Remexio.

I. Pressupostos

1. Posto Administrativo de Remexio

Remexio¹⁷⁶, localidade a cerca de 500m acima do nível do mar, tinha como limites Díli, Hera e Metinaro a sul, Aileu a noroeste, Laulara a leste, Lequidoe a norte, Lacló a nordeste.

Devido à sua situação geográfica, o governador Celestino da Silva criou nela um comando militar em Agosto de 1894, pois constituía um bom ponto estratégico para a defesa da cidade de Díli. Com a criação do comando militar de Remexio, mais o comando militar de Aileu, em Dezembro de 1894 e o posto de Cômoro, em Outubro de 1895, Díli ficou cingida por três comandos que a punham a coberto de qualquer surpresa ou eventualidade da parte do poderoso reino de Manufahi¹⁷⁷.

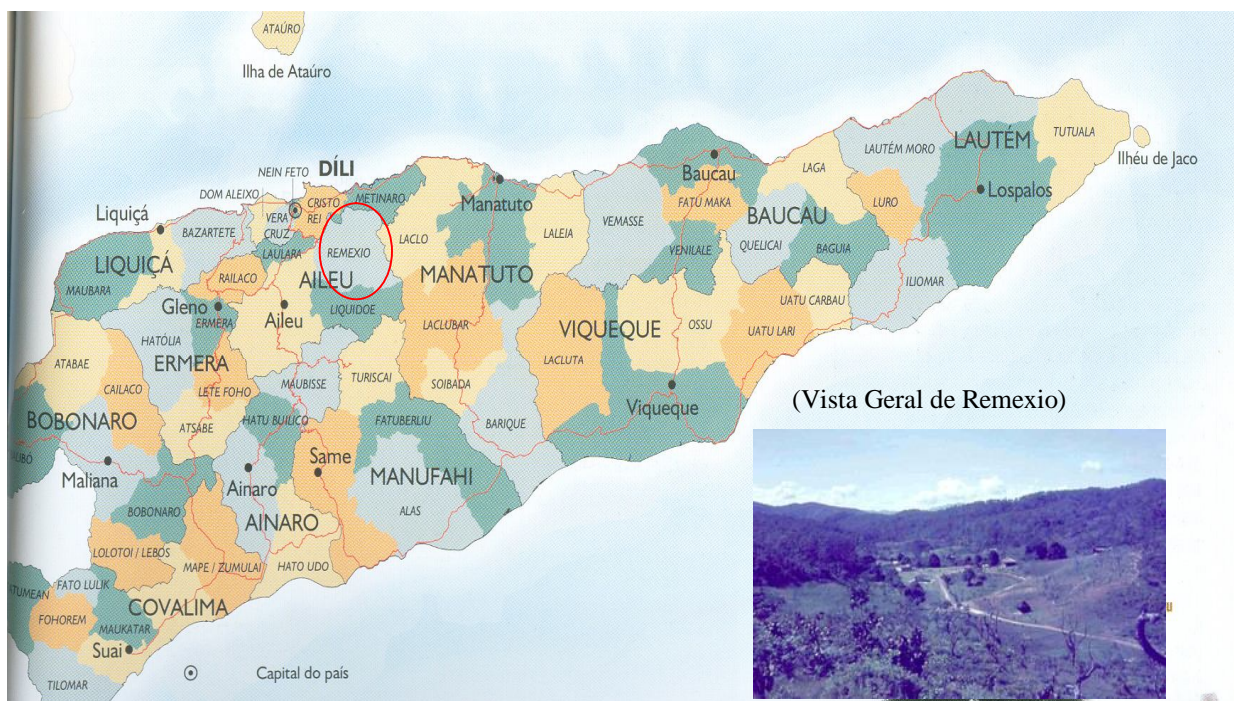
¹⁷⁴Sobre a colaboração dos *liurais*, dizia Silva Rego (1961), *Lições de Missionologia*, p. 342: “se se considerar que em Timor não há o obstáculo islâmico, e que as autoridades gentílicas são as primeiras a pedir a presença do missionário, concedendo todas as possíveis facilidades, impõe-se a conclusão seguinte: a conversão total da diocese depende apenas de meios materiais”.

¹⁷⁵No decorrer deste trabalho tratá-lo-ei sempre por *liurai Mesquita*.

¹⁷⁶Remexio: do nome original na língua mambáe, *Ru-Síu*, os portugueses chamaram Remexio à localidade. *Ru* (dois) e *Síu* (marrar, acometer-se com os chifres), foi o nome dado ao local, onde pastavam, em tempos idos, búfalos e onde não era raro marrarem-se uns contra os outros. Foi a explicação dada pessoalmente pelo príncipe-herdeiro do *liurai* Mesquita, meu tio materno e padrinho de baptismo.

¹⁷⁷<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/112478.html> (26/05/2006).

Mapa 3: Divisão Administrativa



Fonte: Atlas de Timor – Leste, LIDEL, 2002

Aos comandantes destes postos/comando recomendava o Governador o conhecimento da língua dos naturais, seus usos e costumes, de todas as povoações e seus habitantes, dos chefes indígenas e suas famílias, o arrolamento exacto da população, a conservação em bom estado das suas plantações de café e que se fizessem cultivos suficientes para a alimentação de todos.

Deve-se a este Governador a divisão de Timor em comandos militares, cada qual com uns tantos postos. À medida que a pacificação progredia, alguns comandos passavam a postos e certos postos desapareciam. Em 1920, começou a transformação dos comandos militares em circunscrições civis¹⁷⁸.

Antes da criação do comando militar, Remexio já era constituído por dois antigos reinos tradicionais, Caimauc e Manumera¹⁷⁹, com os respectivos *sucos* e *cnuas*. Caimauc estava sob a jurisdição dos *liurais* Mesquita e Manumera dos *liurais* Benevides¹⁸⁰. Os seus habitantes falam mambáe, com pequenas variantes entre o mambáe de Manumera e de Caimauc, excepto a população do suco de Açumau (Manumera) que fala lalein.

¹⁷⁸Cf. Felgas, *op. cit.* p. 319.

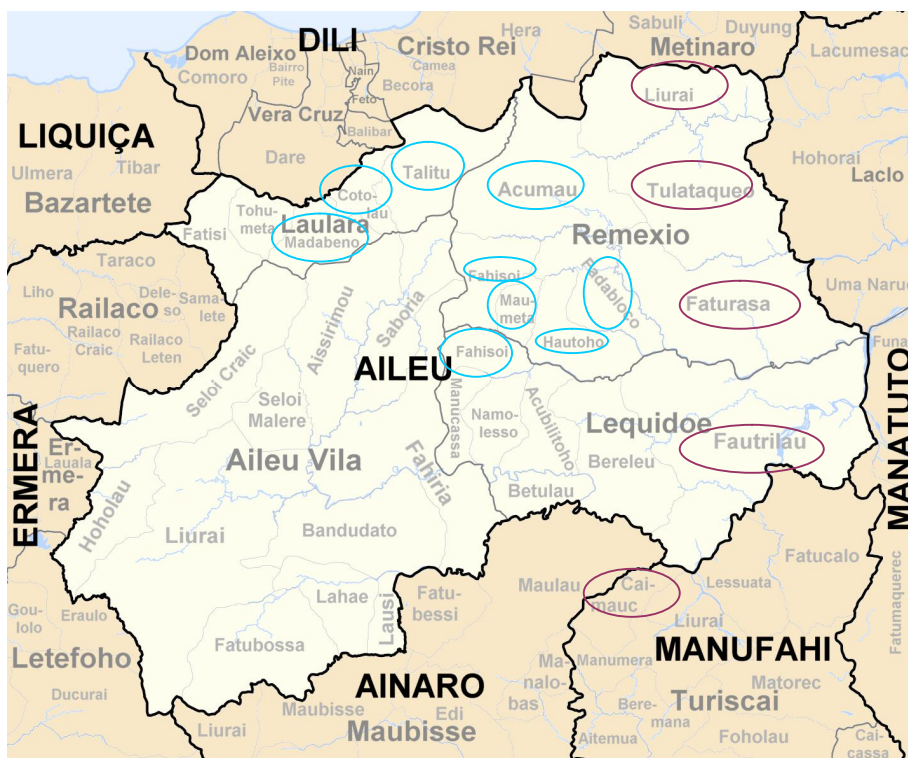
¹⁷⁹Cf. Seara, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli (Julho/Agosto, 1950), p. 152 (*Anexo VIII*).

¹⁸⁰Consta que os legítimos *liurais* de Manumera são os da linhagem Alves. Os Benevides eram de Maubisse e vieram apoderar-se deste reino.

2. Reinos de Caimauc e Manumera

No mapa 4 (do actual distrito de Aileu), localizamos os sucos que constituíam os reinos de Caimauc e Manumera antes de sairmos de Timor em 1975: a Caimauc (mais a leste) pertenciam os sucos de Caimauc Quic¹⁸¹, Fatu-Ri-Lau, Fatu-Raça, Tulutaqueu e Liurai; a Manumera (mais a oeste) pertenciam os sucos de Açumau, Fahisoi, Fadabloco, Maumeta, Hautoho, Talitu, Cotolau e Madabeno.

Mapa 4: Caimauc e Manumera: divisão em sucos



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre

Esta distribuição está confirmada na obra do capitão Felgas (1956)¹⁸² onde indica como pertencentes ao posto de Remexio os sucos de Açumau, Ai Soi, Ao Toho, Caimauc Quic, Cara Ili, Cutolau, Fada Bloco, Fada Nara, Fatu Raça, Fatu-Rilau, Liurai, Madabeno, Mau-Meta, Talitú, Tulutaqueu¹⁸³.

¹⁸¹ Sendo o mapa de edição recente, não inclui os sucos de Caimauc-Quic e Fatu-Ri-Lau na jurisdição de Caimauc (Remexio). Temos conhecimento de que tais sucos pertenciam ao reino de Caimauc, desde a sua fundação. Como na época de chuva as ribeiras tornavam-se muitas vezes intransitáveis, dificultando a deslocação dos chefes locais ao posto de Remexio, o *liurai* Mesquita entregou o suco de Caimauc-Quic ao reino de Turiscain e, em 1973, o suco de Fatu-Rilau, ao reino de Lequidoe. Cf. *Seara*, (Julho/Agosto, 1950), p. 152 (*Anexo VIII*). Na designação de sucos e localidades optei pela forma como era escrita até 1975.

¹⁸² *Timor Português*, p. 547.

¹⁸³ Pelo facto do mapa ser recente, não aparecem os sucos de Cara Hili, Fada Nara, e Mau-Meta no reino de Manumera.

Afonso de Castro (1867), governador Timor de 1859 a 1863, mencionou Caimauc como um dos cerca de 50 reinos indígenas reconhecidos pelo governo português¹⁸⁴. Foi ele a primeira autoridade portuguesa a fazer uma divisão administrativa de Timor¹⁸⁵.

O reino de Manumera só veio a ser mencionado mais tarde por Felgas (1956)¹⁸⁶. Supõe-se que seja mais recente que Caimauc.

3. Os liurais Mesquita e o reino de Caimauc

A dinastia Mesquita pertence politicamente, segundo as normativas contidas no *mito de Wé-Hali*, à *Uma Liçan Liurai* (Casa do Clã Liurai) e religiosamente à *Uma Lulik Wé-Hali* (Casa Sagrada Wé-Hali). Assim dizem os nossos *Lia-Nain*. A palavra *uma*, que significa, vulgarmente, *casa*, neste contexto significa linhagem.

Segundo o *liurai* Mesquita, quem fundou o reino de Caimauc foi o seu primeiro antepassado, D. Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay, oriundo do grande potentado de Wé-Hali¹⁸⁷, sendo ele (*liurai* Mesquita) o 49º *liurai* de Caimauc. D. Orondor e seus sucessores eram baptizados¹⁸⁸; D. Mau-Lácu, seu avô, faleceu gentio¹⁸⁹. D. Orondor e a sua comitiva levavam sempre consigo um ramo de *hali* (*Ficus Benjamina*), tirado da árvore mãe de Wé-Hali, e plantavam-no onde fundassem ou assentassem a sede do seu novo reino, para assinalar a sua origem no poderoso reino de Wé-Hali.

Embora o *liurai* Mesquita soubesse a data dos factos e o nome de todos os seus antepassados, desfiando a sua genealogia como quem recita um rosário, não tivemos o cuidado de os anotar. Os documentos históricos e de genealogia que o *liurai* possuía desapareceram em Agosto de 1975.

Sendo o *liurai* Mesquita o 49º *liurai* da dinastia, leva-nos a supor que D. Orondor terá saído de Wé-Hali para Timor Oriental antes da chegada dos portugueses. Porém, o facto de D. Orondor e seus descendentes serem quase todos cristãos leva-nos a

¹⁸⁴Cf. Castro, Afonso, *op. cit.*, p. 314.

¹⁸⁵Cf. Felgas, Hélio A. Esteves (1956), *Timor-Português*, p. 318 e Castro, Afonso, *op. cit.*, p. 122.

¹⁸⁶Cf. Felgas, *op.cit.* p.544.

¹⁸⁷Etimologicamente a palavra Wé-Hali é composta de *Wé* ou *Bé* (água) e *Hali* (gondoeiro), árvore de tamanho e de pujança excepcional, com vastidão de copa e raízes adventícias. Contou a minha irmã Fátima que ao visitar *Wé-Hali* em 1978, ainda existia no local um grande gondoeiro de cujas raízes jorrava grandes fluxos de água corrente.

¹⁸⁸Tentámos encontrar o registo desses baptismos, mas não foi possível porque a Câmara Eclesiástica de Díli foi incendiada em 1999 e a paróquia de Remexio só contém registos a partir de 1948.

¹⁸⁹A mesma informação foi repetida pelo príncipe herdeiro, João Mendonça Mesquita, por ocasião da visita que lhe fiz a Melbourne, Austrália, em 2004 e está gravada em cassete-vídeo.

supor o contrário. Terá sido depois da derrota do reino de Wé-Hali, em 1642?¹⁹⁰ Interrogado, recentemente, um *catuas lia-nain* de Caimauc, respondeu que tinha sido antes da chegada dos portugueses a Timor, e que D. Orondor ou os seus antepassados já teriam sido baptizados na ilha de Flores.

Quanto à fundação do reino de Caimauc, supõe-se que tenha tido lugar em finais do século XVII ou princípios do século XVIII. Para além de Caimauc não vir mencionado no elenco dos antigos reinos de Timor Português, na obra do Prof. Artur Teodoro de Matos (1974), *Timor Português: 1515 a 1775*, e só vir a ser mencionado por Afonso de Castro (1867), governador de Timor de 1859-1863¹⁹¹, existe toda uma conjuntura, como veremos mais adiante, que parece confirmar tal suposição. É de se ter também em conta que D. Orondor e a sua comitiva viveram uma temporada em Bolan Fatuc-Isin (Suai Camenassa) e estiveram muitos anos hospedados em Ria-Tu (Manufahi).

Deixo, contudo, a questão em aberto para futuras investigações, inclusivamente em Timor e Wé-Hali.

¹⁹⁰Cf. *História de S. Domingos*, p. 1131 e Castro, A., *As Possessões Portuguesas...*, p. 32-35. Pelo que foi escrito atribui-se a causa da peleja, à rebeldia do *liurai* de Wé-Hali contra a coroa portuguesa, aliando-se ao rei muçulmano de Toló (Macassar). No entanto convém não esquecer que, segundo *o mito da origem de Wé-Hali*, quando as tribos oriundas de Malaca, foram atirados por uma tempestade às costas de Macássar, a população deste local acolheu-as e hospedou-as por muito tempo e que quando as tribos chegaram a Wé-Hali, comprometeram-se a auxiliar os de Macássar, quando estes se virem em apuros. Cf. Pinto Corrêa, *Gentio de Timor*, p. 328.

¹⁹¹*As Possessões Portuguesas na Oceânia*, p. 314. O governo de Afonso de Castro terá decorrido durante o reinado de D. Ventura ou D. Mau-Lácu (bisavô ou avô do *liurai* Mesquita), altura em que as fronteiras de Caimauc já tinham sido definidas, com a sede em Loraluhan, por D. Tomás. Até então, como dizia o próprio governador Afonso de Castro, “Os limites dos reinos, foram e são incertos [...] guerras, casamentos e sucessões têm alterado a miúdo a carta de Timor, e os reinos que hoje existem nem sempre foram os mesmos, e nem tiveram os limites que hoje têm”.

Figura 3: Tronco de um *hali* (2001)¹⁹²



Fonte: Álbum da Família Mesquita/Andrade

Consta ainda na gravação do príncipe herdeiro¹⁹³ que o *liurai* D. Orondor Loco-Loi, ao sair de Wé-Hali, passou com a sua comitiva por Suai Camenassa, depois por Manufahi¹⁹⁴. Após sangrentos combates, fundou o reino de Caimauc e assentou a sua primeira *cnu*a (povoação) em Ri-Aik-Manumera¹⁹⁵, na zona de Turiscain, uma das regiões montanhosas que serve de contraforte ao monte Tata-Mai-Lau. A *cnu*a situa-se no cimo de um vale profundo onde jorra a nascente da ribeira de Lacló (segunda maior de Timor) e num sítio de difícil acesso. Para assinalar a sua origem do reino de Wé-Hali, o *liurai* plantou um gondoeiro que ainda perdura até aos nossos dias.

Explica o capitão Martinho (1943),¹⁹⁶ que a antiga povoação timorense assentava de preferência nos lugares altos, mesmo entre rochas de difícil acesso, mas de largo horizonte, junto de uma nascente de água. A razão de ser de tal preferência, devia-

¹⁹²Esta fotografia foi tirada em Lautém, em 2001, mas o *hali* é muito parecido com o de Laraluhan (Caimauc).

¹⁹³Procurei complementar, as informações da cassette vídeo, com dados fornecidos pelos primos directos do príncipe-herdeiro que também os receberam directamente do *liurai* Mesquita.

¹⁹⁴Etimologicamente *Manufahi* provém de *Maun-Fahe*, palavra que em tétum significa: *maun* (irmão) e *fahe* (separar), explicou, o príncipe herdeiro. Pois *Manufahi* foi o local de acolhimento dos liurais (todos irmãos) vindos de Wé-Hali e de onde, após a investidura, se espalharam por várias localidades de Timor para fundar os seus reinos. Esta explicação é partilhada por uma descendente dos liurais de Manufahi, Rosa de Fátima. Há autores portugueses que interpretam *Manufahi* por: *manu* (galo, ave) e *fahi* (porco). Pessoalmente acho ter mais sentido a primeira interpretação.

¹⁹⁵A palavra *Ri-Aik-Manumera* é derivada do mambáe em que: *ria* significa povoação (*cnu*a em tétum); *aik* (antigo/a) e Manumera, que por sua vez significa *manu* (galo, ave) e *mera* (vermelho). Sobre o significado de *ria* cf. Martinho (1943), p. 216.

¹⁹⁶Cf. *op. cit.* p. 186.

se à necessidade que os povos tinham de se defenderem dos seus inimigos, pois a ilha, toda retalhada em muitos reinos, era devastada pelas lutas contínuas que esses reinos mantinham entre si.

Figura 4: Representação ocidental de guerreiros timorenses no século XIX



Fonte: Rouargue del., Masson Sc, col. part. in *Timor-Leste – País no Cruzamento da Ásia e do Pacífico*, LIDEL, Lisboa/Porto, 2010, p. 8.

Entretanto era preciso alargar territorialmente o novo reino, através de duros combates. Por esse motivo, o terceiro *liurai* de Caimauc foi apanhado de surpresa pelos *liurais* vizinhos, quando vinha de regresso, com seu irmão D. Tomás, de uma visita de reconhecimento a Fatu-Caimauc (futura sede do reino). Tentaram obrigá-lo a entregar a bandeira da monarquia portuguesa e o reino de Caimauc. Como ele se recusava a fazê-lo, enterraram-no, aos poucos, vivo. Por fim decapitaram-no e levaram a sua cabeça como troféu para o reino de Samoro. Ele teve a presença de espírito e a agilidade de atirar a tempo para seu irmão D. Tomás, a *salopa*¹⁹⁷ que continha os documentos da linhagem e a bandeira da monarquia portuguesa, ordenando que fugisse e fosse confiá-

¹⁹⁷Caixa de bambu com tampa, utilizada para guardar documentos, bandeiras nacionais, bétel, areca e tabaco. Na *uma lulik* de Lariguto, Ossú, encontram-se *salopas*, onde são guardadas a *rota* dos liurais e um cris embainhada em madeira e pele de búfalo com o formato de um chicote, as bandeiras da monarquia portuguesa de 1816 a 1826 e de 1826 a 1910, contou-me um descendente dos liurais da localidade.

la à guarda de suas irmãs em Orana, pertencentes a outra *uma liçan* (*Ani-Dau*). Quando os seus homens apareceram, o *liurai* já estava morto.

Sucedeu-lhe seu irmão D. Tomás sobre quem se conta este curioso fenómeno.

Certo dia, em Díli, D. Tomás foi obrigado pelas autoridades portuguesas a transportar carga muito pesada para Manatuto, a fim de ser, depois, transportada para Baucau, uma vez que não levou consigo nenhum subalterno. Perante a aflicção do *liurai*, apareceu-lhe um crocodilo, na praia de Lecidere e ofereceu-se para transportar nas suas costas D. Tomás e a sua carga. Chegados a Caravela (Vemasse), o crocodilo deixou-o na praia, mais a sua carga. Entretanto, depois de ter entregue a carga na Administração, D. Tomás foi levado como refém pelo *liurai* de Samoro. Resgatado uns anos depois pelo povo de Caimauc, D. Tomás foi chamado a Díli pelo governador e este atribuiu-lhe a patente de Brigadeiro. A partir daí o *liurai* passou a ser conhecido por D. Tomás Brigadeiro¹⁹⁸.

Existe uma coincidência da atribuição desta patente com a seguinte informação do capitão Martinho (1943): “Entre os liurais, normalmente coronéis da 2ª linha, houve mesmo três brigadeiros, o último dos quais, foi D. Cosme de Turiscail”¹⁹⁹. D. Tomás vivia, precisamente, na região de Turiscain (Mau-Hui Orlalan) quando isto aconteceu.

Resgatado de Samoro, D. Tomás conquistou Fatu-Caimauc, e os seus descendentes, à custa de muitas lutas sangrentas²⁰⁰, alargaram o reino de Caimauc até à costa norte, com o assento da *cnua* definitiva em Laraluhan, região montanhosa a sul de Hera e Metinaro, com uma vista esplêndida sobre o mar, a ilha de Ataúro e as ilhas indonésias de Alor, Wetter e Kisser.

Traçamos no mapa 5, o itinerário possível dos *liurais* Mesquita.

Em conversas tidas com os *catuas-lia-nain* de Alas, das quais tenho gravação em cassete áudio²⁰¹, colhi a informação de que a uma dada altura Wé-Hali tornou-se pequeno para conter tantos *liurais*. Havia necessidade de sair e encontrar espaço noutras paragens. Decidiram rumar para Timor Oriental, onde já tinham a supremacia. Nesse percurso era obrigatória a passagem por Suai Camenassa e Manufahi. Daqui, uns liurais prosseguiram pela costa Sul, em direcção a Alas, Luca e outros subiam para o interior.

¹⁹⁸Contado pelo *liurai* Mesquita, repetido pelo príncipe herdeiro e registado pelo mestre Marçal nos seus manuscritos (*Anexo VI*). O manuscrito aponta Manatuto como ponto de chegada de D. Tomás, o *liurai* e o filho apontam para Caravela (Vemasse). Supõe-se que esta última localidade tenha pertencido outrora a Manatuto. Esta *história* de D. Tomás faz-nos supor que o terceiro ou quarto sucessor de D. Orondor Locolói reinou depois de a capital de Timor ter sido transferida de Lifau para Díli, em 1769.

¹⁹⁹*Quatro Séculos de Colonização Portuguesa*, p. 219).

²⁰⁰O *surik-ulun* utilizado em tais combates, que estava sempre pendurada junto à cabeceira do *liurai* Mesquita, encontra-se, segundo consta, na posse do chefe de suco de Tulutaqueu (prof. Fernando). *Surik-Ulun* (espada-cabeça) é o nome dado à espada utilizada para *ceifar* cabeças do inimigo, durante a guerra, para evitar que o espírito, sediado na cabeça volte ao corpo e voltar a importunar.

²⁰¹Gravação feita em Alas, da reunião supervisionada pelo meu tio paterno, Firmino Carmo.

Mapa 5: Itinerário dos liurais Mesquita – Wé-Hali; Suai Camenassa (Cova Lima); Hatudo (Ainaro); Ria-Tu - Same, Ri-Aik-Manumera –Turiscain (Manufahi); Caimauc – Remexio (Aileu).

Fonte: http://www.wordmapfinder.com/Pt/Ásia/East_Timor

Enquanto a comunidade timorense permanecia em Atambua (Indonésia), de 1975 a 1976, um *catuas lia-nain* de uma localidade chamada Hali-Lulic (gondeiro-sagrado) falou da mesma história à nora do *liurai* Mesquita, D. Julieta dos Reis Mesquita.

Quando a minha irmã Fátima esteve em Wé-Hali, cerca de 1978, o *catuas lia-nain* da *cnua* falou-lhe da saída dos *liurais* de Wé-Hali para Timor Oriental, inclusivamente, do nosso antepassado D. Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay.

Chegando ao nosso conhecimento, em 2008, por um descendente dos *liurais* de Ria-Tu, residente na Austrália, de que o nosso primeiro antepassado esteve hospedado muito tempo em Ria-Tu (Povoação-Grande), Manufahi, mandei um questionário escrito para confirmar a informação (*Anexo IV*)²⁰².

Em resposta, um *catuas lia-nain* de Ria-Tu (tio Pedro) informou que o nosso ancestral, D. Orondor Loco-Loi e a sua comitiva fizeram, realmente, o percurso de Wé-Hali para Suai, passando por uma localidade chamada Bolan Fatuk Isin, onde permaneceram uma temporada; prosseguiram para Hatudo (Manufahi), num local à beira mar chamada Bobe, onde D. Orondor foi recebido solenemente pelo *liurai* de Ria-Tu, com esta saudação:

Sai hosi tasi mai
Manco Wé Sere
*Nahe biti makerek*²⁰³
Manco Wé sere

Assim que surge do mar
Traz o pequeno cesto florido
Estende a esteira rendilhada
Traz o pequeno cesto florido

O significado deste *dadolin* (cantiga) tem a ver com o significado dos dois primeiros nomes do visitante, *Orondor Loco-Loi*. São dois termos em mambáe que, simbolicamente, identificam as características de um *lulik nain*. *Orondor* significa, aquele que tudo conhece ou tudo sabe; *Loco-Loi* ou *Loc-baco* significa (acolher sempre, com amor), (*loc*, acolher + *baco*, sempre).

O *manco* ou *neta'a* como é designado no mambáe de Same (Manufahi), é um pequeno cesto florido tecido com folha de palmeira (*akadiru*), onde se colocam areca, folhas de bétel e cal para servir as visitas, pois a masticação de bétel e areca é em Timor

²⁰²Bernardino Syry, é o nome desse descendente, casado com a minha irmã Francisca. Segundo disse, teve uma conversa com o *liurai* Mesquita, em Portugal, e este confirmou tal estadia.

²⁰³Embora a palavra *makerek* signifique “várias cores”, o *biti makerek* é só de uma cor. É no rendilhado das suas bordas que está o sentido da diversidade. Cf. MAU-BERE-KOHE, (2001), *Adeus Timor – Eu Portugal me confesso...*, p. 337.

elemento importante dos rituais sociais, em que tem um significado de fraternidade e comunhão ritual²⁰⁴, ou onde se colocam objectos para oferecer ao *lulik*. O *biti* (esteira) também tecida com folha de palmeira, é estendida no chão para acomodar as visitas²⁰⁵.

Feita esta calorosa recepção, o *liurai* autóctone suplicou a D. Orondor que não se apoderasse do seu reino. Em contrapartida, poderia permanecer nele como hóspede enquanto não arranjasse local para fundar o seu. O pedido foi aceite. D. Orondor e a sua comitiva ensinaram ao *liurai* de Ria-Tu e aos seus a confeccionar *mamafatin* e *biti makerek* a fim de poderem acolher e servir sempre. Depois foram conduzidos para Ria-Tu e lá permaneceram durante largos anos, talvez um século.

Certo dia, reuniu-se o Conselho de *Liurais* e *Dato-Lulik* numa localidade chamada Bet-Hati Oe-Bae em Leus-Hati, próximo de Ria-Tu. Procedeu-se à investidura, pela entrega aos *liurais* das insígneas: *rota*²⁰⁶ – ceptro real, símbolo do poder e do serviço - e chapéu - símbolo da protecção ao povo (o chapéu protege a cabeça do sol e da chuva). A entrega de tais insígneas é sempre feita por um *dato-lulik*. Passando por uma localidade chamada Hola Rua, D. Orondor subiu para Turiscain, através de Maubisse, e assentou a sede do seu reino – Caimauc - numa localidade chamada ou à qual deu o nome de, Ri-Aik- Manumera²⁰⁷.

²⁰⁴Cf. Thomaz, *Luís Filipe, País dos Belos*, p. 400. Segundo informações colhidas pelo Irmão Luís Coutinho junto dos descendentes do antigo reino de Luca, o cesto típico (*manco* ou *neta'a*) é designado por *mama-fátin* no seu uso diário; para as ocasiões solenes e consideradas sagradas (quando os convidados são *liurais*, bispos, sacerdotes cristãos ou gentios) o cesto é conhecido por *krétik*; tornando-se numa cerimónia sagrada, o *krétik* passa a chamar-se *lalók* em que este está completo com a sua respectiva tampa. Cf. MAU-BERE-KOHE, *Adeus Timor – Eu Portugal me confesso*, Ecopy, Porto, 2011, p. 336. MAU-BERE-KOHE é o pseudónimo do Irmão Luís Coutinho, missionário em Timor de 1972 a 1974. Sem pertencer ao grupo dos antropólogos ou historiadores, tentou identificar a sua vida com a dos habitantes de Manu-Mera (Ainaro) onde entrou, segundo afirma, no *santo dos santos*, desse povo magnífico e nobre em todos os sentidos: cultura, tipo de vida, respeito pela natureza, lutador e guerreiro na sua essência.

²⁰⁵Para as recepções importantes, aonde está sempre a dimensão do sagrado, coloca-se no chão uma grande esteira (*biti-bot*), onde se sentam os convidados e o dono da casa. No centro estende-se a pequena esteira rendilhada nos bordos (*biti makerek*), sobre a qual se coloca o *lalók*. É no rebordo da pequena esteira que está representada a unidade e a diversidade do povo. A grande esteira representa o povo em geral, a pequena esteira e o *lalók* representa os poderes político e religioso tradicional. É ao *makaer-lulik* que cabe transportar e colocar o *lalók* no centro da *biti makerek*. Depois o *makaer-léo* (chefe de protocolo) abre a recepção, dando palavras de boas vindas. Seguem-se as orações do *makaer-lulik*, e só então é que o *makaer-léo* dá autorização para que os *liurais* se sirvam da tradicional masca dentro do *lalók*. Se estiverem dois *liurais* nessa recepção, estão igualmente dois *lalók*, visto que cada *liurai* tem direito ao seu. Cf. MAU-BERE-KOHE, *op. cit.*, pp. 337 e 339.

²⁰⁶Tipo de bordão com a extremidade superior curva, feita de madeira castanha clara polida, intercalada com ouro. A *rota* e o chapéu mais o tambor são as insígneas do regulado timorense. Ouvi muitas vezes em criança este tipo de juramento pronunciado pelos nossos anciãos em mambáe: “*Baba nor Bandera, Oe nor Sabeo*”, expressão que significa, juro pelo Tambor e pela Bandeira, pela *Rota* e pelo Chapéu.

²⁰⁷O *catuas* Pedro advertiu ao portador do questionário que a informação não estava completa. Para isso era conveniente que a interessada se deslocasse a Ria-Tu e ficasse a conviver e falar com mais dois *catuas lia-nain*, durante um mês, ou durante uma semana, mas neste caso, sempre a trabalhar de manhã à noite. Cf. Anexo IV.

Daqui se conclui que existe, de uma forma geral, uma uniformidade na tradição oral de Timor (Ocidental e Oriental) sobre a deslocação dos *liurais* de Wé-Hali para Timor Oriental.

Acerca das referidas deslocações, gostaríamos de citar o que o Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1967) referiu sobre o assunto:

Bé-Háli era um dos mais poderosos reinos em que se achava fragmentado Timor, aquando da chegada dos Portugueses no início do século XVI. Situada no extremo oriental da parte da ilha que foi da Holanda cerca de três séculos – depois de ter sido algum tempo nossa e é agora indonésia – Bé-Háli conseguiu manter a supremacia a bastantes reinos que se estendiam para leste. Ao ascendente que sobre eles adquirira, não era estranha a ostentação de uma riqueza que, por insignificante que fosse, avaliada por padrões actuais, não poderia deixar de impressionar profundamente os reinos vassallos, que se tinham na conta de autóctones, cujos recursos e haveres seriam, sem dúvida muito exíguos. Bandeiras, tambores metálicos, ouro em luas e jóias, cordões de mutissala, peças de cerâmica e espadas diferentes das locais em tamanho e feitio – tudo vindo talvez de Malaca, via Ternate - davam às incursões de Bé-Háli, que nem sempre seriam bélicas, um aparato que lhes granjeava prestígio e muito contribuía para que fossem coroadas de êxito. Muito há de lendário ligado a essas incursões, mas elas deram-se de facto. Deixaram vestígios que perduram. Todas as antigas casas reais da costa sul ainda se orgulham dos laços que as ligam a Bé-Háli [...] ²⁰⁸.

Na realidade, a casa real de Caimauc preservava toda a indumentária referida pelo Pe. Ezequiel, até ao mês de Agosto de 1975.

Sobre a formação do reino de Caimauc - passagem de *Caimauc-Quic* (Caimauc-Pequeno) para *Caimauc-Bot* (Caimauc-Grande) - ainda há pormenores a registar. Em Ri-Aik-Manumera, D. Orondor atribuiu aos membros da sua comitiva patentes de oficial, ²⁰⁹ a cada um a respectiva *uma liçan* e estabeleceu Caimauc-Quic como suco *liurai* ²¹⁰. Normalmente a corte do *liurai* agrupava diversas hierarquias, as quais se davam títulos portugueses: o tenente-coronel do reino, o mestre de campo, o sargento-mor, o capitão da povoação realenga, o major da guarda nobre, o tenente e o alferes. A corte dos *dato* era mais simples: apenas um capitão, um tenente e um alferes. Este sistema durou até 1975.

²⁰⁸ *A Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, p. 84.

²⁰⁹ Cf. p. 12 de deste trabalho Thomaz, Luís (2008), *O País dos Belos*, p. 400 a militarização das estruturas tradicionais de Timor, levado a cabo por António Coelho Guerreiro (governador de Timor de 1702-1705). Este acto de Orondor mais uma possível confirmação da fundação do reino de Caimauc em finais do século XVII ou princípios do século XVIII.

²¹⁰ Os chefes deste suco são antepassados do Dr. Francisco Xavier do Amaral, primeiro Presidente da República Democrática de Timor-Leste (RDTL), proclamada a 28/11/75.

Dizem os *lia-nain* da família que as terras que vieram a tornar-se Caimauc pertenciam ao reino de Samoro, mais propriamente, Laclúbar. Por isso era contra Samoro que os *liurais* combatiam, bem como contra o lendário Bere-Mata-Ruak²¹¹.

Conquistado Fatu-Caimauc, devem ter lá permanecido gerações de *liurais*, pois quando visitei o suco de Fatu-Ri-Lau em Julho de 2001, informaram-me da existência de um cemitério nessa localidade, onde estão sepultados muitos *liurais*. Deram-me como referência uma montanha em forma de barco²¹². Pude avistar de Cairema tal montanha, na fronteira entre Maubisse e Turiscain, numa localidade chamada Rai Ru.

De Fatu-Caimauc os descendentes de D. Tomás tomaram Caslau ou Fatu-Ri-Lau, onde assentaram um suco. Mais tarde conquistaram Fatu Raça Cabora onde fixaram residência. Com o alargamento do reino até à costa norte, D. Manuel de Matos Góis²¹³ acompanhou o seu filho herdeiro, D. Tomás (II ou III), para Lraluhan²¹⁴, onde fixou residência (*cnua*) e fez dela a sede do suco *liurai* que perdura até aos dias de hoje (veja-se a sua localização na figura 3). D. Manuel regressou para Fatu Raça onde morreu. A sua sepultura encontra-se em parte incerta.

D. Tomás assentou nessa localidade a *uma liçan* (*liurai*), a *uma lulik* (*Wé-Hali*)²¹⁵ e a *uma-guarda* (espécie de parlamento). Fundou a povoação de Cota-Morin²¹⁶ (Povoação-Nova), onde assentou a *uma-mane* e *uma-feto*. Para assinalar a pertença a Wé-Hali, D. Tomás plantou outro ramo do *hali* em Lraluhan. Era à sombra desta árvore gigantesca de raízes adventícias, considerado *lúlic*, que se celebravam os grandes rituais gentílicos.

Durante a nossa infância, a nossa família deslocava-se a Lraluhan na altura dos recenseamentos, permanecendo por lá três ou quatro dias. Era no terreiro situado entre a

²¹¹Sobre as aventuras de Bere-Mata-Ruak, veja-se Pe. Ezequiel, *A Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, p. 279. O testemunho dos combates com Bere-Mata-Ruak dado pelo meu tio materno também se encontra gravado em cassete-vídeo.

²¹²O barco era considerado um motivo emblemático ou mesmo nobiliárquico. No mito de fundação de Wé-Hali, além da função de transporte, exercia no plano mítico a função de berço de um novo nascimento e de veículo dos mortos (das quatro tribos vindos de Malaca), para depois ceder lugar à casa (barco de quilha para o ar). O caixão é como o barco que os há-de conduzir, quando morrerem, à terra dos antepassados (Cf. Cinatti, *Motivos Artístico Timorenses*, p.180). Uma descendente dos *liurais* de Suai Camenassa confirmou que, normalmente, os cemitérios dos *liurais* situavam-se em montanhas em forma de barco.

²¹³Perdemos o rasto dos nomes dos nossos antepassados *liurais*, de D. Tomás *brigadeiro* a D. Manuel de Matos Góis, pelos motivos já mencionados. O reinado deste nosso antepassado terá coincidido com a administração do governador português do mesmo nome (1821-1831?)

²¹⁴Já com a sede em Lraluhan, Caimauc continuou envolvido em guerras com reinos vizinhos como Lacló e Metinaro, por causa das fronteiras, uma delas, travada em 1889, é mencionada por Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese*, p. 221.

²¹⁵Recorde-se que no mito de Wé-Hali, os reinos eram constituídos por um regime de dupla soberania: a política (*uma liçan*) e a religiosa (*uma lulik*). Ver Cinatti, *Motivos Artísticos*, p. 181.

²¹⁶*Cota* é um cercado feito de pedras soltas para defesa das povoações. Cf. Martinho. *op. cit.* p. 217.

nossa casa e o gigantesco *hali* que, pela noite dentro, à luz do luar, se realizavam com muita animação os *tébes* (danças tradicionais de Timor).

Por um acidente doméstico, o *hali* ardeu, com todas as casas da *cnua* de Laraluhan, nos últimos anos da administração portuguesa. No entanto, da raiz deste *hali* saiu um rebento que foi retirado do sítio e transplantado no local onde estava o anterior²¹⁷. Quando visitámos Laraluhan em 2001, a “avó” Elisa, prima do *liurai* Mesquita, fez questão de nos acompanhar pela *cnua* onde nos mostrou o novo *hali*, já quase do tamanho do anterior, o local onde estava edificada a casa do *liurai*, o sítio onde se assentava o mastro da bandeira portuguesa, o terreiro onde se executavam os *tebes*, tudo conservado com muito carinho e respeito.

Figura 5: Vista Panorâmica (parcial) do Reino de Caimauc, com Lacló e Samoro para lá das montanhas



Fonte: Álbum da família Mesquita/Andrade
(sinalizada a sede do Sucu-Liurai – Laraluhan, a vermelho)

A D. Tomás sucedeu o seu irmão, D. José; a D. José sucedeu o seu filho D. Ventura e a D. Ventura o seu filho, D. Mau-Lácu²¹⁸.

O primogénito de D. Mau-Lácu, D. António Mesquita, frequentou, tal como outros príncipes do seu tempo, o colégio interno masculino da Missão de Lahane²¹⁹, mandado construir pelo padre e depois bispo Medeiros. Ainda estava no colégio quando o seu pai adoeceu gravemente. Deslocou-se a Laraluhan e quis baptizar o pai, mas os

²¹⁷Para o timorense tudo tem o seu significado. A mestranda, que é timorense, pensa que o incêndio do *hali* foi sinal do fim do reinado dos *liurais* Mesquita, com a saída do último *liurai* para Portugal. O rebento deve significar que, apesar de tudo, a linhagem terá continuidade com o regresso dos descendentes do *liurai* para Timor, onde poderão reconstituir a *cnua* de Laraluhan.

²¹⁸Os nomes destes antepassados estão gravados nas suas campas, no grande cemitério de Laraluhan.

²¹⁹Cf. Fernandes, A. J., *op. cit.* p. 109 e Teixeira, M., *op. cit.* p. 410.

seus *catuas umanes* de Tulutaqueu não o permitiram, pois queriam fazer ao pai um funeral gentio com um grande *estilo*. Mandaram-no retirar-se de junto do pai. Entretanto, D. Mau-Lácu morreu e nem recebeu o baptismo nem lhe fizeram o funeral com o *estilo* devido²²⁰.

D. António Mesquita começou a reinar em Caimauc muito jovem. Com a criação do comando militar no Remexio, em 1894, D. António Mesquita teve que deixar a sua *cnua* de Laraluhan, suco Liurai, a pedido das autoridades portuguesas, para passar a residir nas imediações da sede do comando. D. António fazia parte da lista dos *liurais* fiéis à coroa portuguesa e o comandante ficaria mais seguro sob a sua protecção²²¹. A partir daí a família real Mesquita nunca mais residiu na *cnua*. Só lá ia na altura dos arrolamentos. Creio ser digno de mencionar aqui este apontamento do Pe. Artur Sá (1949): “O mando dos portugueses não foi banido do território, quando estes andavam a ser batidos em todas as suas possessões do Oriente, porque tiveram sempre ao seu lado formações indígenas prontas a servir o partido real”.²²²

Figura 6: D. António Mesquita (Caimauc) e D. Moisés Benevides (Manuemera)



Fonte: Álbum da Família Mesquita/Andrade

²²⁰Relatado pelo príncipe herdeiro João Mesquita e gravado em cassette-vídeo.

²²¹Referido pelo príncipe herdeiro na Austrália em 2003. Segundo relatou o irmão de D. António, os moradores de Caimauc integraram os arraiais que combateram os rebeldes contra a coroa portuguesa em 1912, em Manufahi. Cf. também o testemunho do Pe. Ezequiel Pascoal, *Seara*, 1950 (*Anexo VIII*).

²²²*A Planta do Cailaco*, p. 10.

Para arranjar noiva para o *liurai*, foi nomeado um respeitoso *catuas* de Cota-Morin, o *maior* (major) Mau Mali. As pretendentes por tradição do *liurai*, as *tunanga* (filhas do tio materno) de Tulutaqueu, não eram escolarizadas. Manufahi tinha donzelas escolarizadas, mas o *maior* achou que não devia imiscuir o seu *liurai* e o reino de Caimauc nas políticas de D. Boaventura. Decidiu então, em reunião com os *principais* do reino, descer a Díli. Acompanhado pelo *cabitan* (capitão) Berteti, por este falar o *português de Bidau*, com uma carta de pedido redigida pelo próprio *liurai*, desceram a Díli. Encontraram em Bidau Rai-Hun D. Joana da Costa, descendente dos *liurais* de Bucóli (Baucau), antiga aluna do Colégio Interno Feminino da Missão de Lahane e a exercer, então, funções docentes na Escola das Irmãs Canossianas em Bidau. Propuseram-lhe o casamento e, como o pretendente já era seu conhecido, D. Joana aceitou o pedido.

Do casamento de António Mesquita com D. Joana da Costa nasceram os filhos Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita, Maria Luciana Mesquita e Luís Ana Mesquita²²³. Para além da exigente educação orientada pelos pais, Manuel Mesquita estudou na escola das missões católicas de Díli onde, segundo o capitão Pinto Correia (1944), “frequentou durante anos com muito proveito”²²⁴, a irmã também frequentou a escola das missões e o irmão mais novo, Luís Ana Mesquita, partiu com nove anos de idade para a Casa Pia de Lisboa, no contingente dos filhos de *liurais*, com viagem e educação paga pelo Governo. Embarcou de Timor em Setembro de 1922 e chegou a Lisboa em Dezembro do mesmo ano. Nessa altura, nem sequer sabia falar tétum; só falava mambáe. Quando terminou o antigo 5º ano do liceu, em 1930, manifestou ao pai a vontade de regressar a Timor, mas este não concordou, achando que só deveria voltar depois de estar habilitado com um curso superior. Em Janeiro de 1931, faleceu na Casa Pia contagiado por uma gripe²²⁵.

Com a criação do comando militar de Caimauc em Taroque, nas imediações de duas nascentes de águas sulfurosas e próximo de Samoro, D. António decidiu mudar-se para lá com a sua família.

²²³D. Joana faleceu aquando do nascimento deste filho e ficou sepultada no cemitério familiar ao cimo de um monte chamado Lahama-Tutun, junto da sede do antigo comando de Remexio.

²²⁴Cf. *Timor de Lés a Lés*, p. 169.

²²⁵O que ouvi contar sobre o meu tio-avô, desde a minha infância veio a confirmar-se pelos documentos contidos no seu processo individual, ao qual tive acesso em Julho de 2008, por gentileza da Provedoria da Casa Pia de Lisboa (cf. *Anexo VI*).

De regresso a Taroque, terminados os seus estudos, Manuel Mesquita colaborou activamente com o pai e o comandante militar no governo de Caimauc, ao mesmo tempo que se dedicava com entusiasmo aos trabalhos agrícolas.

Conta-se que, nas constantes escaramuças entre Caimauc e Lacló por causa das plantações de café situadas nas suas delimitações, D. António fazia-se representar pelo filho para apaziguar os ânimos, pois o *liurai* era gago. Manuel procurava ir sempre munido de documentos escritos. Deixava disputar enquanto ele se mantinha calado. Quando chegava a sua vez de se pronunciar, apresentava o documento às autoridades. Isto foi relatado por mais de uma testemunha. Um facto destes, relatado por Pinto Correia (1944)²²⁶, mas de forma muito caricatural - a obra em causa não constitui um trabalho científico e tinha como objectivo, nesse capítulo, falar do carácter dissimulado dos montanhesees quando se trata de casos de justiça. Referia-se, contudo, à apresentação pelo *liurai* de Caimauc, da Portaria de 1901.

Por ocasião da recepção de um novo Governador de Timor, Álvaro Eugénio Neves de Fontoura, a 11/09/1937²²⁷, D. António Mesquita desceu a Díli com o seu primogénito, e os seus *principais*. Foi então envenenado por um cigarro oferecido pelo seu congénere de Manumera. Tinham sido oferecidos dois cigarros, um a D. António e outro ao seu filho Manuel Mesquita. Este, mal recebeu o cigarro, desfê-lo disfarçadamente e não o fumou. O pai, apesar do aviso prévio dos seus *catuas* de que o *liurai* Benevides tinha a intenção de o matar por envenenamento, não fez caso e fumou. O filho ainda lhe fez sinal, mas já era tarde. Teve que ser transportado até Laraluhan, onde faleceu. Os seus restos mortais, de acordo com a sua vontade manifestada poucas horas antes de morrer, foram sepultados em Taroque, onde ainda hoje é visível a *campa*²²⁸.

De acordo com uma carta dirigida pelo *liurai* Manuel Mesquita ao Director da Casa Pia de Lisboa e encontrada no processo individual do seu irmão Luís Ana Mesquita, o falecimento do seu pai teve lugar a 16 de Setembro de 1937²²⁹.

²²⁶*Timor de Lés a Lés*, p. 169-171. A Portaria mencionada pelo autor está registada no *Boletim Oficial do Distrito Autónomo Timor*, nº. 45, de 09/11/1901 – Portaria nº 124: limites entre os reinos de Caimauc e Lacló.

²²⁷*Boletim Oficial de Timor, Suplemento*, de 06/11/1937.

²²⁸Tive a oportunidade de visitar a *campa* durante as nossas deslocações a Soibada, de 1964 a 1967 e quando retornei a Timor, em 2001.

²²⁹Cf. *Anexo V* - cópia de uma carta do *liurai* Mesquita.

4. O liurai Mesquita

Com a morte de D. António Mesquita, sucedeu-lhe o seu filho Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita, mais conhecido por *liurai Mesquita* ou *liurai de Caimauc*, homem inteligente, prático, influente, exigente, ao mesmo tempo que simples e muito trabalhador. Durante o seu reinado, a par das suas obrigações de chefia, que desempenhava com todo o brio, dedicava-se com o mesmo brio a trabalhos braçais agrícolas. Nas zonas ribeirinhas próximas de Taroque e da fronteira com Samoro fez ele próprio várzeas de arroz, com todo o trabalho que isso implicava, desde a sementeira à colheita: abertura de valas destinada à condução da água para a irrigação das várzeas; construção de muretes para sua divisão em quinhões; o acompanhamento de búfalos para amassar a terra alagada com as suas patas; a sementeira e a colheita do arroz. Eram trabalhos que, segundo a lei tradicional pertenciam principalmente aos escravos. Possuía, por isso, muitas cabeças de gado bufalino que eram necessários aos serviços da lavoura, e redundavam em sinal de riqueza e poder. Parece dever-se a ele a introdução da cultura do arroz em Caimauc. Até lá as pessoas cultivavam e consumiam, além da carne, milho, batata-doce, mandioca, feijão, inhame e outros tubérculos e rizomas. Quem tinha posses, comprava arroz aos chinas²³⁰. Nas regiões montanhosas o *liurai* dedicava-se às plantações de café com o trabalho que isso implicava também. Repetia a mesma labuta pelas localidades onde viesse fixar residência. Por isso, possuía bens, sim, mas graças ao seu esforço pessoal. Era trabalhador.

Se o capitão Pinto Correia (1944)²³¹, na sua obra já citada, com alguma razão, falava na falta de zelo e de prestígio dos chefes indígenas de Caimauc e Lacló, isso não se verificou no reinado do *liurai* Mesquita.

Para sua esposa, não escolheu como era norma, uma princesa, mas uma senhora do povo e como a pretendida era gentia, casaram pelo casamento tradicional. A *liurai-feto* (rainha, esposa do *liurai*) não era escolarizada, mas era uma autêntica líder nata: granjeava e impunha, com a sua forma de estar, o respeito e a veneração do povo; contribuiu muito, a par do trabalho de seu marido, para o equilíbrio e prosperidade das finanças da família.

²³⁰Contou-me o filho adoptivo do liurai Mesquita, João Florentino Mesquita em Setúbal, Portugal, m 2004. Aos cinco anos de idade comecei a observá-lo pessoalmente, pois nessa altura começava a aprender com o meu pai a prática de trabalhos agrícolas, muitas vezes na companhia do avô nas plantações de café de Nuno-Damar e nas várzeas da ribeira Liuhani.

²³¹Cf. *Timor de Lés a Lés*, p. 168.

Se o *liurai* era trabalhador, também não tolerava injustiças da parte das autoridades portuguesas ou de quem quer que fosse. Quando verificou que a sua pessoa e o seu trabalho, eram postos em causa pelo responsável militar de Cimauc, cabo Gastão, apresentou queixa às instâncias superiores e o cabo foi demitido do seu cargo. Com o comando militar sem responsável, o *liurai* e os seus *principais* passaram a deslocar-se a Manatuto para os encontros semanais com o Administrador da Circunscrição, a cuja jurisdição pertencia Caimauc ou Nova Portel como era conhecida na altura²³². Como na época das chuvas, era problemática a realização de tais deslocamentos a cavalo por causa das cheias da ribeira Lacló, segunda maior ribeira de Timor, a seguir à ribeira Lóes, o *liurai* pediu ao Governo para que o autorizasse a voltar a fixar a sua residência no antigo posto sede de Remexio, concelho de Díli e foi aceite.

4.1. Ocupação japonesa – embrião da transição para o cristianismo

Em Dezembro de 1941, Timor foi invadido por australianos e holandeses. D. Moisés de Sá e Benevides de Manumera e o *liurai* Mesquita de Caimauc, fizeram chegar ao Governador a sua disposição de, com as suas gentes, combaterem os invasores. A sua oferta foi registada, mas recusada, numa altura que se procurava solução política para as forças abandonarem Timor, aguardando-se a chegada em reforço das forças militares portuguesa vindas de Moçambique. Tal nunca chegou a acontecer, pois a japoneses adiantando-se, invadiram Timor, combatendo as tropas aliadas que ali permaneciam²³³.

Durante os três anos de ocupação nipónica (1942-1945), o *liurai* Mesquita teve que abandonar a sua casa e partir com a mulher e os filhos, João Mendonça Mesquita de doze anos de idade e Ana Teresa de oito, assim como o seu pessoal de segurança à procura de refúgio em lugares seguros do reino. Houve timorenses que se juntaram às forças japonesas, formando as chamadas *colunas negras*, perseguindo e matando todos aqueles que se opusessem à ocupação, como era o caso do *liurai* Mesquita. Mal saiu, incendiaram-lhe a casa de Remexio. Entretanto, como a maior parte dos *liurais*, ele dava abrigo e sustentava os australianos que se refugiavam nas montanhas para uma guerra

²³²Conferir correspondência mantida entre o *liurai* e o seu falecido pai com o director da Casa Pia de Lisboa, em consequência da morte do seu irmão Luís, em 1937/1938 (*Anexo nº VI – Doc. 4 e 5*).

²³³Cf. Fonseca, Rui de B. (2005), *Monumentos Portugueses em Timor-Leste*, p. 35. D. Moisés de Sá Benevides e o filho D. Matias foram mortos durante a ocupação japonesa. As suas sepulturas estão situadas na localidade de Leroliça (Remexio) encimadas por um escudo com as quinas portuguesas.

de guerrilha contra os japoneses. Uma vez, o *liurai* e os cinco homens da sua segurança confrontaram-se directamente com as forças japonesas nas proximidades de Taroque²³⁴. Não houve baixas da sua parte, mas houve umas dezenas da parte dos japoneses, que imediatamente abandonaram Remexio. O *liurai* sempre teve boa pontaria no manejo quer de flechas, quer de armas de fogo. Foi neste período, mais precisamente em 1945 que nasceu a filha mais nova, Joana, nas proximidades de Ilimano (Lacló), numa localidade chamada Meta-Caileu.

Boa parte do povo protegia o *liurai* e desviava os perseguidores para direcções diferentes do seu esconderijo. Usou muitas vezes da “magia” para garantir a sua segurança, mas nunca renunciou o seu perfil cristão. Segundo o testemunho dos filhos, retirava-se com muita frequência para recolhimento em longas horas de oração, com recitação do terço, à sombra de uma árvore ou encostado a algum rochedo. Diziam também que, uma vez por outra, tinha a visão do Santo Condestável Português, garantindo-lhe protecção²³⁵. Foi, naturalmente, em tais horas de recolhimento e oração em que pedia a Deus a protecção para a sua família e o seu povo, que assumiu diante de Nossa Senhora (sua madrinha, por devoção) o compromisso de pedir ao bispo da diocese um catequista para preparar o seu povo para o Baptismo, se escapasse vivo da guerra.

Mais uma vez, não tivemos oportunidade de saber directamente do *liurai* qual a motivação profunda que o levou a tal decisão²³⁶. Mas uma coisa é certa: “Só podia compreender o sentido das palavras de Jesus, apenas aquele que repousou no Seu peito”, como escreveu Orígenes, referindo-se ao discípulo amado²³⁷. Provavelmente, foi o que sucedeu ao *liurai* nos seus momentos de oração. Compreendeu que o Mestre lhe pedia uma missão: a introdução do reino de Caimauc no Seu Reino.

Questionámos, recentemente, junto dos nossos irmãos, se alguém ouviu algo do nosso avô sobre esta questão. Respondeu um deles, a Maria José, que ouviu esta explicação: o avô reconheceu no seu íntimo que apesar de ser cristão, e ter nascido

²³⁴O *liurai* Mesquita indicou-nos o local do recontro, durante a nossa primeira viagem a Soibada, em 1964.

²³⁵Sou testemunha de que no final de cada recitação do terço em família, o avô nunca se esquecia de invocar o seu “Beato Nuno”.

²³⁶Durante os primeiros anos da diáspora em Portugal as minhas motivações eram outras: lutar e liderar outros jovens na luta pela causa timorense. Assim, para além do trabalho e estudo, tinha ensaios ou digressões pelo País aos fins-de-semana, saía muitas vezes nas férias grandes para encontros internacionais. Tempo para estar com a família, quase nenhum. Entretanto, o avô faleceu em 1988, ficando silenciado para sempre com ele boa parte da sua riqueza espiritual e da história e cultural. Quinze dias depois faleceu o meu pai, outro depositário do património histórico e cultural da família e de Timor.

²³⁷Origines in *Joanem*, 16, p. 14-31.

numa família cristã, estava a viver como gentio. Isto é, não estava casado canonicamente, pois a avó era gentia e os filhos também se mantinham gentios; acreditava e entregava-se a práticas supersticiosas, como os demais gentios do seu reino, e não se abeirava dos sacramentos nem mesmo das missas dominicais.

Os seus quarenta e oito antecessores, com a excepção do seu avô Mau-Lácu, tinham sido todos baptizados, mas só os *liurais*. Se no tempo dos dominicanos, convertendo-se o *liurai* se convertia também o povo, por que é que não acontecia o mesmo com a linhagem Mesquita?

Havia toda uma conjuntura que podia justificar esta situação.

Contou o príncipe herdeiro que, naquela altura, os padres visitavam de tempos a tempos os reinos do interior, e quando lá chegavam perguntavam às pessoas se queriam ser baptizadas. Obtendo resposta positiva, davam-lhe um nome cristão e *derramavam água* (referindo-se ao baptismo) sem a mínima preparação. Esta informação coincide com a prática dos sacerdotes goeses, antes da chegada do padre e depois bispo Medeiros. Até então, só se encontravam igrejas nas zonas costeiras de Timor. Mesmo a nível de administração, a presença portuguesa limitava-se a alguns pontos do litoral. Só com o Governador Celestino da Silva (1894-1908) é que se deu a ocupação efectiva do interior e o estabelecimento de uma estrutura administrativa a englobar todo o território. Antes disso, o interior era governado pelos régulos a seu talante²³⁸. O Reino de Caimauc situava-se nas regiões montanhosas do interior de Timor, recortadas por vales profundos de ribeiras cujos leitos, em tempo de chuvas torrenciais, eram intransitáveis. Baptizados da forma como era administrado tal sacramento e à falta de assistência permanente do missionário, naturalmente os baptizados voltavam às suas práticas pagãs, se é que alguma vez as abandonaram.

Além disso, o reino de Caimauc estava na sua fase de formação. Situação que levou os *liurais* a terem como prioridade a política de conquistas e de expansão, envolvendo-se em guerras constantes para a delimitação das suas fronteiras; combates que praticamente só terminaram no tempo de D. Tomás, trisavô do *liurai* Mesquita.

Podemos tirar daqui, e do que conheço do meu avô, a ilação do profundo incómodo que esta situação – os *liurais* serem cristãos, mas a viverem em meio pagão, obrigando-se a práticas pagãs – deveria causar na sua consciência, apercebendo-se ao mesmo tempo que era altura propícia para a inovação. Deve ter percebido, que não bastava a sua conversão pessoal, mas que era necessário envolver toda uma comunidade

²³⁸Cf. Thomaz, Luís Filipe, *O País dos Belos*, p. 147.

na partilha com ele de uma adesão total à Boa Nova de Jesus Cristo, se quisesse levar avante uma existência cristã em Caimauc ou Remexio.

Prosseguindo com a história, passados três anos, depois dos seus *lulik nain*, terem previsto, através de um acto de culto pagão, que nada lhe aconteceria de mal se fosse encontrar-se com os japoneses, o *liurai* desceu a Díli disfarçado e sempre acompanhado pelos *catuas* de Cota-Morin. Foi recebido pelos *liurais* de Hera e Culuhum (Díli) que, depois das devidas instruções, o apresentaram aos japoneses. Foi julgado e mantido preso, por ter combatido e morto no Remexio soldados das forças nipónicas. A *liurai-feto*²³⁹ e os filhos ficaram sob o cuidado de familiares próximos, primeiro em Hera, depois em Ricele, suco Liurai.

Quando o *liurai* saiu da prisão, foi novamente nomeado *liurai* de Caimauc pelo Governo Português e colocado no posto sede de Remexio e toda a família se juntou a ele.

Novamente no seu posto, o *liurai* não se esqueceu da sua promessa feita a Nossa Senhora. Era chegada a hora da sua realização. Tinha recebido, nos momentos mais trágicos da sua vida, da sua família e do seu povo, durante a ocupação japonesa, um desafio que viria a pôr em causa as suas rotinas e os seus hábitos em ordem a abraçar a novidade do cristianismo. Era chegada a hora de dar um salto existencial. Contudo, era imperioso efectuar-se tal *transição* a partir de uma base bem sólida. Impunha-se-lhe o dever de honrar pela última vez os seus falecidos ancestrais, de acordo com as normas da sua tradição religiosa ancestral, e mostrar a todo o povo e aos seus *umane* e *fetosá* que cumpriu tal dever, antes de passar para a outra margem do lago. Só assim poderia vir a empenhar-se em paz na nova missão que lhe era proposta pelo seu Rei por excelência, Jesus Cristo.

4.2. O grande estilo – a transição propriamente dita

Recorde-se que os *umanes* não chegaram a realizar o estilo devido no funeral do seu avô D. Mau-Lácu. Segundo a tradição, como já referi ao longo deste trabalho, esta falta por omissão obrigava a que o defunto continuasse errante por este mundo, pois não estavam reunidas as condições necessárias para se apresentar, de acordo com o seu

²³⁹A expressão *liurai-feto*, em tétum, tanto dá para designar *rainha* ou *mulher do liurai*. *Feto*, em tétum, significa mulher; em mambáe designa-se *amo hinan* – de *amo* (senhor ou liurai) e *hinan* (mulher).

status social, no Mundo dos seus antepassados (acompanhado das suas riquezas ou seja búfalos, cavalos, cabritos ou outros animais).

Enquadra-se nesta crença ou neste princípio o seguinte comentário de Mircea Eliade (1992):

“No que diz respeito à morte, os ritos são mais complexos, visto que não se trata apenas de um fenómeno natural (o abandono do corpo pela alma ou pela vida), mas também da mudança de um regime ao mesmo tempo ontológico e social. O defunto deve enfrentar certas provas que dizem respeito ao seu próprio destino *post-mortem*, mas deve também ser reconhecido pela comunidade dos mortos e ser aceite entre eles. Para certos povos, só o sepultamento ritual confirma a morte: aquele que não é enterrado segundo o costume, não está morto. Além disso a morte de uma pessoa só é considerada válida depois da realização das cerimónias funerárias, ou quando a alma do defunto foi ritualmente conduzida à sua nova morada, no outro mundo e lá foi aceite pela comunidade dos mortos”²⁴⁰.

Por isso, o *liurai* Mesquita não permitiria nunca que o seu avô permanecesse por mais tempo nesse vexame. Ao realizar o *estilo* para o seu avô, aproveitou para reforçar, pela última vez, o bem-estar espiritual de todos os outros antepassados, desde D. Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay a D. António Mesquita, seu pai.

Como preparativos, o *liurai* mandou abater, em primeiro lugar, matas de uma localidade chamada Ué-Lala, uma grande encosta em cujo vale corria água fresca de uma ribeira. Semeou e plantou durante um ano, géneros alimentícios, mandando arrecadá-los, após a colheita, em grandes armazéns construídos para o efeito. Depois mandou emissários, dois a dois, empunhando um bastão com crina de cavalo atada à ponta²⁴¹, de casa em casa dos *feto-sá*, com a missão de transmitir a intenção do *liurai* e de determinar o número de búfalos ou cabritos que cada *fetosá* deveria apresentar no *estilo*. Passado um tempo, os emissários deram uma segunda volta pelas casas para fazer o ponto da situação. Por fim, mandou construir habitações provisórias para acolher os convidados.

Na data apazada e com a presença de todo o Reino, *umanes*, *feto-sás* e *dato-lulik*, iniciaram-se as cerimónias funerárias (*estilo* do *hacói-mate* ou *ahe-sae*). O próprio *liurai* Mesquita fez questão de participar activamente na sua realização, apresentando-se tradicional e rigorosamente trajado: vestido de *tais*, com pano branco à volta da cintura, luas de ouro ao peito, caibauc (meia lua de prata) e penacho (*manu-fulun*) na cabeça,

²⁴⁰ *O Sagrado e o Profano*, p. 86.

²⁴¹ A crina de cavalo atada à ponta do bastão era sinal de que o assunto da visita dizia respeito ao culto dos antepassados. Por isso, para a refeição de confraternização que se seguia à reunião, uma parte do animal ou animais abatidos era oferecida, em lugar próprio, aos espíritos dos antepassados, antecipação da grande confraternização entre vivos e mortos durante o *estilo*.

pêlos de cabra nos tornozelos²⁴² (a figura 7) ilustra um chefe tradicional timorense rigorosamente trajado), empunhava um *ai-dona* (bastão) e resguardava a entrada da *uma lulik*. Dentro da *uma lulik*, encontravam-se o *lulik-nain* e o tio paterno do *liurai*, o seu *aman-kik*²⁴³, José Noronha, também rigorosamente trajado, exercendo funções de juiz. Os *feto-sá* eram introduzidos na *uma lulik* com uma certa ordem. À medida que o *lulik-nain* convocava os antepassados - três ou quatro por dia, através dos seus objectos *lulik*, guardados religiosamente na *uma lulik* da dinastia/linhagem, o *Aman-Kik* verificava junto dos *fetosá*, através de interrogatórios, se o número de cabeças de gado que traziam correspondia ao que tinha sido combinado com os mensageiros. Se sim, o *juiz* batia com uma pele seca fumada de búfalo na perna direita, que fazia um grande estrondo, e declamava em voz alta o *secala*²⁴⁴ (o anúncio ou declaração pública do regresso dos espíritos à *cnua*). O povo no terreiro dava largas à sua alegria, com *haklalak*²⁴⁵ e danças, ao som do grande tambor (*baba*). Seguidamente, abatiam-se cabeças de gado para o banquete de confraternização, de comunhão entre os vivos e os antepassados acabados de regressar à *cnua*, colocava-se a comida para os antepassados num altar de pedra, junto ao *hali* da *cnua* – plantado por D. Tomás e seu pai, D. Manuel de Matos Góis. Se, pelo contrário, algum *fetosá* falhasse no número de animais, o que era raro acontecer, à saída da *uma-lulik* levavam com o *ai-dona* do *liurai* Mesquita, pois o incumprimento das promessas condicionava as condições para a realização do *estilo*. Repetiam-se todos os dias, os mesmos rituais até serem convocados todos os antepassados falecidos.

²⁴²Isto ilustra bem a importância e o carácter sagrado deste culto sacrificial. A achorca de cabra (*babeta* em tétun e *tadóe* em mambáe), em forma de anilha, que os timorenses atam nos tornozelos em ocasiões solenes, e nas guerras, supõe em quem os usa o intuito de imitar a leveza da cabra e o seu instinto gregário; o penacho com que enfeitam a cabeça, o intuito de copiar das aves, principalmente do galo, a vigilância, a altivez, o brio viril na luta e o estoicismo na morte, suportada em silêncio. Cf. Pascoal, Ezequiel Enes, *op. cit.* p. 69.

²⁴³Irmão mais novo do pai: *aman*, pai + *kik* (pequeno), falecido em Larluhan, rodeado de sua família numerosa, em 1970.

²⁴⁴*Secala*, termo em mambáe que corresponde a uma espécie de salmódia composta por estrofes, improvisadas, declamada por um solista, com vibração para excitar entusiasmo. Termina gritando o seu *haklalak*, a que todos se juntam de modo atoador. Cf. Pe. Ezequiel, *A Alma de Timor...*, p. 62.

²⁴⁵*Haklalak*, é o modo de gritar, em coro, com todas as forças dos pulmões, dando à voz uma modulação trémula e prolongada, impressionante, acompanhado quase sempre de pulos e gesticulações desmedidas. Cf. Pe. Ezequiel, *ibidem*.

Figura 7: Fotografia do liurai D. Aleixo Corte-Real em 1938



Fonte: *História de Timor-Leste* (2009), p. 1006.

Feita a convocatória de todos os antepassados *liurais* através dos seus objectos *lulik*, o *dato-lulik*, após prolongada oração (*hamulak*), enviava solenemente (*túli*) os seus espíritos para a morada definitiva – o Tata-Mai-Lau. Para isso, estava preparado um cavalo selado para os transportar. Na altura em que se pronunciava o envio, o cavalo, embora parado no sítio, preso a uma árvore, tremia suave e bufava como se estivesse a fazer uma grande corrida pelas montanhas, até ao momento em que se concebia que os espíritos atingiram a sua morada definitiva.²⁴⁶ Depois tirava-se da *uma lulik*, os objectos e foram enterrados solenemente no cemitério da *cnua* (*rate bot*), pois com a *ascensão* dos espíritos ao Tata-Mai-Lau, os objectos que os representam, já não eram ali necessários. O cavalo era, depois, entregue aos *umanes*. Em simultâneo, apresentavam-se barcos construídos para a ocasião. Rodeados de velas acesas durante a noite, o *lulik nain*, depois do *hamulak*, fazia o respectivo envio (*túli*) para a terra dos seus antepassados, no além-mar. Este rito funerário teve que ser interrompido ao final de um mês, por ordem do *liurai*, pois a lagoa de cujas águas bebiam os búfalos reunidos

²⁴⁶Este ritual foi-me relatado, pessoalmente, pelo *liurai* Mesquita em Odivelas, Portugal, em 1980; pelo seu filho adoptivo João Florentino Mesquita, em Setúbal, em 2002; pelo príncipe-herdeiro, João Mendonça Mesquita, em Melbourne, Austrália em 2004 (posso a gravação em cassete-vídeo deste diálogo). Em Maio de 2008, ouvi novamente a sua descrição por um sobrinho do *liurai* Mesquita, Adolfo Noronha, em Timor, que disse ter ouvido contar pelo tio *liurai*.

para esse fim²⁴⁷, secou, tal era o número de gado ali reunido. Os búfalos que sobraram foram entregues aos *umanes* da linhagem Mesquita, segundo as normas sócio-económicas locais. Normalmente a festa prolongava-se até serem abatidos e consumidos todos os animais.

Testemunham os *catuas*²⁴⁸ que a partir deste evento o *liurai* Mesquita de Caimauc passou a ter muito prestígio em todo o Timor. Acerca disso, veja-se o comentário de Menezes (2006):

Ainda com a finalidade de aumentar o prestígio pessoal e a glória da linhagem se procedia ao abate de grande número de animais e ao consumo conspícuo de alimentos durante ritos funerários, ao mesmo tempo que se efectuava a troca cerimonial de bens dentro das normas sócio-económicas já referidas, para assim os mortos, em honra dos quais se realizava o rito, se glorificarem no Além, enquanto os próprios vivos também subiam de prestígio, em função do valor e volume dos bens transaccionados e animais abatidos, nomeadamente búfalos. Tudo isso fazia com que os ritos timorenses demorassem outrora períodos longos, tomando aspectos de autênticos *potlatches* e sendo acompanhados de actividades terpsicóricas e de grandes comezainas e libações (p.109).

É curioso verificar-se também a grande semelhança entre a concepção da morte e dos ritos funerários na sociedade Timorense e na sociedade Toraja de Sulawesi, da ilha de Celebes, Indonésia²⁴⁹. Também entre estes o ritual funerário é dos eventos mais elaborados e caros. Quanto mais rico e mais poderoso é o indivíduo, mais caro é o funeral. Normalmente a festa da morte de um nobre conta com a participação de milhares de pessoas e tem a duração de vários dias, realizado num grande campo, onde a construção de abrigos para o público, celeiros, arroz e outras estruturas cerimoniais fúnebres são preparados pela família do falecido. A cerimónia é realizada semanas, meses ou anos após a morte, para que a família do falecido possa juntar os fundos necessários para cobrir as despesas do funeral, pois acreditam que a morte não é um

²⁴⁷O búfalo desempenha na sociedade timorense um papel multi-activo. Como animal de trabalho, cabe-lhe o piso das várzeas de arroz inundadas; de riqueza, porque assinala, se em elevado número, a riqueza do proprietário; nas trocas matrimoniais constitui parte da prestação masculina; e é, também o animal de sacrifício, por excelência, nos ritos propiciatórios, agrícolas e mortuários (Cf. Ruy Cinatti, 1987, p. 142). É tão grande a veneração que se tem por ele que em certas zonas de Timor lhe celebram o rito do *fasse karau ain* (lavagem dos pés do búfalo) no fim da pisa das várzeas para a sementeira de arroz. Pede-se desculpa aos búfalos por terem sido desviados da sua função principal, que é de honrar os mortos e os seus espíritos, e *lava-se-lhe os pés* que sujaram num trabalho indigno de seres tão importantes; abatem-se vários animais, que não búfalos e pede-se também desculpa aos antepassados por terem sido desviados os búfalos para as várzeas, depois consome-se a carne dos animais abatidos (Cf. Menezes, 2006, p. 105).

²⁴⁸O príncipe-herdeiro João Mesquita (Melbourne 2003), e o filho adoptivo do *liurai*, em Setúbal (2004).

²⁴⁹Sobre os ritos funerários da sociedade Toraja, veja-se, Borisbois, Éleonóre et Douvier, Francine, *Les Toradja Celebes*, Le' Houme Vivant, Hachette, 1980, p. 119 ss. Recorde-se que, segundo o mito de origem de Wé-Hali, as quatro tribos oriundos de Malaca, permaneceram uma boa temporada em Macassar, Celebes, antes de seguirem viagem para Timor (Pinto Corrêa, *op. cit.*, p. 324). E o primeiro habitante de Timor era também originário de Macassar, segundo a lenda (Artur Sá, 1961, *Literatura Oral Timorense em Teto*, p. 12-22).

acontecimento súbito e abrupto, mas um processo gradual em direcção ao *Puya* (*a terra das almas*). Durante o tempo de espera, o corpo do morto é envolvido em várias camadas de pano e guardado na casa tradicional (*tongkonan*) e a alma do falecido vagueia pela povoação até que com a conclusão da cerimónia fúnebre começa a sua jornada para o *Puya*.

São abatidos búfalos, cujas carcaças e cabeças são alinhados num campo a aguardar pelo seu dono em *estágio de sono* (enquanto não terminarem as cerimónias), pois tal como em Timor, os Torajan acreditam que o falecido vai precisar do búfalo para fazer a viagem e que quanto mais búfalos tiver na sua companhia, mais depressa chegará ao *Puya*.

A festa da morte atinge o seu clímax com o abate de dezenas de búfalos e centenas de porcos, acompanhada com dança e música, e os rapazes a fazerem jorrar sangue dos animais em longos tubos de bambu.

Voltando ao comentário de Menezes (2008), pelo que conhecemos do *liurai* Mesquita, a finalidade do *Estilo* não deixou de ter, naturalmente, a mesma finalidade da descrita no texto citado, mas o objectivo principal, terá sido mesmo celebrar pela última vez este banquete sacrificial da religião tradicional. Como cristão que era e, pela formação que recebera dos pais e na escola, o *liurai* teria entendido que, daí por diante, os sacrifícios antigos (de búfalos e outros animais) jamais teriam valor perante o sacrifício do Cordeiro Imaculado, como diz a Carta aos Hebreus (Heb 9). Dá-se, aqui como referimos no capítulo anterior, o salto do culto aos *matebian* e *lulik* para o culto directo e aproximação a *Maromak*.

Poder-se-ia considerar este estilo como a meta final de um percurso antigo, orientado pelas religiões tradicionais, e a transição para um novo percurso, orientado pelo cristianismo. É, na linguagem de S. Paulo, um sepultamento dos valores antigos, em que o *liurai* acreditara e o nascimento para uma vida segundo a novidade do Evangelho: o morrer do homem velho para o nascer de um homem novo (Rom 6).

Como veremos mais adiante, a partir do passo dado, o *liurai* procurou sempre ponderar com muita prudência e sensatez, com a ajuda do catequista e seu genro, mestre Marçal, os desafios que lhe exigiam o cumprimento das normas tradicionais e as normas da fé cristã. Pois a posição oficial da Igreja não parecia muito favorável aos *estilos*. Citamos apenas dois exemplos:

- Em 1670, o Governador do Bispado, Frei Travassos, opôs-se às cerimónias gentílicas (*estilo*) que os *datos* estavam a realizar por ocasião dos funerais do *liurai* de Lifau que era cristão. Em consequência disso, o frade foi morto às zagaiadas²⁵⁰.
- O padre Ezequiel Enes Pascoal nunca obteve autorização da Santa Sé para assistir pessoalmente, aos *estilos* em Timor²⁵¹.

II. Cristianização de Remexio

1. Pedido de um catequista para Remexio

Em 1947, um capelão militar português (alferes), chamado José Luís, deslocou-se de Soibada ou Laclúbar para Díli, tendo de passar por Caimauc e Remexio. Era esse o percurso que se fazia, quando a viagem era feita a cavalo. Pernoitou na povoação de Raimera-Hei, nas imediações do antigo posto de Taroque. Quando quis compensar o dono de casa pela hospedagem, este não aceitou. Só lhe recomendou que não deixasse de passar pela casa do *liurai* no posto sede de Remexio. Ao entardecer, os *moradores* avisaram o *liurai* que um alferes português lhe queria falar. Este saiu-lhe ao encontro e, reconhecendo pelo colarinho que era sacerdote acolheu-o e hospedou-o em sua casa. Parece que Deus tinha tudo preparado para favorecer o cumprimento da promessa.

No dia seguinte, quando o sacerdote quis compensar o *liurai* pelo acolhimento prestado, este respondeu-lhe:

Senhor padre, neste momento eu sou o único cristão em Remexio; a melhor recompensa que o senhor padre me poderia dar é transmitir ao senhor bispo o meu desejo do envio de um catequista para instruir na doutrina cristã e preparar para o baptismo o povo desta terra.²⁵²

O sacerdote aceitou de muito bom grado tal pedido, recomendando apenas ao *liurai* que fosse, depois, formular pessoalmente o seu pedido ao bispo.

Passado algum tempo, o *liurai*, acompanhado de seu filho primogénito, João Mendonça Mesquita, e o seu cunhado e homem de confiança, Gaspar da Silva, dirigiu-se ao Paço Episcopal para a formalização do seu pedido a D. Jaime Garcia Goulart.

²⁵⁰Fernandes, Abílio (1931), *Missões de Timor*, p.33 e Menezes, *op. cit.* p. 191.

²⁵¹Pascoal, Ezequiel Enes (1966) *A Alma de Timor Vista na Sua Fantasia*.

²⁵²A narração da história do capelão militar e da descida do *liurai* a Díli foi-me relatado pessoalmente pelo príncipe-herdeiro e familiares mais próximos, e consta do discurso da elevação da Missão de Remexio a Paróquia (*Anexo XI*).

Subiram as escadarias da residência do bispo de joelhos, mesmo com o bispo a insistir que não o fizessem.

Tendo em conta a autoridade de que os *liurais* gozavam em Timor, esta atitude de humildade do *liurai* para formular o seu pedido a um dignitário da Igreja dá-nos que pensar e “guardar estas coisas, ponderando-as no coração”, segundo a expressão dos Evangelhos (Lc 2,19).

O bispo, muito satisfeito com o pedido, disse ao *liurai* e aos seus acompanhantes que voltassem descansados para *Remexio*; em breve teriam o catequista desejado²⁵³. Fez, no entanto um reparo: que a nova missão fosse assente não no suco *Liurai*, mas na povoação onde se encontrava o posto sede de *Remexio*. O *liurai* concordou.

Estava, assim, dado em *Remexio* o primeiro passo para a realização da vontade de Deus “que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tim. 2, 4-6, in, *Ad Gentes*, 7).

2. Início da evangelização e primeiros batismos

Passado algum tempo, o bispo D. Jaime nomeou e mandou para *Remexio* o mestre Zacarias Albano da Costa, natural de Betano, costa sul, habilitado com o 2º Ano do curso de professores-catequistas em *Soibada*²⁵⁴.

Assim, em Setembro de 1946 chegou a *Remexio* o catequista Zacarias com sua esposa Maria e as filhas Felismina de dois anos de idade e Natalina de nove meses, acompanhados de mais um casal de familiares²⁵⁵. Era o primeiro catequista e professor em *Remexio*. Não havia no posto administrativo (apesar de elevado a comando militar desde 1894) escola, nem capela. O povo “andava nas trevas”, segundo testemunham os *catuas*, que ainda sobrevivem: não era instruído nas letras, nem na doutrina cristã; quando adoecia recorria às magias *urat*, quando morria fazia *estilos*; só falava *mambáe* e *lalein*; nem cumprimentar sabiam, porque a forma de cumprimentar naquele tempo era

²⁵³Nada melhor para a Diocese, em plena época de ressurgimento, depois das destruições perpetradas pelos japoneses.

²⁵⁴Interrompeu os estudos por causa da ocupação japonesa, pois o curso completo era de três anos, de acordo com informação do mestre Marçal, primo do mestre Zacarias.

²⁵⁵Testemunho da filha do mestre Zacarias, Natalina Pereira da Costa, enviado por *mail* em 2010. Para a elaboração da origem da Missão de *Remexio*, servi-me das respostas ao questionário inserido (*Anexo X*). Há divergências quanto à data da chegada do catequista. Tendo em conta que o batismo dos primeiros catecúmenos foi realizado em Fevereiro de 1948, o catequista não podia ter chegado em 1948, como testemunham os *catuas* de *Remexio*. Inclino-me mais para a chegada do catequista, em 1947.

beijar ou apertar a mão sem pronunciar palavras. Não havia ninguém para receber o catequista, senão o *liurai* e os chefes de suco. O povo gentio ficou angustiado porque ouviu dizer que era necessário aprender tétum, pois o catequista só falava tétum, que tinha de saber cumprimentar, de aprender a doutrina, de abandonar as suas crenças ancestrais... Isso tudo levou grande parte do povo a fugir para Hera, Metinaro, Laclúbar e Aileu.

Perante tais dificuldades, o mestre Zacarias pediu apoio ao *liurai* para o cumprimento da sua missão. Este ordenou a ida dos *moradores* aos sucos e povoações com a finalidade de chamar as pessoas para a catequese e para a escola²⁵⁶. Pois “é preciso que todos se convertam a Cristo conhecido pela pregação da Igreja e que sejam incorporados, pelo Baptismo n’Ele e na Igreja seu corpo” (*Ad Gentes*, 7). Com este serviço solidário entre o catequista e o *liurai* conseguiu-se reunir muita gente para a doutrina e para a escola, oriunda principalmente de Caimauc, do suco Liurai,²⁵⁷. Os catecúmenos deixaram os seus sucos e permaneceram em casas provisórias, nas imediações da casa do *liurai* enquanto durou o catecumenato.

Entretanto o *liurai* e o catequista mandaram edificar uma capela de construção tradicional: chão de terra batida, de paredes de *fafulu* (canas de bambu) espalmado e entrelaçado, telhado de capim e *gamute* e suporte de madeira de pau-rosa²⁵⁸. O *liurai* comprou uma imagem de S. José e colocou-a no interior da capela. Mais tarde foi construída uma residência para o missionário com o mesmo material de construção.

Como não havia outro espaço, o mestre Zacarias dava aulas e catequese na capela, funcionando (diariamente) as aulas de manhã e a catequese de tarde. Os alunos ou catecúmenos sentavam-se no chão de terra batida. Aos domingos, recitava-se o terço²⁵⁹.

²⁵⁶Essa acção do *liurai* pode levar a induzir que foi utilizada força para obrigar o povo a ir à catequese, mas não havia outra forma de o fazer. Além disso, era essa a prática usada pelos *liurais* para convocar o povo para qualquer tipo de actividade junto às autoridades portuguesas.

²⁵⁷Cf. *Seara*, Julho/Agosto, 1950, p. 152 (*Anexo VIII*). Quanto à escolarização do povo um pai (Félix, *um do rapazes do liurai*) disse ao *liurai*: “Amo. (senhor, liurai), não os mande para a escola. Quando ficarem instruídos serão os primeiros a voltarem-se contra si”. Quando, em 1975, o filho do mesmo *catuas* Félix se dirigiu à casa do *liurai*, e armou uma grande discussão, o pai foi pedir desculpa ao *liurai* e disse: “Amo o que é que lhe tinha dito. Esta gente não merece nada”. Um descendente dos *liurais* de Ossú, Lariguto, casado com uma neta do *liurai* Mesquita, ficou muito admirado com a política seguida pelo avô desta, pois, segundo ele, os *liurais* normalmente evitavam mandar os súbditos para a escola para impedir que os ultrapassem em sabedoria.

²⁵⁸Cf. *Seara*, *ibidem*.

²⁵⁹A descrição da chegada e das primeiras actividades missionárias do mestre Zacarias com o apoio do *liurai* é um resumo traduzido para português do discurso lido na cerimónia da elevação da missão de Remexio a paróquia, cuja cópia foi enviada por um dos responsáveis da paróquia, Alexandre, filho do antigo chefe do suco Liurai, Julião Andrade, e que integra o *Anexo VI*).

Entre os primeiros catecúmenos encontravam-se a própria *liurai-feto* (esposa do *liurai*), de nome gentia Bui-Luís, e as filhas Ana Teresa (minha mãe) e Joana; quatro dos cinco fiéis rapazes que acompanharam o *liurai* durante a ocupação japonesa Amadeu, Félix, Feliciano e Gaspar (*tenente Caça*); os familiares próximos do *liurai* oriundos do Sucu-Liurai, dois dos quais ainda sobrevivem (tio Marcos e tia Adelina, que nos deram testemunhos valiosos sobre estes primeiros tempos da evangelização). O filho primogénito do *liurai* encontrava-se a estudar em Díli. Isto faz-nos lembrar que também a comunidade cristã inicial de Jerusalém era liderada pelos familiares (irmãos) de Jesus.

Depois de intensiva preparação pelo mestre Zacarias, os primeiros catecúmenos desceram a Díli, em Fevereiro de 1948, e a 11 de Fevereiro foram baptizados na Igreja Matriz de Díli, a cuja jurisdição pertencia a nova missão de Remexio. Era então pároco o padre António Manuel Serra. Entre os baptizados encontrava-se a *liurai-feto*, a quem foi posto o nome cristão de Brígida Mendonça Mesquita²⁶⁰ e as filhas Ana Teresa e Joana. Entretanto o *liurai* também se preparou com uma prolongada confissão sacramental, segundo o testemunho da filha Ana Teresa. No dia seguinte, 12 de Fevereiro, celebrou-se o Casamento Canónico do *liurai* e da *liurai-feto*²⁶¹. Tenho muita pena de não ter conversado com o *liurai* Mesquita acerca dos sentimentos profundos que ele terá tido neste grande e memorável dia.

Segundo o livro dos assentos de baptismo existente, realizaram-se 93 baptismos no ano de 1948. Na revista *Seara*, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, nº. 1, de Janeiro de 1949, encontra-se registado este apontamento do Pe. Ezequiel:

Celebrou-se, em todas as missões, a festa da Imaculada Conceição, de modo especial na igreja paroquial de Díli [...] Além da novena de preparação para a festa, houve também instrução a mais de duzentas pessoas, a maior parte crianças de Díli e da vizinha e nova missão de Remexio, para a recepção do Crisma (p. 17).

3. Um segundo professor-catequista para Remexio

Entretanto, o *liurai* desceu com a família (já cristã) a Díli para apresentar cumprimentos ao bispo, D. Jaime em Lahane. Nas imediações da residência do bispo, vivia o professor-catequista Marçal de Andrade. A presença da filha mais velha do

²⁶⁰Cf. Livro de Assento Baptismos nº 16/1948 (*Anexo IX*).

²⁶¹Cf. Livro de Assento de Casamentos Canónicos nº. 2/1948 (*Anexo IX*).

liurai despertou-lhe imediatamente a atenção. Informado sobre a identidade da menina e de seus pais, tratou logo de contactar o primo Zacarias e pedir-lhe para ser o portador da carta que ele iria enviar ao *liurai* Mesquita para pedir a mão de sua filha. A carta foi, por isso, apresentada ao *liurai* pelo catequista acompanhado das devidas recomendações que o caso exigia. Falando em particular com a sua aluna, o mestre advertiu “não te preocupes, ele (Marçal) é velho, mas é boa pessoa”²⁶². Aceite o pedido, compareceram em Remexio os *catuas* de Alas para acertar, formalmente, com o *liurai* e os seus *catuas* e *principais* do reino o contrato de casamento, segundo as normas rígidas da tradição. Perante o constrangimento dos *catuas* de Alas em relação à desigualdade de estatutos sociais entre o mestre Marçal (simples filho do povo) e a princesa Ana Teresa, que exigiria, segundo a tradição, dotes elevados²⁶³, o pai desfez imediatamente o embaraço com esta resposta: ”Não, não, aqui não se trata de casamento entre rico e pobre, entre *liurai* e gente do povo, aqui trata-se do casamento de dois filhos de Adão e Eva”²⁶⁴. Feitos os acertos, teve que se aguardar para que a noiva completasse 15 anos de idade para a realização do enlace matrimonial canónico que veio a concretizar-se a 12/09/1949²⁶⁵. Depois de morarem um ano na missão de Lahane, mudaram para Remexio em Junho de 1950. Mais uma valia para o *liurai* e para a nova missão de Remexio²⁶⁶.

Uma vez que se fez referência a um casamento nos moldes tradicionais de Timor, convém esclarecer-se as normas pelo qual se rege. Portanto, o casamento gentílico timorense, designado em tétum e português de Timor por *barlaque*, é orientado pelos “termos jurídicos” *habani* e *hafoli*²⁶⁷.

Hafoli: de *halo* (fazer) e *folin* (preço) é um verbo que significa apreçar, combinar o preço de, adquirir por compra. Como termo jurídico na expressão *hafoli-feto* (comprar mulher) quer dizer casamento mediante a compra da mulher, ficando esta na absoluta dependência do marido e respectiva família. Todos os filhos do casal ficam a pertencer à linhagem paterna.

²⁶²Contou mais tarde, Ana Teresa aos seus filhos já em Portugal. Em 1948, mestre Marçal tinha 32 anos e Ana Teresa 14 anos.

²⁶³“Passam por fabulosas as somas que os pretendentes dispensam em ouro, objectos e animais, para conseguirem a filha de um régulo”. Sá, Artur Basílio (1952), *Timor*, p. 28.

²⁶⁴Contou um dos meus tios paternos quando em Setembro de 2001 fiz questão de questionar, em Alas, aos tios paternos, por que razão o meu pai fora morar para Remexio e não a minha mãe para Alas como era habitual em Timor.

²⁶⁵Cf. Livro de Assentos de Casamentos Canónicos 26/fls.26/1949 (*Anexo IX*).

²⁶⁶Fiz questão de falar deste casamento, pelo contributo que isso veio dar (o mestre Marçal, mais tarde as suas filhas), ao desenvolvimento da nova missão de Remexio.

²⁶⁷Duarte, Mons. Jorge Barros (1979), *Barlaque: Casamento gentílico timorense*, 378.

Habani: de *halo* (fazer) e *banin* (sogro, sogra), também é um verbo que significa contrair casamento gentílico, sem a obrigação de pagar o *fôlin* da mulher, indo o nubente viver para casa da nubente. Neste regime, apenas um filho, geralmente o segundo, pertence ao pai, indo ficar com os avós paternos. Por isso, a expressão consagrada é, vulgarmente: *fó ba aman rin, fó ba aman fátin*, isto é, “dar para arrimo do pai, dar para o lugar do pai”²⁶⁸.

Não foi cumprida, da parte do mestre Marçal, a entrega da segunda filha, Francisca, à casa (*uma*) dos avós paternos: Aliás, o príncipe-herdeiro, para evitar que a sobrinha fosse levada para Alas, foi a Aileu, onde estava a leccionar o mestre Marçal, e levou a sobrinha para Caimauc. Por isso, em 2004, desloquei-me a Austrália para levar a minha irmã a Alas e introduzi-la na *uma liçan* do nosso avô paterno (*Mau-Berek*). Reuniram-se centenas de familiares para este ritual. Colocadas as duas manas no regaço de suas primas (mais velhas), foram retiradas as veste europeias e vestiram-nas de timorense, gesto que significava um novo nascimento para a família paterna. Após uma prolongada recomendação a Deus e aos antepassados, seguiu-se uma grande festa, onde muito se petiscava, mas mais se falava. Os nossos primos fizeram questão de nos pôr ao corrente dos seus usos e costumes pela noite dentro. Feita a introdução, a Francisca pôde voltar para a Austrália, onde residem o marido e os filhos. Bastou a introdução na *uma liçan* do avô paterno, explicaram. O nosso primo directo (Vidal) exclamou, emocionado: “Esta gente saiu para Portugal e Austrália, mas continua a ter consideração por nós e pelos nossos usos e costumes”. Ele serviu sempre de intérprete, durante as nossas reuniões, pois os familiares de Alas falavam *tétum térik*, mais elaborado, e nós só entendíamos o *tétum* popular.

Entretanto o *liurai* deixou a residência do antigo posto sede de Remexio, pertencente ao reino de Manumera, e assentou residência com a família em Caimauc, numa localidade chamada Nuno-Damar (local onde nasci em 1953). Estando na região de Caimauc, o *liurai* podia desenvolver à vontade plantações de café e várzeas de arroz na zona ribeirinha de Liuhani. Concedeu terrenos ao genro, onde trabalhou como agricultor até ser colocado na escola da missão de Aileu, em 1954. O *liurai* só se deslocava ao posto sede com os seus *principais* para as reuniões semanais com o chefe de posto e, com toda a família, quando havia visitas missionárias.

²⁶⁸*Ibidem*, p. 382.

4. *Visitas Missionárias*

Pertencendo à jurisdição da Igreja Matriz de Díli, mais tarde Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Balide, cabia aos párocos desta dar assistência à nova Missão.

Acerca do programa das visitas missionárias, optei por conjugar o que me foi dado observar e vivenciar durante a minha infância e juventude em Remexio, com o programa oficial implementado em Timor, registado por Mons. Barros Duarte (1987), dado haver concordância entre as duas fontes²⁶⁹.

As visitas periódicas às cristandades anexas às Missões Sede eram de três dias nas cristandades mais pequenas e duravam cinco dias nas maiores. O exercício do ministério sacerdotal nessas visitas era: a catequese; a pregação; confissões; batismos; casamentos e celebração da Eucaristia. Para lá afluíam inúmeros fiéis, (homens e mulheres, mães com bebés ao colo, rapazes, raparigas e até velinhos e velinhas), vindos de bons quilómetros de distância cobertos, geralmente, a pé. Albergavam-se à sombra das árvores ou de uma cabana improvisada, apoiada em quatro estacas, fizesse sol ou estivesse a chover²⁷⁰.

Remexio recebia a visita missionária trimestral com a duração de três dias, aplicando-se os exercícios do ministério sacerdotal acima mencionados. Também para lá afluíam cristãos dos vários sucos e povoações a grandes quilómetros de distância. Albergavam-se em cabanas provisórias e à sombra dos cafezeiros da plantação de café que circundava a capela e a casa do *liurai*. Este também para lá se deslocava, com a sua família. À multidão reunida, ávida da palavra de Deus, continua o mesmo missionário, tinha que se pregar duas vezes por dia, uma de manhã durante a missa e outra à tarde, após a recitação do terço comunitário. A pregação era escutada pela assembleia, sentada numa esteira grande de palha que alcatifava todo o chão térreo do templo, construído com os mesmos materiais da palhota do missionário.

A Eucaristia prosseguia com a Comunhão, administrada por um só sacerdote em vagas sucessivas de comungantes.

Embora centrado na Liturgia da Palavra e na Liturgia Eucarística, cada dia da visita missionária era também preenchido com horas e horas de confessionário. Podia ser 7 – 9 ou mais horas num só dia.

²⁶⁹*Em Terras de Timor*, p. 138-140).

²⁷⁰Cf. Mons. Barros Duarte, *Em Terras de Timor*, p. 74.

O mesmo se passava em Remexio, embora nos primeiros anos o número de cristãos ainda não chegasse a centenas.

O penúltimo dia da visita missionária ficava reservado aos batismos, sempre colectivos, pelo grande número: trinta ou quarenta de cada vez, em média.

O último dia dessas visitas era para os casamentos, sempre em cerimónia colectiva e precedidos dos respectivos processos canónicos.

Para os batismos de adultos, primeiras comunhões e casamentos havia uma catequese adequada, mais esmerada, dada pelo missionário que, nessa altura, examinava os candidatos que os catequistas locais tinham preparado para aqueles sacramentos durante seis ou oito meses.

Atenta a densidade do programa das visitas missionárias às cristandades, o missionário praticamente não tinha tempo livre, desde o levantar, às 5 ou 5.30 horas, até às 23 horas ou mais tarde – acrescentando ainda a recitação do *breviário*. Portanto, essas visitas não eram isentas de trabalho duro e sacrificado: para além do desconforto das palhotas, pelas condições precárias em que se tinha que tomar o habitual banho matinal. Ressalve-se, no entanto, que as refeições eram preparados com esmero pelos criados dedicados e não faltava o bom café de Timor famoso, em todo o mundo.

Com a mudança da capela para a sede do novo posto administrativo, na localidade de Nice, em 1963, melhoraram as condições como adiante veremos.

5. Párocos/Assistentes Missionários

Pe. António Manuel Serra foi o primeiro assistente da missão, em 1948. Foi ele quem baptizou os primeiros catecúmenos, a começar pela família do *liurai* e presidiu ao casamento canónico do *liurai*.

Seguiu-se o Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1948 – 1957). Casou os meus pais em 1949, e baptizou-me em Junho de 1953²⁷¹. Nas suas visitas missionárias, para além dos exercício do programa oficial, o sacerdote, sedento de conhecer tanto quanto possível os costumes pagãos, dedicava-se à recolha de lendas, contos e fábulas, pois no seu entender “o ficcionismo é uma das mais características manifestações da alma timorense

²⁷¹Cf. livro de assentos de baptismo n.º. 221/1953 (*Anexo IX*).

– é a sua expressão documental”²⁷². Em Remexio, pedia para esta tarefa a colaboração do *liurai* Mesquita e do mestre Marçal, e estes não se fizeram esperar. O próprio missionário anota a forma como recolheu a primeira lenda registada no seu livro, *Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, intitulada “O Resto da Terra”:

Narrador - Bere-Léqui, Chefe do Suco de Hatu-Ri-Lau, do posto administrativo de Remexio, na área do concelho de Díli. [...] Foi na residência missionária – de bambu e colmo – da sua antiga sede, que Bere-Léqui, cercado de velhos e outras pessoas, entre as quais o régulo local, Manuel da Gama Barata da Conceição Mesquita, me contou esta lenda.²⁷³

Assisti também, pessoalmente, a reuniões organizadas pelo *liurai* e o mestre Marçal na sua residência de Nuno Damar, com os *catuas lia-nain* do reino, onde nunca faltava o chefe de suco Bere-Léqui, a quem tratávamos por *avô Berlameto*. Era um encanto ver e ouvir os *catuas* desfiarem, de forma elegante e airoso, com aquela serenidade própria dos orientais, em símbolos e imagens, figuras e paralelismos, a expressão da sua grande sabedoria e filosofia de vida. O mestre Marçal anotava tudo e entregava ao Pe. Ezequiel que, por sua vez, as registava no boletim eclesiástico da diocese de Díli *Seara*. Da compilação foi editado mais tarde o livro acima mencionado.

Aqui se vê o importante papel das missões católicas na divulgação das práticas ancestrais da cultura timorense, para além da evangelização e do ensino. “Pois o Evangelho não tira nada à liberdade, ao devido respeito pelas culturas, a tudo quanto de bom possui uma religião”²⁷⁴.

Recorde-se que também o Pe. Artur Basílio de Sá, por ocasião da comemoração do quarto século do estabelecimento da primeira Missão nas ilhas de Timor, publicou um livro em 1961, contendo sete lendas escritas em tétum – o dialecto cristão da Ilha – com a colaboração de dois professores-catequistas e qualificados mestres de tétum, naturais de Timor, Marçal de Andrade e Paulo Quintão, no qual fez a seguinte observação:

Para o estudo duma língua culta, as suas obras literárias escritas são os documentos mais valiosos da sua evolução, da sua história, da sua vida, numa palavra. Na falta destes, tratando-se de uma língua primitiva, as peças da sua literatura oral surgem-nos,

²⁷²A *Alma de Timor Vista na sua Fantasia*, p. 13. Nesta obra o autor refere também a presença de um homem de meia idade, conhecedor de cantigas relativas à lenda, nos reinos da contra-costa. Calculo que esse homem seja o mestre Marçal, pois na altura as únicas pessoas da costa sul (contra-costa) que viviam no Remexio eram os mestres Zacarias e Marçal, e este último tinha a particularidade de ser *lia-nain* e poeta da língua tétum.

²⁷³*Ibidem*, p. 39.

²⁷⁴Cf. João Paulo II, *Redemptoris Missio*, n.º. 3

então, como elementos de consulta dos mais ricos e que, por isso mesmo, primeiro convém utilizar na investigação²⁷⁵.

Seguiu-se o Pe. Guterres (macaense). Conhecemo-lo em Aileu, altura em que o mestre Marçal leccionava nessa localidade (1952 a 1955).

Depois, o Pe. Aleixo Baptista da Graça Dias (1957-1961), natural de Goa. Nessa altura encontrávamo-nos novamente em Nuno-Damar, pois o mestre Marçal pediu ao bispo a sua saída da missão de Aileu²⁷⁶, e voltou a trabalhar como agricultor. Nas suas visitas missionárias, este sacerdote, depois de todo o trabalho inerente à visita, reunia os cristãos no terreiro frente à sua residência para se entreterem a ver filmes que ele passava por ecrãs do cinema – grande novidade para as pessoas daquele tempo. Foi o meu primeiro contacto com o mundo audiovisual. Durante as celebrações a capela estava sempre cheia. Segundo a estatística, em 1957 já havia 157 baptizados. Havia grande afluência à confissão e à comunhão²⁷⁷. Pelo Natal e pela Páscoa, a nossa família deslocava-se a Díli, para participar nas celebrações na igreja paroquial de *Balide* ou na igreja de *Motael*.

O Pe. Januário Coelho Silva (1957-1961), natural dos Açores, professor do mestre Marçal no Colégio de Soibada, sucedeu ao Pe. Aleixo.

Ao Pe. Januário sucedeu o Pe. Francisco dos Santos Afonso, (1963-1965) que veio a ser, mais tarde, nosso director na Escola de Habilitações de Professores de Posto Escolar “Engenheiro Canto Resende”. No seu tempo a capela mudou de Remexio (antiga sede) para a antiga residência do chefe de posto em Leroliça, cedida pelo *liurai* Benevides, e mais tarde para a vila de Nice.

Seguiu-se o Pe. Carlos Rocha Pereira, metropolitano, vigário paroquial.

Por fim, o Pe. António Eduardo de Brito (1965-1995), natural de Goa. No seu tempo construiu-se a actual igreja de Remexio e, graças à dinâmica pastoral que exerceu, a missão de Remexio veio a tornar-se paróquia em 2001.

²⁷⁵*Textos da Literatura Oral Timorense em Teto*, p. 10.

²⁷⁶Por não concordar com certas políticas do pessoal da missão de Aileu e acusado injustamente, por um colega, de actos que ele não praticou. Foi nesse período que, aos cinco anos de idade, comecei a ser iniciada nos trabalhos agrícolas, por meu pai nas várzeas e plantações de café.

²⁷⁷Com 5 ou 6 anos de idade já entendia e fixava o que me foi dado observar.

6. Nova sede do posto de Remexio e nova capela

A 19 de Março de 1960, pela Portaria n° 2597, o Governo de Timor (era então Governador Filipe José Themudo Barata), reconhecendo a vantagem de mudar a sede do posto de Remexio para lugar mais conveniente, determinou a transferência da povoação de Remexio, sede do posto do mesmo nome, do concelho de Díli para o local denominado Nice.²⁷⁸

Desbravadas as densas matas de goiabeiras que por lá abundavam, construiu-se o primeiro edifício público da localidade, a Escola Municipal de Remexio. Foi inaugurada pelo governador acima referido e entrou em funcionamento em Outubro de 1961²⁷⁹. Circula no seio da família Mesquita/Andrade que, mais uma vez, o *liurai* Mesquita foi o secreto impulsionador deste projecto motivado por duas situações: primeiro, a necessidade de instrução e educação das crianças e jovens de Remexio; segundo, propiciar um emprego justo para o mestre Marçal que, apesar de estar habilitado com o curso de professores-catequistas pela Missão Católica de Soibada e ter leccionado em escolas das missões, se encontrava a trabalhar, havia mais de cinco anos, nas várzeas e plantações de café de Nuno-Damar e Liu-Hani, como agricultor²⁸⁰. Por isso, o *liurai* propôs ao município e ao governo que fosse nomeado mestre Marçal para professor da nova Escola, e a proposta foi aceite.

Esta informação tem todo o seu fundamento, pois o governador Themudo Barata, auscultou as populações locais para que sejam estas a determinar quais as suas necessidades mais urgentes. E na estrutura das comissões municipais houve o cuidado de integrar, além dos administradores da circunscrição, as pessoas respeitadas na área, designadamente os chefes nativos²⁸¹.

Mestre Marçal, ciente da sua pertença às Missões Católicas, apesar do seu afastamento do ensino, foi a Díli solicitar pessoalmente a D. Jaime Garcia Goulart permissão para iniciar funções na escola estatal. D. Jaime que havia muito manifestara o

²⁷⁸Cf. *Boletim Oficial de Timor* n° 12, de 19 de Março de 1960, p. 124-125.

²⁷⁹Com oito anos de idade tive a honra de ser convidada a segurar a bandeja que continha a tesoura com que o Governador da Província cortava a fita da inauguração oficial da escola. Foi nesse período que, aos cinco anos de idade, comecei a ser iniciada nos trabalhos agrícolas, por meu pai, nas várzeas e plantações de café.

²⁸¹Cf. Themudo Barata (1998), pp. 106, 107.

seu imenso pesar pelo afastamento do seu “querido aluno”²⁸² da escola das missões, acedeu ao seu pedido. Obtida a autorização, mestre Marçal passou a leccionar na escola em Outubro de 1961, onde se manteve até Agosto de 1975²⁸³.

O mestre seguiu com as duas primeiras filhas, em idade escolar para Nice, depois juntou-se-lhe a esposa e os outros filhos.

Matricularam-se na Escola, alunos provenientes de todos os sucros e povoações de Caimauc e Manumera. Viviam em regime de semi-internato, num barracão nas imediações da Escola. Iam passar os fins-de-semana a casa de seus pais. Regressavam, ao domingo de tarde, com provisões para a semana seguinte. Cada um cozinhava para si, ou por grupos.

Figura 8: Escola Municipal de Remexio



Fonte: <http://elosclubetavira blogs.sapo.pt>

O mestre Marçal aplicou na escola as práticas educativas das Missões. Os alunos, levantavam-se às 5 horas. Seguia-se a oração da manhã e a recitação do terço, depois a catequese segundo o catecismo do Papa Pio XII, traduzido para tétum e com narrações de passagens das Sagradas Escrituras. As aulas decorriam das 8 h às 12h30m, com 30 minutos de intervalo. As tardes eram ocupadas, alternadamente, com tempo de estudo, canto coral, educação física e trabalhos agrícolas na horta escolar, onde os alunos aprendiam e aplicavam as técnicas agrícolas mais evoluídas em substituição das técnicas tradicionais. Os produtos agrícolas contribuíam para reforçar a alimentação dos alunos.

²⁸²Foi assim a forma como D. Jaime se referiu ao mestre Marçal numa carta que me tinha enviado uns anos antes do seu falecimento nos Açores: “Lembro-me muito bem e com muitas saudades do Marçal, meu querido aluno”.

²⁸³Testemunho registado nos seus manuscritos (*Anexo II*).

Perante o desenvolvimento da nova vila, o *liurai* pediu ao Governador José Alberty Correia, a construção de uma capela de alvenaria nessa localidade. O Governador aceitou, ficando, no entanto combinado que o Governo se encarregaria da construção e respectivas despesas e o *liurai* das despesas inerentes à festa da inauguração. Em 4 de Outubro de 1963 o Governo “aprovou o projecto e o orçamento na importância de 166 600\$, para a construção de uma capela-escola, sem recreio coberto no Remexio”, pela Portaria nº. 3175²⁸⁴. O próprio Governador presidiu, à inauguração do edifício (figura 9). Estiveram presentes o pároco de Balide de então, o Pe. Francisco Maria Afonso, autoridades portuguesas e locais e o povo de Remexio. Seguiu-se o *cocktail* oferecido pelo *liurai*, enriquecido com a carne de um búfalo abatido para o efeito e demais iguarias preparados por um chinês, amigo do *liurai*. A própria *liurai-feto* envolveu-se pessoalmente no serviço de mesa, decorrido na sala de aulas da Escola Municipal, apoiada pela mulher do chefe de posto e demais senhoras, pois era a anfitriã da festa. Não faltou comida e bebida para as autoridades presentes e convidados. A vila de *Nice* estava cheia de gente em festa.

Com a capela-escola em muito melhores condições (com quarto de dormir, sacristia e instalações sanitárias) as visitas missionárias passaram a ser feitas mensalmente. Durante a semana, a capela funcionava como escola. Durante as visitas missionárias, a mesma sala servia de lugar de culto, bastando abrir as portas que havia por trás do espaço reservado à secretária do professor, para se ver o altar.

Figura 9: Nova capela-escola da Missão em Nice (1963)



Fonte – <http://elosclubetavira.blogspot.pt>

²⁸⁴Boletim Oficial de Timor, nº. 40, de 4 de Outubro de 1963.

À medida que era inaugurado um novo edifício público, o *liurai* aproveitava a acasão para pedir ao Governador a construção de novos edifícios. Assim surgiu o posto sanitário, o chafariz da vila, as residências do professor e do enfermeiro e mais uma escola primária.

Chegara, entretanto, a hora do nosso prosseguimento de estudos no colégio de Soibada, sob a orientação das Irmãs Canossianas. O mestre Zacarias já tinha enviado as filhas e insistia com o primo para que fizesse o mesmo. O *liurai* ainda tentou, diplomaticamente, convencer o genro a não mandar as filhas para tão longe (a distância entre Remexio e Soibada equivalia a dois dias e duas noites de viagem a cavalo). Contudo, perante a firmeza do genro, o *liurai* teve que se render, passando ele próprio a acompanhar-nos nas deslocções, até a fronteira Caimauc/Samoro, durante quatro anos seguidos.

Quando regressei definitivamente do colégio, em 1967, notei que as celebrações eucarísticas tinham passado a ser dominicais. O *liurai*, não contente só com as celebrações mensais, propôs ao bispo celebrações eucarísticas dominicais. D. Jaime concordou. Inicialmente, ia um capelão-militar de Aileu celebrar, dominicalmente, no interregno das visitas do pároco. Mais tarde, com a anuência do bispo e dos padres jesuítas do Seminário de Dare, e o transporte assegurado pelo comando da Diligência Militar de Remexio, a pedido do *liurai*, as celebrações eucarísticas dominicais passaram a ser confiadas aos padres jesuítas e por fim aos próprios padres do Colégio S. Francisco Xavier de Dare.

Supõe-se que o *liurai* estava ciente de que, uma das finalidades centrais da missão é reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia²⁸⁵ e que, os fiéis agregados pelo baptismo vivem e nutrem da Palavra de Deus e do Pão Eucarístico²⁸⁶.

As pessoas deslocavam-se das suas aldeias a pé, horas e horas seguidas para irem à Missa. A capela estava sempre cheia de cristãos. Quando, por algum motivo, o sacerdote não podia ir, os mestres Zacarias ou Marçal presidiam à celebração da Palavra e à recitação do Terço. Cada vez mais o número de cristãos crescia. Tornou-se necessário um catequista auxiliar e foi nomeado o mestre Bernardo, natural de Fatu Raça.

²⁸⁵Cf. João Paulo II, *Redemptoris Missio*, 26.

²⁸⁶Cf. Decreto *Ad Gentes*, n.º. 6.

Eram poucas as pessoas que sabiam que a capela-escola foi construída e as missas dominicais se tornaram possíveis por iniciativa do *liurai*, pois este só confienciava aos seus familiares mais chegados (filhos e netos). Tanto é que quando, as Irmãs Dominicanas de Remexio abordaram os anciãos da localidade, mais precisamente, o catequista Bernardo sobre a origem da capela-escola de Remexio este respondeu: “O governador Alberto Correia, a pedido do amo Brito, cedeu o espaço para os cristãos aprenderem a doutrina” (cf. *Anexo VII*).

Estava assegurado o ensino no posto sede. Era necessário alargá-lo aos sucos²⁸⁷. Por isso, mandou construir escolas em todos os sucos do seu reino, as chamadas *escolas de suco*, onde as crianças aprendiam as primeiras letras, depois das quais eram enviadas para a Escola Municipal de Nice. Luís Filipe Thomaz (2008) faz referência a tais escolas, construídas pelos *liurais* e mantidas pelo povo²⁸⁸. Nalgumas povoações (Laraluhan, Fatu-Raça), as aulas eram leccionadas por pessoas habilitadas com a 4ª classe, noutras (Samalete, Rai-Mera-Hei e Cairema), as escolas eram orientadas por militares da Companhia de Caçadores de Aileu. De acordo com Luís Thomaz (2008), havia um soldado nativo para ensinar as primeiras letras e um cabo metropolitano para as classes mais avançadas; normalmente um dos dois era maqueiro, ou tinha frequentado um curso de primeiros socorros a fim de tratar das crianças e das populações dos arredores. As escolas eram construídas pelo povo em trabalho comunitário, sob a direcção técnica de um militar.

Para confirmar a adesão fácil dos *liurais* e do povo a tais escolas cito uma pequena passagem do Professor Luís Thomaz, na obra citada:

Partíramos de Aileu pela manhã [...] Almoçáramos na escola militar de Daro, e aí mudáramos de cavalos; o régulo D. Filomeno de Lequidoi – em cujo território se situa a escola – escoltou-nos, com os principais do seu reino, até à baliza do vizinho regulado de Caimauc. Aí aguardava-nos o *liurai* Mesquita, com a sua gente, e cavalos folgados para seguirmos viagem. Era sol-posto quando chegámos a Cairema. A escola militar fica sobre um outeiro, a meia distância entre dois pequenos povoados de sete ou oito casas²⁸⁹.

Quanto às escolas, testemunha o autor que os docentes nada usufruíam pelo seu trabalho, mas dedicavam-se de bom grado aos seus rapazes, porque se sentiam úteis. Criaram-se as primeiras escolas militares a partir de 1964, mas o número de alunos crescia de ano para ano. Apesar da pouca assiduidade dos alunos e da fraca preparação

²⁸⁷Tal como as missões católicas, também o *liurai* Mesquita preocupava-se constantemente com a escolarização do seu povo, a par da catequese.

²⁸⁸Cf. *País dos Belos*, p. 46.

²⁸⁹ Cf. *País dos Belos*, pp. 87, 88.

dos monitores, o aproveitamento era razoável. Além disso cada escola tinha a sua horta, onde trabalhavam os rapazes, contribuindo para o seu sustento e para a aprendizagem de processos agrícolas mais evoluídos que os tradicionais.

Acerca da dedicação incondicional dos *liurais* ao seu povo, escrevia já em 1942 o capitão Martinho:

A autoridade dos régulos ainda é, a meu ver, necessária. Destruídos os privilégios que a tornavam perigosa, quem poderá admitir o aniquilamento de chefes que prestaram à colónia, gratuitamente, os mais assinalados serviços? Quem faz ainda hoje a polícia nos reinos, súcu e aldeias? Quem prende os criminosos, quem vela e mantém o respeito pela propriedade? Quem conduz o povo ao arrolamento, que fornece elementos demográficos, quem se move, cansa e consegue que os impostos indígenas se liquidem com normalidade?²⁹⁰.

8. Consequências da cristianização na vida do *liurai* e do povo

Para falar da transformação que o Espírito Santo operou ou foi operando na vida do *liurai* e da sua família e do povo, acho que não há nada melhor que iniciar pela experiência pessoal da simplicidade de vida, vivida segundo os princípios evangélicos no seio da família patriarcal Mesquita, onde não faltavam os valores da afectividade, respeito, dedicação, trabalho e muito amor.

Vimos, anteriormente, a inovação que o *liurai* impôs aos usos e costumes dos casamentos tradicionais, *barlaque*, no pedido de casamento de sua filha Ana Teresa: “Não é um casamento entre rico e pobre, mas entre dois filhos de Adão e Eva”.

Como foi dito também, o *liurai* deixou o posto de Remexio para fixar residência em Nuno Damar. Assim, sem se afastar muito do posto, estava em terras da sua jurisdição, onde podia desenvolver, à vontade, os seus trabalhos agrícolas. Para lá se dirigiu também o mestre Marçal e a sua família, logo que ficou suspenso do ensino das missões católicas, em Aileu. Mais ao lado morava a família de uma irmã do *liurai*²⁹¹. Tirámos grandes lições de vida no seio desta família patriarcal, durante os cinco anos de interregno do mestre Marçal. Este tinha uma grande veneração pelos sogros e toda a família; os quais, por sua vez, tinham por ele grande consideração e tratavam-no por *mestre*. Reuníamos-nos, diariamente, para as orações da manhã e da noite, nesta com a recitação do Terço do Rosário²⁹². Durante o dia, os homens, inclusivamente o *liurai*, o

²⁹⁰Cf. *Quatro Séculos de Colonização Portuguesa*, p. 266.

²⁹¹Filha, em segundas núpcias, de D. António Mesquita e casada com um descendente dos *maiores* (majores) de Cota-Morin, Gaspar da Silva.

²⁹²Esta prática era comum em todas as famílias recém-cristãs de Caimauc.

príncipe herdeiro e o *mestre*, iam trabalhar para as hortas, plantações de café e várzeas. O *liurai* muitas vezes saía de casa muito cedo e percorria, sozinho, os sucos e povoações, a cavalo, voltando só ao fim do dia.

O *mestre* tinha o hábito de, todas as vezes que nascesse um filho, arranjar um quinhão de terrenos para a plantação de café para o recém-nascido. Sendo eu a mais velha dos irmãos, comecei aos cinco anos de idade a acompanhar o meu pai nas actividades agrícolas. Nas plantações de café, aprendia os trabalhos relativos à sementeira e transplante, a distinguir quais as árvores que davam sombra ao café, para evitar o contacto directo deste com os raios solares. Nas várzeas, aprendia a trabalhar com búfalos na preparação para o cultivo de arroz; enquanto o pai ia atrás dos búfalos que rodavam, pisando e repisando a terra alagada para a transformar em lama, eu mantinha-me do lado de fora, de calções, descalça e tronco nu, com varas de bambu nas mãos, para impedir que os búfalos saltassem para fora das várzeas. Normalmente havia sempre um pequeno búfalo que tentava escapar do trabalho, fugindo para bem longe; quando isso acontecia eu ia a correr atrás do meu “companheiro de trabalho” e, com a ajuda das varas de bambu, tinha que o trazer de volta ao local de trabalho, e as lutas, não poucas vezes, eram renhidas. O mestre observava à distância tais lutas e dizia para consigo: “Vamos ver qual dos dois meninos é mais teimoso, a Amada ou o bufalinho”²⁹³. Muitas vezes, no regresso a casa, era necessário fazer a travessia da ribeira com grande caudal de água, depois de uma chuvada; o meu pai levava-me às cavalitas e explicava-me para que direcção devia dirigir o olhar, quando e como se devia atravessar a ribeira na altura das cheias. Não deixava passar nenhum pormenor sem explicar a razão de ser das coisas.

Quando nascia algum irmão (o mestre assistiu ao parto da maior parte dos filhos, em casa) eu era chamada a estar presente e recebia lições sobre as técnicas do parto. Uma vez, já em Nice, a minha mãe teve um aborto espontâneo. O meu pai chamou-me para o quarto, onde estava a minha mãe envolvida em lágrimas. À cabeceira estava uma caixa com um pequeno ser em forma de sapo, envolvido em algodão. O pai explicou-me que aquele ser pequenino era o meu mano (rapaz) que tinha nascido antes do tempo, apenas com três meses de vida, e que lhe tinha sido administrado o baptismo mal nasceu, pois podia estar ainda na posse da vida. Esclareceu-me sobre o que era o aborto. À noite, fui com o pai, mais um rapaz de confiança da casa, enterrar o meu pequeno

²⁹³Ouvi o meu pai contar comovido e com muito orgulho, ao fim do dia, no seio da família patriarcal.

irmão. A partir de então, passei a ter um grande respeito e amor pela vida humana, mesmo ainda em formação.

Acontecia também aparecer em casa algum emissário dos *catuas* do reino com carne de búfalo para o *liurai*. O mestre Marçal era imediatamente chamado para se pronunciar. Procurava-se, então, verificar se a carne não era proveniente de algum *estilo*. Se sim, o *liurai* mandava fazer a sua devolução, diplomaticamente.

Em Outubro de 1964, começou o nosso êxodo para o colégio de Soibada. Feitas as despedidas, com os cavalos selados, no terreiro frente à casa da família patriarcal de Nuno-Damar, a *liurai-feto* sentada na varanda desfazia-se em prantos, pensando na possibilidade de não voltar a ver as netas quando regressassem do colégio. Na primeira ida, o mestre acompanhou as suas filhas, mais uns homens de confiança do *liurai* até ao colégio. Quis aproveitar a ocasião para visitar o colégio onde se formou, rever os seus antigos condiscípulos e fazer, pessoalmente, a apresentação das filhas às suas futuras superiores. O *liurai* foi connosco até à fronteira entre os reinos de Caimauc, Turiscain e Samoro, à margem de uma ribeira chamada Er-Lihu-Maubere, junto de um rochedo chamado *Fatuc-Maromac* (Pedra-Deus). Soprou-nos na testa, sinal de transmissão da sua bênção e regressou. Foi quando avistámos pela primeira as montanhas de Turiscain, primeira sede do reino de Caimauc.

Nas seguintes idas ao colégio, o *liurai* acompanhou-nos sempre até a fronteira entre Caimauc e Samoro. Fazia connosco a travessia da ribeira de Lacló, cuja água chegava à barriga dos cavalos. Soprava-nos na testa e regressava. E nós fazíamos questão de acompanhar o nosso avô com o olhar, até ele chegar à outra margem da ribeira, antes de galgarmos as montanhas de Samoro. Esperavam-nos dois dias seguidos, sob o sol abrasador, no dorso dos melhores cavalos do avô, acompanhados dos seus melhores homens de confiança, e duas noites a dormir ao relento, normalmente junto de uma fonte ou à margem de uma ribeira, locais propícios para a preparação da comida e uma noite descansada.

No final do ano lectivo, enquanto os homens de confiança se dirigiam ao colégio para nos buscar, o *liurai* dirigia-se até as proximidades da fronteira e aguardava pelo nosso regresso, pernoitando na cabana do pastor dos seus búfalos, junto de duas nascentes de águas sulfurosas, localizadas nos seus terrenos. Quando chegávamos, normalmente ao fim do dia, já estava o jantar preparado e leite de búfala fresco para nos servir. O avô tinha bem consciência do cansaço que traziam as netas, após dois dias a serpentear por caminhos tortuosos por montes e vales. Depois do jantar, conversávamos

com o avô, sedento de novidades, e seguia-se o repouso. Tinha-se que partir cedo no dia seguinte para Nuno-Damar. No seio da família patriarcal, o resto da família aguardava por nós para o almoço. O primogénito do príncipe herdeiro, ainda criança, mandava tratar e alimentar um porco ao longo do ano, destinado a ser morto para a refeição de recepção das primas. O *liurai* tinha uma dedicação extraordinária pelos seus netos.

A 3 de Junho de 1967, estando eu a concluir o 1º ano do curso de professores de posto em Díli, faleceu a minha avó em Nuno-Damar. Durante a sua agonia, rodeada da família, o *mestre*, sentado à sua cabeceira, preparava-a fervorosamente para o encontro definitivo com o Pai. Era uma autêntica renovação das promessas do baptismo em que, a cada pergunta que o mestre fazia, a *liurai-feto* respondia, repetindo três vezes com todo o fervor: *hau hacribi, hau hacribi, hau hacribi!* (eu renuncio, renuncio, renuncio!); *hau fiar, hau fiar, hau fiar!* (eu creio, eu creio, eu creio)! E esse diálogo de fé no amor e na misericórdia de Deus e na vida eterna, foi-se desenrolando serenamente, entre genro e sogra, intercalado de vez em quando por esta a perguntar pelas netas ausentes²⁹⁴, até a *liurai-feto* reclinar a cabeça, pelas três horas de madrugada. Nessa altura, depois de uma profunda pausa, o mestre ergueu-se e abraçou muito comovidamente o sogro, *liurai* – a forma mais sentida de lhe comunicar que *tudo estava consumado*²⁹⁵. Enquanto o meu pai preparava espiritualmente a minha avó, os membros adultos mais chegados estenderam as pernas sobre as quais faziam dormir a *liurai-feto*. O significado de tal gesto é: “levar no colo para a outra vida, aquela que nos trouxe no colo para esta vida”.

Ergueu-se todo o reino para o funeral da sua *liurai-feto*. As plantações de café estavam repletas de gente durante os dias que antecederam e seguiram o funeral. Entretanto, chegou o tio materno da *liurai-feto*, o *bisavô Mau-Butin*, gentio. Quis cumprir rigorosamente os preceitos da tradição: abraçado a um *hali* que dava para a entrada da casa real a uns 300 m de distância, desfazia-se em grandes prantos, e de lá não arredava pé. Era um recado para o sobrinho-neto, o príncipe herdeiro João Mesquita, de que ele não entrava na casa real e o funeral da sobrinha não se realizaria, enquanto este não lhe entregasse por cada prima (filhas da tia paterna) e por cada sobrinha (filhas da irmã) dez cabeças de gado bufalino. O príncipe recorreu aos

²⁹⁴Eu encontrava-me em Díli, duas irmãs em Soibada. A avó, indirectamente, quis mostrar ao genro o seu descontentamento pela ausência das netas, pois ela nunca quis que elas fossem estudar para tão longe. Mas o genro respondeu-lhe sempre que os colégios eram necessários para o bem das netas.

²⁹⁵O programa da escola de professores-catequistas, onde o mestre Marçal se formou, compreendia, além de outros cursos, liturgia e assistência aos Sacramentos (Baptismo, Extrema-Unção, Viático e Matrimónio). Pela falta de sacerdotes, os professores-catequistas foram formados de modo a poderem substituí-los na escola, na catequese e na administração de sacramentais. Cf. Fernandes, Abílio, *Missões de Timor...*, p. 65.

conselhos do pai. Este recomendou ao filho que fizesse ao tio-avô a seguinte proposta: “Avô, convido-o a descer comigo a Díli para falar com o amo²⁹⁶ bispo. Agirei, depois, de acordo com aquilo que amo bispo me disser”.

O *liurai* parece ter intuído já naquele tempo o que o Magistério da Igreja determinara a propósito da inculturação: “Os Bispos, defensores do depósito da fé, velarão pela fidelidade e, sobretudo pelo discernimento”²⁹⁷, para o qual se requer um profundo equilíbrio²⁹⁸.

O príncipe foi ter com o seu tio-avô e repetiu o que o pai lhe tinha dito. O tio-avô compreendeu o significado profundo da mensagem. Percebeu que o sobrinho-neto lhe queria dizer: “Avô agora sou cristão, por isso, passo a regular-me pelas normas da Igreja Católica e não da religião tradicional”. O ancião terminou com o pranto, largou o gondeiro, abraçou ternamente o sobrinho-neto e desceram abraçados para junto do leito da falecida.

De uma forma muito diplomática, o *liurai* quis testemunhar ao tio materno da sua falecida esposa (*umane*)²⁹⁹ a mudança que se operara na sua vida e nos seus hábitos – a adesão total ao cristianismo e a libertação das religiões ancestrais.

Os restos mortais da *liurai-feto* foram enterrados no cemitério, Lahama-Tutun, nas proximidades da primeira capela de Remexio, onde se encontrava sepultada as mães do *liurai* e da *liurai-feto* e demais familiares.

A partir daí o *liurai* Mesquita encomendava a celebração de Missa todos os domingos por intenção da esposa, até que o sacerdote que presidia às celebrações lhe disse uma vez – “*Liurai*, a sua esposa já está em paz com Deus, não marque mais intenções todos os Domingos”³⁰⁰.

Com o falecimento da sua esposa, e tendo os netos da parte do filho/herdeiro atingido idade escolar, mudou para a vila de Nice com a sua numerosa família em 1968.

²⁹⁶Amo significa, neste caso, senhor.

²⁹⁷Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 64.

²⁹⁸João Paulo II, encíclica *Redemptoris Missio*, 53.

²⁹⁹Nos grupos regidos pelo sistema patriarcal, o tio materno exercia um papel preponderante junto das sobrinhas.

³⁰⁰Pe. Albino Sá, SJ, reitor do seminário de Dare.

Figura 10: O *liurai* Mesquita e sua família na vila de Nice (1971)



Fonte: Álbum da família Mesquita/Andrade

Tal como o *liurai*, o povo que aceitou o baptismo desprende-se totalmente dos usos antigos das religiões tradicionais e aderiu com perseverança às celebrações eucarísticas dominicais, com todos os sacrifícios que já descrevemos. Assim, a geração mais nova, incluindo a mestranda, desconheceu as práticas pagãs. Ouvia-se falar em *estilos*, *urat*, mas nunca tomámos parte neles.

Em 1972, confidenciou-me o *liurai* que, depois de uma confissão sacramental ao sacerdote jesuíta que presidia às celebrações dominicais na capela de Nice, este que já ia a meio caminho de Dare, voltou para trás, mandou-o chamar e repreendeu-o severamente na sacristia, proibindo-o de voltar a consumir álcool. Era a forma de evitar que continuasse a bater nos súbditos que infringiam as leis civis³⁰¹. O *liurai* obedeceu, religiosamente, às determinações do sacerdote até os seus últimos dias em *Remexio*. Disso sou testemunha.

Podemos dizer que se realizou aos poucos, pela graça de Deus, no *liurai* o que dizia S. Paulo em Rm 6, 4.6:

“Por força do baptismo fomos sepultados com Ele na morte, a fim de que como Cristo ressuscitou do reino dos mortos por força da glória do Pai, assim também nós pudéssemos levar uma vida nova”.

³⁰¹ Não era habitual o *liurai* beber, a não ser quando razões da sua função de fazer cumprir as leis e pô-las em prática, o obrigassem a ter que aplicar castigos corporais a quem as infringisse, como o uso da palmatória, muito habitual naquele tempo.

Para além de todas estas mudanças apontadas, é de notar que o *liurai* não se contentou somente em pedir o catequista para instruir e baptizar. Ele próprio acompanhou, interveio e proporcionou os meios necessários para o crescimento e evolução da sua pequena Igreja nascente e para o desenvolvimento do seu povo.

Creio ter-se cumprido no *liurai* Mesquita a exortação do Papa João Paulo II:

A conversão exprime-se com uma fé total: não põe limites nem impedimentos ao dom de Deus e ao mesmo tempo determina um processo dinâmico e permanente que se prolonga por toda a existência, exigindo uma passagem contínua da *vida segundo a carne à vida segundo o espírito*³⁰².

9. A actual igreja de Remexio

Em 1974 o pároco, Pe. António Eduardo de Brito, achando que a capela era obra do Estado e funcionava ao mesmo tempo como escola, quis uma nova igreja, construída pelos cristãos.

O *liurai* Mesquita, inicialmente contrariado com a situação, acabou por aceitar a proposta e passou a colaborar activamente na construção da nova igreja. Não obstante a sua posição social e avançada idade (tinha então setenta anos), trabalhou como sempre trabalhou na agricultura: vestido de *lipa*, de tronco nu, apanhava e carregava aos ombros grandes pedras da ribeira até ao cimo do monte onde seria construída a nova igreja, tantas vezes quantas fossem necessárias. Segundo contou o meu irmão Luís, o avô conseguia encher mais depressa o espaço reservado para o descarregamento de pedras do que muitos dos mais novos, e a distância entre um local e outro era de cerca de três quilómetros. O *liurai* tinha uma saúde e energia extraordinárias.

A nova igreja foi inaugurada em Julho de 1975. Na festa da inauguração, os terrenos adjacentes estavam repletos de cristãos (na altura já havia 786 baptizados).

Entretanto, durante a exibição de danças tradicionais, que era habitual fazer-se em dias de festa, os dançarinos introduziam nas cantigas frases de autêntica provocação e de insultos contra o *liurai* Mesquita³⁰³. Com a democracia proclamada pelo 25 de Abril de 1974, uma facção dos políticos timorenses achava os *liurais* “fascistas e exploradores do povo”, incentivando o povo à política do extermínio total dos mesmos. Como veremos mais adiante, o *liurai* Mesquita salvou-se (milagrosamente) com a sua família. Mas quantas famílias reais não foram completamente dizimadas, graças a estas

³⁰²Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 46.

³⁰³A mestrandia presenciou, pessoalmente.

doutrinas. Compreende-se, perfeitamente, que os *liurais* se filiassem no partido político que queria manter-se ligado a Portugal até o povo de Timor alcançar a maturidade necessária para a independência.

Quadro 2: Registo de Baptismos³⁰⁴

Ano	Nº. de baptismos	Ano	Nº. de baptismos
1948	93	1963	39
1950	5	1964	42
1951	2	1965	36
1953	5	1966	24
1953	3	1967	18
1955	1	1968	41
1956	20	1969	-
1957	15	1970	-
1958	18	1971	81
1959	42	1972	81
1960	20	1973	95
1961	23	1974	54
1962	31	1975	76
		TOTAL	787

10. A via dolorosa

Na noite de 3 de Agosto, pelas 20h30m, estando eu e a minha irmã Filomena a brincar na varanda do Lar de Sta. Isabel, em Balide, Díli³⁰⁵, apareceu, para grande surpresa nossa, Domingos Mali-Coli³⁰⁶, rapaz de confiança que tomava conta do primogénito do príncipe herdeiro. Trazia nas mãos uma folha de papel dobrado em quatro. Era uma carta do *liurai* Mesquita, dirigida à mestranda, que dizia:

³⁰⁴Estes dados estatísticos foram extraídos de livros de assento de baptismos da paróquia de Remexio, pelas Irmãs Dominicanas, a pedido da mestranda, em 2010, de acordo com o *Anexo XI*.

³⁰⁵Providencialmente, em vez de me dirigir a Remexio, terminadas as aulas no mês de Junho, como era habitual, permanecemos em Díli. A nossa presença em Díli foi determinante para a salvação da família.

³⁰⁶Preferiu ficar junto da família em Timor. Tive a oportunidade de o visitar já muito doente, na povoação de Samalete (Tulutaqueu) em 2001. Uns meses depois faleceu.

“Amada, eu e a nossa família recebemos ameaças de morte desde há uns dias para cá; vê se mandas para cá, imediatamente, uma camioneta para nos transportar para Díli. Teu avô que te estima e abençoa”.³⁰⁷

Comuniquei imediatamente a notícia às nossas superiores (mães canossianas) do Lar, telefonei ao pároco da igreja de Balide (Pe. Eduardo Brito) e telefonei para o 2º Sargento António Mesquita³⁰⁸, que nessa noite, providencialmente, estava de serviço na companhia da Polícia Militar (PM) de Díli. No dia seguinte, logo de manhã, dirigimo-nos a uma empresa de carreiras inter-urbanas (china Li-Quim-Tai). Alugámos uma camioneta, pedindo que mandasse imediatamente para Remexio buscar a nossa família. A camioneta partiu, mas não voltava. Passou-se a manhã, a tarde e nada. Telefonei novamente para a companhia da PM a avisar da situação e o António já não saiu de lá, para tomar qualquer providência se fosse necessário. O António tentou contactar Remexio, mas o telefone da secretaria do posto administrativo estava desligado; telefonou ao *china* para saber o que se passava, mas nada sabia. Tentou-se, várias vezes, durante a noite, o contacto com Remexio, e nada. As mães, avisadas disso, passaram toda a noite em vigília de oração. Logo de madrugada, chegou um telefonema à companhia da PM do criado (Chico³⁰⁹) do chefe de posto de Remexio, aproveitando uma altura em que as *sentinelas* se deixaram dormir, a anunciar que o *liurai* e toda a família estavam presos na escola onde o mestre Marçal leccionava. Estavam completamente cercados por homens armados com catanas e flechas, e que se a PM não actuasse imediatamente, a família era toda assassinada nessa manhã³¹⁰.

O António actuou logo junto do comandante da companhia e um pelotão de tropas da PM seguiu imediatamente para Remexio. A tropa libertou toda a família da escola, encaminhou-a para a camioneta para prosseguir viagem para Díli. Mal a camioneta arrancou, conforme me relataram os familiares, chegaram os homens de Caimauc. Assim que viram partir a camioneta, um dos homens puxou da catana e brandindo-a no ar, gritou cheio de raiva para o *liurai* Mesquita: “Tiveste sorte!!! Se não

³⁰⁷ As ameaças eram feitas todos os domingos depois do arriar da Bandeira Nacional, durante o mês de Julho/1975, pelos *moradores* da 2ª linha. Uma vez quiseram mesmo subir à casa do *liurai* para o matar. Isso não aconteceu, porque um grupo de moradores da 2ª linha de Cota-Morin, liderado pelo sargento Bere-Loek e capitão “Chico” puseram-se frente a frente com os mal intencionados, e empunhando as espadas disseram: “Querem ir fazer mal ao nosso *amo*? Só passando por cima dos nossos cadáveres!!!” Os outros não tiveram coragem de avançar.

³⁰⁸ António era meu noivo e foi fuzilado pelas forças da Indonésia no quartel da PM a 7 de Dezembro de 1975.

³⁰⁹ Não aceitou ir com a nossa família a Díli e foi morto a tiro, mal a camioneta partiu de Remexio (04/08/75).

³¹⁰ Existe uma referência sobre este acontecimento em Silva, J. Morais da Silva e Bernardo, Manuel A. (2000), *Timor Abandono e Tragédia*, p. 135.

era disto (catana) que comias!...”³¹¹ Após longas horas de espera e de ansiedade, a família chegou pelas 16 horas e ficou hospedada em casa de José Tavares Mousaco, em Balide. Felizmente, a família estava completa. Nosso Senhor, mais uma vez, não abandonou o seu fiel servo e a sua família.

Semanas antes, o *Catuas* da *cnua* de Cota-Morin pediu ao *liurai* Mesquita que fosse refugiar-se com a sua família nessa povoação. Estaria mais guardado e protegido pelos seus, pois Nice pertencia à jurisdição de Manumera e, devido à distância, poderiam não socorrê-lo a tempo se houvesse algum problema. O *liurai* não quis, pois pressentia que a situação de Timor iria piorar.

Como se pode ver nos depoimentos em anexo, a família enquanto aprisionada passou a noite toda a recitar colectivamente a oração do Rosário, pedindo a protecção maternal de Nossa Senhora. Se durante a ocupação nipónica (30 anos antes) só o *liurai* rezava, pois só ele era cristão e sabia rezar, agora era o *liurai* com todos os membros da sua família em oração comunitária³¹².

Já em Díli, durante três dias seguidos toda a família se dirigiu ao Palácio das Repartições, na tentativa de apresentar queixa ao Governador Lemos Pires, mas este nunca se disponibilizou a recebê-la. No dia 11 de Agosto, a UDT realizou um golpe de Estado. Com receio de que a família Mesquita e Andrade sofressem mais retaliações, as forças deste partido político recolheram-na no Palapaço, antigo quartel da PM que serviu provisoriamente de centro de controlo das forças da UDT, e também de abrigo aos militantes, simpatizantes e familiares. Foi nessa altura que as forças da FRETILIN furtaram da casa do senhor Mousaco, em Balide, as malas que continham todo o património móvel da família, desde aquele que foi levado pelos antepassados de Wé-Hali e outro que se foi sendo adquirido ao longo do tempo, monetário, de ourivesaria, tecidos tradicionais, bandeiras e documentos da dinastia Mesquita³¹³.

No Palapaço, enquanto os homens combatiam, as mulheres e crianças recitavam fervorosamente o Terço do Rosário. Perante isso, colocou-se diante de nós um homem³¹⁴ com G3 na mão esquerda e disse: ”Mulheres e crianças, a vossa arma é o

³¹¹Se o *liurai* conquistou o seu povo para o Reino de Deus *pela água e pelo sal* (baptismo), o seu povo (uma parte) quis mandá-lo para o mesmo Reino pela força da catana (*espada*).

³¹²Para conhecer o acontecimento em pormenor, veja-se depoimentos no *AnexoIX*.

³¹³Não quero de forma nenhuma com este testemunho denegrir uns partidos políticos e exaltar outros. Simplesmente quero apresentar a realidade histórica do *liurai* e da sua família. Também visitei a nossa aldeia patriarcal de Nuno-Damar em 2001. As plantações de café arderam, menos as de meu pai. O nosso terreiro transformou-se num cemitério. A horta de meu pai transformada numa vala comum onde se castigavam e executavam presos políticos, no tempo da FRETILIN. Das casas ficaram umas colunas.

³¹⁴Este militante chamava-se Arpar Rosa. Reside na Austrália, depois de passar uns anos em Portugal.

Terço; a arma dos homens é esta”, apontando para a G3, “mas a vossa arma é mais forte que a nossa. Rezem o Terço”. A partir dessa altura, assumi o encargo de dirigir o terço comunitário durante toda a nossa fuga em direcção à fronteira indonésia, onde chegamos a 15-16/09/75. Eu e duas irmãs (Filomena e Fátima) gravemente feridas tivemos entrada imediata no hospital de Atambua, em território indonésio³¹⁵. Os restantes membros da família ficaram na fronteira até que, semanas depois, tiros de morteiro da parte da FRETILIN, os obrigou a fugir com toda a família timorense para Atambua. Enquanto se ouvia o ruído ensurdecido dos morteiros, eu e as minhas irmãs, prostradas à sombra de uma árvore, recitávamos rosários seguidos pela nossa família e pelos conterrâneos que se encontravam na fronteira. Ao princípio da tarde, começaram a entrar veículos carregados de timorenses. Mais uma vez, toda a família do *liurai* sobreviveu e ficou refugiada em Atambua.

Figura 11: O *liurai* e a família em Atambua e o Pe. Apolinário (1976)



Fonte – Álbum da família Mesquita/Andrade

³¹⁵A minha irmã Filomena foi transportada às cavalitas por cinco conterrâneos nossos (Florindo Fernandes, Gaudêncio, Cassiano, José António Cunha e Jonas) que se ofereceram voluntariamente para isso. Passámos uma noite inteira sem sabermos nada do resto da família. Na manhã seguinte encontramos o avô que seguiu connosco até Batugadé, onde chegámos ao fim do dia. Nessa noite, alguém me informou ter visto a minha mãe, que era asmática, prostrada e sem forças para caminhar e o meu pai sentado ao pé dela. Perante o meu choro de desespero, o Gaudêncio e o Florindo prometeram-me sob juramento que iriam à procura dos meus pais, recomendando que eu me preocupasse apenas com as minhas irmãs doentes. Passados dois dias, fui informada no hospital de Atambua de que a família estava toda reunida na fronteira.

Um ano depois, seguimos para Portugal³¹⁶, onde chegámos a Lisboa a 1 de Outubro de 1976 e ficámos alojados, durante dois anos, no Parque de Turismo de Lagos. Em 1977, apareceu uma representação dos oficiais australianos que o *liurai* protegeu durante a ocupação japonesa. Propuseram levar o *liurai* e a família para a Austrália, mas este, agradecendo toda a atenção dispensada, respondeu: “Nasci a ver a Bandeira Portuguesa. Vivi a servir essa Bandeira. Também quero morrer sob a mesma Bandeira. Se um dia sair de Portugal, é só para voltar para Timor”. Mais tarde os mesmos mandaram uma carta disponibilizando-se a ajudar o *liurai* e a família em tudo o que fosse preciso.

Figura 12: O *liurai* e o príncipe herdeiro com a sua família, a filha Joana e a família do seu filho adoptivo, Odivelas Lisboa (1980)



Fonte: Álbum da família da família Mesquita/Andrade

Com o acidente que vitimou o primeiro-ministro Sá Carneiro, em 1980, o *liurai* Mesquita teve uma perturbação de foro psíquico, de que não se libertou até aos seus

³¹⁶Quando o general Morais da Silva, no regresso da sua viagem bem sucedida a Timor, conseguiu trazer para Portugal, a 29/07/1976, os 23 militares portugueses e 111 civis libertados pela Indonésia, afirmou que ainda se encontravam na Indonésia 900 cidadãos portugueses e Portugal tinha o dever moral de os mandar evacuar, quanto mais cedo melhor. Cf. Morais e Bernardo, *op. cit.* p.72. A nossa família veio integrada nesse grupo de 900 portugueses. Como as viagens foram organizadas por grupos, nós viemos no penúltimo grupo. Por esta razão os nossos nomes não constam da lista da relação dos refugiados civis evacuados nos aviões da FAP (Força Aérea Portuguesa), inclusas nas p. 77-88 da obra citada. Viemos num avião da companhia aérea Indonésia GARUDA, fretada pelo Governo Português.

últimos dias de vida, pois depositava no primeiro ministro a sua confiança na resolução do problema de Timor.

Figura 13: Vale do Jamor: a filha Joana, o *liurai*, e os netos Madalena e António
25-01-1988



Fonte: Álbum da família Mesquita/Andrade

Depois de uma velhice rodeada pelos filhos e netos, no dia 20 de Novembro de 1988, dia em que todo o mundo católico celebrava a festa de Cristo Senhor e Rei do Universo, o pequeno *liurai* de Caimauc, falecia no seu quarto de dormir, no Vale de Jamor. Tinha acabado de conversar informalmente com um dos membros da família, às dez horas de manhã. Pouco depois, quando a sua filha mais nova lhe ia levar o pequeno-almoço, o *liurai* dormia profundamente com a serenidade de uma criança. Ao contrário de sua esposa, o *liurai* entregou-se nas mãos do seu Rei no silêncio do seu quarto, sem a presença de um familiar. Tinha 85 anos de idade. Viemos a saber pelos resultados da autópsia que a sua morte foi causada por um recente enfarte cardíaco. Os seus restos mortais bem como os da filha Ana Teresa repousam no Cemitério de Benfica (Lisboa).

Figura 14: À cabeceira do meu avô defunto na Igreja de S. Domingos de Benfica – Novembro de 1988



Fonte: Álbum da família Mesquita/Andrade

11. Erecção da missão de Remexio a paróquia

Figura 15 : Actual Igreja de Remexio – festa da sua elevação a Paróquia (2001)



Fonte: Álbum da família Mesquita /Andrade

Deus quer demonstrar, pela transfiguração de Jesus, que "uma existência feita dom não é fracassada – mesmo se termina na cruz, aos crentes de todas as épocas e lugares". Sim, na verdade, o *liurai* viu-se forçado a sair de Timor mais a sua família;

faleceu na diáspora, mas a sua obra permaneceu. A 1 de dezembro de 2001, a missão de Remexio foi erecta como Paróquia, por determinação do Bispo D. Carlos Ximenes Belo.

Encontrava-me, então, em Timor. Todos os descendentes directos do *liurai* fomos convidados pela comissão organizadora da festa e marquei presença. Após a celebração da Eucaristia, presidida pelo representante pessoal do bispo da diocese de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, e da tomada de posse do pároco nomeado, Pe. Armindo Brito, foi lido, perante as autoridades eclesiais, as autoridades civis, convidados e paroquianos, o texto sobre a origem da Missão de Remexio, elaborado com o apoio dos primeiros catecúmenos sobreviventes. Era a história da promessa a Nossa Senhora durante a ocupação japonesa e do pedido do catequista ao Bispo D. Jaime Garcia Goulart pelo *liurai* Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita³¹⁷.

Certamente, já na posse plena da vida eterna o *liurai* louvou com o seu povo e continuará a louvar a Deus o grande dom da conversão e adesão à Boa Nova de Jesus Cristo, declarada na erecção da sua querida missão como paróquia, e continuará a zelar por ela. A paróquia tem actualmente capelas em todos os sucos e algumas já agrupadas em estação missionária. Isto deveu-se, além do impulso inicial do *liurai*, e do catequista Zacarias, também ao empenho dos seus sucessivos párocos sediados em Balide, principalmente a partir do Pe. António Eduardo de Brito.

12. Situação actual

É digno de mencionar que para além da homenagem prestada durante a festa da erecção da missão de Remexio como paróquia, o povo quis manifestar ainda a sua homenagem ao *liurai* nos seguintes aspectos:

- A *cnua* de *Laraluhan*, mantém-se guardada com veneração e respeito pelos sobrinhos do *liurai*. Verifiquei presencialmente quando visitei Laraluhan em 2001.

- Todos os chefes de *suco* e de povoação do tempo do *liurai* renunciaram às suas funções e delegaram-nas nos filhos primogénitos ou irmãos, por fidelidade ao *liurai*. Acharam que não fazia sentido nenhum continuarem a governar com o *liurai* fora de Timor³¹⁸. Alguns choraram amargamente a sua saída.

³¹⁷ O discurso redigido em tétum e a respectiva tradução feita pela mestranda está inserido no *Anexo XI*.

³¹⁸ Testemunho de seu filho adoptivo João Florentino Mesquita, durante os prolongados diálogos que manteve com a mestranda em Setúbal (1998).

- Durante a ocupação indonésia o governo quis eleger um *liurai* entre os sobrinhos, ou os membros dos seus antigos *principais*, mas todos se recusaram, justificando que o *liurai* não saiu sozinho de Timor. Partiu com os seus filhos e netos, e tal como partiram poderiam regressar. Nessa altura, preencheriam, se quisessem o lugar deixado vago³¹⁹. Até a presente data, o lugar do *liurai* não foi ocupado por ninguém.

- Em 1993, todo o povo de Caimauc quis prestar uma última homenagem ao *liurai* Mesquita. Estando presentes todos os chefes de suco e de povoação, todos os *fetosá* e *umane*, realizaram um grandioso *Core-Metan*³²⁰ segundo manda a tradição. Houve uma noite de velório do *liurai* e de seus parentes mais próximos falecidos, representados por fotografias. À sua volta estavam *moradores da segunda linha* trajados a rigor, empunhando uma espada (*surik*), em guarda de honra. Na manhã seguinte realizou-se uma marcha da *cnua* de Laraluhan até ao cemitério cristão, onde estão sepultados os seus antepassados, D. Tomás, D. José e D. Ventura. À frente iam as fotografias e a bandeira, ao som de tambores e cornetas e depositaram as fotografias junto à Cruz Grande³²¹.

- Em Junho de 2007, a população de Ri-Aik-Manumera reconstruiu a *Uma-Sarin* ou *Uma-Liçan* (casa-mãe do clã) nesta localidade, onde ainda existem vestígios de alicerces de construções (*cota*) do tempo de D. Orondor Locoloi, bem como o *hali* que ele plantou. Tiveram o cuidado de convidar os parentes e os descendentes do *liurai* Mesquita para a inauguração. A nossa linhagem foi representada pela minha irmã Fátima, residente em Bidau (Díli), e pelo meu primo Luís, residente em Melbourne, Austrália. Estavam muitas tendas construídas para o acolhimento dos convidados, uma das quais destinada aos descendentes directos dos *liurais* Mesquita. Ao serem introduzidos os dois primos, precedido de ritual feito por um *catuas*, um enxame de abelhas desgarrou-se da sua colmeia selvagem e voou para o interior da tenda que lhes era destinada, agarraram-se ao tecto e por lá permaneceram. A multidão aglomerada na parte exterior, ao ver o fenómeno, exclamou: “estes são realmente os donos desta casa, as abelhas entraram para os receber!”³²²

³¹⁹*Ibidem*.

³²⁰Ver significado de *core-metan* na p. 28. É um cerimonial que continua a fazer parte da praxe dos timorenses da diáspora portuguesa e australiana.

³²¹Este facto foi-me relatado, pessoalmente, em Díli (2008) pelos sobrinhos do *liurai* Mesquita: Adolfo Noronha, Mário Silva “Marito” e Teresa Noronha.

³²²Contada por minha irmã Fátima, primo Luís dos Reis Mesquita e todos os parentes que presenciaram o acontecimento. As abelhas são consideradas entre os animais totémicos da linhagem Mesquita (residente em Turiscáin), inspirando nelas algumas das suas lendas.

Figura 16: *Uma lulik* de Ri-Aik-Manumera (reconstruída) e o *Hali* (2007)



Fonte: Álbum da família Mesquita/Andrade

Figura 17: O chefe local rodeado dos *catuas* guardiães das casas *lulik* e *liçan* de Ri-Aik-Manumera (2007)



Fonte: Álbum da família Mesquita/Andrade

Conclusão

Concluimos, no final deste trabalho, que houve nas missões de Timor duas formas de evangelização que se cruzaram: a primeira foi da iniciativa laical com o apoio e *confirmação* da hierarquia e a segunda, da iniciativa da hierarquia com apoio laical.

O lascado timorense estava estruturado com um tipo de organização bem definido e muito próprio, quer a nível, político, social e religioso, quando os missionários portugueses (hierarquia) chegaram a Timor no século XVI.

Politicamente Timor estava dividido em reinos chefiados por uma autoridade máxima, designada por *liurai*, coadjuvado pelos seus *principais*, e tal organização manteve-se ao longo dos tempos, corrigidos os excessos indígenas, constituindo um auxiliar precioso da administração pública, até à invasão e à ocupação de Timor pela Indonésia em 1975.

Graças à fidelidade e serviço dessas autoridades indígenas, o mando dos portugueses não foi banido do território no século XVII, quando estes andavam a ser batidos em todas as suas possessões do Oriente.

A nível social, Timor também se encontrava dividido em três classes: os *dato* (nobres ou principais); o povo designado por *ema reino*; por último, os escravos (*atan*), que eram bem tratados e quase equiparados a membros das famílias a que pertenciam.

No campo religioso, os timorenses são, em primeiro lugar, monoteístas. Acreditam num Ente Supremo a quem designam por *Maromak*, que, etimologicamente, significa brilhante, luz, esplendor. Consideram-no senhor da verdade e da justiça. Por isso: invocam a sua onnipotência benfazeja, quando se encontram indefesos; imploram a sua justiça suprema, quando estão envolvidos numa causa perdida; apelam para a sua onisciência, quando injustamente acusados. Estas preces fugazes são as únicas homenagens que os timorenses, casualmente prestavam a *Maromak*. Pois sendo Ele todo-poderoso e sumamente bom, não carece de nada e não há razão para temê-Lo. Dispensa-se, portanto, o crente de qualquer oferta ou sacrifício. Assim sendo, tais necessidades de apelo ao sobrenatural e actos naturais de profissão de fé, embora pressuponham já uma inteligente e alta noção de um Ser Supremo, não bastam para constituir um sistema de culto religioso num povo.

As suas oferendas e sacrifícios destinam-se a outros seres que, segundo crêem, são dotados de uma alma sobrenatural ou força vital, razão por que os timorenses são também considerados animistas. Essa força habita nos vivos (*clamar*); nos espíritos dos

antepassados (*matebian*); na natureza em forma de *rai-nain* (donos da terra) ou *bé-nain* (donos da água), certas árvores, montanhas ou rochedos, nascentes de água, objectos e tudo o que possa inspirar respeito e temor. A veneração por tais árvores, montanhas e nascentes deve-se ao facto de acreditarem que os espíritos dos antepassados podem escolhê-los para seus habitáculos durante a sua caminhada para o repouso definitivo nos cumes do Mate-Bian ou Tata-Mai-Lau. Os espíritos da natureza e os objectos que tenham pertencido aos antepassados são considerados *lulik*, que significa *proibido, defeso e interdito*, por isso *temido, venerável, misterioso e sagrado*. Estes últimos são guardados, normalmente, nos templos sagrados (*uma lulik*), pois acreditam que o espírito do antepassado está de facto presente no objecto que utilizou em vida.

Assim, ofereciam anualmente sacrifícios propiciatórios na época da sementeira e da colheita. Iam também às nascentes ou lagoas onde existem enguias ou certos répteis, por incorporarem o espírito da natureza que deu origem a tais fontes. Praticavam tais ritos antes da construção de uma habitação ou das guerras clânicas. Contudo era aos espíritos dos antepassados que dedicava culto muito especial. Acreditavam que o indivíduo, após a morte do corpo, iniciava uma nova existência, com todas as necessidades idênticas às dos vivos. Por isso, após a sua morte, realizavam-se *estilos*, com abate de quantidade de gado, principalmente bufalino. Enquanto a carne dos animais abatidos era consumida nos banquetes rituais, a sua energia sobrenatural, acompanhava a do seu dono na outra vida. Em certas regiões os *liurais* eram enterrados com o seu melhor cavalo e o seu escravo predilecto, para que o pudessem continuar a servir na sua nova existência. Quanto mais elevado fosse o *status* de um indivíduo, mais bem acompanhado deveria ir, a fim de se apresentar de cabeça levantada diante daqueles que o precederam na morada eterna. Enquanto tais necessidades não fossem satisfeitas, os antepassados importunariam os vivos com doenças e todo o tipo de malefícios. Uma vez satisfeitas, os antepassados zelariam pelo bem-estar dos seus.

Para presidir a todos estes ritos existia uma espécie de rei-sacerdote, conhecido por *dato-lulik* ou *lulik-nain*, guardião das *uma-lulik*, existentes em todas as povoações.

Nesta ritualidade, talvez já possamos ver um sistema de culto religioso.

Quanto à origem da missionação de Timor, no século XVI, pelos portugueses continua sujeita a estudo o pormenor histórico da chegada a Timor do primeiro missionário.

O início dos Portugueses na ilha data da primeira expedição às Molucas, sob o comando de António de Abreu (1511-1515), com o piloto Francisco Rodrigues que fez um roteiro da viagem em esboços panorâmicos onde Timor figura também.

A documentação existente diz-nos que as primeiras conversões ao cristianismo, em Timor ficaram a dever-se a portugueses leigos que, estabelecidos em Solor, muito próximo de Timor e, de onde partiam e chegavam barcos carregados de sândalo de Timor. Havia em 1561 duzentos e mais cristãos, entre os quais, o rei de Timor “com todos os grandes”. O rei teria pedido nessa data missionários aos Jesuítas de Malaca, para os instruir na doutrina cristã e a muitos do seu povo que se queriam fazer cristãos, mas não foi atendido³²³. Razão que nos leva a afirmar que a primeira forma de evangelização de Timor é de origem laical.

É bom ter-se em conta que, no espírito da época, a conversão de um destes reis locais significava tornar-se vassalo do rei de Portugal.

Embora a tradição fale de um Frei António Taveira, que indo na embarcação de mercadores a Timor, em 1556 ou 1557, baptizou cerca de cinco mil almas, ainda se discute sobre qual a família religiosa a que pertenceria este missionário. A investigação histórica encarregar-se-á de o esclarecer e provar a sua veracidade.

Sabe-se que os primeiros missionários enviados a cuidar da cristandade de Timor e a fundar ali uma missão partiram de Malaca em 1561, embora outros missionários por ali tenham passado casualmente. Malaca foi constituída diocese em 1558, tendo como primeiro bispo frei D. Jorge de Santa Luzia (dominicano) que se dirigiu no ano seguinte para a nova diocese com vários frades da sua ordem religiosa³²⁴. Foram enviados para Timor, a partir de 1616, quatro missionários, entre os quais frei António de S. Jacinto e frei Cristóvão Rangel para Timor. Todavia a acção missionária só tomou vulto com o baptismo da rainha de Mena, em 1641, celebrado pelo frei António de S. Jacinto³²⁵. Por isso, deve-se aos frades dominicanos o mérito da evangelização sistemática da ilha. Era o início da segunda forma de evangelização de Timor.

Conhecedores da organização tradicional do território e da influência que os chefes políticos mantinham sobre o seu povo, os missionários começaram por

³²³Cf. Carta do Pe. Jesuíta Baltasar Diaz, de 3 de Dezembro de de 1559, citado por Artur Sá, op. cit. p. 258.

³²⁴Cf. Mau-Bere-Kohe (2011), *Adeus Timor*, p.136.

³²⁵Cf. Martinho, José S. (1943), p. 13.

influenciar, depois catequizar e baptizar os *liurais*, partindo do princípio de que a massa do povo os seguiria.

Durante os primeiros cento e cinquenta anos, o poder civil e religioso era um só e encontrava-se nas mãos dos dominicanos que representavam a coroa portuguesa. Por isso, para além da evangelização, os missionários armaram os cristãos, treinaram-nos na luta defensiva, capitaneavam-nos eles próprios, quando atacados, e foram criando a pouco e pouco um sentimento de unidade baseado no cristianismo; unidade capaz de resistir quer aos ocasionais ataques dos muçulmanos quer dos holandeses. Ao contrário de outros territórios, em que os portugueses usaram a força das armas para os conquistar, Timor integrou-se como jóia na coroa do Império Português do Índico, graças ao papel humilde e pacífico dos missionários dominicanos. Foi o lado evangélico e não o político a conquistar o coração e a razão de muitos timorenses e de alguns dos seus reis (*liurais*).

Com a nomeação do Capitão-Mór de Solor e Timor, em 1701, e a sua tomada de posse em 1702, os missionários libertaram-se do poder temporal para se dedicarem só à evangelização. Começaram a evangelizar a região dos Belos, onde formaram comunidades cristãs e construíram igrejas ao longo das costas sul e norte. Criaram dois seminários, um em Oecussi e outro em Manatuto, e provavelmente escolas paroquiais para a formação da classe dirigente. A influência eclesiástica e missionária adquirira proporções enormes em Timor e a nova religião cristã acabou por se adaptar razoavelmente bem à tradicional, o Animismo.

Este trabalho e dedicação incansáveis dos missionários levaram os timorenses a afirmar com muito orgulho que, *não foram conquistados pela força das armas, mas pela água e pelo sal* (alusão ao rito baptismal).

O sentido do *sagrado* tinha e ainda tem, nos dias de hoje, uma grande força entre as populações. É possível que, em parte, a origem dos grandes conflitos entre as autoridades civis, na pessoa dos governadores, e as autoridades eclesiásticas, na pessoa dos bispos e superiores das Missões, tenham aqui explicação³²⁶.

Com a expulsão dos dominicanos pelo liberalismo português, em 1834, terminou o período áureo da missão de Timor, que foi de 1561 a 1834.

A bula *Universis Ecclesiis*, do Papa Pio IX, de 15 de Junho de 1874, determinou a passagem da parte portuguesa da ilha de Timor da arquidiocese de Goa para a diocese de Macau. O Pe. Medeiros foi enviado às missões de Timor, como visitador.

³²⁶Cf. Mau-Bere-Kohe (2011), p. 139.

Impressionado pelo estado lastimoso em que se encontravam as missões, o padre e depois bispo Medeiros abriu um novo capítulo com uma obra notabilíssima de evangelização e promoção cultural dos timorenses.

Com sete missionários que levou consigo, criou seis missões centrais, a cobrir, por meio de visitas e missões sucursais, todo o território timorense. No intuito de chegar mais depressa à educação e instrução do povo, empenhou-se, em primeiro lugar, na escolarização e educação dos filhos de *liurais* e *principais*, futuros educadores do povo, e suas futuras esposas. Com este objectivo, criou um colégio interno masculino em Díli e uma escola agrícola em Dare, bem como escolas profissionais. Às Irmãs Canossianas entregou o encargo da formação da mulher timorense, com um colégio interno feminino para filhas de *liurais* e uma escola externa, também em Díli. Propôs-se depois a abrir “tantas escolas quantos os missionários pudessem dirigir”, determinando aos *liurais* que mandassem jovens do reino para tais escolas. É desse tempo a criação dos colégios masculino e feminino de Soibada, que formaram, desde tempos remotos da sua fundação, a elite cultural de Timor. O bispo Medeiros amou tanto Timor que, embora tendo residência oficial em Macau, viveu a maior parte do tempo nessas missões, onde veio a falecer em 1897.

Ordenado D. José da Costa Nunes, bispo de Macau, em Novembro de 1921, efectuou, em 1924, uma visita apostólica a Timor. Inteirado da situação das missões com as suas visitas pessoais, restaurou os colégios, escolas e escolas profissionais criados pelo bispo Medeiros. Para suprir o escasso número de missionários, D. José da Costa Nunes (1921-1940) criou a escola de professores-catequistas para a formação de timorenses que pudessem substituir os sacerdotes na escola e na catequese. Estes mestres-catequistas, colocados nos vários postos administrativos de Timor, constituíram um instrumento muito valioso para a Igreja na educação e evangelização do seu povo.

Pela constituição *Solemnibus Conventionibus*, do Papa Pio XII, de 4 de Janeiro de 1940, foi criada a diocese de Díli. Para seu Administrador Apostólico foi nomeado o Pe. Jaime Garcia Goulart, com faculdades de Bispo residencial e o título de Monsenhor *ex officio*. D. Jaime dedicara-se já em Soibada, arduamente, à formação de professores-catequistas e criara um seminário-menor para a formação de sacerdotes timorenses. Foi ajudado nas suas novas funções por 22 padres diocesanos, 23 madres, 49 catequistas e 41 professores timorenses.

Durante a ocupação japonesa de Timor (1942-1945), retirou-se para a Austrália com grande parte dos seus sacerdotes e religiosas, para evitar a condenação das missões

de Timor a uma falta drástica de missionários no período pós-guerra. Foi nomeado e sagrado bispo da diocese de Díli durante o seu exílio na Austrália.

D. Jaime regressou a Timor em Dezembro de 1945. Esperava-o a difícil e dolorosa tarefa da reconstrução da sua diocese, completamente destroçada. Morreram quatro sacerdotes, quatro mil católicos e quarenta mil habitantes. Muitas igrejas tinham sido destruídas, inclusivamente, a catedral.

Chamou para a diocese novos missionários e novas congregações religiosas: os Salesianos e as Dominicanas. Goa forneceu alguns padres. Mandou reconstruir e reabrir igrejas, colégios e escolas que estavam destruídos e fechados. O Seminário de Nossa Senhora de Fátima foi canonicamente erecto como Seminário Menor e transferido de Soibada para Dare (muito próximo de Díli), em 1954.

Pelo trabalho considerável das missões, o governador José Alberty Correia acordou com D. Jaime transformar a velha Escola de Professores Catequistas na Escola Canto Resende, entregue às Missões e subsidiada pelo Governo. A finalidade de tal escola era a formação de regentes escolares (homens e mulheres). Foi com estes professores e os da antiga escola de professores catequistas que se leccionou a instrução primária nas escolas adstritas aos Municípios.

Nos colégios para rapazes, em Soibada, Ossu, Maliana, Ainaro, Alas e Fuiloro, os alunos dedicavam diariamente umas horas ao trabalho agrícola, que garantia, em certa medida, a auto-suficiência daqueles estabelecimentos escolares. Estas actividades moveram o mesmo governador a mandar construir, em 1965, uma escola agrícola, em Fatumaca, onde veio a instalar-se uma secção de Artes e Ofícios, com oficinas de carpintaria e serralharia, sob a orientação dos padres salesianos.

Como fruto deste trabalho, Timor tinha já mais de um quarto da sua população cristã, quando antes da guerra mal chegava a uma vigésima parte.

Foi no início desta reconstrução da diocese que surgiu de novo a primeira forma de evangelização de Timor, comprovando que “O Espírito Santo suscita, de muitos modos, na Igreja de Deus, o espírito missionário, e que antecede não poucas vezes a acção dos que governam a Igreja” (Decreto *Ad Gentes*, 29).

A localidade de Remexio tinha sido elevada a comando militar, desde 1894. Um dos reinos, que o constituía, Caimauc, era governado desde séculos por 49 *liurais* oriundos de Wé-Hali. Eram quase todos cristãos, com a excepção de um. No entanto, o povo mantinha-se gentio e não escolarizado. Isto devia-se, em boa parte à forma como os padres introduziam os cristãos na Igreja, no período que mediou entre a expulsão dos

dominicanos e a chegada do padre Medeiros. Chegavam aos reinos, perguntavam quem queria ser baptizado, atribuíam um nome cristão e baptizavam. Os sacerdotes voltavam para Díli e os neo-cristãos voltavam às suas práticas gentílicas.

Em Setembro de 1937, Manuel da Gama Barata da Conceição Mesquita, sucedeu ao seu pai D. António Mesquita como 49º *liurai* de Caimauc. Era filho primogénito de D. António Mesquita e de D. Joana da Costa Mesquita, educados nos colégios internos masculino e feminino, mandados construir pelo bispo Medeiros, em Díli. Embora filho de pais cristãos e um grande aluno das missões católicas em Díli, pode dizer-se que parte da sua vida não era regida pelas normas da Igreja Católica: embora casado segundo as normas do casamento tradicional, não estava casado canonicamente; na família, só ele era cristão; e naturalmente não frequentava os actos de culto da Igreja. Isso devia-se, talvez, ao facto de ter ido morar para a sede do novo comando militar de Caimauc, sediado em Taroque, bem no interior e longe de tudo o que era cristão.

Entretanto, aconteceu a ocupação japonesa de Timor. O *liurai* Mesquita e sua família abandonaram a casa e procuraram refúgio nas montanhas do interior, mais precisamente, na região chamada Cota-Morin. Ao longo dos três anos difíceis da ocupação, segundo o testemunho dos filhos, retirava-se com muita frequência para a oração. Num destes momentos, prometeu a Nossa Senhora que, se ele escapasse vivo da ocupação japonesa, mais a sua família, mandaria construir uma capela no seu *suco* e pediria ao bispo da diocese um catequista para instruir o seu povo (reino) na doutrina cristã e levá-lo ao baptismo.

Assim aconteceu. Como timorense que era, primeiro quis honrar todos os seus antepassados falecidos com a celebração de um grande rito funerário na sua *cnuu* (povoação), segundo mandam as normas da religião tradicional. De acordo com essas tradições, a força vital dos animais, principalmente búfalos, abatidos e consumidos durante a *comunhão fraternal* do banquete ritual, acompanharia a força vital dos seus donos na vida pós-morte. O *liurai* Mesquita quis com esse acto, prover os seus ancestrais falecidos de todo o conforto necessário ao seu repouso eterno, antes de abraçar definitivamente as práticas da vida cristã.

O *liurai* parece ter intuído a afirmação do Decreto *Ad Gentes* (nº 21) que exortava os leigos a conhecer a cultura da sua pátria, purificá-la e conservá-la, desenvolvê-la segundo as novas situações e finalmente, aperfeiçoá-la em Cristo, para

que a fé cristã e a vida da Igreja deixasse de ser estranha à sociedade em que viviam, e começasse a penetrá-la e a transformá-la.

Cumprida esta missão, na presença do seu povo, o *liurai* foi a Díli formular, pessoalmente, o seu pedido ao bispo. D. Jaime aceitou com muita alegria e enviou para Remexio o mestre-catequista Zacarias Albano da Costa, natural da costa sul. Sempre com o apoio do *liurai*, iniciou a sua missão com um trabalho intensivo de catequese e escola. Entre os primeiros catecúmenos estiveram a esposa e filhas do *liurai*. Em Fevereiro de 1948 o catequista levou a Díli o primeiro grupo de catecúmenos para serem baptizados, a que se seguiu o casamento canónico do *liurai*. Desta Missão saíram os primeiros cristãos e letrados de Remexio.

O *liurai* não se limitou ao arranque inicial da missão. Procurou manter-se sempre atento e acompanhar a sua evolução. Com a criação de um novo posto administrativo, num lugar mais adequado, o *liurai* pediu ao governador da Província a construção de uma nova capela-escola em alvenaria. Foi construída e inaugurada em 1963. Remexio tinha, então, 322 baptizados. Apesar dos vários quilómetros de percurso a pé, os cristãos acorriam em grande número das suas povoações à vila para participarem, nos actos de culto. Na nova capela, com melhores condições, as visitas missionárias passaram de trimestrais para visitas mensais.

O professor da escola municipal, genro do *liurai*, também dava catequese intensiva aos seus alunos e iniciava-os na vida de oração comunitária. Eu própria, quando fui colocada na escola municipal de Remexio, segui os passos de meu pai. Pelo que o cristianismo, que até então só abrangia pessoas de Caimauc, passou a abranger todo o posto administrativo de Remexio.

Perante o número crescente de cristãos, o *liurai* manifestou ao bispo o seu desejo de ter celebrações eucarísticas dominicais e assegurou, com o apoio da diligência militar de Remexio, o transporte do missionário para tais funções. Começou por ir um capelão-militar de Aileu, depois sacerdotes jesuítas do seminário de Dare.

Em 1974, o Pe. Eduardo de Brito, pároco de Balide, achando que a capela era obra do Estado e funcionava ao mesmo tempo como escola, quis uma igreja construída pelos próprios cristãos. Inicialmente, o *liurai* detestou tal ideia, mas depois ele próprio colaborou na construção. Apesar dos seus 70 anos de idade, carregava às costas grandes pedras da ribeira à igreja, a uma distância de cerca de três quilómetros. O edifício foi inaugurado em Julho de 1975. Nessa altura a missão já tinha 787 baptizados.

Pelos acontecimentos político-militares de 1975, o *liurai* e a sua família deixaram Remexio a 4 de Agosto, depois de se salvarem (milagrosamente) de uma morte ignominiosa. Após uma passagem pela Indonésia e uma diáspora de 12 anos com a sua família em Portugal e de se ter recusado a emigrar para a Austrália por querer morrer sob a bandeira à sombra da qual nasceu e que servira ao longo da sua vida, faleceu serenamente na residência do Vale do Jamor a 20 de Novembro de 1988, com 85 anos de idade. Era o dia em que toda a Igreja celebrava a festa de Cristo Rei do Universo. O Rei Universal dignou-se buscar nesse dia o seu pequeno *liurai* de Caimauc.

Entretanto, a Missão de Remexio continuou a crescer, tendo hoje capelas e as respectivas comunidades cristãs em todos os sucos.

A 30 de Novembro de 2001, a Missão de Remexio foi erecta como Paróquia pelo então bispo da diocese de Díli, D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Na festa da erecção, onde estive presente com dois filhos do mestre Zacarias, os cristãos recordaram com gratidão a obra missionária do *liurai* Mesquita. Fez-se a leitura da história da origem da Missão de Remexio, elaborada pelos primeiros catecúmenos, perante as autoridades eclesiásticas e civis presentes e demais convidados.

Confirma-se assim que “uma existência feita dom não é fracassada, mesmo se termina na cruz”.

Com efeito, todo este efeito de evangelização traduz e ilustra a doutrina do Concílio Vaticano II que, no Decreto *Ad Gentes* (nº. 21), afirma:

A Igreja não está verdadeiramente formada, nem vive plenamente, nem é sinal perfeito de Cristo no meio dos homens, se não existir e trabalhar com a hierarquia um laicado autêntico.

[...] Os cristãos leigos pertencem plena e simultaneamente ao Povo de Deus e à sociedade civil: pertencem à nação em que nasceram, de cujos tesouros culturais começaram a participar pela educação, a cuja vida estão unidos por múltiplos vínculos sociais, para cujo progresso concorrem com o esforço pessoal nas suas profissões, cujos problemas sentem como próprios e procuram solucionar; e pertencem também a Cristo, porque foram regenerados na Igreja pela fé e pelo Baptismo [...].

O principal dever destes homens e mulheres é o testemunho de Cristo que têm obrigação de dar, com a vida e com a palavra, na família, no seu grupo social, e no âmbito da sua profissão. É necessário que neles se manifeste o homem novo que foi criado segundo Deus na justiça e na santidade verdadeira. Devem exprimir esta novidade de vida no meio cultural e social da sua pátria, de acordo com as tradições nacionais.

Confirma-se, neste estudo de um caso o papel preponderante que tiveram por vezes os leigos desde o início da cristianização de Timor. A começar pelas primeiras conversões ao cristianismo, levadas a efeito por mercadores portugueses leigos; o papel do rei (*liurai*) da ilha, já cristão, em solicitar aos jesuítas de Malaca o envio de

missionários, para evangelizar e catequizar o seu povo; e por último, o *liurai* Manuel Mesquita, na qualidade de chefe gentílico de um reino, ao pedir ao bispo um catequista para anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo ao seu povo. Mais ainda, neste caso, implantada a nova comunidade cristã, procurou sempre a cooperação das autoridades civis, militares e da hierarquia eclesiástica para promover o crescimento da sua nascente missão e o bem comum da sua comunidade.

Podemos concluir, assim, que se cumpriu mais uma vez o desejo do Concílio Vaticano II de congregar as forças de todos os fiéis para que o povo de Deus, em obediência ao mandato do seu Mestre, difunda por toda a parte o reino de Cristo (Decreto *Ad Gentes*, Proémio).

À nossa saída de Timor em 1975, quem aderira ao cristianismo, cortava com a participação em actos de culto tradicionais. Mas fui informada que, actualmente, para além das seitas levadas pelos internacionais a Timor-Leste, boa parte dos cristãos adopta em pé de igualdade as práticas cristãs e da religião tradicional. A população reconstruiu e reorganizou as suas *uma liçan* (casas do clã), o que é muito normal. No entanto como não sabe fazer distinção entre as *uma liçan*, de cariz político-social e as *uma lulik*, de cariz religioso, está a gerar-se uma confusão de crenças. De acordo com um sacerdote, isto constitui o maior problema para as autoridades eclesiásticas. Considero que esta é uma situação que deve ser tida em conta para futuros trabalhos de investigação.

ANEXOS

Anexo I – Rito de consagração de uma casa timorense – dadolin

*Pais senhores eles, avós senhores eles,
Senhores trevas eles, senhores noite eles,*

*Agora mesmo partir já, andar já ir,
Braceletes brancos eles, coqueiro rebentos eles,
Figura homem madeira voz, pau-rosa voz,
Casa cabeça voz, capim voz;
Conjunto peças voz,
Materiais juntos voz.*

Correr já ir, partir já ir,

*Agora mesmo ir pedir, agora mesmo ir rogar,
Pai Deus, Mãe Deus,
Avós Deus, mãe Deus,
Avós Deus, império Deus,
Agora mesmo fazer como, agir de que maneira?
Estender sair vir, dar sair vir,
Corpo cão velho, machado antigo,
Catana antiga, ferro venerando,
Receber tomar já.*

*Levar até vir, trazer até vir,
Em terra umbigo em terra centro,
Em pedra angular, pátio sagrado,
Terra plana, terra nivelada,
A terra alarga-se, a terra rasga-se.*

*Agora mesmo receber tomar, orar ter na mão,
Para ir cortar, ir descascar,*

*Em três ermos, em três sombras,
Cortar pronto, aparar bem,
Árvore kiar mãe, pauto mãe,
Agora estar cortando, estar aparando,
Tomba com fragor, parte-se estilhaçando,
Ponta para o mar, raiz para a montanha,
Aparar de novo, aperfeiçoando,
Fazer corpo chefe, tronco real,*

VII

*Passada a sexta fase, cortados os sextos prumos,
Depois de tudo correr bem,
Fazer como, fazer de que modo?
Mais suportes ferro, estacas de oiro,
Estender tábuas ferro, tábuas de oiro,
Mais paus, mais travessões,
Cepo grosso ferro, tronco de oiro,
Laraz ferro, laraz doirado,
Cordame sol, capim soalheiro,
Ajustando o capim para a cobertura,
Fazendo rendilhados com as nervuras,
Dando pontos direitos, dando pontos cruzados,
Já aparece o dente o dente, já lhe colocam o telhado.*

*Queixo real, de ar nobre,
Terra plana, terra nivelada,
O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro.*

II

Passada a primeira fase, cortados os primeiros prumos,

*Depois que tudo correu bem,
Fazer como, fazer de que modo?*

*Ir pedir de novo, suplicar novamente,
Pai Deus, mãe Deus,
Avós Deus, império Deus
Agora mesmo fazer como, agir de que maneira?*

*Ir cortar, tomar ir, buscar cortando,
Corda terra filho, planta terra filho,
Corda terra em rebento, planta terra,
Com pau de levar, com pau de equilibrar,
Levar até ir, trazer até ir,
Em três cerrados, em três ermos,
Estão atando, amarrando andam,
Atar pontas só, amarrar as bases só,
Atando bem, peso igual,
Já andam levando, já sustentando aos ombros,
Levantando aos gritos, levando em algazarra,
Dançando o Hou-lí, dançando o Herlele,
Entoando o Sala-makat e o Da'a-doun,
Cão estrangeiro, galo estrangeiro,
Cantar o Kolo-kolo e o Bui-muk,
Levar até vir, trazer até vir,
Terra plana, terra nivelada,
Em terra umbigo, em terra centro,
Em terra meio, em terra eixo,
Junto pedra angular, em pátio sagrado
Colocar plano, pôr ordenadamente,
O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro.
A boca emudece, a voz apaga-se.³²⁷*

³²⁷ Cf. Cinatti, Ruy, *A Arquitectura Timorense*, p. 213.

Anexo II – Manuscrito de Marçal de Andrade sobre a ocupação japonesa

culdica ain shōchi hōrona kōshō-
ren-oma tōri nōin'itō.

28.11.982

Marçal de Andrade

Como ka' hōrona ain omōis (Pispa -
Pie) Kōtōmō shōmōt (Pispa).

Uma reatōic pōic hōic pōi kōic
omōi tōi hōic nōin tōi idō, somōpōmō,
hōic nōicōic hōmō, hōmō tōi hōic nōin

shōmō tōi hōic nōin tōi hōic hōic
ōicōi shōmōi hōic nōin nōin tōi hōic
hōmōi hōmōmōmō omōi omōimōmō

Nōi shōmōi hōic hōic hōic hōic hōic
omōi hōic hōic hōic hōic hōic hōic
hōmōmōmō, omōi omōi hōic hōic hōic hōic

Hōmōi hōic hōic hōic hōic hōic hōic
Hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic
omōi idō. Omōi idō hōic hōic hōic hōic

hōi hōic nōin omōmō hōi omōmō omōi,
hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic

omōi omōi idō omōmō hōic hōic, ca-
tōmō omōi omōi hōic, omōi hōic omōi
omōi omōi omōi omōi. Idō hōic hōic

hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic

tōmō idō hōic, omōmōi omōmōi, hōic
omōi omōi omōi omōi omōi omōi

Idō omōmōi hōic hōic omōi omōi
omōi omōi, omōi hōi omōi omōi, omōi

omōi hōic hōic hōic hōic hōic hōic
omōi omōi omōmōi omōi omōi omōi

P. Carlos Bonomo Omōmōi Omōmōi omōi
hōic omōmōi hōic hōic hōic hōic hōic

omōi omōi - hōic hōic omōmōi omōi
omōi Omōmōi Omōi Omōmōi Omōmōi -
omōi omōi omōi.

Hōic omōmōi hōic hōic hōic hōic hōic
omōi omōi omōi omōi. Hōic omōmōi

hōic omōmōi omōi hōic hōic hōic hōic
omōmōi omōmōi omōi omōi, omōi hōic hōic
omōmōi ABC. Hōic omōmōi hōic omōmōi
omōi omōmōi 1926.

Idō omōmōi 1932 omōi hōic hōic hōic
omōmōi omōmōi hōic hōic hōic hōic omōi omōi

omōi omōi hōic hōic omōmōi 39. omōi
omōi hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic
hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic

File hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic hōic

da profatin t^o tinan 1934 jin
ba haka fali examu iha Niua
Soiluan, iha n^o haka oin examu
capoz t^o t^o tinan tan ba haka haka
lede buet avo n^o bi haka uton.
Examu n^o haka t^o tinan, haka molu
reva ba haka t^o tinan ba haka n^o haka
examu t^o tinan ba haka fali ba
fali, haka Avu. Lele ba t^o tinan
manon haka fali examu t^o tinan
Quintan, haka t^o tinan ba haka
Jus J. Manon Avu, Avu, So
haka oin.
The tinan 1935 haka haka examu
4^o class oin, haka haka.
Tan ba haka haka t^o tinan ba haka
o haka haka haka haka haka haka
vta de Professor. Examinator oin
The tinan 1936, haka haka haka
1^o avo ba 2^o avo.

The tinan 1937, haka haka haka
2^o avo. Manon haka haka haka
profatin, manon tinan tinan haka
haka fali, haka haka haka 2^o avo
ba 3^o avo. The tinan 1939 haka

Manon haka haka Professor. Ca-
tegrata, haka 1939 t^o tinan 1940 haka
ba haka haka haka haka haka
ida ba fali lima avo tinan
ba haka haka, manon bi haka
haka.

The 1940, haka haka haka haka
manon haka haka haka haka
ba haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
ba haka haka haka haka haka

The tinan 1941, haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka

The tinan 1942, haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka

The tinan 1943, haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka

The tinan 1944, haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka
haka haka haka haka haka haka

ran yai' Nya
Tim ita, manu wta man, tumu la-
lor, tate iha lihu, lala iha au,
harusa totu laharis manu lihu
ida, mai ora atu phakan tuu
Amo Ador Spetliu, ho Amo-Liliu pira,
hi Amo Madu ba taci.
Bani Toi ba Taci iha tuu totu
manu.

Ador Spetliu hari' tika hain
manu ba hi ama lihu bot ida
lori lihu ho au, nia catar ma
ba Amo-Liliu cira, ho Madu Sira
hadu totu ida amnis ora, Mac-
cal ho nia ora cira lori hadu
mai ora ma ba.

Sira wrae hadu, ida ida mai
cimu raiee hadu eha laharis
cira liman, toyu lihu, f~~tuu~~
itu f~~tuu~~ amto iha hian ma ba
ami Madu.

Ma calan bot ami lori cira ba
iha tuu hadu submanu atu mai
tuu cira ba ro bot iha taci
clan. Sira mai tika ba submanu

ami fela mai totu iha ai-hen
ma ba cira fela hi.

Ami mai ho Amo-Liliu Philips yai
Caldy, ma ba ma cara ma man
reun iha ma bain timor.

Ami mai hela iha dalin ida ma-
ran Ue-Caleti, iha ma, iha lora-
craun Amo fo compua ba ma ora
ma lihu bot ida.

Calan ami totu iha ma ba
mau maure barai ma' la totu

Ma dala-ran ami mai gali

Misai Ploy, Amudara atu hadu

Misa, mai hi' la' ba laut ida

la iha atu hadu Misa, ami

tuu fela dalan ba Soibara.

Ma dalan hain hain ba Amu

Philis yai Caldor atu hadu fela

ida ho hain ma maue cira,

Amo-Liliu maue.

Tulan ida liu tika hain ba ho

lanaric^{ma} ba Soibara atu gali hain

ma ai-bulun, ma hain iha ma ba

Ma Soibara hadu hain yai ba
Ma-Liliu atu fela gali ho hain

nia mara pira ho hain mara
can ho Ploy, ba aa' cira iha Soir
Bada pira hui gaten la mition.
Ano ^{hita} yé duni, mudi calai, la
lalul habuka atu hawhan tan la
ami. Amo fila la Poy lalul pira
cetera Wai. Filiti Piliti ama atu
tiku ma.

Ani luntabeta diit, iha ai, la
ran. Nunci ami aa' fela ami
gaten diluc hodi ho to' iha
filiti ida maran Au. Saon iha
ama futa. Burelhu pira nin. Saon
Iha mi ami lalul ^{tan} ama tan
la ama futa. Berehhu ha' pira

ama japonis.
Ani halas namacari fila futa
la Ploy cira ran, bahu hodi ho
ha' pira japonis hodi ho tu' gale
la cira nin to' hodi hui futa
ama futa atu hodi tur la tan
la ama diluc. Ama, ama cira, ama
ho ha' cira. Ama, ama japonis ama
tona.

Hain lao hamiliti magatin ho

Chefe do Post Nati-Loni ninian
maran Adriano Corte Real, J. P. Pires
Corte Real pira om man, calin ho
fita Poy ida gran Maia, ama ama
ida ^{hita} Poy. Ani halai la palar iha
ama mi atu hodi lula filiti hodi
la tan nin ama iha pira.

Pader ida, ami tur la hain ran
fita. Kbil pira bot rira ma
lula ami pira, ida ma hoi. Be-
tano, ida ma ^{hita} Poy nin ida
maran Ai. Taha ho ama futa. Nhon
bahu. Ama aa' ama ami hodi ho
ama guarda Pi. Taha nin, iha
mi, calin pira hoi ami to' pira
gaten ^{hita} maran Rai - Cugu iha Saon
nian ma.

Pader. can pira ^{hita} Poy, Poy Saon
nian, ami iha diluc forca bot
tan la ha' cira ami, ama pira
ca ninian ca' ami lala hodi
la'ca didici ami ama ran, iha
culit metan hoi. hain ama
ama. Lala ami tona nin la,
hodi hui ami la' hataca.

brat nain rai chi oinian
Hah join em, ami parent bahu
haci Same Lori nerad at rumah la
ami haepoli mite.

Jera ami la iha ita ^{gum} Quintu-
Aira ida, Juan bot japone la
iha. Sira keci hela ami hodi
hain Juan bot iha fatur-Berub.
hu. Ita Sabab calan Juan, mai
ora hodi fatur-Berubhu.

Eader cam atu bucu ora ami

Loa-bu-bu-ami-bici ami hodi
hacera ami hodi catuc memie.

Fare imi mir liman oray ida ita
caro liman imi hodi hosi imiona
hu malae miltin pira-^{WPT} Por ligal,
mei dehan catan, Juan bucu foto
ami atu hancu rho ami tomaz.

Juan bot japonei bahu ami atu la
hacan, pira hancu hain hain la
alhu.

Sama la Juan bot, bucu ora hain.

Melur pa' o' hoi hamutei ho Adriano?

Hain cimur. Tan bu ora hodi foto Aloy
tan bu malae miltin haini hodu ora la

pentida oi' la ore bi, hain loba-
tan, ora hacera mai hela iha me
fen ora rain, atu hodi mai ha-
coru Juan sira.

Sira bu cara ami ora, cara
Mans Adriano ora gin ora ama
dumi.

Enta imi la is atu bucu dalan
hodi bu tan J. Alexv iha pinero,
Juan bucu foto hain?

Hau catan, Lau Juan, Ami atu mai

hacera dumi Juan bot iha Same mion,
hac join sira bu over ami iha
coru ida overan Mans hodi mai iha
mei. Hain haliten haka muni bucu
bot hancu hain pai lita hancu
secularin.

Katama foto hain ora aman kici
ida pardin Duart da Costa matan
Mia ora la hancu hancu hain hain-
telon ora. Mene hancu lita ora hain

Secretaria, katama foto & hancu Post

Adriano Costa Real, ora hancu mafa-
tin hancu hain, tan bu hancu hancu
ciao ora hodu ora mii hela. Juan

harai tika mas haei oia sevta,
ria, totu feli haei ho hain oia n-
maa hie. Ami maina nua tamaba,
tuau bot haiter muae. Das oia, iapi
oain sua feli ba hla, haei toa
hala bot, hodi. uoda botu, haei, tu-
di, ai, dila, ba tuau nua auar
erai, oia ai fo brat haken em
oi. Ami sai tika hoi Sevtonia
eare ba toh haei oia tuau nua
hadada da botu, oia oia oia,
ton ba oia, eare antan ketu iha
felin aelu ida.

Ami main tika tuu dalar ba hla,
calon ami ba totu iha felin ida
nua. Ma. Pila, iha haei aman
hieu oia auar bot ida ho oia
caben nua. Cabun oia oia, oia
The oia haei oia fain fo feli hie
ho hpa ba ami apala.

Hota aban feli hie ba U. Edot.
hain oia nua. Ami toa chaha
hieu calon. The oia oia haitu.
tu hela iha nua. Haei oia nua
fain haei, hain aia hie hie ho

oia calon ho oia oia oia oia
ida fain, ho haei oia aman bot,
hain oia aman hie oia aman pl,
cie ho oia calon ho oia aman nua,
ida nua. Francis Dia da botu,
ida nua. Kuarit da totu hula-
uare nua ho feli oia oia aelu
tan. Ami hie oia iha U. Edot.
haku haei aman bot, tan ba oia
hain iha oia oia. Haei hie oia
moh. Haei nua haei hoi amio-
oia oia oia, haei hie hie oia
nua, liman nua, oia nua haei-
oia oia oia, oia oia oia haei
hala haei oia, haei hie oia.
Haei haei haei hie oia, haei
oia. Haei haei haei oia oia haei
hange oia oia oia nua oia
hain tika, oia haei haei oia oia
tu tu nua oia oia, haei hie
haei feli ba oia haei hie oia-
fain, haei oia oia oia oia
nua haei tika haei.
Haei haei haei oia oia, haei
iha oia haei iha haei, haei

cala atur omat di sini ora. Hala
kawan ora atu lami Sta Nain jesus
nia putar karan. Hala kaku tem
dipi, mai hi iha cavaim kisan
hale lami papator megator to
hain nia lina nri macas, iha nri
daminio nira lacon taha tomor,
iha hain nira ulun fohor tena
Imajon jesus nri julai Fuan
man ida, Hala kaku ba loma
Sam nri, nri thari omi hain hodi
hamanai, iha om ida nri hain
hwi ba nai omotok, bacleur namon
mor taha. Hala nri matan ba
hain nri pin om fali ora.

dia. The laro-craie tuon bot ho
nia coldado japuni nira toi.
The nri ema tomak ba hola bura
ba tuon bot hodi haccian nri
coldado nira tomor.
Tuan bot hela diit calan idu iha
Ni: Suus, dader, san gila fali. bi
Rai-Militi.
Tuan bot liru taha tuonai kama
botu hain hu hain nri nri ida
naran Elisei Fernandez, ho catu
tomor, com ami nri nri
nri bi iha nri bi, fali hain nri
nri nri Chigi da pooooo, kaku ba
cibu.

Nunci ami gila fali ba nri, hu-
di foma hu cudu, hodi cas nri
van, nri nri taha ho ai-dila
hodi bi fo ba jupuni nri atu
hain. Ani hodi corbio nri bi
temon nri nri laran.
The nri tuon bot casan nri
matan atu ba corbio ho nri,
hodi fo ordon ba nri nri katan
bi ho haccian atu ba hodi Rai-Militi.

Nunci hain kaku hamon Santone
Baga ho Potoron in laran.
hacleur hain nri dila taha.
Lura J. Lado kama ordon ba
iha nri nri nri hodi hodi atu
nri nri, fali atu ba hain tuon
bot atu nri hodi Rai-Militi,
Betam, iha fater ida nri nri Ni-
Suus. Dader, san ami cai hain nri
ba Ni-Suus. Ani to ba iha nri.

Anexo III - Lista de Coronéis Régulos que foram educados no internato da missão de Lahane

- 1 – D. Albino de Moraes, régulo e coronel de moradores, de grande prestígio, falecido há pouco.
- 2 – D. Marcos dos Reis da Cunha, coronel de Barique, falecido em 1926.
- 3 – D. João da Silva, régulo de Cairui, morto em 1912, na guerra de Maunfahi.
- 4 – D. Hugo da Costa, coronel régulo de Ocússi.
- 5 – D. António de Mesquita, régulo de Caimauc. Falecido.
- 6 – D. Francisco da Costa Freitas, coronel-régulo de Vemassee.
- 7 – D. Luís dos Reis de Noronha, coronel régulo de Lacló. Dois filhos admitidos na Casa Pia de Lisboa com viagem e educação pagas pelo Estado.
- 8 – D. Vidal Doutel Sarmiento, coronel régulo de Samoro.
- 9 – D. João Hornay da Cruz, régulo de Ambeno.
- 10- D. Mariano da Costa Freitas, régulo de Bere-Cóli (Baucau).
- 11- D. Paulo da Silva, coronel-régulo de Ossoroa.
- 12 – D. Francisco da Costa, coronel-régulo de Ossu.
- 13 – D. José Amaral, régulo de Dótic.
- 14 – D. José dos Santos, coronel-régulo, de Maubara. Um dos filhos foi para a casa Pia de Lisboa, com viagem e educação paga pelo Estado.
- 15 – D. Carlos Duarte, coronel-régulo de Alas.
- 16 – D. Joaquim Guterres, régulo de Manatuto.
- 17 – D. José Guterres, régulo, irmão do precedente. E exerceu o cargo de Secretário do Governo de Díli.
- 18 - D. Tomás da Costa Ximenes, coronel de moradores de Baucau.
- 19 - D. Hipólito, coronel-régulo de Barique.
- 20 - D. Cipriano Gonçalves, coronel-régulo de Atsabe.
- 21 – D. Francisco Martins, coronel-régulo de Ermera.
- 22 – D. Mateus Sarmiento Pinto, coronel-régulo de Viqueque.
- 23 – D. Albino Ribeiro, coronel-régulo de Motael.

A lista supra inclui apenas os régulos, seus filhos, os chefes que a Missão preparou para o importante papel de autoridades indígenas, delegados do Governo junto dos respectivos povos, e os mestres, que são, depois do missionário, o factor principal da civilização.³²⁸

Anexo IV – A linhagem Mesquita – liurais de Caimauc (Remexio)

1. Questionário para confirmação de dados

Hau, Madalena de Canossa Fátima Mesquita de Andrade, Liurai Caimauc Manuel da Gama Barata da Conceição Mesquita nia bei-oan. Hau nia avô ukun Kaimauk hosi 1937 to 1975.

³²⁸Fernandes, A. J. *Missões*, p. 108-113.

Hau rona tuir hosi bei-ala sira katak ami nia bei-ala D. Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay, sai hosi Wé-Hali, Wé-Bicu, tama iha Manufahi, liurai Ria-Tu nian simu sira iha Ria-Tu, to sira sae ba Kaimauk, lori rota ho chapéu metan, hodi ba tur iha Ri-Aik Manumera, rai uma sarin iha ne ba, hafoin hakat fali ba Let-Rai Kaimauk, Fatu-Raça, Laraluhan.

Ne'e duni hau husu tio sira, se bele karik, haktuir hela:

1. Se Avô Mesquita ne be liu hosi Ria-Tu naran duni Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay?
2. Sai hosi Wé-Hali/Wé-Bico liu hosi ne'e bé, ne'e be?
3. Liu duni hoso Ria-Tu? Hela Kleur iha ne ba?
4. Bain hira maka sae ba Kaimauk?
5. Tio sira hatene tan bei-ala ruma nia naran?
6. Sira lori patente coronel, ka, patente seluk?
7. Se tio iha tan informação ruma ne be importante kona hau nia bei-ala sira hau agradece.

Hau fo tuir questionário ne'e hosi alin Amorim, tamba, Amorim nia primo Dr. Bernardino Syry caben ho hau nia alin, Francisca Maria de Araújo Mesquita de Andrade.

Hau hato'o cumprimentos ho obrigada barak ba tio sira. Maromak sei selu.

Madalena (Mana Mada)

1.1. Tradução para português

Eu, Madalena de Canossa Fátima Mesquita de Andrade, sou neta do liurai de Caimauc, Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita, que reinou Caimauc de 1937 a 1975.

Ouvi contar pelos meus avós que o nosso antepassado D. Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay quando saiu de Wé-Hali/Wé-Bico, passou por Manufahi. O liurai de Ria-Tu acolheu-o e hospedou-o no seu reino até aquele subir para Caimauc, investido de rota e chapéu preto, assentando o paço real em Ri-Aik-Manumera, passando depois para Let-Rai-Caimauk, Faturaça e Laraluhan.

Por isso pedia, encarecidamente, aos "tios" o favor de me esclarecerem as seguintes questões, se não se importarem:

1. Se o meu antepassado Mesquita que passou por Ria-Tu se chamava Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay?
2. Qual foi o percurso que ele seguiu ao sair de Wé-Hali/Wé-Bico?
3. Ele passou mesmo por Ria-Tu? Permaneceu aí muito tempo?
4. Quando é que ele subiu para Caimauc?
5. Os tios sabem os nomes dos meus sucessivos antepassados?
6. Qual era a patente que lhes foi atribuído, coronel ou outra?
7. Se os "tios" souberem mais informações relevantes sobre os meus antepassados, agradecia que mos informem.

Faço-vos chegar este questionário através do “irmão” Amarin, primo do Dr. Bernardino Syry, descendente dos liurais de Ria-Tu e casado com a minha irmã Francisca Maria de Araújo Mesquita de Andrade.

Apresento aos “tios” os meus respeitosos cumprimentos e sinceros agradecimentos. Que Deus vos pague.

Madalena (Mana Mada)

2. Respostas ao questionário em tétum, pelo senhor Pedro, um dos *catuas lia-nain* de Ria-Tu:

1. Beiala nebe mai hosi Ue Bico Ue Hali mai naran Orondor Lcoco-loi ne'e hanesan espírito ka lulik nain. Orondor katak espírito, buat hotu sira hatene; Loco-Loi katak domin rohan laek. Loco-Loi ho loc-baco hosi liafuan mambae nebe tradus ba tetun dehan loc beibeic ou serve beibeic. Ijemplu. Bainaka mai ita nia uma ita sempre lok bua malus ho tabako ba bainaka nebe mai, no ita sempre serve sira ho matabisu ruma ou han meudia ruma no buat seluktan. Bainaka ida fila, bainaka ida mai fali ita sempre lok beibeik, ou serve beibeik. Ne mak signifika hosi lokoloi. Naran seluk hosi loko-loi maka lok-bako. Naran difrente signifika hanesan. Serve beibeik ho domin.
2. Sai hosi Ue Bico Ue Hali Kupang atambua, liu hosi Suai rai ida ou knua ida naran BOLAN FATUK ISIN. Hela kleur iha neba (durasun la hatene ita bele kalkula deit), no sai hosi suai fatuk isin hakat mai rai hato-udo Bobe tasi ibun no liurai ou lulik nain riatu nian simu iha bobo tasi ibu. No sai hosi tasi mai liurai ka lulik nain riatu simu hodi tau aidadoli ka kantiga katak: sai hosi tasi mai manko ue sere nahe biti makerek manko ue sere. Signifika katak: sai hosi tasi mai lori kedas manko no biti makerek. Manko signifika katak fatin hodi look ema ou fatin nebe uja ba atu serve ema. Biti signifika katak nahe hodi tur ou hodi halibur ema hotu. No hosi ida ne beiala sira hanorin ema oinsa halo biti ou homan biti no oinsa halo manko ou homan akadiru no tali sai hanesan manko. Manko tradisional nebe homan hosi tali tahan hodi lian mabae same dehan *Netaa*. Hanesan lafatik kik ne'be uja hodi serve lulik ou tau bua ho malus hanesan retik no buat seluk tan). Hanorin iha bobo hotu depois tama iha Riatu.
3. Hela duni iha Riatu hamutuk ho lulik nain no liurai sira iha Riatu mais ou menus Seclu I ou II (ne Kalkula deit tamba lahatene).
4. Wain hira atu sae ba kaimauk uluk nanain lulik nain ho liurai sira sei halo enkontru ka recenceamentu hodi fahe ukun ba ema hotu atu lori ba ukun ou haklaken ba rai seluk. Depois de engkontru iha Riatu hotu no sira lori. Ema hotu nebe atu simu ukun ba iha knua ida Naran BET HATI OEBAE iha Lesuai Riatu. Depois simu ukun katak simu sapeo no rota iha knua bet hati oe bae. Depois de simu sai hosi Riatu liu hosi rai ida naran Holarua mai Maubisi hodi tau hela ukun ida iha Maubisi iha uma lisan naran LOI BERE MAUBISI. No hosi Maubisi nia habelar tan ukun ba to Aileu hodi tau uma lisan ida naran Sirtai bertai iha Aileu. Sai hosi Aileu ba iha kaimauk Riaik Manumera no hakat ba iha Remexio no ukun iha Remexio iha uma Asmau ho nia lulik maka naran Sirtai Lokbako, ho Taisiri Maukoli. Sirtai Lokbako signifika rota ka ukun hodi serve beibeik.

Taisiri Maukoli signifika sapeo nebe mahon nafatin. Rota naran Taisiri tau iha uma lisan maka naran Umai Taisiri. No sapeo naran Meta Maukoli tau iha uma lisan maka naran Umai Maukoli.

5. Bei-ala ne barak tamba balu mai hosi tasi balu mai hosi foho ne duni atu konta ne presija tempu. Agora daudaun seidaun bele.
6. Sira lori patente koronel.
7. Tamba dala ruma riato ho riato ukun malu la rona malu tan ne duni sirarasik maka bolu ou hakarak fob a ema seluk maka ukun para sira bele rona.

Notas:

Hato'o ba mana katak:

1. Ida ne informasaun ladun kompletu tamba fontes ne hosi ema ida deit (Sr. Pedro mesak). Hosi katuas nain rua tan mais hau la konsege hasoru.
2. Tuir Sr. Pedro hateten katak atu konta klaru liu ita persija tempu fulan, sekarik la fulan ida loron hat ou lima mais ne ita komesa dader to kalan durante loron loma ou nen. ida para ita hodi klarifika halo lolos. No hau fo hatene ona ba katuas sira hotu katak iha fulan outubru mana sei main e duni sira hotu pronto atu hein mana se karik ita mai.
3. Konaba estoria balu ita presija look bua malus maka foin bele konta. Ne duni sekarik mana mai prepara maka osan uitoan para ita bele tau hanesan bua malus.
4. Atu diak liutan mana prepara mos osan uitoan para ita fo katuas sira para sira bele konta diak liu tan.
5. Konaba Estrutura portugues nian nebe atu hetan iha Centru Juvenil ne, hau ba hasoru Sra.Dona Rosalina nia dehan sira laiha data konaba idane entaun nia fo sugestaun katak Mana Mada hare iha BIBLIOTECA NASIONAL IHA PORTUGAL ne kompletu liu.
6. Se iha ne buat ruma maka ita ladun komprende, no atu husu tan data seluk ruma nebe iha ligasaun bele hato hosi email ida ne. Shtcls.gmail.com

By : Amarin

2. 1. Tradução para português

1. O antepassado vindo de Wé-Bico/Wé Hali chamava-se mesmo Orondor Loco-Loi, que significa dono do espírito ou do sagrado. *Orondor* significa espírito ou que sabe tudo; *Loco-Loi* significa amor sem limites. As palavras em mambáe *loco-loi* ou *loc-baco* significam acolher, partilhar e servir sempre. Por exemplo, quando recebemos uma visita em casa, oferecemos sempre areca, bétel e tabaco e servimos sempre uma refeição. Sai uma visita e entra outra, continuamos a acolher e a servir. É isto o significado de Loco-Lói. Portanto *loco-loi* e *loc-baco* são dois termos com o mesmo significado: servir sempre e com amor.
2. Quando saiu de Wé-Bico/Wé-Hali, Cupang, Atambua, passou por Suai por uma *cnua* chamada Bolan Fatuc Isin e ficou lá uma temporada (não se sabe ao certo quanto tempo). Dessa *cnua* veio para Hatudo, onde foi recebido pelo *liurai* e pelo *lulik-nain* (sacerdote gentílico), numa praia chamada Bobe. Mal saiu do mar o *liurai* ou *lulik-nain* de Ria-Tu recebeu-o com esta cantiga:

*Assim que surge do mar
Já traz um pequeno cesto florido.
Assim que surge do mar
Já traz uma esteira rendilhada.*

O cesto florido é o objecto utilizado para acolher e servir as pessoas. A esteira serve para fazer sentar ou reunir todas as pessoas. Nessa localidade, D. Orondor Loco-Loi e a sua comitiva ensinou ao pessoal de Ria-Tu a tecer esteiras e pequenos cestos coloridos, com folhas de palmeiras, *tali* ou *akidiru* (o pequeno cesto colorido, designado *Netaa*, no mambe de Same, tem a forma de um açafate pequeno onde se coloca bétel e areca ou outro material para servir o *lulik* ou para servir as visitas). Terminadas as lições de cestaria seguiram de Bobe para Ria-Tu.

3. Permaneceu mesmo em Ria-Tu com os *liurais* e *lulik-nain* deste reino durante um ou dois séculos mais ou menos (é um cálculo aproximado, não se tem a certeza).
4. Antes de subir para Caimauc, os *liurais* e *lulik-nain* convocaram um encontro ou recenseamento, a fim de se proceder à investidura aos *liurais* vindos de fora, atribuindo-lhe poder e legitimidade para governarem diferentes territórios em Timor. Após o encontro em Ria-Tu todos os candidatos ao governo foram encaminhados para uma *cnua* chamada Bet-Hati-Oebae em Lesuai (Ria-Tu), onde receberam a investidura pela entrega da *Rota* e do Chapéu. Depois deste acto partiram de Ria-Tu para Hola-Rua, Same. Desta localidade D. Orondor e a sua comitiva subiram a Maubisse onde fundaram a casa do clã *Loi-Bere-Maubisse*. De Maubisse estendeu o reinado até Aileu, fundando a casa do clã *Sirtai/Bertai*. De Aileu passou para Caimauc, Ri-Aik-Manumera, onde passou para Remexio, e reinou em Ausmau com o seu *lulik* chamado *Sirtai-Lokbako/Taisiri Maukoli*. *Sirtai-Lokbako* significa *rota* ou reinar servindo sempre. *Taisiri/Maukoli* significa o chapéu que dá sombra ou protege do sol. A *rota* chamada *Taisiri* foi colocada na casa do clã chamada *Uma Taisiri*. O chapéu designado *Meta-Maukoli* foi colocado na casa do clã chamada *Umai Maukoli*.
5. Há muitos antepassados *liurais*: alguns vieram do mar, outros das montanhas. Por isso é preciso muito tempo para os contar. Agora não é possível.
6. Era a patente de Coronel.
7. Porque normalmente quando Ria-Tu é governado pelos da terra, não são obedecidos. Por isso muitas vezes são os próprios de Ria-Tu que querem entregar o governo a *liurais* vindos de fora.

Notas do portador do questionário:

1. Esta informação não é muito completa, pois só encontrei uma fonte oral que é o senhor Pedro. Há mais dois *katuas lia-nain*, mas não consegui encontrá-los.
2. Segundo o senhor Pedro, para uma informação mais segura desta história é preciso, pelo menos, um mês. É também possível fazer-se durante uma semana, mas para isso é preciso trabalhar de manhã à noite. Informei aos *katuas* da possibilidade da vinda da mana (mestranda) em Outubro. Se vier mesmo eles estão prontos a recebê-la.
3. Sobre alguma informação (mais reservada) precisaremos de servir areca e bétel. Por isso sugeria que preparasse algum fundo monetário para servir de bétel e areca.
4. Sugeria mesmo esta última questão para os *katuas* contarem melhor.

Adeus, Amarin

Anexo V - História de D. Tomás, o Brigadeiro, Montador do Crocodilo

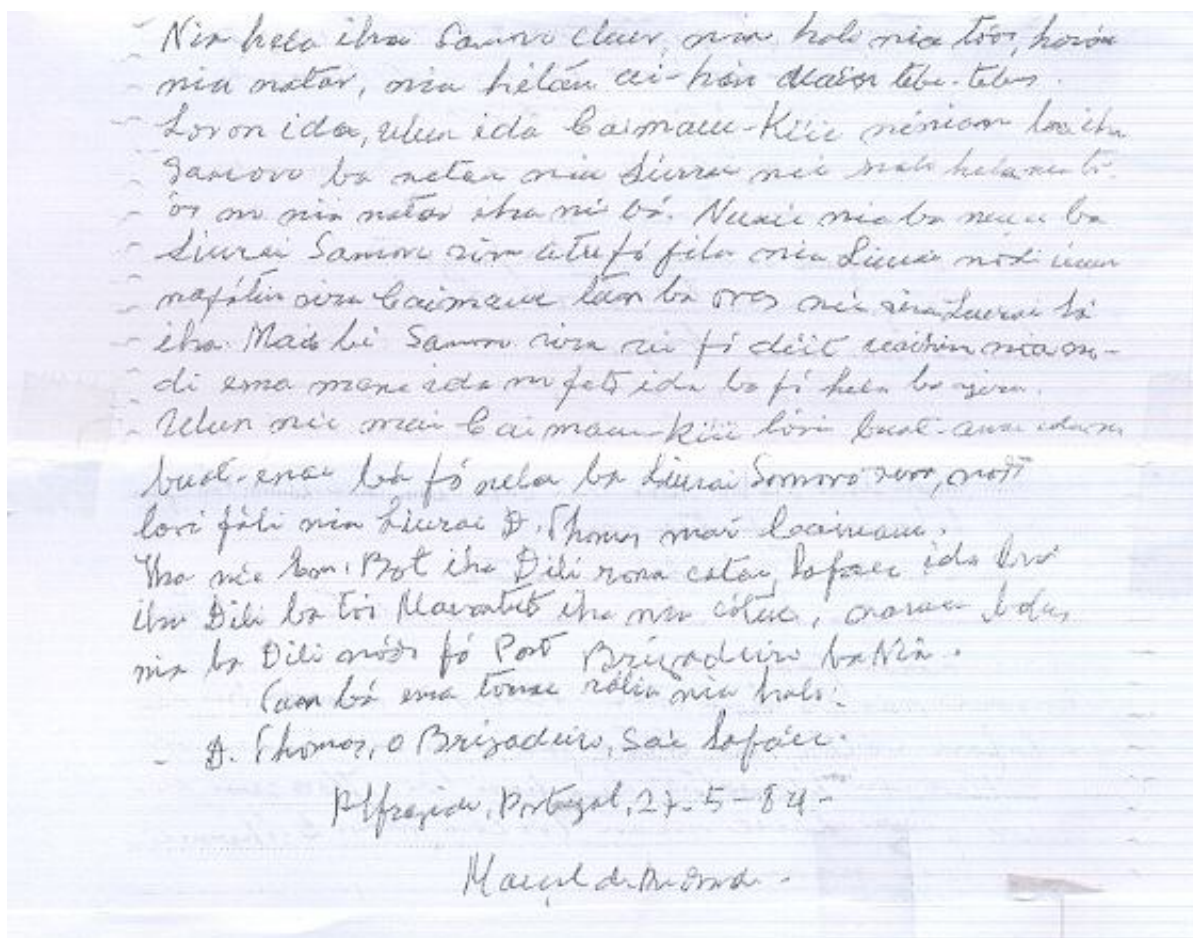
1. Reprodução do texto manuscrito em tétum

5

- D. Thomas o Brigadeiro, sai lafaca -

D. Thomas oia liurai Gaimaua mirian.
Loron ida oia ba Dili atu rona ordun. Nia ba
li lori eme ida, Nia nece diit.
Tos iha Dili portugues nira rucu uma barua
atu oia nira natan hodi ba Manatub, fi ba uma Ma-
natub sira atu lori ba Banca. Tan ba lori lori
de oia ba lori eme ida, oia rucu oia lori
atu lori naha ba to Manatub. Sira iha lori naha
Tali ibun Bidan oia lori lori taci-rat eme oia
oia lori, tan ba lori sira taci-rat no oia lori. Nia
oia nira si lori lori lori. Nia oia lori lori
ha nira lori oia nira lori. Oia D. Thomas
oia oia nira lori nira oia. Nia lori, tan ba lori
ba oia rucu nira atu lori oia nira ba to
Manatub. Naha nira lori oia lori.

Lofan cetae ba oia. O ba lori nira oia lori
- Nia ba lori lori nira oia oia iha lori. Lofan
- ee nira lori oia iha lori.
- Nia oia nira to ba lori cetae.
- Sira nira iha nira oia lori, oia nira lori, oia lori
- lofan cetae fali.
- Sira oia nira ba lori nira cetae, oia nira lori oia
- ba lori cetae ida cetae fali, oia nira lori oia
- ba cetae iha Manatub. Sira lori lori lori, lori
- lori oia, lori oia, to iha Manatub D. Thomas.
- Lofan nira:
- Manatub nira ba oia. Toa nira lori oia nira
- ba nira lori iha lori Manatub oia lori
- fali ba lori lori.
- D. Thomas oia nira ba fi lori iha lori
- Manatub nira oia oia iha lori oia
- oia ba lori lori oia, lori oia, oia nira lori
- oia nira lori oia lori lori ba lori, lori.



2. Tradução para português³²⁹

D. Tomás era um dos reis (liurais) de Caimauc. Um dia foi a Díli receber ordens, mas sem o acompanhamento dos seus subalternos. Em Díli os europeu (portugueses) pediram-lhe homens para transportar até Manatuto, a bagagem dos portugueses que iam deslocar-se para Baucau. Como D. Tomás respondeu que não tinha levado ninguém, os portugueses obrigaram-no a levar as cargas até *Manatuto*. A carga era muita e era muito pesada.

Por isso ele dirigiu-se para as praias de *Bidau*, muito triste e pensativo, sem saber como haveria de levar tanta carga para Manatuto, que ficava a meio caminho entre Díli e Baucau. Apareceu, então, um Crocodilo à tona da água do mar e lhe perguntou:

- D. Tomás, por que é que andas tão triste?

- Porque os europeus obrigaram-me a levar a carga de alguns colegas seus que deveriam deslocar-se para Baucau, até Manatuto, respondeu D. Tomás.

O crocodilo pediu que fosse buscar a carga e D. Tomás agiu como o crocodilo mandou. O Crocodilo saiu do mar para a praia. Assim que viu D. Tomás aparecer com a carga disse-lhe:

- Põe toda essa carga no meu dorso e salta também tu para o meu dorso. Eu vou levar-te até Manatuto.

³²⁹ Transcrevemos na íntegra, a tradução feita pelo próprio autor do manuscrito.

Passaram pelo mar de Hera, Metinaro, Lacló e quando se aproximaram de Manatuto, disse D. Tomás ao crocodilo:

- Manatuto já está ali.

O crocodilo deixou D. Tomás e toda a carga na praia de Manatuto e meteu-se, novamente pelo mar dentro. D. Tomás foi à Administração de Manatuto e fez a entrega da carga que trazia de Díli.

Quando saiu da Administração, cruzou-se com os reis de Samoro, Soibada, que o conheciam e levaram-no para *Samoro*. Ele ficou em Samoro durante muito tempo. Lá fazia a sua horta e a sua várzea e tinha muito que comer.

Um dia um dos chefes de Caimauc-Kik foi a Samoro e viu o D. Tomás a trabalhar nas suas hortas. Surpreendido este chefe foi pedir aos de Samoro que o deixassem levar novamente o seu Rei para Caimauc para ele os governar, pois nessa altura não havia rei que governasse em Caimauc. Mas os de Samoro só podiam ceder-lhe o seu Rei na troca de um homem e de uma mulher.

O chefe voltou para Caimauc-Kik, arranjou um homem e uma mulher e levou-os para os de Samoro. Só daí é que ele trouxe o seu Rei para Caimauc.

O Governador quando soube que havia um crocodilo que levava o dito D. Tomás com a carga toda e foi deixá-lo em Manatuto, mandou-o vir para Díli e atribuiu-lhe o Posto (patente) de Brigadeiro.


Por isso toda a gente o chamava “*D. Tomás, o Brigadeiro, Montador do Crocodilo*”.

D. Tomás tinha por bisavô ou tetravô D. Orondor Loco-Loi Mesquita Hornay. Este era o primeiro Rei de Caimauc. Vinha de Ué-Hali, Ué-Bico e veio estabelecer-se em Caimauc. Os seus descendentes vinham de geração em geração até D. Mau-Laco que gerou D. António Mesquita, pai do actual Régulo de Caimauc, Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita.

Alfragide, Portugal, 26 de Maio de 2004

(Marçal de Andrade)


Anexo VI – Processo individual de Luís Ana Mesquita (aluno da Casa Pia nº. 4941)



CASA PIA DE LISBOA

**Processo de admissão e mais documentos
respeitantes ao aluno**


N.º *4941*



Nome *Luís Ana Mesquita* *23/10/1986*

1. Despacho o Governo da Província de Timor

4



PROVÍNCIA DE TIMOR

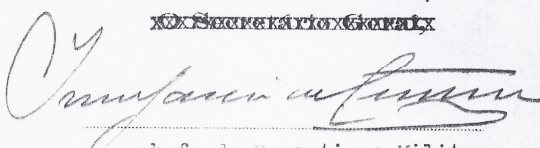
Secretaria Geral do Govêrno

Guia n.º 108

Por ordem do Govêrno da Província segue viagem desta cidade para Lisboa com destino a Casa Pia, o menor timorense de nome Luis Ana de Mesquita.

E para que se lhe não ponha impedimento lhe mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e selada com o sêlo desta Secretaria.

Secretaria Geral do Govêrno da Província de Timor em Dili, 26 de Setembro de 1922.

O Secretario do Governo,
~~XO Secretario Geral~~

chefe da Reparticao Militar

2. Processo de Admissão na Casa Pia

CASA PIA DE LISBOÁ

Exame de Instrução para matricula nas aulas, feito em 20 de Novembro de 1922

N.º 4941

Nome: Luiz Mesquita

Idade: _____ anos (nasceu em 4 de Outubro de 1913)

Naturalidade: nasceu em Rouceiros, provincia de Trazos

Filho de Antonio Mesquita

e de Jana da Costa Mesquita

Escola que frequentou: _____

Estado de adiantamento em.

Leitura:	} <u>Boa</u>
Escruta:	
Aritmética:	

Fica matriculado na classe

Quaisquer particularidades dignas de atenção:

Victor
Superior

3. Declaração de falecimento

CASA PIA DE LISBOA

CASA DE SAUDE

Boletim N.º 1582 Papeleta N.º 32

DOENTE

Qualidade Muro N.º 4941

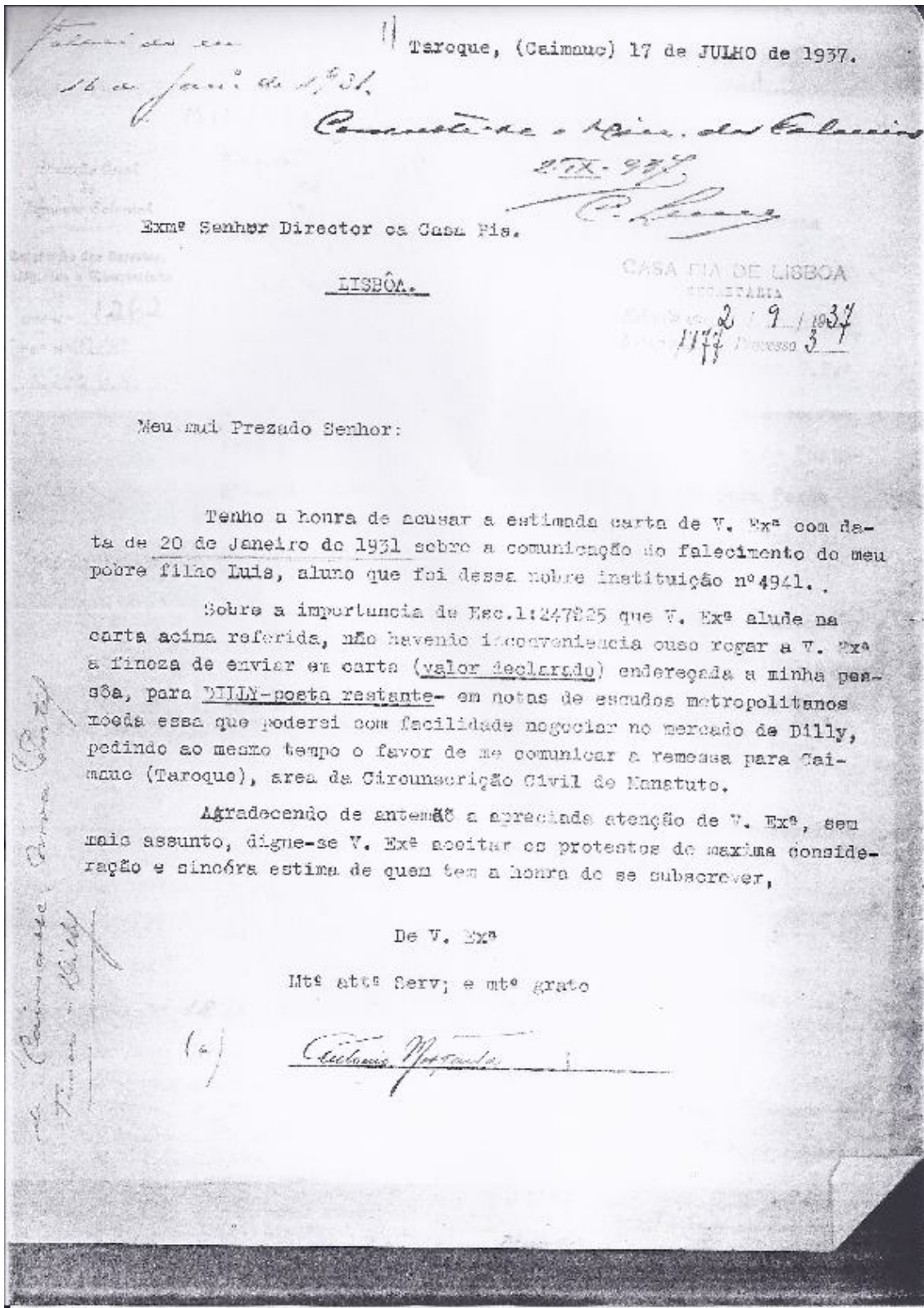
Nome Sra. Ana Marques

Molestia Gripe

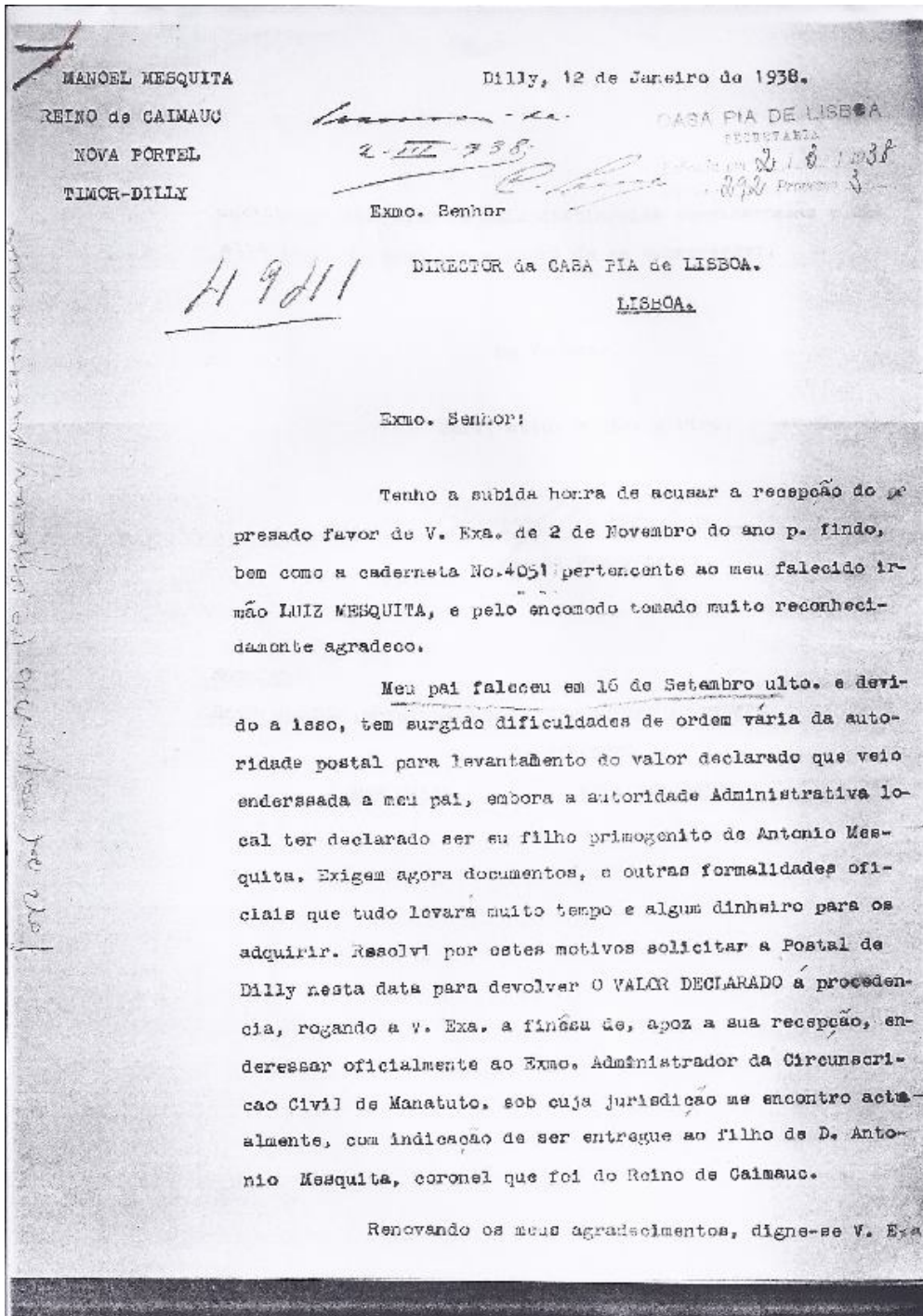
O Facultativo Wise

N.º	Mês e Dia	Requisitos	Efecto	Estranheira	Observações
	Jan 9 11	Aspirina Bism. am. maçã amido	Good safe		
	13	Aspir. P. Todd		4	11/11/11
	14	Aspirin Lecithol etc. uniform			
	15	Triumph			
	16	Faleceu =			
		<p style="font-size: 1.2em;">Estando de ...</p> <p style="font-size: 1.5em;"><u>Wise</u></p>			

5. Carta de D. António Mesquita, Coronel Régulo de Caimauc (17.07.1937)



5. Carta do Liurai Manuel Mesquita de Caimauc (12.01.1938)



(2)

aceitar os protestos de mais distinguida consideração e ~~ab-~~
alta estima de quem tem a honra de se subcrever,

De V. Exa.

Serv. atto. e mto. g rto.

Manoel Mesquita
Manoel Mesquita

Endereço:

Exmo. Senhor ADMINISTRADOR da CIRCUNSCRICAO CIVIL
de MANATUTO.

TIMOR-DILLY.

VILA MANATUTO.

Anexo VII – A missão de Remexio - Questionário para confirmação de dados

**Rev.mo Senhor
Pe. Armindo de Brito
Dig.mo Pároco da Paróquia de Remexio
Timor-Leste**

Este questionário destina-se a ficar anexo à Tese de Mestrado em Ciências Religiosas, área de História e Teologia das Religiões, a ser apresentada e defendida na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa.

Pedia ao Sr. Padre Armindo, digníssimo Pároco de Remexio, a autorização/colaboração para a obtenção de respostas possíveis para este questionário, para a qual gostaria de pedir a ajuda do Alexandre e irmãos e das Irmãs Dominicanas, caso possam.

Entreguei uma cópia idêntica do questionário ao Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Zacarias Albano da Costa, dado ser filho do Mestre Zacarias.

As respostas poderiam ser entregues: uma cópia ao Senhor Ministro que providenciará o seu envio via e-mail e outra à Irmã Rita, Dominicana, que fará o favor de mo trazer, quando regressar a Portugal.

Muito obrigada a todos pela colaboração.

Lisboa, 5 de Dezembro de 2007

(Madalena de Canossa Fátima Mesquita de Andrade)

1. Questionário

Fruto da Promessa do liurai de Caimauc, Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita, a Nossa Senhora, durante a ocupação Japonesa (1942-1945), o mesmo pediu ao primeiro bispo da Diocese de Díli, D. Jaime Garcia Goulart, o envio de um catequista para evangelizar o povo de Remexio.

Gostaria de saber, através dos arquivos paroquiais e de testemunhos dos mais velhos:

1. Em que ano foi feito o pedido ao bispo da diocese?
2. Em que ano foi enviado o mestre Zacarias Albano da Costa a Remexio?
3. Houve muita adesão à catequese? Encontrou dificuldades? Quais as formas de recrutamento das pessoas para a catequese?
4. Se pudesse apresentar uma estatística do número de baptizados durante os primeiros anos?
5. Em que ano Remexio foi instituído estação missionária? Quem eram os párocos que lhe davam assistência?
6. Inicialmente, as visitas do pároco eram feitas de três em três meses ou, mensalmente. A dada altura as Missas passaram a ser celebradas,

- dominicalmente, primeiro, por um padre capelão militar de Aileu, depois, pelos padres jesuítas do Seminário de Dare. Em que ano aconteceu?
7. Em que ano foi construída a capela/escola de Remexio/Nice, pelo Governo de Timor, a pedido do liurai?
 8. Quando foi construída a nova igreja, no local onde está actualmente?
 9. Quem eram os Párocos que lhe davam assistência? Em que anos?
 10. Em que ano Remexio foi elevada a Paróquia e quem foi o seu primeiro Pároco?
 11. Qual o número actual de cristãos em Remexio?
 12. Quais as actividades pastorais actualmente desenvolvidas?

1.1. Resposta ao questionário em tétum

Na nota de acompanhamento da resposta ao questionário enviado por Alexandre Mendonça, membro do Conselho Pastoral da Paróquia de Remexio, o mesmo afirma ter feito entrevista, baseada no questionário, às pessoas que foram testemunhas vivas do conteúdo do mesmo, do qual obteve as seguintes informações:

1. Liurai Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita koalia ho bispo diocese Díli, D. Jaime Garcia Goulart iha 1947 (Ocupação Japonesa).
2. Catequista Zacarias Albano da Costa mai Remexio iha 1948.
3. Meios ne be fo apoio ba catequese: liurai obriga povo hodi tama iha catequese tamba povo seidauk hatene saída maka/oinsa fiar Maromak. Liurai sosa estatua S. José tau iha capela.
4. Dificuldades: construção capela ho dut, ai, au. Catecúmenos ba tuir catequese lao dok hudi suco ba Remexio. Catecúmenos tur deit iha rai, la iha banco.
5. Meios de recruta: tenque hatene reza, labele falta Terço iha Domingo.
6. Número de primeiros baptizados: iha ema nain sanulo resin sia (19).
7. Capela/escola Nice hari iha 1963.
8. Iha 1966 padre capelão-militar husi Aileu, naran Locotelo maka halo Missa, hafoin padre jesuíta sira mai husi Dare no mos padre sira seluk tan.
9. Celebração da Missa halao fulan ida dala ida, no mos fulan tolu dala ida, tuir programa padre sira nian iha 1966 mai to'o iha 1971.
10. Igreja foun hari iha 1972.
11. Padre nebe'e fo assistência maka: padre Eduardo António de Paulo Brito mai to tinan 1997.
12. Iha tinan 1997 padre Demétrio Barros maka fo'o assistência.
13. Iha tinan 1998/2000 padre Áreo maka fo'o assistência.
14. Iha tinan... padre Hermenigildo maka fo'o assistência.
15. Iha 1975 Igreja remexio passa ba Estação Missionária Paróquia Balide.
16. Iha 2001 Igreja Remexio sai Paróquia.
17. Padre Armindo Brito maka sai hanesan Pároco to'o 2007.
18. Fulan Agosto 2007 padre David maka Pároco.
19. Número actual cristãos iha Remexio 10.545.

1.2. Tradução para português

1. O liurai Manuel Gama Barata da Conceição Mesquita falou com o bispo da diocese de Díli, D. Jaime Garcia Goulart em 1947.
2. O Catequista Zacarias Albano da Costa compareceu a Remexio em 1948.

3. Apoios dados à catequese: o *liurai* obrigava o povo a ingressar na catequese, pois o povo não sabia o que é e como acreditar em Deus. O *liurai* comprou uma estátua de S. José e colocou na Capela.

4. Dificuldades: a capela era de construção tradicional (chão de terra batida, cobertura de capim, paredes de bambu entrançado); a grande distância entre os sucos e a capela e as deslocações eram feitas a pé; falta de bancos (os catecúmenos sentavam-se no chão).

5. Formas de recrutamento: têm de saber rezar e não podem faltar à recitação do Terço aos Domingos.

6. Número de baptizados: eram 19 pessoas.

7. A capela/escola de Nice foi construída em 1963.

8. Em 1966 Um padre capelão militar, a prestar serviço em Aileu, chamado Locotelo é que vinha celebrar missa, depois vieram os padres jesuítas e muitos outros padres.

9. A Eucaristia era celebrada uma vez por mês ou de três em três meses de acordo com o programa dos padres de 1966 a 1971.

10. A nova Igreja de Remexio foi construída em 1972.

11. O Pároco que lhe dava assistência era o Pe. Eduardo António de Paulo Brito até 1997.

12. Em 1997 dava-lhe assistência o Pe. Demétrio Barros Soares.

13. De 1998/2000, o Pe. Áureo Gusmão.

14. No ano... o Pe. Hermenegildo.

15. Em 1975 a Igreja de Remexio passou a estação missionária da Paróquia de Balide.

16. A Igreja de Remexio foi erecta Paróquia em 2001.

17. O Pe. Armindo Brito foi o seu primeiro pároco, mantendo-se 2007.

18. No mês de Agosto de 2007 foi nomeado o Pe. David.

19. Actualmente existem 10.545 cristãos no Remexio.

2. Novo questionário para apuramento de dados

Foi necessário fazer novo questionário para apurar dados através de documentos paroquiais, aos filhos do mestre Zacarias e às Irmãs Dominicanas, por mail. Obtivemos resposta das Irmãs Dominicanas, como é seguidamente apresentada:

-----Mensagem original-----

De: manamada@portugalmail.pt [mailto:manamada@portugalmail.pt]

Enviada: sexta-feira, 1 de Outubro de 2010 09:22

Para: mcmateusti@gmail.com

Assunto: Dissertação de Mestrado - Cristianização de Remexio

Irmãs Dominicanas de Remexio

Muito Bom Dia para as Irmãs que estão na minha terra natal.

Sou Madalena Mesquita Andrade, natural de Remexio. Estou a elaborar a dissertação do meu Mestrado em Estudos da Religião sobre a transição de Remexio das religiões tradicionais para o Cristianismo. Quem solicitou pela primeira vez ao bispo da Diocese de Díli, depois da ocupação japonesa (1947?) um Catequista para evangelizar e cristianizar o povo de Remexio foi o meu avô materno *liurai* Mesquita. D. Jaime nomeou no mesmo ano ou no ano seguinte o Mestre Zacarias, pai do actual Ministro dos Negócios Estrangeiros de Timor.

Gostaria de pedir às Irmãs que investigassem, por favor, arquivos paroquiais que documentassem os seguintes dados:

- A data da erecção da nova Estação Missionária ou Missão de Remexio. A nomeação do Catequista. Quem era nessa altura pároco da igreja da Imaculada Conceição de Balide a dar-lhe assistência.
- A mudança da capela de Ai-Ru-Laran (Remexio) para Lero-Liça (o porquê da mudança).
- A erecção da nova capela/escola na nova vila de Nice (onde estão agora as Irmãs).
- A erecção da actual Igreja de Remexio.
- A sua elevação a Paróquia.
- O número dos primeiros baptizados e a estatística anual de baptismos, desde a data da chegada do catequista até 1975. Talvez possam encontrar nos livros assentos de baptismo de cada ano.
- Quem foram sucessivamente os párocos durante aqueles anos.
- Quando e como Remexio passou a ter celebrações de Missa todos os domingos (primeiro celebrado por um capelão de Aileu e depois pelos padres jesuítas de Dare).
- Quais as actividades pastorais desenvolvidas de 1947 a 1975.
- Qual o número de cristãos quando Remexio foi elevado a Paróquia e qual o fundamento da sua elevação a Paróquia.

Agradecia que citassem, por favor, cada um dos documentos comprovativos. Sei que isto vos dará muito trabalho, mas se puderem, ajudar, agradeço. Já pedi uns dados ao Alexandre, mas eu sei que ele está ocupado com os seus estudos. Por isso, se as Irmãs puderem completar o seu trabalho, agradeço. Solicitei também ajuda às filhas do Mestre Zacarias, e não sei se irão a Remexio ou farão a pesquisa na paróquia de Balide.

Se as Irmãs não conseguirem todos os dados, arranjavam os que puderem. Podem enviar-me por mail, se puderem, durante o mês de Outubro, ou por correio expresso DHL, que pagarei as despesas do envio.

Muito obrigada por tudo e peço desculpa pelo incómodo. É que não tenho possibilidade de deslocar-me agora a Timor.

Com os melhores cumprimentos
Madalena Mesquita de Andrade

2.1. Resposta ao questionário

Boa tarde, D. Madalena

Foi precisamente no dia 1 de Outubro que enviou o seu mail e é precisamente no último dia do mesmo mês que estou a tentar dar as respostas possíveis às questões que apresentou. Peço desculpa pela demora mas uma série de serviços inadiáveis não nos permitiu ocupar-nos do assunto.

Queremos esclarecer que este trabalho vale o que vale. Fomos a Balide e não conseguimos qualquer documentação, aludindo de que esta se encontrava em Remexio. Aqui, não há literalmente nada escrito quanto aos inícios da Missão. Apenas alguns baptismos estão registados. As fontes são apenas orais, com a autoridade dos anciãos nomeadamente do catequista Bernardo, autor de todas as informações que se seguem.

- Data da erecção da Missão de Remexio
 - 1ª Capela em Ai-Ru-Laran (Remexio Lama) em 1948
- Pároco de Balide a dar assistência
 - P. José António Serra (Português)
- Mudança de Ai-Ru-Laran para Leroliça
 - Em 1961, mudou para a casa do régulo José Benevides, em Leroliça, porque o 1º local de culto estava muito deteriorado.
- A erecção da nova escola-capela em Nice

- Em 1963, o governador Alberto Correia, a pedido do amo Brito, cedeu o espaço para os cristãos aprenderem a doutrina.
- A erecção da actual igreja de Remexio
 - Em 1975
- A sua elevação a Paróquia
 - Em 2001

- OS Párcos foram muitos mas apenas alguns nomes são lembrados, e nem sempre pela ordem cronológica:

P. José António Serra; P. José Baptista Alves Guterres; P. Frederico José do Carmo Alvarez da Costa; P. Ezequiel Pascoal (Açoriano); P. Martinho da Costa Lopes; P. Francisco António Quintão; P. Aleixo (?) Dias; P. Francisco Santana; P. Carlos da Rocha Pereira; P. Januário Coelho da Silva; P. Guterres; P. João Felgueiras e P. João Martins (Jesuítas de Dare); P. António Eduardo de Brito.

- BAPTISMOS

- O 1º registo de Baptismos começa em 1948 que assinala 93 assentos. Além destes, aparecem, ao longo de vários anos, a partir de 1956, 22 assentos referentes a 1948, em duplicado (mas os nomes não coincidem), assentos feitos por Despacho do Bispo da Diocese em 1956.

- Os dados colhidos são os seguintes:

1948	93 + 22
1950	05
1951	02
1953	05
1954	03
1955	01
1956	20
1957	15
1958	18
1959	40
1960	20
1961	23
1962	31
1963	39
1964	42
1965	36
1966	24
1967	18
1968	41 (até 26 de Setembro)
1969	
1970	
1971	81
1972	81
1973	95
1974	54
1975	76

Nota: Em 13/06/1959 aparecem 2 registos feitos na Capela de Aileu pelo P. Artur Basílio de Sá.

- Quando começou a ter Missa todos os domingos
 - Em 1973
- Actividades pastorais desenvolvidas de 1947 a 1975
 - Era sobretudo a doutrina dada pelo professor Catequista. De manhã, ensinava escola e à tarde, doutrina. Baptismos só de 2 em 2 anos. Aos domingos, havia a celebração da Palavra feita pelo professor catequista.
 - Nº de cristãos quando Remexio foi elevado a Paróquia
 - Cerca de 1800. O fundamento talvez devido ao grande nº de cristãos.

Foi tudo o que conseguimos apurar

Anexo VIII – Boletim eclesiástico da diocese de Díli, Seara, Julho/Agosto de 1950 – Notícias do Pe. Ezequiel Enes Pascoal

Visita a Remexio – A visita a esta cristandade, que passa agora a ser mensal, não foi possível fazê-lo em Junho, visto uma grande parte da população andar na apanha intensiva do café e se estar a proceder ao arrolamento da população, suco por suco, povoação por povoação, o que impossibilita o povo dispersar-se. De resto o arrolamento constitui sempre uma festa, e certa gente dificilmente se priva do prazer de andar, uns dias, a saborear a alegria ruidosa dos batuques em que, para mais, se melhora quase sempre o rancho. Mata-se um ou mais porcos, cuja carne, com boa vontade, chega para todos petiscarem um pouco.


Fiz, pois a visita nos princípios de Julho. Trata-se duma cristandade recente. A capelinha de colmo e paredes de bambu, onde a luz não abunda, ainda não se enche por completo.

A área do Posto Civil de Remexio é formado por dois regulados – o de Manumera e o de Caimauc. Os respectivos régulos são pessoas educadas, ainda novas e casadas. Por enquanto todos os cristãos desta cristandade são do reino de Caimauc. A capela fica a dois passos da casa do régulo, cujos domínios são vastos, mas eram maiores noutros tempos, como pude verificar em alguns dos vários documentos que ele conserva, embora amarfanhados no canto duma mala, com o mesmo cuidado com que guarda as jóias que herdou dos seus antepassados. O mais antigo dos documentos, assinado pelo governador Afonso de Castro, fixa as balizas do reino de Caimauc, nesse tempo que se estendiam ao longe e ao largo, e dentro das quais era possível grandes arraiais – enormes contingentes de guerreiros fiéis – que se batiam pela bandeira de Portugal, quando outros reinos se rebelavam contra ela. Num dos documentos é louvado um dos régulos pela sua lealdade. A gente de Caimauc ainda hoje se ufana da sua fidelidade e se a chamarem às armas, acode, sem delongas, pronta para defender com denodo, a causa que tem defendido.

É pena que toda esta extensão, ainda hoje bem grande, seja povoada quase só por gentios. Tudo leva a crer que comece a acelerar-se o ritmo da sua conversão. O número de catecúmenos tem aumentado. De Manumera também já apareceram alguns catecúmenos. Há da parte dos régulos e da parte da autoridade local, grande empenho em que o catolicismo vá ganhando terreno por essas montanhas tão próximas, relativamente de Díli, o que constitui mais um motivo para que se apresse a hora em que sobre elas brilhe intensamente a luz da civilização (pp. 151, 152).

Anexo IX – Certidões de baptismos e casamentos/família Mesquita

1. Batismo da *liurai-feto*



CERTIDÃO DE BAPTISMO

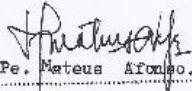
Padre Mateus Afonso, Vigário Paroquial da freguesia de Imaculada
Concêlho de Balide - Dili.

Certifico que, revendo o livro de assentos de baptismo de Balide,
referente ao ano de mil novecentos e quarenta e oito,
e sob o número 16 / 1948, se encontra um do qual consta que:

Aos onze dias do mês de Fevereiro do ano de mil novecentos
e quarenta e oito, na Igreja Paroquial de Dili, foi baptizado solenemente
pelo reverendo padre Antonio Manuel Serra,
um individuo do sexo feminino a quem foi posto o nome de Brigida Mendonça
Mesquita, e que nasceu em Calmauc
aos dias do mês de do ano de mil novecentos
e sete, filho/a de Mali - Mau,
e de natural de Calmauc,
e de Madalena,
natural de Calmauc,
nel patam de Mau - Meta e de Seu - Bere,
e matam de Mai - Tchac e de Keu - Malic.

Foi padrinho Jose Luis Marvel de Mendonça, casado e residente em Dili,
e madrinha Por Devoção Nossa Senhora da
Fatima.

E, por ser verdade, passei a presente certidão, a qual vai assinada por mim, e autenticada com o
selo branco em uso nesta Paroquia,
Cartorio de Balide - aos vinte e oito dias do mês de
Maio do ano de dois mil e oito.

O Vigário.

Pe. Mateus Afonso.

2. Casamento do *liurai* Mesquita



CERTIDÃO DE CASAMENTO

Padre Mateus Afonso, Vigário Paroquial da freguesia de Inculada
(Páreo) Conceição da Balide - Dili.

Certifico que, revendo o livro de assentos de casamento canónicos desta Paroquia,
referente ao ano de mil novecentos e quarenta e oito, sob o
número 02 / 1948.

encontrei um do qual consta que:
As doze horas do dia do mês de Fevereiro
do ano de mil novecentos e quarenta e oito, na igreja de Balide.

o senhor Manuel Gama Barata Conceição Mesquita,
de quarenta e dois anos de idade, natural de Remexio e residente em
Remexio filho de Antonio Mesquita e de Joana da Costa
Mesquita, contraiu Matrimónio com Brígida Mendonça
Mesquita de quarenta anos de idade, natural de Coimac
e residente em Remexio filha de Mali - Mau e de
Madalena.

tendo servido de testemunhas,

residentes em

residentes em

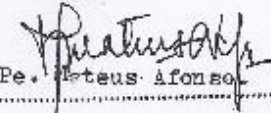
e sendo Oficial, o sacerdote Pe. Antonio Manuel Serra.

E, por ser verdade, passei a presente certidão que vai assinada por mim, e autenticada
com o selo branco em uso nesta Paroquia.

Cartorio da Balide aos, vinte e oito, dias de mês de

Maiço do ano de dois mil e oito.

O Vigário.


(Pe. Mateus Afonso)

3. Casamento do mestre Marçal



CERTIDÃO DE CASAMENTO

Padre Mateus Afonso, Vigário Paroquial da freguesia da Imaculada
(Pároco) da Conceição de Balide - Dili.

Certifico que, revendo o livro de assentos de casamento canónicos de esta Paroquia,
referente ao ano de mil novecentos e quarenta e nove, sob o
numero 26/fls. 26/ 1949 - encontrei um do qual consta que:

As nove horas do dia doze do mês de Setembro
do ano de mil novecentos e quarenta e nove na igreja de Dili.

o senhor Marçal de Andrade,
de trinta e tres anos de idade, natural de Alas e residente em
Dili, filho de Mau - Berec e de Francisco de
Andrade Romana,

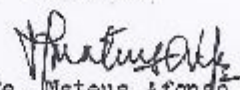
contraiu Matrimónio com Ana Mesquita
de quinze anos de idade, natural de Caimauc
e residente em Dili, filha de Manuel da Gama
Barata da Conceição Mesquita, e de Brígida Mendonça Mesquita
Vieira

tendo servido de testemunhas, Jose Morais do Rego
residente em Dili, e Maria
Luciana Mesquita do Rego, residente em Dili.
e sendo Officiante, o sacerdote Pe. Ezequiel Enea Pascoal.

E, por ser verdade, passei a presente certidão que vai assinada por mim, e autenticada
selo branco Paroquia.

(com o carimbo a file) em uso nesta Paroquia.
Bertorio de Balide dezassete dias de mês de
Março do ano de dois mil e oito.

O Vigário.


(Pe. Mateus Afonso.)

4. Batismo de Madalena Canossa



CERTIDÃO DE BAPTISMO

Padre Mateus Afonso, Vigário Paroquial da freguesia da Inaculada
Conceicao de Balide - Dili.

Certifico que, revendo o livro de assentos de baptismo de Balide.

referente ao ano de mil novecentos e cinquenta e tres.
e sob o número 221 / 1953.

se encontra um do qual consta que :

Aos trinta dias do mês de Junho do ano de mil novecentos
e cinquenta e tres na capela de Remaxio, foi baptizado solenemente
pelo reverendo padre Ezequiel Enes Pascoal .

um individuo do sexo feminino a quem foi posto o nome de Madalena de Canossa
Fatima Mesquita de Andrade e que nasceu em Nuno Damar Caimauc, concelho de
Dili, aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos
e cinquenta e tres, filho/a de Marcel de Andrade.

natural de Alas.
e de Ana Teresa de Arujo Abrantes Mesquita de Andrade,
natural de Caimauc, ambos casados catolicamente nesta Igreja.

nel patem de Mau - Barac e de Francisca Romans.

e matem de Manuel Gama Barata da Conceicao Mesquita e de Brigida Mendonga
Mesquita. Joao Mendonga Fatima Barbosa Mesquita, solteiro aluno e residen-
te em Dili.

e madrinha Por Devocao Nossa Senhora.

E, por ser verdade, passei a presente certidão, a qual vai assinada por mim, e autenticada com o
selo branco em uso nesta Paroquia.

Certorio de Balide aos vinte e oito dias do mês de
Meio do ano de dois mil e oito.

O Vigário.

Mateus Afonso
Pe. Mateus Afonso

Anexo X – A prisão do liurai Mesquita e família em Agosto de 1975. Testemunho de Maria Correia Mesquita³³⁰

Tudo começou na festa da inauguração da nova Igreja de Remexio, no *café laran*³³¹. Quando o Moraes³³² mandou umas meninas exibirem as nossas danças tradicionais para eu e a *avó-feto Chico inan*³³³ assistirmos, o tio Daniel de Caitaço³³⁴ pôs-se a dançar ao som dos batuques, estendendo, por diversas vezes, a sua espada sobre as nossas cabeças. O Moraes perguntou-lhe o que significava aquele gesto. Estaria ele, porventura, a ameaçar cortar as cabeças às senhoras e, indirectamente, à família real? E, dito isto, expulsou-o do grupo. Um grupo de homens - entre os quais se encontrava o *bou Lino*³³⁵ - mandavam piadas durante o tebe: “Houri uluk fascista, o laran clot, agora liberdade o laran luak!”, que significa: “No tempo do fascismo eras reprimido, agora com a liberdade não há quem te reprima!”³³⁶.

De Julho a Agosto de 1975 passou a ser hábito os *moradores* da 2ª linha irem todos os domingos à secretaria do posto de Remexio, em Nice içar a Bandeira Portuguesa pela manhã e arriá-la ao fim do dia. Durante o período que mediava os dois actos, os moradores entretinham-se no bazar que ficava próximo da nossa casa.

Num desses Domingos, o Sargento Bere-Loek, o seu irmão, o Capitão Chico e o Moraes disseram ao tio Agostinho³³⁷: “Avisa ao *Amo*³³⁸ e a toda a família para não saírem de casa esta tarde. Há para aqui *moradores* que planeiam matar o *Amo*. Mas garantimos-te que só conseguirão chegar ao *Amo*, passando por cima do nosso cadáver!”

Efectivamente, depois do arrear da Bandeira, os *moradores* marcharam todos para o sítio do bazar. Formaram uma roda e, com as espadas em punho, proferiram piadas que insultavam o *liurai*, preparando-se para o matar na sua residência. O Sargento Bere-Loek, o Capitão Chico e a sua comitiva ripostaram em coro: “Querem ir à casa do *liurai*? Terão primeiro de combater connosco! Vocês só conseguirão ir à casa do *liurai*, passando por cima dos nossos cadáveres!”. Perante tal ameaça os outros não tiveram coragem de prosseguir e abandonaram o local.

Assim que a camioneta do China Li Kin Tai chegou à vila de Remexio, no dia 3 de Agosto, entrámos todos, partindo com destino a Díli. Só o tio *Amflor* ficou em casa³³⁹.

³³⁰ O depoimento que recolhi da tia Maria Correia, é partilhada pelos os membros da minha família que estiveram envolvidos no “caso Remexio de 1975”. As notas de rodapé são minhas.

³³¹ *Café-laran* significa “plantação de café”. A plantação referida fica muito próxima da nova igreja.

³³² Moraes, era um *morador* da 2ª linha, natural da povoação de Cota-Morin, suco Liurai.

³³³ Meia-irmã do *liurai* Mesquita.

³³⁴ Primo da *liurai-feto* e da *avó-feto Chico inan*.

³³⁵ Irmão do chefe do suco Liurai. *Bou* significa irmão mais velho. Era a forma como nós o tratávamos. Porém o irmão, *bou Julião*, chefe de suco, não era contra o *liurai*. Pelo contrário, salvou muitos dos nossos familiares que ficaram em Timor, durante a ocupação indonésia, inclusivamente os tios *Amflor* e Agostinho. Quando ia a Remexio em 2001 ficava sempre hospedada pelos filhos e viúva do *bou Julião* e fiz questão de falar mais de uma vez, pessoalmente, com o *bou Lino*.

³³⁶ Foi uma forma de manifestação, indirecta, e a primeira, contra o *liurai* Mesquita.

³³⁷ Uma das pessoas de confiança do *liurai* e vivia em sua casa.

³³⁸ *Amo* palavra originário do mambáe *ama* que significa “pai”, depois “senhor”, era utilizada pelos os timorenses para designar os *liurais*. Actualmente utilizam o mesmo termo para designar os dignitários religiosos (*amo-lulik*, *amo-bispo*, *amo-papa*).

³³⁹ O tio João Florentino Mesquita, filho adoptivo do *liurai*, natural de Caimauc-Quic, e marido da tia Maria Correia. Deslocou-se a Portugal em 1984, através da Cruz Vermelha Internacional, a pedido da família.

Ao chegarmos ao *café laran* de Aimerá-Hum, suco de Cara-Hili, deparámo-nos com a estrada cortada por troncos de árvores. Assim que a camioneta abrandou a marcha, uma multidão de pessoas surgiu do meio do cafezal, saltando e tomando, de imediato, a camioneta.

O *Avô-Mane*³⁴⁰, indignado, pegou numa caçadeira, mas a tia *Indú*³⁴¹ disputou com ele a caçadeira impedindo que disparasse. Um dos homens da multidão retirou-lhe a arma e nunca mais a devolveu. Obrigaram então o motorista a fazer marcha-atrás até à vila. A estrada era estreitíssima e serpenteava por grandes precipícios. Bastaria uma pequena falha e a camioneta precipitar-se-ia pela ravina, arrastando-nos todos com ela... O que nos valeu é que o China era um bom condutor e, apesar de se ver obrigado a fazer uma série de perigosas manobras, conseguiu levar-nos em segurança até a vila.

A viatura ficou estacionada junto da Escola onde o papá³⁴² e a Chica³⁴³ leccionavam. O José Maria Albano da Costa, conhecido por “Eca” e o Aspirante Oficial Hamis Bassarewa (muçulmano), ambos líderes da FRETILIN, entraram na camioneta e gritaram: “Ou saem já da camioneta ou ficam todos queimados”.

As mulheres e as crianças foram fechadas numa sala de aula da Escola. O *liurai*, o mestre Marçal e o filho herdeiro João Mesquita foram levados para a casa do enfermeiro Zito, para aí serem sujeitos a interrogatório. Enquanto o mesmo decorria, homens armados com lanças, azagaias e catanas cercaram a casa do enfermeiro.

Passadas algumas horas, os três foram levados para a mesma sala onde estava o resto da família. A tia Julieta e o marido (tio João Mesquita) ficavam à entrada da porta a guardar toda a família. Não dormiram toda a noite. O Abeto, membro mais novo da família chorava devido à febre altíssima e à fome. A tia pedia aos “sentinelas” para irem avisar ao tio *Amflor* que viesse trazer comida para a família, mas eles não permitiam que o *Amflor* descesse à escola. No entanto, ele ferveu leite e cozeu mandioca, mandando depois a comida pelo *Apepa*³⁴⁴ e pelo *Anito*³⁴⁵.

Estávamos proibidos de ir à casa de banho. Por isso, todos nós - homens, mulheres e crianças - éramos obrigados a fazer as necessidades na rua, diante dos “sentinelas”. Todos rezávamos no silêncio dos nossos corações atribulados ou em conjunto. A tia Julieta não tinha medo de ninguém e respondia destemidamente aos adversários quando estes lhe chamavam “camarada”. De manhãzinha, quando brilhava a estrela de alva, aproximava-se uma multidão de homens, armados com catanas e lanças, que se encostava às janelas da escola.

Entretanto apareceu um ancião, que dizia ser familiar do *Avô-Mane* (*liurai*), com uns molhos de *bétel*. Chorava diante dos presentes e dizia: “naturalmente, as senhoras e as crianças serão postas em liberdade, mas o *amo*, o filho e o *mestre* não vão sair daqui vivos. Só estão à espera que cheguem os de Caimauc para consumarem o acto”. E, dito isto, voltou a chorar desalmadamente, abraçado ao *liurai*. A tia Julieta ripostou: “Se os três não saírem daqui, nós também não sairemos! Vamos ser libertados para onde? Ou vivemos ou morremos todos!”.

Entretanto a tia Julieta pediu que alguém fosse à camioneta buscar bananas para o Abeto. O Chico, criado do Administrador do Posto, que tinha aparecido naquele preciso momento, ofereceu-se para as ir buscar. Voltou depois com as bananas apertadas entre as mãos e fez questão de as entregar pessoalmente à Chica. Fê-lo

³⁴⁰ *Avô-Mane* em tétum significa literalmente *Avô-Homem*. Era a forma como tratávamos o nosso avô.

³⁴¹ Tia Joana, filha mais nova do avô.

³⁴² Meu pai.

³⁴³ A minha irmã Francisca.

³⁴⁴ Pedro Paulo, sobrinho do *liurai*.

³⁴⁵ O meu irmão Benedito, falecido no mato, numa povoação cahamada Ernaho, em 1988. Morreu rodeado da família da *avó-feto* *Chico inan*, recitando o terço do Rosário.

cuidadosamente e... entre as bananas estava um bilhete. A Chica abriu sorrateiramente o bilhete, leu e sorriu. Mostrou à Atélik³⁴⁶ que também o leu e sorriu. As “sentinelas” quando viram o sorriso de alívio das meninas, começaram a retirar-se um a um. A Chica anunciou baixinho “Um pelotão da Polícia Militar está prestes a entrar na Vila de Remexio”. Minutos depois, chegou um Unimog carregado de homens vestidos de camuflado e capacetes brancos. Desceram da viatura e inspeccionaram toda a área da Escola. Mas não havia viva alma... Haviam desaparecido todos, num abrir e fechar de olhos!

O comandante do pelotão dirigiu-se à família do *liurai*, presa na sala de aulas. Assim que o viu, a tia Julieta lançou-se aos seus pés, em pranto. O comandante procurou serenar-nos a todos e disse-nos que fossemos para a camioneta. Depois de todos já termos subido, as meninas disseram: “Não convém que viajemos sozinhos! É bom que venham alguns militares connosco, pois eles podem fazer-nos uma nova emboscada no caminho!”. Foram então dois militares na camioneta. Ao curvamos a Rotunda, apareceram ao longe os de Caimauc e o *bou* Lino brandiu a sua catana e gritou, frustrado, para o *liurai*: “Ah!.. Escapaste-te! Devias comer disto!”. Perto de Caboraluta, cruzamento entre Aileu e Remexio, encontrámos a ponte completamente destruída. Os militares mandaram apear toda a família, colocaram umas pranchas de madeira para que a camioneta conseguisse passar e o motorista passou com a viatura vazia.

Quando chegámos a Caboraluta, encontrámos os homens de Cara-Hili preparados para uma nova emboscada. Mas, assim que viram os capacetes brancos, entraram em debandada e a camioneta seguiu com todos para Díli.

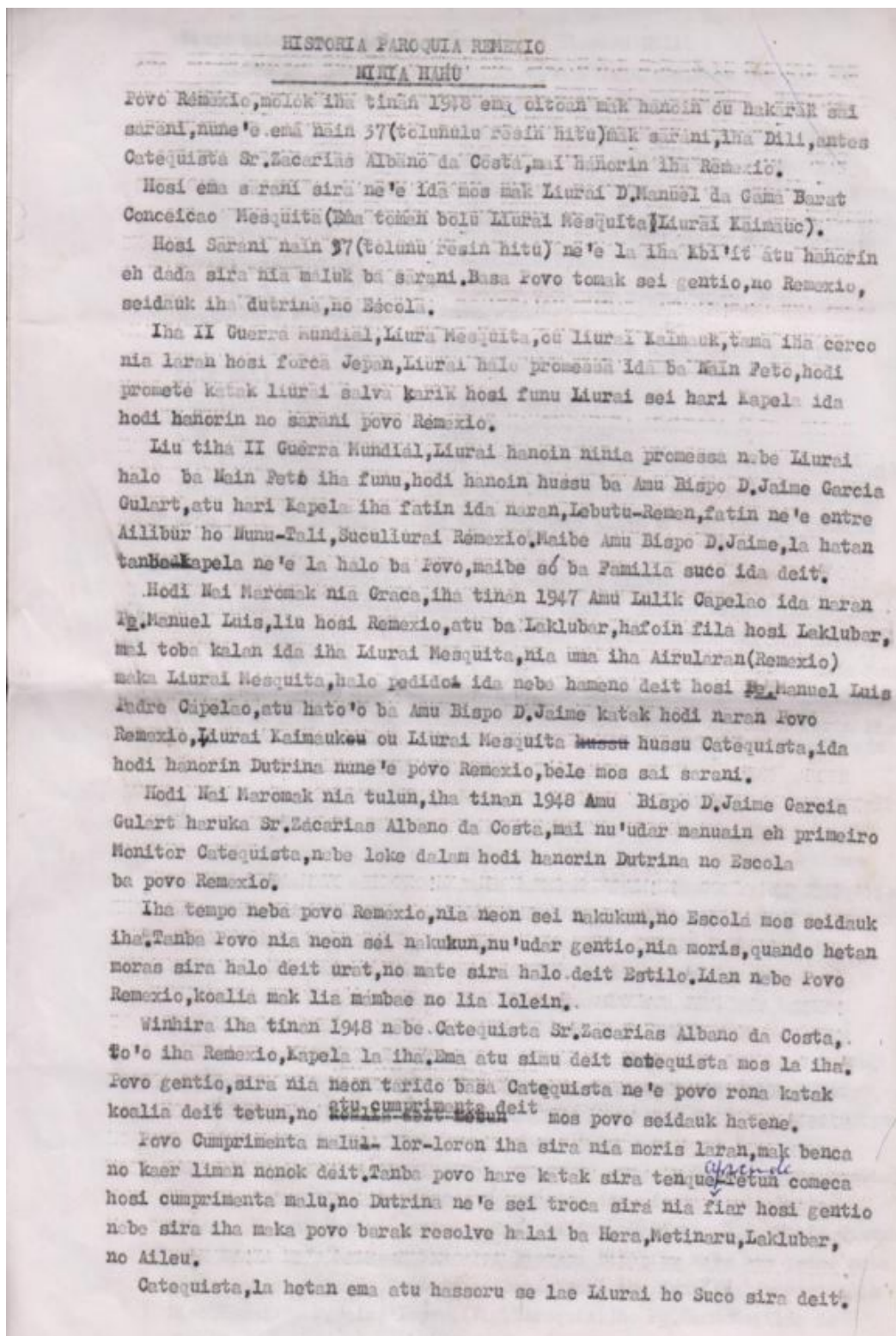
Graças a Deus!...

O Chico, criado do Administrador, foi morto a tiro nessa manhã... mesmo em frente da residência do Administrador!

³⁴⁶A minha irmã Maria José.

Anexo XI – Discurso proclamado na festa da erecção da missão de Remexio a paróquia³⁴⁷

1. Reprodução da 1ª página do discurso em tétum



³⁴⁷ Enviado por Alexandre Costa, membro do Conselho Pastoral da Paróquia de Remexio.

1.1. Transcrição do discurso³⁴⁸

HISTÓRIA PARÓQUIA REMEXIO NINIA HAHU

Povo Remexio molok iha tinan 1948 ema uitoan mak hanoin ou hakarak sai sarani, nune'e ema nain 37 (tolunulu resin hitu) mak sarani iha Díli, antes Catequista Sr Zacarias Albano da Costa, mai hanorin iha Remexio.

Hosi ema sarani sira ne'e ida mos mak Liurai D. Manuel da Gama Barata da Conceição Mesquita (ema toman bolu Liurai Mesquita, Liurai Kaimauk).

Hosi sarani nain 37 (tolunulu resin hitu) ne'é la iha kbi'it atu hanorin eh dada sira nia maluk atu sai sarani. Basa povo tomak sei gentio, no Remexio, seidak iha doutrina, no Escola.

Iha II Segunda Guerra Mundial, Liurai Mesquita, ou Liurai Kaimauk, tama iha cerco nia laran hosi força Japan, Liurai halo promessa ida ba Nain Feto, hodi promete katak liurai salva karik hosi funu, liurai sei hari kapela ida hodi hanorin no sarani povo Remexio.

Liu tiha II Guerra Mundial, Liurai hanoin ninia promessa nebe Liurai halo ba Nain Feto iha funu, hodi hanoin husu ba Amu Bispo D. Jaime Garcia Gulart, atu hari kapela iha fatin ida naran Lebu-Tu-Reman, fatin ne'e entre Ailibur ho Nunu-Tali, Suculurrai, Remexio. Maibe Amu Bispo D. Jaime la hatan tamba kapela ne'é la halo ba Povo, mai be só ba Família suco ida deit.

Hodi Nai Maromak nia Graça, iha tinan 1947 Amu Lulik Capelão ida naran Pe. Manuel Luís, liu hosi Remexio, atu ba Laklubur, hafoin fila hosi Laklubur, mai toba kalan ida iha Liurai Mesquita, nia uma iha Airularan (Remexio) maka Liurai Mesquita, halo pedido ida nebe hameno deit hosi Pe. Manuel Luís, Padre Capelão, atu hato'o ba Amu Bispo D. Jaime katak hodi naran Povo Remexio, Liurai kaimauk ou Liurai Mesquita hussu Catequista ida hodi hanorin Dutrina nune'e povo Remexio, bele mos sai sarani.

Hodi Nai Maromak nia tulun, iha tinan 1948 Amu Bispo D. Jaime Garcia Goulart haruka Sr. Zacarias Albano da Costa, mai nu'udar manuain eh primeiro Monitor Catequista, nebe loke dalan hodi hanorin Dutrina no Escola ba povo Remexio.

Iha tempo neba povo Remexio, nia néon sei nakukun, no escola mos seidak iha. Tamba Povo nia néon sei nakukun, nu'udar gentio, nia moris, quando hetan moras sira halo deit urat, no mate sira halo deit Estilo. Lian nebe povo Remexio, koalia mak lia mambae no lia lalein.

Wainhira iha tinan 1948 nebe Catequista Sr. Zacarias Albano da Costa, to'o iha Remexio, kapela la iha. Ema atu simu deit catequista mos la iha. Povo gentio, sira nia néon tarido basa Catequista ne'e povo rona katak koalia deit tétum, no atu cumprimenta deit mos povo seidak hatene.

Povo cumprimenta malu lor-loron iha sira nia moris laran, mak bença no kaer liman nonok deit. Tamba povo haré katak tenque aprende tetun, começa hosi cumprimenta malu, no Dutrina ne'e sei troca sira fiar hosi gentio nebe sira iha maka povo barak resolve halai ba Hera, Metinaru, Laklubur no Aileu.

Catequista, la hetan ema atu hassoru se lae Liurai ho Suco sira deit.

Tamba problemas nebe povo la simu Catequista, mak Catequista Sr. Zacarias Albano da Costa, husu atu serviço hamutuk ho Liurai Mesquita, hafoin Liurai

³⁴⁸ Não estando muito legível a digitalização do discurso original, optámos por transcrevê-lo na totalidade.

haruka ou fo'o ordem ba forças nebe ema hanaran Moradores, mak kaer ema atu Dutrina, no Escola. Ho serviço hamutuk iha nebe Catequista Sr. Zacarias Albano da Costa, halo hamutuk ho Liurai Mesquita, consegue kaer duni ema barak atu Escola no Dutrina.

Tamba fatin la iha, mestre hanorin deit Dutrina, no Escola, hamutuk iha uma Kapela Dut ida iha Kami-Hum (Remexio Antiga).

Iha tinan 1948 iha neba hetan duni ema balu sarani hosi Pe. António Manuel Serra.

Iha Kapela Kami-Hun, Remexio antiga, Padre nebe troca malu mak tur mai:

Iha tinan 1948 Pe. António Manuel Serra.

Iha tinan 1948-1957 Pe. Ezequiel Enes Pascoal.

Iha tinan 1957 Pe. Jacob Vicente Dias Ximenes (Vigário Paroquial).

Iha tinan 1957-1961 Pe. Alexo Baptista da Graça Dias, Capela Kami-Hun muda fali ba Lahama-Hun, ho nia dok pelo menos 150m hosi Capela tuan ba Capela foun.

Iha tinan 1961-1963 Pe. Januário Coelho da Silva.

Iha tinan 1963-1965 Pe. Francisco dos Santos Afonso. Kapela Lahama-Hun muda fali ba Liurai Manu-Mera D. Moisés Benevides nia Uma iha Lero-Liça.

Iha tinan 1965-1966 Pe. António Eduardo de Brito. Kapela muda hosi Liurai Manu-Mera nia uma Lero-Liça, mai Capelina Antiga Remexio, Nici.

Iha tinan 1975 iha Capelina antiga muda mai Igreja ida ne'e fatin ida horas ne'e usa ba Salão Paroquial. Iha duni 1975 Golpe no funu, Igreja sobu kalen lori ba ailaran.

Iha tinan 1978 Rende povo tun fali hosi ailaran. Igreja hetan fali reabilitação hosi Amu matebian Pe. António Eduardo de Paulo Brito.

Iha tinan 1984 Amu Mate Bian Amu Brito, hanoin atu hari centro Pastoral (rua) ida mak Caimauc nebe hanaran Igreja Maria Rainha Tulataqueu ne be hola konta suco Tulataqueu, suco Faturaça, no suco Liurai. Ida seluk mak Manumera hanaran Igreja Santa Cruz Hau-Toho, nebe hola konta suco Fada-Bloko, suco Fahi-Soi, no suco Mau-Meta.

Tuir mai iha tinan 1986, Amu Brito, hanoin atu hari mos Igreja ida ne'e be horas ne'e sai Paróquia ho nia luan, 10x50m ho Corro ida luan 3x10m, hamutuk ho Residência do pároco, ho nia luan 8x12m.

Igreja ne'e hetan ninia Inauguração iha dia 28 de Julho de 1986.

Iha tempo neba mos padre nebe ajuda Amu Brito, mak Pe. Felgueiras (Ad. Par).

Iha 15-23/02/1988 Peregrinação, Nain Feto tama Remexio.

Iha fali tinan 1994, Missa S. José Operário angota TNI ida sama hóstia.

Iha tinan 1995, Amu Pároco Pe. António Edurado de Paulo Brito, reforma. Missão Remexio, entrega fali ba Amu Pe. Áureo J. da Costa Gusmão nebe horas ne'e hanesan Sanceler Diocese Díli. Iha neba mos padre nebe ajuda Pároco mak Pe. Francisco Soares, mate iha funu (Vigário Paroquial) ho Diac. Mouzinho Pereira Lopes, (Vig. Paroquial) ho Pe. Hermenegildo de Almeida iha tinan 1998. Amu Áureo José da Costa Gusmão, hanoin atu fo'o dalan Catequistas, no Responsáveis suco sira hodi consegue hari Capela ou Centros Pastorais permanentes iha suco ne'en nia laran ho Padroeiros compelo mak hanesan:

Capela Desa Fahi-Soi ninia padroeiro, Nossa Senhora da Graça.

Capela Desa ou suco Mau-Meta ninia Padroeiro, S. Pedro S.Paulo.

Capela Desa ou suco Liurai, ninia Padroeiro, S. Francisco Xavier.

Igreja Maria Rainha Tulataqueu, no Igreja Santa Cruz Hau-Toho, Igreja rua ne'e hetan inauguração hosi Amu Bispo D.Carlos Filipe Ximenes belo SDB, ninia futar liman, e hela preparado para atu sai Estação Missionária.

No Capela Sagrado Coração de Jesus suco Faturaça mak seidauk pronto, no horas ne'e Diocese mak ajuda atu remata.

Iha tinan 2000 Missão Remexio, entrega hosi Pe. Áureo J. da Costa Gusmão ba amu Pároco foun Pe. Demétrio Barros Soares. Iha Amu Demétrio Barros, padre ne'e be mak ajuda Pároco mak Pe. Armindo Brito (Vig. Paroquial).

To'o ba ohin data 1 de Dezembro tinan 2001 hodi Nai Maromak nia tulun ho Nain Feto nia Graça, Igreja Remexio sai Paróquia, nebe sei hela ho ninia Pároco Pe. Armindo Brito, nebe foti hosi Amu Bispo D. Carlos Ximenes Belo SDB ninia futar liman Santo.

Nu'udar história nia começa to'o ba ohin sai Paróquia, ho total População hosi Remexio, deit:10 208.

Católicos: 9 089

Gentios: 7 013

Protestantes: 203.

Rai ou área paróquia ninia luan 189 Km2 seidauk konta ho Estação Missionária Balibar, Laulara no Becilau.

Iha Remexio iha escola SDK (ida) ho elementos formados barak. Ex.: Frater nain tolu, Dra. Instituto Pastoral ida, Madre ida, sei iha Seminário 2 (rua), Bruder ida, iha tan Doutores, engenheiros, no matenek seluk tan mak ami la hakerek iha ne'e.

Ne'e mak Historia hahu Igreja Remexio, ninia moris toba ohin nebe sai Paróquia, hodi hamutuk ho ninia maluk, belum dobem Sarani hosi Estação Missionário, Balibar/Laulara, no Becilau.

Historia ne'e ami hola hosi ema uluk nebe sei moris, no hosi Documentos Igreja nian nebe sei iha.

Ba ema hotu nebe acompanha no le ami hatu'o Obrigado.

Paroquia Remexio, 1 de Dezembro 2001.

1.2. Tradução do discurso para português

HISTÓRIA DA ORIGEM DA PARÓQUIA DE REMEXIO

Antes de 1948 eram poucas as pessoas do povo de Remexio que pensavam ou queriam ser cristãos. Assim eram 37 (trinta e sete) as pessoas que se baptizaram em Díli, antes do envio do catequista, senhor Zacarias Alabano da costa para Remexio. Um destes cristãos era o Liurai D. Manuel da Gama Barata da Conceição Mesquita (que era mais conhecido ou tratado por Liurai Mesquita ou Liurai de Caimauc).

Não havia nestes trinta e sete cristãos autoridade para ensinar ou atrair os seus conterrâneos para o baptismo, porque todo o povo era ainda gentio e não havia no Remexio doutrina ou escola.

Durante a II Guerra Mundial o *Liurai* Mesquita ou *Liurai* de Caimauc foi cercado pelas forças nipónicas. O Liurai fez a Nossa Senhora uma promessa de que se

ele se salvasse da guerra, edificaria uma capela para instruir e baptizar o povo de Remexio.

Terminada a II Guerra Mundial, o *liurai* pensou na promessa feita a Nossa Senhora durante a guerra e pensou em pedir ao senhor bispo D. Jaime Garcia Goulart autorização para edificar uma capela numa localidade chamada Lebu-Tu-Reman, situada entre Ailibur e Nunu-Táli, no suco Liurai, Remexio. Todavia o senhor bispo D. Jaime não concordou porque achou que essa capela só era construída para servir as famílias de um suco e não todo um povo.

Com a graça de Deus, no ano de 1947, um padre capelão chamado Manuel Luís, passou por Remexio com destino a Laclúbar. Na viagem de regresso a Dlí pernoitou uma noite na residência do *liurai* Mesquita em Ai-Ru-Laran (Remexio). O *liurai* solicitou ao senhor padre capelão que transmitisse ao senhor bispo, em nome do povo de Remexio, o seu desejo da presença de um catequista para instruir o povo na doutrina cristã e levá-lo ao baptismo.

Com o auxílio de Deus, o senhor bispo D. Jaime enviou, em 1948, o senhor Zacarias Albano da Costa como o mensageiro ou o primeiro monitor-catequista a abrir caminho para o ensino da doutrina cristã e das primeiras letras ao povo de Remexio.

Naquele tempo o povo de Remexio era ignorante, pois não havia escolas. O povo vivia segundo o viver dos gentios: quando adoecia recorria ao *urat*³⁴⁹, quando morria fazia *estilo*. A língua falada pelo povo era o *mambae* e *lalein*. Quando o monitor-catequista chegou a Remexio, em 1948, não havia uma capela construída, não havia ninguém para o receber. O coração do povo estremecia, pois ouviu dizer que o catequista só falava tétum e o povo nem cumprimentar sabia. A forma do povo se cumprimentar no seu dia-a-dia, era beijar ou apertar a mão sem pronunciar palavra. Quando ouviu dizer que era preciso aprender tétum, aprender a cumprimentar, aprender a doutrina cristã e dever deixar as suas crenças tradicionais, boa parte do povo fugiu para Hera, Metinaro, Laclúbar e Aileu.

O catequista não encontrava ninguém para catequisar, senão o *liurai* e os chefes de suco.

Devido a todos estes problemas o Catequista Zacarias pediu ao Liurai que o apoiasse nessa Missão. Este mandou imediatamente *moradores* (estafetas ao serviço do *liurai*) aos sucos a buscar pessoas para a catequese e a escola. Com esta partilha de

³⁴⁹ Prática supersticiosa (com que se pretende conhecer a causa ou o resultado duma doença). Muitas destas práticas envolvem a análise, pelo curandeiro, do baço de animal morto para o efeito.

serviço entre o catequista e o *liurai* conseguiu-se recrutar muita gente para a escola e a doutrina.

Por falta de espaço, o mestre Zacarias dava catequese e aulas na capela, feita de material tradicional em Cami-Hun (Remexio antigo). Nesse ano (1948) alguns catecúmenos foram batizados pelo Pe. António Manuel Serra.

Os sucessivos padres que prestaram serviço missionário na capela de Cami-Hum são:

- Em 1948 – Pe. António Manuel Serra.
- De 1948-1957 – Pe. Ezequiel Enes Pascoal.
- Em 1957 – Pe. Jacob Vicente Dias Ximenes (Vigário Paroquial).
- De 1957-1961 – Pe. Aleixo Baptista da Graça Dias. Mudança da capela de Cami-Hun para Lahama-Hum, a 150m de distância.
- De 1961-1963 – Pe. Januário Coelho da Silva.
- De 1963- 1965 – Pe Francisco dos Santos Afonso. Mudança da capela de Lahama-Hum para a residência do liurais de Manumera, D. Moisés Benevides, em Leroliça.
- De 1965-1966 – Pe. António Eduardo de Paulo Brito. Mudança da capela da casa do *liurai* de Manumera em Lero-Liça para a antiga capelinha de Remexio, em Nice.
- Em 1975 a capelinha antiga de Nice mudou para esta nova igreja no espaço que funciona actualmente como salão paroquial. Neste mesmo ano deu-se o golpe e a guerra civil. O zinco da cobertura da igreja foi tirada e levada para o mato.
- Em 1978 houve rendição do povo às autoridades indonésias e o respectivo regresso do mato para a vila. O Pe. Brito fez a reabilitação da igreja.
- Em 1984 o mesmo sacerdote edificou dois centros pastorais. Um de Caimauc, designado Igreja Maria Rainha de Tulataqueu, abrangendo os sucos de Tulataqueu, Faturaça e Liurai, e outro de Manumera denominada Igreja de Santa Cruz de Hau-Toho, abrangendo os sucos de Fada-Bloco, Hau-Toho, Fahi-Soi e Mau-Meta.
- Em 1986 o senhor Pe. Brito, construiu esta igreja que é elevada hoje a Paróquia, com 10m de largura e 50m de comprimento e um coro com 3mx10m, mais a residência paroquial de 8mx12m. Esta igreja foi

inaugurada a 28 de Julho de 1986. Quem apoiava o Pe. Brito nessa altura era o Pe. Felgueiras.

- De 15 a 23/02/1988 Nossa Senhora Peregrina entrou em Remexio.
- Durante a Missa celebrada em 1994 em honra de S. José Operário, um militar da indonésia (TNI) pisou uma hóstia consagrada.
- Em 1995 o pároco Pe. António Eduardo de Paulo Brito pediu a reforma. A Missão de Remexio foi entregue ao senhor Pe. Auréio J. Gusmão, actual chanceler da diocese de Díli. O novo pároco era ajudado pelo Pe. Francisco Soares (Vigário Paroquial) morto durante a guerra, mais o diácono Mouzinho Pereira Lopes e o Pe. Hermenegildo de Almeida em 1998.
- O Pe. Áureo José da Costa Gusmão atribuiu aos catequistas e aos chefes de sucos, autoridade para edificarem capelas ou centros pastorais em seis sucos com os respectivos padroeiros como:
 - ❖ Capela do suco de Fahi-Soi, tendo como padroeira Nossa Senhora da Graça.
 - ❖ Capela do suco de Mau-Meta, como padroeiros S. Pedro e S. Paulo.
 - ❖ Capela do suco Liurai, como padroeiro S. Francisco Xavier.
 - ❖ As igrejas de Maria Rainha de Tulataqueu e de Santa Cruz de Hau-Toho foram inauguradas pelas sagradas mãos do senhor bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo e estão preparadas para serem elevadas a Estação Missionária.
 - ❖ Só a capela do Sagarado Coração de Jesus do suco de Faturaça é que ainda não está pronta. É a própria diocese que está a prestar apoio na sua conclusão.
- No ano de 2000 a Missão de Remexio passou da responsabilidade do Pe. Áureo Gusmão para o Pe. Demétrio Barros Soares, tendo como coadjutor o Pe. Armindo Brito (Vigário Paroquial).
- Hoje, 1 de Dezembro de 2001 com o auxílio de Deus e a graça de Nossa Senhora, a igreja de Remexio foi erecta Paróquia, tendo como seu primeiro Pároco, o senhor Pe. Armindo Brito nomeado pelo (elevado pelas sagradas mãos do) senhor bispo D. Carlos Ximenes Belo, SDB.

Desde a sua origem à sua elevação a paróquia a população de Remexio é de 10 208 habitantes, sendo:

- 9 089 católicos.
- 7 013 gentios.³⁵⁰
- 203 protestantes.

A Paróquia abrange uma área de 189km² sem contar com a Estação Missionária de Balíbar/Laulara e Becilau. Há no Remexio uma escola primária católica com muitos elementos formados: três ex-seminaristas, uma formada pelo Instituto Pastoral, uma religiosa consagrada, dois seminaristas, um Irmão, há licenciados e engenheiros e mais pessoas formadas que não estão aqui mencionadas.

Esta é a história da origem da Missão de Remexio e do seu desenvolvimento até a sua erecção a Paróquia (hoje), abrangendo os queridos irmãos cristãos da Estação Missionária de Balíbar/Laulara e Becilau.

É uma história elaborada sob o testemunho dos primeiros cristãos que ainda sobrevivem e alguns documentos ainda existentes na Igreja.

A todos os que nos escutam e lêem, o nosso Obrigado.

Paróquia de Remexio, 1 de Dezembro de 2001.

³⁵⁰ Parece haver aqui um erro contabilístico.

BIBLIOGRAFIA

Documentos do Magistério:

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja “Ad Gentes”* (07/12/1965), Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1976.

JOÃO PAULO II, *A Missão do Redentor “Redemptoris Missio”* (07/12/1990), Carta Encíclica sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1989.

Código de Direito Canónico (20/03/1984), edições Theológica, Braga, 1984.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA (12/04/2009), *Carta aos que Procuram a Deus*, Secretariado-Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2009.

Obras:

ALMEIDA, António de, *O Oriente de Expressão Portuguesa*, Fundação Oriente, Lisboa, 1994.

ANDRADE, Marçal, *Manuscritos*, Lisboa, 1985.

CARMO, António Duarte de Almeida e, *O Povo Mambai: Contribuição para o Estudo do Povo do Grupo Linguístico Mambai – Timor*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Lisboa, 1965.

CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela Malheiro, *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*, Universidade Aberta, Lisboa, 1998.

CASTRO, Afonso de, *As Possessões Portuguezas na Oceânia*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1867.

CINATTI, Ruy, (Coord.), *A Arquitectura Timorense*, Instituto de Investigação Científica Tropical/Museu de Etnologia, Lisboa, 1987a.

CINATTI, Ruy, *Motivos Artísticos Timorenses e a sua Integração*, Instituto de Investigação Científica Tropical/Museu de Etnologia, Lisboa, 1987b.

CORRÊA, Armando Pinto, *Gentio de Timôr*, Lucas & C.^a, Lisboa, 1934.

CORREIA, Armando Pinto, *Timor de Lés a Lés*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1944.

DELUMEAU, Jean, (Coord.), *As Grandes Religiões do Mundo*, Presença, Lisboa, 2002.

DUARTE, Jorge Barros, *BARLAQUE - Casamento Gentílico Timorense*, XIV Separata, Arquivos do Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1979.

DUARTE, Jorge Barros, *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, Lisboa, 1984.

DUARTE, Jorge Barros, *Em Terras de Timor*, TIPOSET, Lisboa, 1987.

DURAND, Frédéric, *História de Timor-Leste, da Pré-História à Actualidade*, LIDEL, Lisboa/Porto, 2009.

DURAND, Frédéric, *Timor-Leste – País no Cruzamento da Ásia e do Pacífico – Um Atlas Histórico-Geográfico*, LIDEL, Lisboa/Porto, 2002.

ELÍADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano - A Essência da Religião*, trad. Rogério Fernandes, Martins Fontes, S. Paulo, 1992.

FELGAS, Hélio. A. Esteves, *Timor Português*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1956.

FERNANDES, Abílio José, *Missões em Timor 1561-1931 – Esboço Histórico e do Seu Estado Actual – Refutação dalgumas Falsidades Contra Elas Caluniosamente Afirmadas por um Ex-Governador de Timor*, Macau, 1931.

FONSECA, Rui de Brito, *Monumentos Portugueses em Timor-Leste*, Edição de Autor, Porto, 2005.

FONTOURA, Álvaro de, *O Trabalho dos Indígenas de Timor*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1942.

GOULART, D. Jaime Garcia, *Textos de D. Jaime Garcia Goulart*, Macau, 1999.

LEITÃO, Humberto, *Vinte e Oito Anos de História de Timor (1698 a 1725)*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1970.

MARCOS, Artur, *Timor Timorense, com Suas Línguas, Literaturas, Lusofonia...*, Edições Colibri, Lisboa, 1995.

MARTINHO, Capitão José S., *Quatro Séculos de Colonização Portuguesa*, Livraria Progredior, Porto, 1943.

MARTINHO, Capitão José S., *Problemas Administrativos e de Colonização da Província de Timor*, Livraria Progredior, Porto, 1945.

MATOS, Artur Teodoro de, *Timor Português 1515-1769 – Contribuição para a sua História*, Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa – Instituto Histórico Infante D. Henrique, Lisboa, 1974.

MAU-BERE-KOHE, *Adeus Timor – Eu Portugal me Confesso*, Ecopy, Porto, 2011.

MENEZES, Francisco Xavier de, *Encontro de Culturas em Timor-Leste – Contribuição para o Seu Estudo*, Crocodilo Azul, Díli 2006.

PASCOAL, Ezequiel Enes, *A Alma de Timor Vista na Sua Fantasia*, Barbosa e Xavier, Lda., Braga, 1967.

REGO, António da Silva, *Lições de Missionologia*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1961.

ROCHEDIEU, Edmond, *As Grandes Religiões do Mundo – Antigos Cultos*, trad. Manuel Ferreira da Silva, Verbo, Lisboa, 1983.

RODRIGUES, José B., *O Rei de Nári – Histórias, Tradições e Lendas de Timor*, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, 1962.

SÁ, Artur Basílio, *A Planta do Cailaco, 1727 - Valioso Documento para a História de Timor*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1949.

SÁ, Artur Basílio, *Timor*, Sociedade de Geografia de Lisboa – Semana do Ultramar, 1952.

SÁ, Artur Basílio, *Texto em Teto da Literatura Oral Timorense*, Estudos de Ciências Políticas e Sociais, Vol. I, Nº. 45, Junta da Investigação do Ultramar, Lisboa, 1961.

SOUSA, Frei Luís, *História de S. Domingos*, vol. II, Lello & Irmãos, Porto, 1977.

TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a Sua Diocese*, vol. 10, *Missões de Timor*, Tipografia da Missão do Padroado, Macau, 1974.

THEMUDO BARATA, Filipe, *Timor Contemporâneo – da Primeira Ameaça da Indonésia ao Nascer de uma Nação*, Equilíbrio Editorial Lda., Lisboa, 1998.

THOMAZ, Luís Filipe Reis, *Babel Loro Sa'e – O Problema Linguístico de Timor-Leste*, Instituto Camões, Lisboa, 2002.

THOMAZ, Luís Filipe Reis, *País dos Belos - Achegas para a Compreensão de Timor-Leste*, Instituto Português do Oriente/Fundação do Oriente, Lisboa, 2008.

Periódicos:

“Bulas de Provisão da Diocese de Díli”, *Seara*, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, Ano I, nº. 1 (Janeiro de 1949), pp. 3,5.

PASCOAL, Ezequiel Enes, “ Por Nossa Casa”, *Seara*, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, nº 1 (Fevereiro de 1949), p. 17.

PASCOAL, Ezequiel Enes, “Notícias – Visita a Remexio”, *Seara*, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, Ano II, nºs. 7 e 8 (Julho/Agosto de 1950), pp. 151, 152.

“Portaria nº. 124 – Rectifica os limites entre os reinos de Lacló e Caimauc”, *Boletim Oficial do Districto Autónomo de Timor*, II Anno, nº. 45 (9 de Novembro de 1901), p. 61.

Boletim Oficial de Timor, Suplemento, (6 de Novembro de 1937).

“Portaria nº. 2597 – Aprova o projecto e orçamento para a construção de uma capela-escola sem recreio coberto, no Remexio”, *Boletim Oficial de Timor*, nº 12 (19 de Março de 1960), pp. 124,125.

“Portaria nº. 3175 – Transfere a sede do Posto de Remexio, da povoação do mesmo nome para o local denominado Nice”, *Boletim Oficial de Timor*, nº. 40 (4 de Outubro de 1963), p. 865.

“Portaria nº. 3611 – Aprova o projecto e orçamento para a construção de residência para monitor escolar em Remexio”, *Boletim Oficial de Timor*, Ano LXVI, nº. 19 (8 de Maio de 1965), p. 361.

Internet:

A Bem da Nação - Remexio, Sapo: [//abemdanacao.blogs.sapo.pt/112478.html](http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/112478.html), 26/05/2006.

Lista dos Governadores de Timor, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo>.

Map of East Timor, <http://www.wordmapfinder.com>.